

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO - PROPAD**

**MARIA LUCIANA DE ALMEIDA**

**SUSTENTABILIDADE E PRÁTICAS SOCIAIS: UM ESTUDO**  
**ETNOMETODOLÓGICO NO FESTIVAL BONS SONS**

**RECIFE**

**2018**

**MARIA LUCIANA DE ALMEIDA**

**Sustentabilidade e Práticas Sociais: um estudo etnometodológico no festival Bons Sons**

Tese apresentada como requisito complementar para obtenção do grau de Doutora em Administração, na linha de pesquisa Organização e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco.

**Orientadora:** Profa. Dra. Lilian Soares Outtes  
Wanderley

**Co-orientadora:** Profa. Dra. Marisa Paula de Brito

RECIFE

2018

Catálogo na Fonte  
Bibliotecária Ângela de Fátima Correia Simões, CRB4-773

A447s Almeida, Maria Luciana de  
Sustentabilidade e práticas sociais: um estudo etnometodológico no festival bons sons / Maria Luciana de Almeida. - 2018.  
202 folhas : il. 30 cm.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Lilian Soares Outtes Wanderley e  
Coorientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Marisa Paula de Brito  
Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de  
Pernambuco, CCSA, 2018.  
Inclui referências e apêndices.

1. Sustentabilidade. 2. Teorias da Prática. 3. Etnometodologia. I.  
Wanderley, Lilian Soares Outtes (Orientadora). II. Brito, Marisa P. de  
(Coorientadora). III. Título.

658 CDD (22.ed.) UFPE (CSA 2018  
-032)

Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Ciências Sociais Aplicadas  
Departamento de Ciências Administrativas  
Programa de Pós-Graduação em Administração - PROPAD

**Sustentabilidade e Práticas Sociais: um estudo etnometodológico no festival Bons Sons**

**Maria Luciana de Almeida**

Tese submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco e aprovada em 05 de março de 2018.

Banca Examinadora:

Prof.<sup>a</sup> Lilian Soares Outtes Wanderley, Dr.<sup>a</sup>, UFPE, (Orientadora)

Prof.<sup>a</sup> Marisa Paula de Brito, Dr.<sup>a</sup>, NHTV, (Co-orientadora)

Prof.<sup>a</sup> Jackeline Amantino de Andrade, Dr.<sup>a</sup>, UFPE, (Examinadora Interna)

Prof.<sup>a</sup> Francisca Farache Aureliano da Silva, Dr.<sup>a</sup>, UFPE, (Examinadora Externa)

Prof.<sup>a</sup> Manolita Correia Lima, Dr.<sup>a</sup>, ESPM, (Examinadora Externa)

Prof.<sup>o</sup> Marcelo de Souza Bispo, Dr., UFPB, (Examinador Externo)

À minha família,  
Eliane Almeida, Maria das Mercês e Carlos Magnum.  
A todos os Cem Soldenses,  
naturais e de coração.

## AGRADECIMENTOS

O processo de doutoramento não é tão fácil, foram quatro anos de entrega e desprendimento de outros laços em prol da obtenção de um título que me permitirá alçar outros voos. Tenho que agradecer pelas oportunidades maravilhosas que tive no decorrer deste período. Posso dizer que valeu muito a pena ter trilhado este caminho e que sou muito grata por tudo que vivi nestes quatro anos. Tentarei, aqui, exprimir em palavras a gratidão que tenho pelas pessoas e instituições que contribuíram ao longo do processo.

Começo pelo PROPAD que tem sido minha segunda casa desde o mestrado. Agradeço pelo ambiente que me permitiu ter outras visões de mundo. Sou grata aos professores que me proporcionaram experiências ricas em sala de aula, sobretudo, Walter Moraes, se mostrou um exemplo de profissionalismo e sensibilidade e que sempre será um dos meus ídolos; Virgínia Leal, que me despertou para novas possibilidades e Jackeline Amantino, que fez com que eu enxergasse que temos muito o que aprender e evoluir e que pouco ou quase nada sei. Sou grata aos funcionários e professores que se dispuseram a doar um pouco de tempo e/ou conhecimento em prol da minha formação, em especial, a dona Nilda pela sua disposição e carinho ao ajudar. Tudo que vivi e muito do que sou hoje devo a esta passagem pelo PROPAD. Muito obrigada a todos que fazem ou fizeram parte deste ambiente.

Agradeço aos colegas da turma de 2013 que me receberam nas disciplinas obrigatórias e se tornaram minha turma e aos colegas da minha turma (2014) com os quais tive poucas interações e muitos momentos de empatia por vivermos os mesmos dramas. Enfim, agradeço aos meus colegas de grupo de pesquisa, especialmente, Suiane e Eduardo, e a todos os colegas, mestrandos e doutorandos, que estiveram junto comigo nesta caminhada. Agradeço, em especial, a Alberto e Duarte que me apoiaram sempre e estiveram presentes em todos os momentos, a Carol que desde a seleção se tornou uma amiga para a vida e a Mariana, que me veio como um presente da Holanda e se tornou minha companheira de conversas e gulodices.

Agradeço à minha orientadora Lilian Outtes pela disponibilidade e paciência comigo, ela que esteve presente desde o começo e que sempre me incentivou a ir mais longe. Sou grata pelas suas muitas tentativas de tornar esse processo mais leve, pelas conversas, pelos almoços e cafés. Agradeço também a minha co-orientadora Marisa de Brito que me recebeu da melhor forma possível na Holanda. Ela foi fundamental na construção da fase de campo do estudo. Sou muito

grata por ela ter me apresentado o Bons Sons e Cem Soldos e por todos os momentos de discussão que foram muito construtivos para concretização deste trabalho. Agradeço, ainda a todos os professores avaliadores nas bancas de ensaio teórico, qualificação e defesa da tese, nomeadamente, André Leão, Celiane Camargo-Borges, Francisca Farache, Jackeline Amantino, Manolita Correia Lima, Marcelo Bispo e Virgínia Leal pelas suas valiosas contribuições.

Sou grata ao projeto de parceria, entre a UFPE e a NHTV, o CAPES/NUFFIC que me permitiu ter bolsa de doutorado sanduíche, a todos os professores que compõem este projeto e a coordenadora do projeto, professora Lourdes Barbosa que sempre foi muito solícita. Sou grata a NHTV que me recebeu no período de sanduíche e me proporcionou um ambiente de interações e vivências construtivas. Sou grata a CAPES pelo apoio financeiro, via bolsa sanduíche, durante o período de um ano, o qual morei na Holanda, o que me permitiu fazer a coleta de dados em Portugal. Agradeço imensamente a todos que me possibilitaram uma vivência internacional tão rica para minha pesquisa, para proposições profissionais futuras e para a vida.

Não poderia deixar de agradecer a UPE por ter me concedido o afastamento que me permitiu fazer o sanduíche e pela concessão de recursos do projeto de qualificação docente que me permitiu visitar Porto Alegre e interagir com professores da UFRGS. Nada disso teria sido possível sem que meus colegas de trabalho que compõem o Pleno do Curso de Logística tivessem me apoiado. Agradeço a eles pela disponibilidade nas mudanças de horário quando eu estava cursando disciplinas, pela sensibilidade em entender os meus afastamentos para congressos e para qualificação docente e pelo apoio para o meu afastamento para fazer o sanduíche. Agradeço, também, a diretora, do Campus Mata Norte, Auxiliadora Campos, pelo apoio concedido ao meu processo de afastamento e aos funcionários, sobretudo, o pessoal do Recursos Humanos, da Escolaridade e da Secretaria da direção, que sempre foram solícitos e me auxiliaram nos processos de afastamento. Por fim, agradeço aos meus queridos alunos pela paciência, apoio e carinho que eles me dedicaram durante este processo de esgotamento do doutorado. Em especial, agradeço a ex-aluna Déborah, pelo suporte gráfico a este trabalho.

Agradeço, de forma muito especial, a toda a comunidade de Cem Soldos e a todos os portugueses que encontrei durante a coleta de dados, pela imensa generosidade comigo. Conhecer Cem Soldos, participar do Bons Sons, ser voluntária, conhecer tantas pessoas maravilhosas, foi um presente, posso dizer que vivi uma utopia e ela foi real. Só tenho que agradecer a todos que me receberam tão bem, de organizadores a colegas voluntários passando

pela própria comunidade e pelos festivaleiros. Foi sem dúvidas uma experiência de aprendizado e crescimento profissional e pessoal imensurável. Sou imensamente grata aos organizadores por me permitirem vivenciar todo o processo do festival, em especial ao coordenador dos voluntários que me selecionou e apoiou a realização deste estudo, a coordenadora de *merchandising* pela sua disponibilidade, cordialidade e simpatia para comigo e com todos e ao coordenador do grupo estudos de públicos pela sua generosidade em compartilhar tantas informações. Agradeço a todos os membros da comunidade que desprenderam tempo, em meio a organização do festival, para me conceder entrevistas e me mostrar o desenrolar das atividades; todos foram muito abertos e me possibilitaram ter uma compreensão que foi muito além do festival. Sou grata também aos festivaleiros, em especial aqueles que desprenderam tempo para responder ao questionário de estudos de públicos, as famílias, principalmente, as que nos concederam entrevistas e aos artistas envolvidos, sobretudo, aqueles que generosamente nos forneceram entrevistas. Agradeço a todos que encontrei nos dias em que lá vivi, aos que me cumprimentaram, aos que me explicaram as coisas, as senhoras que me alimentaram em seus quintais, a senhora que trabalha com o padre por ter me contado tantas histórias, a Paulo e Viktoriya que estiveram junto comigo na coleta de dados e ao Café da Tonita, nosso escritório, pela acolhida, pelo café da manhã e pelos refrescos nas tardes escaldantes.

Agradeço a minha família e amigos próximos pelo suporte, atenção, carinho e paciência. Eles são a força que me move, por isso serei eternamente grata. Em especial, agradeço a Milrian e Ermeson que me acolheram na casa deles na fase mais difícil e foram fundamentais para que eu mantivesse o mínimo de lucidez; a Rosimary que me deu suporte em todos os momentos de desespero emocional; a Natália que na fase final apareceu para me ajudar a voltar ao mundo social; a Jouberte pelas idas a praia e pela empatia; a Lívia pelas conversas nas viagens para Nazaré; e as minhas amigas do pilates, Cris, Mara e Martinha, que me propiciaram tantos risos. Essas pessoas me proporcionaram a distração necessária para passar por esta fase.

Por fim, agradeço a força suprema do universo, a quem clamei nos momentos de desespero, o que me proporcionou alguns momentos de calma e serenidade, traduzidos na esperança de que tudo terminaria da melhor forma possível, tendo em vista todo o esforço empreendido.

Muito obrigada a todos que direta ou indiretamente contribuíram para esta conquista!

A concretização é a forma mais eficiente de partilhar um sonho!

Luís Ferreira

## RESUMO

A motivação para realização deste estudo emergiu a partir da seguinte questão: sendo as práticas que conduzem seus praticantes em direção a sustentabilidade, como estas se estabelecem, são continuadas e conquistam adeptos que as promulgam? Para tanto, o objetivo geral foi compreender como sustentabilidade enquanto práticas podem ser estabelecer, serem continuadas e conquistar adeptos em um contexto pautado pela ideia de sustentabilidade. O campo empírico estudado foi o festival Bons Sons, visto que este festival é conhecido por lançar mão de princípios de sustentabilidade. Como subsídios teóricos foram utilizados estudos relacionados aos campos da sustentabilidade e das teorias da prática, os quais consubstanciaram a discussão da sustentabilidade enquanto prática social. Em relação aos aspectos metodológicos optou-se pela etnometodologia, a qual busca entender como os atores percebem, interpretam e significam o mundo, bem como, como as regras formais atuam governando as interações entre estes. O *Corpus* foi constituído por informações obtidas diretamente: observações, conversas informais e entrevistas e por informações obtidas por terceiros: reportagens e publicações e fotos e vídeos. Os dados advindos foram analisados de forma exploratória interpretativa e resultaram em práticas sociais, categorizadas em: a) ambientais: institucionalização do uso de canecas reutilizáveis, redução do uso de água, separação de resíduos sólidos e reciclagem, reutilização de materiais, conscientização; b) econômicas: desvinculação das grandes marcas comerciais, valorização e difusão do local, associativismo, criação da marca, alternativa a desertificação; e c) sociais: sentido de liberdade, exploração dos sentidos das crianças, espírito comunitário, vivência singular, envelhecimento ativo. O cenário de formações práticas no Bons Sons evidencia muitas práticas continuadas, algumas em formação e uma em descontinuidade. Este cenário nos mostra que o festival tem uma base consistente em termos de práticas voltadas a sustentabilidade. A partir deste estudo pode se concluir que a discussão a respeito de sustentabilidade na sociedade envolve o debate sobre identidades locais e cotidiano. O presente estudo abordou sustentabilidade enquanto prática. Se inicialmente parecia uma utopia, as evidências aqui discutidas trazem materialidade ao que acontece em Cem Soldos/Portugal, no festival Bons Sons.

**Palavras-chave:** Sustentabilidade. Teorias da Prática. Sustentabilidade enquanto Prática Social. Etnometodologia. Festival Bons Sons.

## ABSTRACT

The motivation for this study emerged from the main question: considering that practices can lead to sustainability, how are these practices established, continued and conquering adherents that promulgate them? To answer the question, the general objective was to understand how practices are established, continued and gathering followers in a context guided by the idea of sustainability. The empirical field studied was the Bons Sons festival, since this festival is known to implement/apply principles of sustainability. As theoretical subsidies came from studies related to the fields of sustainability and theories of practice, which substantiated the discussion of sustainability as social practice. Regarding the methodological aspects, we chose ethnomethodology, which seeks to understand how the actors perceive, interpret and signify the world, as well as how formal rules govern interactions amongst themselves. The Corpus consisted of primary data: observations, informal conversations and interviews; and secondary data: reports, publications, photos and videos. The resulting data were analyzed in an interpretative exploratory way and resulted in social practices, which were categorized in: a) environmental: institutionalization of the use of reusable mugs, reduction of water usage, separation of solid waste and recycling, reuse of materials, awareness; b) economic: untying of major commercial brands, valorization and diffusion of the place, association, brand creation, alternative to desertification; and c) social: sense of freedom, exploration of children's senses, community spirit, singular experience, active aging. The scenario of practical training in Bons Sons evidences many continued practices, some in formation and one in discontinuity. This scenario shows us Bons Sons festival with a strong foundation in terms of sustainability practices. From this study it can be concluded that the discussion about sustainability in society involves dialogues regarding local and everyday identities. Overall, in detail, sustainability as practice if first was perceived as utopian, the present study discusses how in Cem Soldos/Portugal it is coming true during Bons Sons festival.

**Keywords:** Sustainability. Theories of Practice. Sustainability as a Social Practice. Ethnomethodology. Bons Sons Festival.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> –	Ilustração do conceito de prática .....	16
<b>Figura 2</b> –	Componentes da prática .....	39
<b>Figura 3</b> –	Representação do Bons Sons no contexto da Aldeia de Cem Soldos .....	56
<b>Figura 4</b> –	Composição do Corpus .....	64
<b>Figura 5</b> –	Voluntários externos em atividade na SCOCS .....	68
<b>Figura 6</b> –	Um dos ambientes de aplicação dos questionários .....	68
<b>Figura 7</b> –	Identificação dos Atores Participantes de Conversas Informais .....	69
<b>Figura 8</b> –	Identificação dos Atores Participantes Entrevistados e Duração da Interação .....	71
<b>Figura 9</b> –	Ambiente de realização de entrevista com artista .....	73
<b>Figura 10</b> –	Protocolo para análise dos dados .....	76
<b>Figura 11</b> –	Canecas reutilizáveis .....	82
<b>Figura 12</b> –	Representação da prática institucionalização do uso de canecas reutilizáveis .....	84
<b>Figura 13</b> –	Ilustração de banheiro seco e torneira com redutor de caudal .....	87
<b>Figura 14</b> –	Representação da prática redução do uso de água .....	88
<b>Figura 15</b> –	Representação da prática separação de resíduos e reciclagem .....	92
<b>Figura 16</b> –	Ilustração dos corações, das tixas e dos cordões das canecas .....	94
<b>Figura 17</b> –	Representação da prática reutilização de materiais .....	97
<b>Figura 18</b> –	Representação da prática conscientização: vídeos de sensibilização e atividades pedagógicas .....	99
<b>Figura 19</b> –	Representação da prática desvinculação das grandes marcas comerciais ..	103
<b>Figura 20</b> –	Representação da prática valorização e difusão do local .....	107
<b>Figura 21</b> –	Representação da prática associativismo .....	112
<b>Figura 22</b> –	Representação da prática criação da marca .....	116
<b>Figura 23</b> –	Representação da prática alternativa a desertificação .....	121
<b>Figura 24</b> –	Ilustração do cenário de integração das crianças ao festival .....	124
<b>Figura 25</b> –	Senhoras a janela curtindo um concerto e interagindo com visitantes .....	127
<b>Figura 26</b> –	Representação da prática sentido de liberdade .....	128
<b>Figura 27</b> –	Sessões do Música para crianças .....	130
<b>Figura 28</b> –	Jogos do Hélder .....	132

<b>Figura 29</b> –	Ensaio para realização de visitas guiadas .....	133
<b>Figura 30</b> –	Representação da prática exploração dos sentidos das crianças .....	134
<b>Figura 31</b> –	Montagem do festival pelos voluntários .....	137
<b>Figura 32</b> –	Momentos de contemplação do festival .....	139
<b>Figura 33</b> –	Representação da prática espírito comunitário .....	141
<b>Figura 34</b> –	Desconhecidos mostrando sua musicalidade no palco garagem .....	144
<b>Figura 35</b> –	Representação da prática vivência singular .....	146
<b>Figura 36</b> –	Concertos nas janelas .....	151
<b>Figura 37</b> –	Encerramento do Bons Sons 2017 .....	152
<b>Figura 38</b> –	Representação da prática envelhecimento ativo .....	153
<b>Figura 39</b> –	Cenário de formações de práticas: Bons Sons/Cem Soldos .....	155

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>19</b>
<b>2.1 Discutindo Sustentabilidade .....</b>	<b>19</b>
2.1.1 Diferentes sentidos em um único conceito: sustentabilidade .....	22
2.1.2 <i>Triple Bottom Line</i> ou Tripé da Sustentabilidade.....	24
2.1.3 A vertente “esquecida”: fator social .....	25
2.1.4 Conceituando sustentabilidade .....	27
<b>2.2 Em busca de um novo paradigma: teorias da prática.....</b>	<b>29</b>
2.2.1 Ontologia de <i>sites</i> .....	31
2.2.2 Práticas Sociais e arranjos materiais.....	33
2.2.3 Sustentabilidade Enquanto Prática Social .....	36
2.2.4 Alguns exemplos práticos.....	39
<b>3 ASPECTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>42</b>
<b>3.1 Etnometodologia .....</b>	<b>42</b>
<b>3.2 Escolha do “site” .....</b>	<b>50</b>
<b>3.3 Aproximação do Campo .....</b>	<b>52</b>
<b>3.4 Venha Viver a aldeia: Cem Soldos através do Bons Sons.....</b>	<b>55</b>
<b>3.5 Coleta de Dados .....</b>	<b>62</b>
3.5.1 Construção do Corpus .....	63
<b>3.6 Análise de Dados.....</b>	<b>75</b>
<b>4 APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>79</b>
<b>4.1 Práticas Sociais focadas no Aspecto Ambiental.....</b>	<b>80</b>
4.1.1 Institucionalização do uso de canecas reutilizáveis.....	81
4.1.2 Redução do uso de água .....	85
4.1.3 Separação de resíduos e reciclagem .....	88
4.1.4 Reutilização de materiais.....	94
4.1.5 Conscientização .....	97
<b>4.2 Práticas Sociais focadas no Aspecto Econômico.....</b>	<b>99</b>
4.2.1 Desvinculação das grandes marcas comerciais .....	100
4.2.2 Valorização e difusão do local.....	104
4.2.3 Associativismo .....	108
4.2.4 Criação da marca .....	112

4.2.5 Alternativa a desertificação .....	117
<b>4.3 Práticas Sociais focadas no Aspecto Social .....</b>	<b>122</b>
4.3.1 Sentido de liberdade .....	123
4.3.2 Exploração dos sentidos das crianças .....	129
4.3.3 Espírito comunitário .....	135
4.3.4 Vivência singular .....	142
4.3.5 Envelhecimento ativo .....	147
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>154</b>
<b>5.2 Sugestões para Estudos Futuros.....</b>	<b>158</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>160</b>
<b>APÊNDICE A – Notas de Campo .....</b>	<b>167</b>
<b>APÊNDICE B – Notas das Entrevistas com as Famílias .....</b>	<b>183</b>
<b>APÊNDICE C – Notas das Entrevistas com os Artistas .....</b>	<b>190</b>
<b>APÊNDICE D – Notas das Reportagens e Postagens.....</b>	<b>193</b>
<b>APÊNDICE E – Notas dos Vídeos.....</b>	<b>198</b>

## 1 INTRODUÇÃO

---

Vivemos em uma sociedade na qual muitas pessoas, individualmente ou no contexto organizacional, enfocam e defendem princípios pautados pelo desenvolvimento econômico como chave para o sucesso em suas vidas e organizações. Ao refletir sobre isso é possível perceber que o desenvolvimento econômico geralmente acontece em detrimento e não concomitante com o desenvolvimento socioambiental. Atualmente, vários estudos (CARVALHO, 2001; CARVALHO, 2007; SHOVE, 2012; SHOVE, 2012a; SHOVE, 2012b; SHOVE, PANTZAR, WATSON, 2012; CHAPPELLS, MEDD, SHOVE, 2013) apontam para a impossibilidade de manter os padrões de utilização de recursos, evidenciando que é necessário vislumbrar alternativas sustentáveis.

As nações e a sociedade civil vêm desempenhando papéis importantes no processo de mudança de valores. Os países estabelecem legislações que visam propiciar proteção e recuperação ao meio ambiente, enquanto a sociedade tem demandado atitudes ecologicamente corretas e consistentes. Entretanto, muitas ações não têm atingido os efeitos desejados ou necessários ao estabelecimento de uma sociedade sustentável. Muitas destas atuações e questionamentos buscam manter o paradigma vigente não havendo mudança nos valores histórico-culturais.

Neste contexto emergem muitos defensores do desenvolvimento sustentável, entretanto, também surgem críticas evidenciando que desenvolvimento e sustentabilidade são questões opostas. Para as pessoas que acreditam no desenvolvimento sustentável, este figuraria como a manutenção do paradigma vigente, ou seja, o tecnocentrismo (GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995), com a diferença de que se buscaria minimizar os danos ambientais, ao alterar a forma de uso dos recursos, sobretudo por meio da tecnologia, a fim de que se possam ter os mesmos recursos para consumo futuramente.

Contrapondo esta visão surgem os adeptos do paradigma ecocêntrico (GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995), os quais entendem que o valor da natureza é intrínseco a ela, não dependendo da vontade humana. Desse modo, esta vertente defende a manutenção do equilíbrio natural e a não interferência humana no meio natural, exceto quando for imprescindível a sobrevivência. A luz destes pressupostos não havendo uma manutenção da integridade e estabilidade da natureza haveria uma ameaça à própria existência humana no planeta.

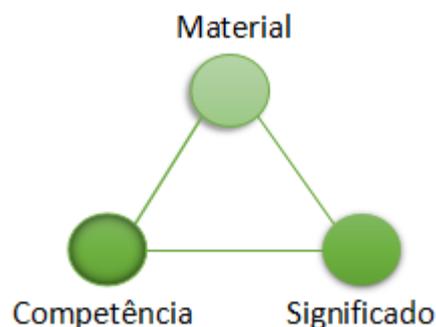
Ambas visões colocaram a natureza e a sociedade em relação de oposição, o que

culminou com o surgimento de um novo paradigma – a sustentabilidade (GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995). Sob esta nova ótica a relação entre ser humano e natureza deve ser de complementariedade (CARVALHO, 2007), neste sentido os seres humanos devem entender a si mesmos como partes constituintes do meio, seja este ambiental, social, ético, político ou econômico. Aqui, se chama atenção para o fato de que o ambiente não é apenas o fator ambiental (fauna e flora) sendo constituído por outros aspectos, inclusive o econômico.

Mas, quando emerge um paradigma também emergem muitas discussões em seu entorno, sobretudo, no contexto atual onde o compartilhamento de informações acontece de forma rápida. Ao intentar discutir a temática alguns estudos desenvolvidos recentemente (SHOVE, 2012, 2012a, 2012b, CHAPPELLS; MEDD; SHOVE, 2013) se utilizam das teorias da prática. Estes defendem que a sustentabilidade se mostra viável a partir do momento em que as pessoas a adotam cotidianamente, tornando-a uma prática social, ou seja, algo que eles se engajam de modo que se torne habitual.

Entendendo que o processo para internalizar atividades visando transformar a sustentabilidade em uma prática social é amplo e complexo, visto que este é constituído por discursos legitimados coletivamente, o que os estudos empreendidos pela Shove (2012, 2012a, 2012b) propõem é que se mude de foco. Neste sentido, ao invés de focalizar o indivíduo e suas escolhas individuais, a proposta é tentar compreender como as práticas se disseminam e conquistam adeptos que as promulgam rotineiramente. A ênfase está nas práticas, as quais são constituídas pelo *embeddedness* (termo em inglês usado em alternância com imbricamento ao longo da tese) de material, – recursos palpáveis a que o ator tem acesso, competência – conhecimentos do ator e significado – significações atribuídas pelo ator (SHOVE; PANTZAR e WATSON, 2012) conforme representado na figura 1.

**Figura 1** – Ilustração do conceito de prática



**Fonte:** Adaptado de Shove, Pantzar e Watson (2012).

A ideia dos estudos que pautam a sustentabilidade sob a ótica da prática social é evidenciar como práticas são socialmente construídas e como os indivíduos se engajam com práticas que conduzem a sustentabilidade. Neste sentido, a motivação para realização deste estudo emergiu a partir da seguinte questão: se são as práticas que conduzem a sustentabilidade, como estas se estabelecem, são continuadas e conquistam adeptos que as promulgam? Assim, tem como objetivo compreender como práticas se estabelecem, são continuadas e conquistam adeptos em um contexto pautado pela ideia de sustentabilidade.

A fim de instigar a compreensão acerca deste questionamento se fez necessário identificar um campo empírico favorável a tal proposição, ou seja, no qual a sustentabilidade fosse um construto base. O campo empírico teve como conceito norteador a noção de espaço de uso comum, isto é, espaços em que todos podem circular, mas não podem definir este uso individualmente. Por esta perspectiva, o festival Bons Sons caiu como uma luva, visto que o festival se faz em um espaço de uso comum, no qual todos tem acesso a tudo que há disponível, mas não podem tomar decisões sobre aquele espaço de vivência. Além disso, o festival é publicitado como tendo por base princípios de sustentabilidade e conhecido por prêmios relacionados ao meio ambiente.

Esta ideia de discutir sustentabilidade em festivais não é algo inédito. Cite-se, por exemplo, o estudo desenvolvido por Brito e Terzieva (2016), o qual discorre sobre os elementos chave para gerar valor social e ambiental em festivais. Contudo, estudos que envolvam sustentabilidade sob a ótica da prática social em festival não é algo trivial. É válido elucidar que o foco não é o festival em si, mas seu contexto e a formação de práticas a partir deste. Assim, nos interessa muito mais acessar o contexto de formação e concepção do festival, do que o fatores que são ditos sustentáveis. Não nos interessa mostrar a pegada ecológica do festival, mas sim descrever as práticas que o propiciam.

Desse modo, se fez necessário vivenciar a realidade a fim de gerar interpretações a respeito do contexto de formação das práticas. Assim, apesar de não estudar uma sociedade primitiva era interessante lançar mão de um estudo etnográfico e isso conduziu ao uso da etnometodologia, que permitiu usar as bases etnográficas tendo como foco as práticas. Vale salientar, que o uso da etnometodologia em estudos organizacionais começou a ser focado na última década e que estudos empíricos raramente são encontrados.

Tendo como foco propiciar um maior direcionamento para a condução desta investigação tem-se os seguintes objetivos específicos: a) identificar formações de práticas, relacionadas aos aspectos ambientais, econômicos e sociais, no Bons Sons; b) descrever o processo de construção destas formações de práticas, enfocando em seus estágios de

consolidação; c) evidenciar, por meio do conceito de sustentabilidade enquanto prática social, se as formações de práticas estão em *embeddedness*, ou seja, imbricados de modo a gerar continuidade; d) entender o processo de engajamento das pessoas nas formações de práticas no Bons Sons.

Muito se discute a respeito de como tornar a sustentabilidade uma realidade. Existem muitos estudos evidenciando fatores que podem conduzir a isso, tais como: indicadores e pegada ecológica. Contudo, os cenários são múltiplos e dinâmicos, assim, as soluções precisam ser discutidas a nível local e a partir daí transpostas enquanto ideias para outros cenários. Acreditamos que ao mostrar como formações práticas se constituem, geram engajamento e, assim, são continuadas pode nos trazer *insights* que direcionaram os esforços para a compreensão de como contextos sociais podem ser conduzidos a sustentabilidade.

Desse modo, este trabalho se justifica pela contribuição que pode trazer, em termos de explanação sobre constituição de práticas em espaços compartilhados. Estas informações podem auxiliar em processos de tomada de decisão acerca investimentos direcionados a ações de promoção de sustentabilidade. Espera-se que o estudo agregue ao trazer uma nova perspectiva de olhar para a sustentabilidade, ao inserir as formações de práticas como ponto neural. Nesse contexto, espera-se, também, contribuir com as discussões teóricas da área.

Para o desenvolvimento desta investigação houve uma divisão em cinco capítulos. Neste capítulo de introdução buscou-se contextualizar o tema e trazer a problemática, os objetivos e a justificativa do estudo. O segundo capítulo é destinado à fundamentação teórica. Nele, são expostos os principais conceitos teóricos que possibilitam um entendimento sobre o fenômeno em estudo. Já o terceiro capítulo, volta-se para os aspectos metodológicos dispensados à realização desta investigação. No capítulo quatro são descritos os resultados deste estudo. Por fim, o capítulo cinco traz as considerações finais.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

---

A motivação para realização de uma investigação advém da observação de *gaps* ou do desenvolvimento de problematizações em um campo de conhecimento (SANDBERG; ALVESSON, 2010). A identificação dessas lacunas na formação do conhecimento ocorre por meio do estudo da literatura da área. Neste capítulo, será exposta a base teórica que fornece o suporte para o desenvolvimento deste trabalho. O embasamento teórico deste estudo é advindo de uma revisão em textos das áreas de sustentabilidade e teorias da prática. As seções subsequentes são dedicadas à apresentação dos temas selecionados para compor o arcabouço teórico que servirá de base para a realização desta investigação.

### 2.1 Discutindo Sustentabilidade

O debate sobre a necessidade de desenvolvimento sustentável é amplo, complexo e controverso, ao mesmo tempo. É consenso que os recursos são esgotáveis e que é preciso analisar a forma como as pessoas estão usufruindo deles. Nos últimos anos surgiram muitas notícias sobre o acontecimento de desastres ambientais. Tópicos como efeito estufa, aquecimento global, queimadas, enchentes, desmatamento, contaminação do solo, falta de água e poluição, fazem parte da realidade das diferentes pessoas e organizações que compõem a sociedade atual.

A ênfase na necessidade de preservar o meio ambiente se tornou mais evidente ao longo dos últimos anos, o que mobilizou a atenção da sociedade em geral, suscitando mais debates na comunidade científica mundial. Neste contexto, discussões acaloradas emergem, tanto entre os governantes mundiais que tentam buscar soluções conjuntas a fim de que o desenvolvimento, sobretudo, industrial, não ocorra ao custo de agressões à natureza, quanto na sociedade civil, que por estar mais informada, pressiona as organizações, no sentido de buscarem a adaptação de suas atividades, a fim de ofertarem produtos e serviços que não gerem danos ambientais.

Ao longo dos anos o ser humano passou a tomar a natureza como sua, impingindo sua vontade e transformando os ambientes naturais ao seu bel prazer. Como apontado por Berger e Luckmann (1967) o homem é o único ‘animal’ que não possui um ambiente natural específico, podendo assim, se estabelecer em qualquer meio, desde que altere as condições e especificidades deste, adaptando-as a sua sobrevivência. Este fato levou os indivíduos a

criarem organizações em praticamente todos os meios naturais, modificando os espaços conforme suas regras existenciais e seus desejos.

Assim, a sociedade passou a ser regida com base no tecnocentrismo (GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995), sendo a natureza relegada a um plano inferior, o que acarretou o cenário de degradação ambiental atual, o qual ameaça, inclusive, a sobrevivência do próprio ser humano. Conforme Nietzsche (2000), o indivíduo tende a se conceber como o 'centro do mundo'. Por esta perspectiva, o ser humano está sendo pautado pelo paradigma etnocêntrico, o qual surgiu com a revolução científica e emergência do liberalismo e vem predominando na sociedade por séculos, sendo, atualmente, dado como certo (*taken for granted*), em muitas revistas e jornais da área de gestão (GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995). Por esta abordagem, a natureza serviria ao ser humano, sendo passiva perante suas ações. No entanto, as catástrofes ambientais vivenciadas nos últimos anos mostram que a natureza oferece respostas às atitudes humanas.

Em oposição a esta visão de mundo surge outra vertente que defende o paradigma ecocêntrico, o qual advoga que a natureza e seus ecossistemas constituintes possuem valor em si, independente da vontade humana, e que havendo um desequilíbrio em sua dinâmica, a própria vida humana poderia ser eliminada. Este paradigma é encabeçado por ativistas que buscam defender os direitos da natureza, dos animais, da ecologia, da terra, da agricultura orgânica, dentre outros (GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995). Sob esta ótica, o ser humano está indo de encontro à sua própria existência ao destruir o equilíbrio da natureza, pois a satisfação de suas necessidades deveria ser pautada pela manutenção da integridade e estabilidade do meio ambiente, favorecendo, inclusive, a preservação da ordem natural do contexto no qual está inserido, alterando apenas o necessário à sua existência.

Diante destas visões diametralmente opostas surge o paradigma da sustentabilidade (GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995), que visa propiciar condições dignas de vida aos indivíduos sem que a natureza seja transformada apenas para satisfazer seus desejos. A proposta é buscar um equilíbrio entre a vontade do ser humano e o respeito à natureza. Este paradigma "representa uma síntese emergente, uma tentativa de uma integração maior e mais profunda que, esperamos, possa se desdobrar mais e envolver mais" (GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995, p. 890).

No paradigma dominante o ambiente natural é visto como um repositório de recursos, em forma de matérias-primas, que estão à disposição para transformações em produtos que venham a suprir as necessidades humanas. Sendo os seres humanos percebidos como agentes exteriores à natureza, o que os permite atuar como atores dominantes que vislumbram,

preferencialmente, o atendimento dos ditames do mercado. No paradigma emergente, denominado sustentabilidade, a visão é holística e integrativa, sendo os seres humanos parte da natureza (VOS, 2007).

Contudo, o paradigma da sustentabilidade, ainda, está muito incipiente, sobretudo, se refletirmos sobre o fato de que as sociedades possuem significações bastante arraigadas e não se muda a realidade social sem a promoção de transformações nos valores e crenças sociais, sendo este processo de mudança lento e gradual. Foucault (2007) afirma que a construção dos conhecimentos a respeito dos fatos é um processo histórico e cultural, no qual cada cultura cria seus próprios valores e significados acerca das coisas, os quais podem se modificar ao longo do tempo, sendo recriados ou ressignificados.

O cenário atual induz as organizações a pautarem suas atividades de modo sustentável, pois, tanto as legislações quanto a sociedade civil as pressionam a atuarem de modo que não haja danos ao meio ambiente ou que tal dano seja minimizado ou que haja algum tipo de compensação ao dano causado. Este contexto é, também, fruto da visibilidade cada vez maior dos desastres ambientais, tais como: terremotos, tsunamis, derretimento das calotas polares, desmatamento, entre outros. Além disso, a escassez de recursos, sobretudo, os não renováveis, inflige uma pressão socioeconômica, a exemplo o incentivo ao uso de energias renováveis. Estas questões levam os governos mundiais e organizações multilaterais a criarem conferências e debaterem sobre a necessidade de criar leis, visando diminuir os danos causados à natureza.

Nessa conjuntura, a sociedade passa a demandar por produtos e serviços sustentáveis. Assim, pressionadas pelas normas legais, pelos consumidores e pelo próprio mercado, as organizações passam a buscar meios de desenvolver suas atividades em conformidade com as demandas por sustentabilidade. Entretanto, em geral, não se visualiza uma mudança nos modos de pensar sobre a relação estabelecida entre as organizações e a sociedade. Neste contexto as transformações efetuadas, geralmente, são uma forma de ‘maquiar’ a realidade, sendo estas, na maioria dos casos, revertidas em ganhos, em termos de imagem e reputação. Por isso, se faz necessário salientar, aqui, que sustentabilidade e desenvolvimento sustentável são concepções diferentes. Esta distinção nem sempre é feita, pelo menos não de modo claro, e isso pode gerar confusões.

O desenvolvimento sustentável está relacionado à busca de continuidade dos modos de vida atuais, havendo a preocupação em permitir que hajam recursos a serem explorados e consumidos no futuro, assim, a relação ser humano-natureza permanece a mesma. Neste sentido, enfatiza-se que o sistema produtivo foi impulsionado pela necessidade de atender a

uma demanda crescente à época da revolução industrial, mas que, pelo fato de a população ter crescido, os padrões de consumo, na forma como se constituem hoje, se tornaram insustentáveis. Neste cenário, os adeptos do desenvolvimento sustentável defendem que atividades econômicas devem continuar crescendo, mas que devem ser desenvolvidas de modo que se permita a renovação dos recursos naturais a serem explorados no futuro. A sustentabilidade, ao contrário, se constitui enquanto um novo paradigma e, portanto, exige mudanças no modo como nos relacionamos com o meio, nas esferas social, ambiental, política, econômica e ética.

### 2.1.1 Diferentes sentidos em um único conceito: sustentabilidade

Este estudo se pautará pelos princípios da sustentabilidade, entretanto, este não é um tema com uma conceituação simples. O tópico sustentabilidade ganhou amplo destaque e atualmente se fala neste termo de forma corriqueira. Além disso, foram criados múltiplos conceitos, tais como: gestão ambiental, responsabilidade social, ecoeficiência, os quais visam modificar a realidade organizacional atual e que são muitas vezes confundidos com sustentabilidade, mas não o são. Este fato poderia estar contribuindo para avanços em direção a sua consolidação, no entanto, a palavra sustentável tem sido usada de forma vaga (ENGELMAN, 2013) para se referir a múltiplas realidades. O uso frequente desta vem tornando seu sentido e significado difuso e ambíguo, dando margem a interpretações diversas.

Neste cenário, a utilização do termo sustentável pode gerar, nas pessoas envolvidas, uma sensação falsa de que elas estão fazendo algo que terá durabilidade e não afetará o ambiente. Além disso, o uso da “noção de sustentabilidade [...] de forma generalizada pode gerar a falsa ideia de que há um consenso sob todos os discursos que se constroem em torno desta [...]” (CARVALHO, 2007, p. 2). Desse modo, a disseminação do termo sustentabilidade não vem contribuindo muito para a mudança social em direção a hábitos mais saudáveis no que diz respeito à busca de uma sociedade sustentável.

A sustentabilidade foi concebida inicialmente pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente (1988), em seu relatório nosso futuro comum, como atendimento das necessidades presentes sem comprometer a capacidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades. Este documento deveria servir de base à realização de ações e atividades desenvolvidas pelas empresas, instituições e governos. Todavia, esta definição é bastante ampla e hoje o tema está difundido em múltiplas realidades e em diferentes níveis de análise, o que denota a necessidade de destrinchar melhor uma conceituação de sustentabilidade.

Conforme Carvalho (2007, p. 3) sustentabilidade é um conceito polissêmico, para o qual existem múltiplos sentidos, “podendo ser pensado mais como um conceito em disputa do que uma categoria descritiva e estável”. Tal fato encontra uma justificativa por ser este um conceito utilizado para dar vazão a interesses e projetos diversos, os quais se passam em contextos sociais e discursivos variados e distintos. Podem ser enumeradas pelo menos três aplicações para o termo sustentabilidade, quais sejam: empírica, ideológica e como modelo de compreensão da realidade (CARVALHO, 2007).

A sustentabilidade enquanto fenômeno empírico diz respeito a processo, atividades e ações ditas sustentáveis. Esta aplicação é mais comum nos domínios da política e da economia. No que concerne ao campo político, visualiza-se esta aplicação no contexto das políticas públicas, as quais buscam regulamentar a atuação dos indivíduos em relação ao meio ambiente, com vistas à diminuição do impacto sofrido por este. Estas políticas são aplicadas por meio de mecanismos, como: impostos ecológicos, subsídios, legislação ambiental, fiscalização, penalização, os quais visam promover mudanças no comportamento de compra e uso dos recursos provindos da natureza (CARVALHO, 2007). No âmbito econômico relaciona-se a sustentabilidade a “procedimentos tecnológicos (tecnologias brandas), regulações de mercado (princípio poluidor-pagador; certificações de qualidade [...]; emissão de cotas de desenvolvimento limpo)” (CARVALHO, 2007, p. 3). Podem ser também inseridas neste contexto as ações voltadas ao empreendedorismo sustentável, as quais visam a criação de negócios focados em questões sociais e ambientais (GERLACH, 2006). O fato de estas ações muitas vezes serem restritas a determinados ambientes não as eximem de significado, contudo elas não geram uma mudança social consistente, em nível macro.

No que diz respeito à sustentabilidade vista como uma ideologia suscita-se críticas ao conceito. Situam-se aqui os defensores do desenvolvimento sustentável que objetivam promover o desenvolvimento permitindo que os recursos se renovem e possam ser utilizados por outras gerações. Neste sentido, não seria necessária a modificação nas relações entre indivíduos, sociedade, natureza e meio ambiente. Existem muitas críticas à sustentabilidade enquanto ideologia, pois, advoga-se que a mesma não passa de uma ‘maquiagem’, ou seja, não é real, se constitui apenas como uma imagem exposta, mas o sistema seria o mesmo. Assim, existe uma disputa sobre qual seria o verdadeiro significado legítimo da sustentabilidade e uma busca por desmascarar os ‘falsos’ conceitos (CARVALHO, 2007).

Por fim, a sustentabilidade como categoria compreensiva para repensar o mundo. Esta aplicação vai além das anteriores ao propor que se pense a sustentabilidade como um modelo de interpretação da realidade. Neste caso, o objetivo não é atribuir um significado verdadeiro

ao termo e descartar os demais, mas “reconhecer as diferentes estratégias de atribuição de sentido ao conceito e compreender que se trata de uma disputa por hegemonia na apropriação da ideia de sustentabilidade como um capital simbólico” (p. 4). A intensão é ampliar o entendimento dos contextos de construção e negociação dos sentidos, no que concerne ao termo sustentável, não se constituindo como uma busca pela neutralidade ou relativismo (CARVALHO, 2007).

No âmbito deste estudo, adota-se a terceira aplicação da sustentabilidade, mas as outras duas não são descartadas, em termos de suas existências, apenas não são o foco, diante dos pressupostos do estudo. A finalidade aqui é compreender as nuances, envoltas na relação, entre sociedade e natureza, desfazendo a noção de oposição entre estas. Neste sentido, contrapõe-se a ideia de que o desenvolvimento é o foco da sustentabilidade e defende-se a ideia de sociedade sustentável. Assim, o ambiente deixa de ser visto como um conjunto de recursos naturais restritos e passa a ser entendido como o espaço de atuação de humanos e não humanos, constituído histórica e culturalmente, ou seja, um bem social (CARVALHO, 2007).

Neste sentido, se faz necessário entender como a relação entre indivíduos e natureza foi e é significada em um contexto histórico e cultural. Assim, imbuir o paradigma da sustentabilidade na sociedade atual, a qual é, inerentemente, pautada pela destruição do ambiente natural, é importante para que o ser humano possa continuar a usufruir dos recursos requeridos a sua sobrevivência. Todavia, este objetivo só é possível na medida em que os hábitos das pessoas se transformarem e passarem a ser guiados por práticas voltadas a sustentabilidade.

### 2.1.2 *Triple Bottom Line* ou Tripé da Sustentabilidade

Este campo polissêmico possui vertentes que foram tomando forma ao longo do tempo. Se a priori, no relatório nosso futuro comum, a ênfase estava no fator econômico, ou seja, desenvolver hoje e no futuro, as catástrofes ambientais, sobretudo, aquelas diretamente, relacionadas às atividades empresariais, mostraram que o fator ambiental requeria uma atenção substancial. Além disso, houve uma transformação social resultante de um processo intenso de circulação de informações, sobretudo, via *internet*, a qual resultou em indivíduos dotados de poder informacional. Neste cenário, as pressões sociais começaram a pesar nas decisões empresariais evidenciando que existia outro fator decisivo a ser levado em consideração, a própria sociedade.

A discussão sobre a esfera social começa a ser desenvolvida por Elkington (1994).

Este primeiro estudo evidencia que não é possível alcançar um desenvolvimento sustentável sem envolver as partes interessadas, atualmente denominadas *stakeholders*. Sob a ótica do autor o desafio seria justamente envolver a cadeia produtiva e a comunidade de forma colaborativa com a empresa focal que buscasse implementar ações de responsabilidade social, à época, geralmente, focadas no meio ambiente. Partindo deste pressuposto, em 1995, foi formulado o chamado 3P - *people, planet and profit* (pessoas, planeta e lucro). Esta formulação passou a ser usada em muitos relatórios empresariais, principalmente na Holanda (ELKINGTON, 2004). Estes estudos culminaram com o famoso tripé da sustentabilidade, o *triple bottom line* (*people, planet and profit*).

Tendo como embasamento o *triple bottom line*, o qual advoga que uma sociedade sustentável é fruto de três pilares, muitos relatórios empresariais, pesquisa mercadológicas e artigos científicos foram realizados. É consenso que as três vertentes são interdependentes e que não é possível buscar sustentabilidade sem desenvolvê-las em conjunto. Como afirma Vos (2007, p. 335) esta interdependência é visível nas possíveis representações gráficas do *triple bottom line* “um ‘triângulo’, um ‘banquinho de três patas’ ou círculos sobrepostos num diagrama de Venn”. Sendo que os “três elementos podem ser descritos de forma diversa como ‘economia, meio ambiente e sociedade’ ou ‘equidade, ecologia e economia’”.

Desse modo, Elkington incrementa a definição inicial de sustentabilidade, como capacidade de usufruir dos recursos hoje sem comprometer a capacidade das gerações futuras de dispor deles, ao acrescentar as dimensões social (*people*), ambiental (*planet*) e econômica (*profit*). Assim, sustentabilidade passa a ser conceituada como “o princípio de garantir que nossas ações hoje não limitem o leque de opções econômicas, sociais e ambientais abertas às futuras gerações” (ELKINGTON, 1997, p. 20). Ambas as definições estão em consonância com os princípios do desenvolvimento sustentável. Contudo não acreditamos ser possível, hoje, balizar uma conceituação de sustentabilidade, enquanto paradigma, a partir da assunção de que as gerações futuras devem dispor das mesmas opções sociais, econômicas e ambientais que a sociedade atual dispõe. Ao fazê-lo estaríamos engendrando uma apologia ao modelo vigente, o qual se mostrou insustentável.

### 2.1.3 A vertente “esquecida”: fator social

O fato de existirem várias definições para o termo sustentabilidade não se constitui, necessariamente, em um problema (BRYNER, 2000), ao passo que gera múltiplas possibilidades interpretativas para a mudança social. Contudo, se faz necessário entender que

o termo possui vários sentidos e vertentes e fazer escolhas acerca do que se concebe enquanto sustentabilidade antes de iniciar qualquer discussão a este respeito. Está claro que, até então, não dispomos de um conceito abrangente o suficiente para traduzir o que é sustentabilidade, em termos de novo paradigma. Vos (2007) afirma que apesar da abundância de conceitos, a prática da sustentabilidade, ainda, é bastante limitada. Assim, acreditamos que mais importante do que tentar unificar as visões é tentar entender como desenvolver os aspectos sociais, ambientais e econômicos em prol de uma vida social sustentável.

Muitas discussões permeiam o campo relacionado à vida diária e suas nuances no vislumbre de uma sociedade sustentável. As pessoas dependem do uso de recursos para viverem nos moldes de socialização que a humanidade desenvolveu ao longo da história. A abundância de recursos ofertados pelo planeta terra mostrou-se insuficiente para manutenção do *status quo* social alcançado nas últimas décadas. Se *a priori* não se pensava que os recursos se esgotariam, sendo pautas de debate a produção de bens e serviços e a criação de demanda para estes, em meados do século XX iniciam-se as discussões acerca dos limites do crescimento. Diante de um cenário de graves problemas ambientais começou-se a discussão sobre desenvolvimento sustentável. O intuito era possibilitar a continuidade do crescimento sem que os recursos naturais fossem comprometidos de modo que se exaurissem. Com o passar dos anos o debate foi intensificado e questionou-se se era possível haver desenvolvimento sustentável. A partir daí emergiu o termo sustentabilidade, o qual requer uma mudança nos moldes de vida dos seres humanos.

O século XXI trouxe à baila a necessidade de sair da zona de debate e partir para busca de soluções duradouras e que possibilitassem o alcance da tão falada sustentabilidade. Múltiplas abordagens passaram a disputar por atenção em uma arena que se tornou moda. Contudo, apesar de a sustentabilidade requerer equilíbrio entre economia, meio ambiente e sociedade, se o fator econômico já era dominante e se promulgou como tal, o debate intensificou-se em relação ao aspecto ambiental, sendo enfocadas as catástrofes naturais e o estrangulamento das fontes de recursos. Surge, assim, uma inquietação não seriam as práticas adotadas pelos seres humanos propulsoras para a busca por uma sociedade sustentável? Neste cenário acredita-se que há uma necessidade velada de discutir o aspecto social, não excluindo, os demais fatores, mas integrando-os, de modo que o debate gire em torno de como é possível constituir uma vida social sustentável.

Os debates no campo da sustentabilidade foram iniciados pela necessidade de resguardar recursos e espécies que estavam entrando em processo de esvaziamento e extinção, respectivamente. Os avanços na agenda levaram uma crítica sobre a significação da natureza

pelos seres humanos, passando pelos ecossistemas selvagens e chegando à esfera urbana. Até que o foco de análise passou a ser voltado às inovações tecnológicas, visando possibilitar o uso de recursos ao mesmo tempo em que estes são protegidos da exaustão (EIZENBERG; JABAREEN, 2017).

A evolução histórica do campo denota a preocupação com os fatores ambientais e econômicos, vislumbrando a manutenção do padrão de vida dominante até então. Tal premissa se apresenta como utópica e disfuncional, pois o próprio campo já evidenciou que não é possível manter os padrões sociais atuais e ser sustentável. Neste sentido, como afirma Åhman (2013) o fator social, precisa ser desvendado, conceituado e incluído na concepção de qualquer vislumbre para uma sociedade sustentável.

Apesar de a discussão sobre o tema ter emergido de uma preocupação com o social, a possibilidade de não haver comida para todos, este aspecto ficou menos aparente ao longo dos anos. Em geral, a vertente social da sustentabilidade só tem entrado em pauta de forma secundária, como causa ou solução para questões de cunho ambiental e não em sua importância por si só (LITTIG; GRIEBLER, 2005). Este fato se torna mais aparente em virtude das mudanças ocorridas nos padrões de vida. Se a preocupação com o fator social podia ser expressa em termos de necessidade de alimento, nos dias atuais, na maioria dos lugares isso não é mais possível. Vivenciamos uma época marcada pela emergência de síndromes, transtornos e doenças psicológicas. Depressão e suicídio são pautas que não podem deixar de ser consideradas. Pensar em uma sociedade sustentável remete não apenas a uma economia próspera e um ambiente natural preservado, mas também a um estado de bem-estar social.

#### 2.1.4 Conceituando sustentabilidade

O estabelecimento do *triple bottom line* foi um avanço no campo da sustentabilidade. Contudo, as relações entre os pilares econômico, ambiental e social, bem como, os instrumentos de avaliação e mensuração destes não foram expressos de maneira conclusiva (LITTIG; GRIEBLER, 2005). Conforme defendido por Åhman (2013), uma necessidade expressa na literatura é a promulgação do aspecto social enquanto uma dimensão em si, tão importante quanto as outras na busca por uma sociedade sustentável. No entanto, trazer o aspecto social e conceituá-lo, individualmente, não produz avanços no campo, pois, a dissociação entre social, ambiental e econômico acarreta em indefinições. Não se pode

almejar conceituar sustentabilidade sob a ótica de três pilares definindo-os de forma estanque e não integrada (EIZENBERG; JABAREEN, 2017).

Possivelmente, não há uma única conceituação para o termo sustentabilidade, mas, é imprescindível que os conceitos sejam abrangentes o suficiente para atender a diferentes contextos e momentos (VOS, 2007). Não temos a intenção de exaurir a agenda no campo, muito menos de criar um conceito uno e que sane todas as lacunas até então existentes. Buscamos, apenas expressar o que, aqui, entendemos como sendo sustentabilidade, e, ao fazê-lo, tentamos possibilitar uma abrangência que permita a inclusão de múltiplas realidades sociais.

Ao tomarem por base um documento emitido em 2003 pelo governo do Reino Unido, Eizenberg e Jabareen (2017, p. 2) definem comunidades sustentáveis como “locais onde as pessoas querem viver e trabalhar, agora e no futuro”. Locais estes que “atendem às diversas necessidades dos residentes existentes e futuros, são sensíveis ao seu ambiente e contribuem para uma alta qualidade de vida. São seguros e inclusivos, bem planejados, construídos e administrados, e oferecem igualdade de oportunidades e bons serviços para todos”. Esta conceituação enfoca na relação intrínseca entre as pessoas e o local em que vivem (DEMPSEY; BROWN; BRAMLEY, 2012) priorizando equidade e justiça social como fatores determinantes para sustentabilidade de um local (EIZENBERG; JABAREEN, 2017), fatores estes centrais na dimensão social do *triple bottom line*.

Vos (2007, p. 338) afirma que “um dos parâmetros mais importantes, mas frequentemente ignorado, nas definições de sustentabilidade é a equidade”. Neste sentido, o desafio é extrapolar da comunidade para a sociedade em geral, sem incorrer em um processo de gentrificação. Coleman (1988) argumenta que a sustentabilidade de uma comunidade está atrelada a capacidade da sociedade em que ela está imersa ou de sua expressão local, de sustentar-se e reproduzir-se de modo que sua organização seja aceitável em termos de funcionamento social para todos os envolvidos. Muitos são os requisitos para alcançar um nível de organização social que venha a permitir o desenvolvimento de um sociedade sustentável. Mas, fica evidente que a democratização social, ou seja, dimensão social, é fundamental neste processo.

Conforme Daly e Cobb Júnior (1994), a ideia é descentrar a mensuração de qualidade de vida enquanto aquisição de bens e serviços e, portanto, vinculada a produção econômica. Para tanto, se faz necessário, “ampliar ou melhorar o leque de escolhas das pessoas sobre como viver suas vidas, sem aumentar o consumo” (VOS, 2007, p. 337). Assim, conceituamos sustentabilidade, hoje, como o princípio que visa fazer com que as ações presentes propiciem

uma mudança nos valores sociais, de modo que nossos espaços atendam às necessidades atuais e futuras, em termos econômicos, ambientais e sociais, de forma inclusiva, permitindo a melhoria na qualidade de vida de modo equitativo.

## **2.2 Em busca de um novo paradigma: teorias da prática**

A discussão acerca da temática sustentabilidade vem sendo intensificada ao longo dos anos, sobretudo, nas duas últimas décadas. O tema virou “moda” e todos querem estar a par de algo relacionado a tal assunto. Os debates são acalorados e esmiúçam a necessidade de mudanças frente às demandas relacionadas ao meio ambiente, visto que os recursos naturais estão se esgotando, o que, inclusive, ameaça a existência da raça humana nos padrões que conhecemos. Neste cenário, a tomada de consciência foi colocada como “santo graal”. É como se por meio de debates e esclarecimentos as pessoas modificassem seu comportamento perante o meio ambiente. Contudo, estudiosos das práticas (SHOVE, 2010, 2012, 2012a, 2012b; SHOVE; PANTZAR e WATSON, 2012; CHAPPELLS; MEDD; SHOVE, 2013) advogam que a sustentabilidade não será alcançada pela mudança comportamental advinda da conscientização, a qual seria adquirida, principalmente, pela educação.

Existem vários estudos sendo desenvolvidos em campos distintos do conhecimento, tais como: economia, administração, sociologia, psicologia, geografia, biologia, a respeito da necessidade de tornar a sociedade sustentável. Em uma arena de disputa, concepções e abordagens diversas e conflitantes emergem. Ainda assim existe um consenso: o atual padrão de vida vivenciado pela nossa sociedade é, fundamentalmente, insustentável. Nas duas últimas décadas cientistas embasados por enfoques teóricos e metodológicos diversos têm buscado ocupar a agenda de pesquisa na área (SHOVE, 2010), o que vem acarretando o surgimento de múltiplas vertentes e lentes de interpretação no que concerne ao fenômeno da sustentabilidade.

Um ponto em comum dentre os estudos desenvolvidos no âmbito da sustentabilidade é a necessidade de mudança de paradigma no que diz respeito ao modo de vida das pessoas. No entanto, como existem múltiplas abordagens e olhares, são geradas proposições confusas e até opostas entre si. Este cenário resulta em uma panaceia de fatores que podem impulsionar as pessoas em direção a uma vida sustentável, mas que só o fazem no discurso, pois na prática não conseguem dar conta da mudança necessária para tanto (SHOVE, 2010). Não se negam os avanços teóricos na área, muito menos os projetos e leis que visam tornar a sociedade sustentável. O que se sinaliza é que, em alguns casos, as intenções estejam se sobrepondo a

prática, isto é, em muitos casos, a indicação de fatores que acarretam a sustentabilidade não tem, necessariamente, chegado ao fim visado: uma sociedade sustentável.

Diante disso, passou-se a enfatizar que, além de apontar os fatores que conduzem à sustentabilidade, tais como: os indicadores de sustentabilidade e a pegada ecológica, é fundamental fazer com que os indivíduos tomem consciência de seu papel. Pois, só assim estes seriam capazes de mudar seus comportamentos. Desse modo, a educação teria um papel de destaque, visto que seria o principal meio para promover a conscientização. Entretanto, abordar a sustentabilidade sob uma ótica comportamental não tem resultado em efeitos significativos. Na verdade, este processo remete a uma atribuição de responsabilidade a individualidade, o que não resulta em avanços reais, em um contexto amplo de análise (BARNES, 2001; UZZELL, 2008).

Ao fazer um exame de relatórios emitidos nas conferências mundiais, relacionadas à temática, Shove (2010) observa que estes são pautados pelo modelo ABC - *Attitude, Behavior, Change* (Atitude, Comportamento, mudança) e esquecem de outras análises possíveis. Este modelo pressupõe uma tomada de consciência dos problemas ambientais, a qual resultaria em uma atitude que enseja um comportamento favorável ao ambiente resultando em uma mudança nas escolhas individuais, sendo possível, assim, se obter como resultante a sustentabilidade. Desse modo os estudos que têm permeado a agenda de pesquisa neste campo teórico focam na tentativa de persuadir os indivíduos a empreenderem uma mudança comportamental.

Muitas das ações empreendidas pelos governantes em direção às questões relacionadas com o meio ambiente são voltadas à tentativa de educar a população no intento de que esta se conscientize de suas atitudes e modifique seu comportamento escolhendo, assim, opções de vida sustentáveis. Entretanto, tal modelo apresenta falhas, pois, ao apontar os *drivers* impulsionadores da mudança comportamental individual e ao mesmo tempo evidenciar que os comportamentos estão arraigados no contexto social, há uma incongruência nos pressupostos. Como afirma Uzzell (2008, p. 4), “tentar persuadir as pessoas a consumir e desperdiçar menos por meio de programas de mudança de comportamento não irá resolver problemas maiores e mais significativos relativos à maneira como as pessoas precisam ou pensam que precisam viver e consumir”.

As teorias da prática sugerem que a transição para a sustentabilidade na sociedade atual não está relacionada diretamente a decisões políticas que visem “persuadir os indivíduos a fazerem sacrifícios [...] ou aumentar a eficiência com que são cumpridos os padrões atuais” (SHOVE, 2010, p. 1278). Ou seja, não é a condução de mudança comportamental,

sacrificando o estilo de vida, diminuindo, por exemplo, o consumo e propiciando a melhoria da eficiência no uso dos recursos, mantendo os padrões atuais que irão nos levar a uma sociedade sustentável. “Em vez disso, a inovação social relevante é aquela em que as regras atuais do jogo são corroídas; em que o *status quo* é posto em questão; e em que regimes mais sustentáveis [...] tomam posse de todos os domínios da vida diária” (SHOVE, 2010, p. 1279). Neste sentido, não se vislumbra uma mudança comportamental que possibilite a manutenção dos padrões atuais de modo eficiente e sim uma mudança de paradigma transformando a sustentabilidade em prática.

### 2.2.1 Ontologia de *sites*

Um tema central na história da teoria sociológica são as categorias conceituais sobre as quais se fundamentam as explicações sobre os fenômenos sociais. Em outras palavras, trata-se de como é possível explicar/compreender a vida social em suas várias configurações e instâncias, e que termos utilizar para realizar tal tarefa. Nesse contexto, a discussão sobre agência e estrutura é central e dissonante. Conforme Schatzki (2003, 2005) a vida social passou a ser foco de estudo a partir de meados do século XIX e os teóricos deste campo se situaram em uma de duas ontologias: individualismo e societismo.

Ao intentar explicar a vida social, os individualistas advogam que os fenômenos sociais são compostos por pessoas, individualmente ou em grupos, e suas relações. Os individualistas puros - são exemplos: Weber (1972), Hayek (1952), Searle (1985), Simon (1947) - sustentam que “os fenômenos sociais podem ser decompostos e explicados pelas propriedades de pessoas individuais” (SCHATZKI, 2005, p. 466). Tal afirmativa passou a ser combatida por estudiosos, como: Tönnies (1955), Durkheim (1964), Blumer (1969) e Barnes (1995), os quais advertem que “muitas características dos indivíduos coletivos não podem ser tratadas como, ou ‘reduzidas’ a, conjuntos de características dos indivíduos particulares envolvidos” (SCHATZKI, 2005, p. 466). Surge, assim, uma explicação supostamente anti-individualista, a qual defende que “os fenômenos sociais podem ser adequadamente analisados e explicados apenas por referência a fatos sobre e características de coleções de pessoas (por exemplo, grupos), em oposição a pessoas individuais” (SCHATZKI, 2005, p. 466). Contudo, o que o Schatzki (2005) evidencia é que esta é uma visão mais ampla de individualismo, pois a explicação para a vida social se restringe aos indivíduos de modo coletivo.

Na contramão do viés individualista, que coloca os indivíduos e suas relações como explicação da realidade social, emergiram muitas teorias que buscam explicar os fenômenos sociais por meio de outros aspectos. Em sua maioria, os sociólogos concordam que a vida social não pode ser explicada por meio de construções dos indivíduos e suas relações, estes constituem o grupo de ontologia societista. Mas, apesar de este grupo concordar que existe algo além dos indivíduos e suas relações que é fundamental na explicação dos fenômenos sociais, seus integrantes discordam drasticamente sobre o que seria este algo. Neste contexto, a análise e explicação da vida social foi explicitada por fenômenos diversos, tais como: modos de produção (MARX, 1973), sociedades inteiras (MALINOWSKI, 1926), estruturas abstratas (LEVI-STRAUSS, 1963; ALTHUSSER 1970; BHASKAR 1979), discursos (FOUCAULT, 1976) e sistemas sociais (PARSONS, 1966; LUHMANN, 1984). O que se tira do societismo é que existem fenômenos sociais, sendo estes passíveis de análise, e por conseguinte, de explicação, sendo esta composta por fatores que vão além das características e relações entre as pessoas, de forma individual ou grupal (SCHATZKI, 2003, 2005).

Em termos genéricos, o debate se desenvolve em torno da dependência existente entre os termos (agência e estrutura), ora enfocando na influência de contextos sociais mais amplos na vida dos indivíduos, ora centrando no entendimento de como a ação individual pode ou não influenciar tais contextos. Tal cenário, durante muito tempo, se constituiu enquanto uma dicotomia tensa. A importância desse debate se localiza exatamente na forma como vemos e compreendemos o mundo e na margem de possibilidades que as diferentes perspectivas nos oferecem. Apesar do esforço dos societistas, o questionamento sobre o que explica a vida social continua em aberto. Conforme Schatzki (1997, p. 284) “uma reação ao enfraquecimento da dualidade tradicional tem sido o desenvolvimento de novos conceitos organizadores para teorizar a vida social”. Neste contexto, as teorias da prática emergem como uma alternativa conceitual neste campo de estudos.

Tendo com base as teorias de prática, Schatzki (2002, 2003, 2005) propõe uma ontologia societista alternativa, a qual ele chama de ontologia de *sites*. Por esta abordagem, os *sites* são conceituados como “arenas ou conjuntos mais amplos de fenômenos como parte dos quais algo – um prédio, uma instituição, um evento – existe ou ocorre” (SCHATZKI, 2005, p. 467-468). Ou seja, o *site* é o contexto no qual acontecimentos ou construções que compõem a vida social se processam, sendo estes (contexto e acontecimentos/construções) intrinsecamente relacionados. Os *sites* “são contextos nos quais parte do que existe ou ocorre dentro deles são inerentemente suas partes” (SCHATZKI, 2003, p. 176). Por esta abordagem, o contexto é entendido como “uma arena ou conjunto de fenômenos que envolve ou imerge

algo e goza de poderes de determinação em relação a ele”. Sob esta ótica os *sites* são constituídos pelo contexto em que a vida social acontece, assim, para entender como esta se desenvolve é necessário entender os sites em que ela acontece.

Schatzki (2002, p. 22) afirma que as ordens sociais são “os arranjos de pessoas, artefatos, organismos e coisas por meio dos quais a vida social transpira”, sendo que, estas entidades, humanas e não humanas, “se relacionam, ocupam posições e possuem significado”. Em seus estudos Schatzki (1996, 2002, 2005) tem argumentado que a existência social deve ser compreendida em termos de coexistência e que coexistência seja entendida como vidas humanas e suas relações interrelacionadas, a ponto de formar o contexto em que cada uma delas existe individualmente. Desse modo, entende-se que vida social significa coexistência, sendo esta relacionada ao contexto em que ocorre de modo intrínseco (SCHATZKI, 2003, 2005). Partindo desta ótica os fenômenos sociais “só podem ser analisados examinando onde a coexistência humana transpira” (SCHATZKI, 2003, p. 176), isto é o contexto (*site*) em que eles ocorrem.

O termo *site* quando interpretado de forma literal (local/lugar), naturalmente, remete a uma dimensão espacial, contudo, o próprio Schatzki (2005) enfatiza que os *sites* podem ser, mas não o são necessariamente espaciais. Os *sites* são compostos por nexos de práticas (SCHATZKI, 1996) e arranjos materiais (SCHATZKI, 2005). O argumento é que as atividades humanas acontecem no contexto de práticas sociais, sendo aquelas, intrinsecamente, parte destas, e que as práticas sociais, juntamente com arranjos materiais, compõem o *site* (contexto) da vida social. Desse modo, as práticas “são o local, mas não o local espacial, das atividades. Na verdade, as atividades não têm um site espacial - não há nenhum tipo de espaço do qual eles são inerentemente parte” (SCHATZKI, 2005, p. 468). As ontologias desta natureza significam o social como “nexo de práticas que carregam espaços de inteligibilidade” (SCHATZKI, 2005, p. 470). Assim, a vida social pode ser explicada pelas práticas sociais e arranjos materiais que permeiam o contexto de ação.

### 2.2.2 Práticas Sociais e arranjos materiais

A teoria proposta por Schatzki (2002, 2003, 2005) tem como ponto neural a explanação de que o *site* do social “é composto de nexos de práticas e arranjos materiais” e que “a vida social transpira intrinsecamente como parte de tais nexos”. Conforme Schatzki (2001a), as práticas constituem o contexto principal das ordens sociais, atuando de modo a moldar ações e significados. Tal argumentação coloca as práticas como moldes para a

inteligibilidade prática que regula as atividades e institui os significados. Contudo, as atividades humanas não acontecem em um contexto estritamente humano, estas se entrelaçam com constelações ordenadas de entidades não humanas. Portanto, o entendimento das práticas requer a compreensão de configurações materiais (SCHATZKI, 2001b).

Utilizando a conceituação de Reckwitz (2002), as práticas são tipos de comportamento rotineiros constituídos por vários elementos interligados entre si, tais como: as formas de atividades corporais e mentais, as coisas e sua utilização, os conhecimentos e sua forma de compreensão e os estados emocionais e motivacionais. Dessa forma, entende-se que a própria existência de uma prática, como o consumo, por exemplo, só é possível se houver uma coordenação (consciente ou não) de corpos, mentes, tecnologias e recursos, não havendo a possibilidade de reduzi-la a algum destes elementos isoladamente. Assim, a compreensão da dinâmica de uma prática não pode ser restrita apenas ao comportamento de uma pessoa; esta requer a conceituação e entendimento de todos estes elementos, das relações entre eles e da integração entre eles na composição da mesma.

Em uma conceituação simples, práticas são entendidas como atividades humanas organizadas (SCHATZKI, 2003, 2005). Contudo, esta organização das atividades humanas envolve uma complexidade de fenômenos. Assim, qualquer prática é constituída por um conjunto aberto de ações organizadas espaço-temporalmente. Este conjunto de ações que compõem as práticas é composto e organizado por três fenômenos: regras; entendimentos e estruturas teleoafetivas (SCHATZKI, 2002, 2003, 2005).

As regras são conceituadas como “formulações explícitas, princípios, preceitos e instruções que impõem, direcionam ou relembram as pessoas a realizar ações específicas” (SCHATZKI, 2002, p. 79). As regras são compostas pelo conjunto de documentos que normatiza a agência, tais como: regulamentos, manuais e normas, ou seja, são os parâmetros formalizados que servem como guia para as ações empreendidas no contexto de determinada prática.

Entendimentos são as inteligibilidades possíveis no contexto de uma prática. Schatzki (2002, p. 77) afirma “Por entendimentos, quero dizer certas habilidades que pertencem a ações que compõem uma prática”. Os entendimentos ou possíveis inteligibilidades não são constituições interpretativas de pessoas individuais. Estes devem ser percebidos como um aspecto, inerente a prática, que os praticantes dão continuidade (SCHATZKI, 2003). Desse modo, os “entendimentos relevantes são aqueles realizados nas práticas que os atores envolvidos continuam” (SCHATZKI, 2003, p. 183). Ou seja, entendimentos são significados

existentes no contexto da prática que seus praticantes promulgam, sendo considerados mais relevantes aqueles que tem sua continuidade perpetuada por mais tempo.

As estruturas teleoafetivas são conceituadas como sendo “uma série de fins, projetos, usos (de coisas) e até emoções que são aceitáveis ou prescritas para os participantes na prática” (SCHATZKI, 2005, p. 471-472). Uma estrutura teleoafetiva reúne finalidades, projetos e ações normatizados e ordenados, podendo, inclusive, estarem atrelados a emoções. Em toda prática “uma série de combinações tarefa-projeto é executada ou aceita [...] por causa de fins prescritos ou aceitáveis, como fazer lucro, ganhar interesse, ganhar acesso ao capital e garantir a promoção” (SCHATZKI, 2003, p. 192), entre outros, a depender do contexto. Assim, a estrutura teleoafetiva é o conjunto de ações aceitos tendo com foco um fim, ou seja, o grupo percebe certas tarefas como meios para alcançar um fim proposto no contexto da prática que está sendo continuada.

Não se tem a intenção de excluir os indivíduos da composição das práticas e, por conseguinte, da vida social. O que se argumenta é que a tomada de decisão tendo em vista a execução de tarefas específicas não é individualizada. “As ações que compõem uma prática são, com certeza, realizadas por indivíduos específicos. Mas a organização de uma prática não é um conjunto de propriedades de indivíduos específicos” (SCHATZKI, 2003, p. 192). Os indivíduos são sim os agentes, mas esta ação é normatizada e regulamentada pela prática em execução. “Uma prática é organizada por uma série de inteligibilidades, regras, fins, projetos e maneiras pelas quais as coisas são importantes. Essa matriz é distinta e incorporada de maneira diferente às mentes dos participantes” (p.192). Desse modo, entendimentos, regras e estruturas teleoafetivas atuam constituindo as práticas e cada indivíduo internaliza tais componentes de modos diversos.

Além das práticas existe outro componente no *site* da vida social: os arranjos materiais. As ações dos indivíduos além de serem normatizadas pelas práticas são dependentes de arranjo entre eles e artefatos não humanos. Os arranjos materiais envolvem as configurações de objetos, artefatos, pessoas, organismos e coisas (SCHATZKI, 2005). As pessoas vivem no contexto de organizações, sejam estas formais ou informais, as quais possuem artefatos que norteiam a ação, tais como, organogramas e fluxogramas, layouts, passagens, escritórios, mesas e cadeiras, pessoas, entre outros. O conjunto destes artefatos constitui os arranjos materiais.

Práticas e arranjos materiais não são conceitos estanques, eles se constituem mutuamente. O *site* da vida social se desenvolve por meio de uma malha de práticas e arranjos (SCHATZKI, 2005). Desse modo, “as práticas transpiram nesses arranjos e são moldadas de

várias maneiras por eles, assim como os arranjos formam as configurações das práticas e são, em diferentes graus, configurados e alterados dentro delas” (SCHATZKI, 2003, p. 195). Ou seja, à medida que as práticas são possibilitadas e modeladas pelos arranjos materiais, elas atuam de modo a ressignificá-los e reestruturá-los.

### 2.2.3 Sustentabilidade Enquanto Prática Social

Existem várias interpretações a respeito de como os governos devem atuar a fim de influenciar a forma de agir das pessoas, visando à sustentabilidade, bem como, diversas discussões sobre como fatores culturais influenciam ou não neste processo de busca pela sustentabilidade. A existência de múltiplas abordagens acerca do tema deveria contribuir para os avanços conceituais e, sobretudo, práticos na área de sustentabilidade. Contudo, os discursos sobre a “mudança estão situados dentro de uma bolha no espaço intelectual, protegida e isolada dos desenvolvimentos conceituais em outros lugares nas ciências sociais” (SHOVE, 2012b, p. 2). Para a autora é fundamental que haja uma mudança de paradigma para sair desta “bolha”. Esta mudança é difícil, mas necessária.

O surgimento ou desaparecimento de arranjos sociotécnicos é algo construído no tempo e no espaço por meio dos significados que vão sendo formados coletivamente. As sociedades já utilizaram arranjos sociotécnicos sustentáveis. Entretanto, ao longo do tempo as práticas foram sendo ressignificadas e arranjos não sustentáveis ganharam espaço e são as formas mais presentes no dia a dia dos indivíduos atualmente (SHOVE, 2012). Assadourian (2013) afirma que a primeira geração de operários preferia trabalhar menos horas a receber aumentos e adquirir bens de consumo. Este cenário foi se modificando ao longo do tempo, visto que as pessoas foram se acostumando com os produtos inseridos no mercado. Atualmente, em algumas realidades, pode-se perceber uma tendência de inversão desta percepção, levando muitas pessoas a se questionarem acerca do sistema no qual estão inseridas. Contudo, este processo é lento e envolve múltiplos fatores. Neste sentido, observa-se que ao longo do tempo vão ocorrendo transformações nos entendimentos acerca do que é necessário ou desejável à sobrevivência humana.

Ao discutir a questão das mudanças climáticas, observa-se que mesmo os gestores estando conscientes da necessidade de reduzir a emissão de dióxido de carbono, por exemplo, buscando direcionar as ações das pessoas para uma vida sustentável, os resultados alcançados, ainda, são irrisórios. Muitos estudos focam as ações e atitudes individuais como forma de entender a sustentabilidade. Shove (2012b) propõe um deslocamento de foco, colocando a

articulação decisória para tornar a sustentabilidade uma prática social no centro do debate. O que se propõe é que ao invés de tentar influenciar as atitudes individuais, se busque entender como foi que as práticas intensivas em uso de recursos foram disseminadas, ganhando adeptos que as promulgam diariamente e como elas se transformam ao longo do tempo e espaço (SHOVE, 2012a).

Neste sentido, Chappells, Medd e Shove (2013) defendem que a agenda de pesquisa sobre a sustentabilidade deve buscar compreender como é possível redefinir os valores negociados coletivamente e as expectativas dos indivíduos em relação à oferta de bens e serviços, ou seja, como transformar os fundamentos da orientação que está sendo reproduzida cotidianamente na sociedade. Assim, Shove (2010, 2012, 2012a, 2012b) defende que para tornar a sustentabilidade popular, em termos de disseminação em múltiplos contextos sociais, é necessário articular as implicações políticas de forma que esta se torne uma prática social (RECKWITZ, 2002; SCHATZKI; CETINA; SAVIGNY, 2001), em vez de se configurar, apenas, como isoladas ações e atitudes individuais.

Tomando como base para ilustração a prática do consumo, por ela ser um aspecto importante para o desenvolvimento de uma sociedade sustentável, visualiza-se que o consumo possui vários aspectos habituais, os quais devem ser compreendidos. Grande parte do consumo é habitual e recorrente, portanto, as estratégias para orientar a agência dos atores em direções sustentáveis precisam levar em consideração estes aspectos. Em muitas decisões, as pessoas não fazem análises racionais em busca da melhor alternativa, em termos de custo-benefício, elas seguem padrões na maioria das vezes ditados pela família, amigos, vizinhos, mídia e até modismo do momento social vivido. Assim, não faz sentido a tentativa de influenciar as pessoas, por meio, apenas, de fatores como preço e persuasão, a tomarem decisões que visem à sustentabilidade (SHOVE, 2012b). É preciso entender quais hábitos levam as pessoas a fazerem o que fazem e como disseminar hábitos voltados para escolhas sustentáveis.

A criação de regras e proibições não acarreta a diminuição no uso de recursos; isto depende dos significados atribuídos pelos atores à atividade que está sendo proibida. O hábito se refere a práticas que os indivíduos se comprometem a reproduzir de forma consistente e recorrente (SHOVE, 2012a). Ao estudarem a proibição do uso da mangueira, Chappells, Medd e Shove (2011) evidenciaram que esta proibição não gerou mudanças significativas nas atitudes e percepções das pessoas acerca das implicações do uso da água. Os indivíduos atribuem múltiplos significados às atividades que utilizam a mangueira extensivamente, como a jardinagem. Estes significados refletem a dinâmica familiar. Os resultados do estudo

mostraram que, em famílias que tem o jardim como um fardo, a proibição da mangueira serviu como uma desculpa para não o aguar; em contrapartida, em famílias em que houve esforços e gasto para criar uma horta ou manter o jardim sempre bonito, as pessoas passaram a utilizar o regador, de modo que, não é possível afirmar que houve redução no consumo de água. Talvez este, até, tenha aumentado (CHAPPELLS; MEDD; SHOVE, 2011).

O modo como os indivíduos usufruem dos recursos está associado diretamente ao engajamento que eles possuem com o desempenho de suas atividades. A fim de modificar as práticas de utilização de recursos é necessário promover a renegociação dos hábitos intensivos em recursos, erradicando-os e impulsionando o surgimento de hábitos sustentáveis. Assim, o processo de mudança nas práticas cotidianas é fundamentalmente discursivo, convidando as pessoas a refletirem e se questionarem sobre suas ações e seus estilos de vida. Por meio deste questionamento é possível negociar os significados atribuídos ao modo como os recursos são utilizados e discutir meios para que as pessoas se tornem menos dependentes de infraestruturas e modos de vida insustentáveis (CHAPPELLS; MEDD; SHOVE, 2011).

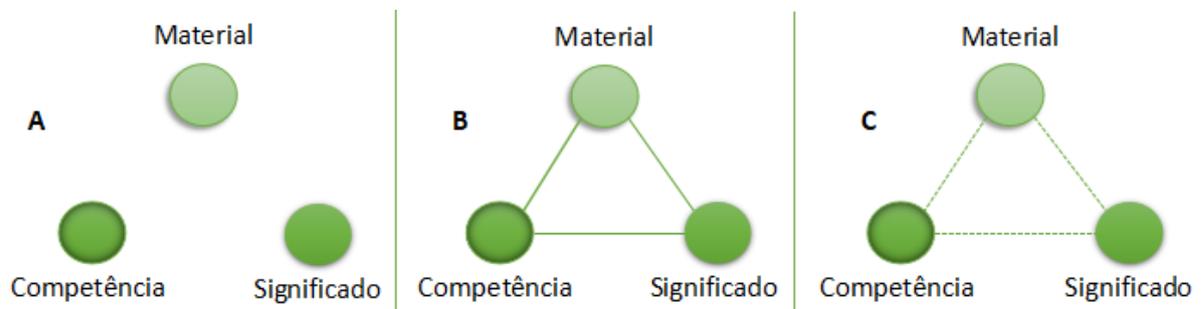
Neste sentido, o foco de entendimento da sustentabilidade deixa de ser o indivíduo e passa a ser as práticas, visto que o engajamento das pessoas se dá no nível das práticas disseminadas no tempo e espaço no contexto sociocultural. Apesar de esta abordagem deslocar o ser humano do centro do debate, colocando as práticas com sendo este fator central, são os praticantes que “reproduzem simultaneamente as práticas em que estão engajados e os elementos de que essas práticas são feitas” (SHOVE, PANTZAR, WATSON, 2012, p. 22). As práticas são constituídas a partir da interação de três elementos: os materiais, as competências e os significados, os quais existem isoladamente, mas só se estabelecem enquanto prática quando estão imbricados (*embeddedness*).

Os materiais são constituídos por “objetos, infraestruturas, ferramentas, hardwares e do próprio corpo” do indivíduo, ou seja, são os recursos tangíveis à disposição do ator. As competências englobam as “múltiplas formas de entendimento e a cognoscibilidade prática”, isto é, tudo que o ator compreende e tem conhecimento sobre o que faz. Já o significado é um termo usado “para representar o significado social e simbólico de participar a qualquer momento”. Neste sentido, o significado diz respeito à significação atribuída pelo ator a sua participação em algo (SHOVE, PANTZAR, WATSON, 2012, p. 23). Os elementos componentes da prática estão representados na figura 2.

No momento **A** os elementos existem, mas não estão conectados, não existe interação entre os elementos (material, competência e significado) e, portanto, há potencial para uma prática, contudo ela ainda não foi constituída. Ao passo que determinado material for usado em

prol de realizar algo por meio de uma competência que o ator possui fazendo uso de uma significação atribuída a esta participação da atividade, temos a constituição de uma prática. Assim, a prática existe a partir do momento em que material, competência e significado são integrados, o que se visualiza no instante **B**. Entretanto, mudanças no tempo e espaço podem e ocasionam a desintegração destes elementos, o que acarreta o rompimento na prática e pode levar ao surgimento de outra prática. Isto é o que se observa no momento **C**. Assim, a própria vida passa a ser entendida como uma sucessão de práticas com as quais as pessoas se engajam em virtude dos discursos que dão maior ou menor ênfase a aspectos diversos em determinados espaços temporais e locacionais.

**Figura 2 - Componentes da prática**



**Fonte:** Adaptado de Shove, Pantzar e Watson (2012, p. 25).

Assim, para termos a sustentabilidade, mostra-se necessário que atitudes sustentáveis passem a fazer parte do dia a dia das pessoas, como ações cotidianas e rotineiras, que compõem seus hábitos. Sabendo-se que o exercício das tarefas diárias está condicionado à existência de materiais e infraestruturas adequados, e que a incorporação de novos hábitos ocorre por meio do processo de significação de entendimentos a respeito das práticas existentes. Defende-se que uma das formas de possibilitar que as pessoas adotem atividades mais sustentáveis é lhes proporcionar a vivência com tarefas menos intensivas em recursos.

#### 2.2.4 Alguns exemplos práticos

Nos últimos anos o debate sobre a necessidade de mudar a forma como as pessoas encaram o meio ambiente foi intensificado. Se olharmos para o mundo como um todo não percebemos muitos resultados, mas, se mergulharmos no assunto, veremos que existem experiências restritas a algumas realidades, como países, cidades ou comunidades que foram bem-sucedidas. A ideia de ampliar a sustentabilidade enquanto prática social em várias esferas

organizacionais pode parecer até certo ponto, utópica, mas também reflete diversas realidades. É uma utopia no sentido de ser um estado ideal. Mas muitas experiências neste sentido têm mostrado resultados efetivos, o que a configura como real. Algumas vivências existentes em países diferentes podem ilustrar tal fato, tais como as questões de ciclismo, carro compartilhado, caminhada nórdica e *cool biz* (projeto japonês).

No que diz respeito ao ciclismo, é possível afirmar que a bicicleta se constitui em uma forma de transporte sustentável que foi ao longo do tempo perdendo espaço para os automóveis. Segundo Shove (2012), até a década de 1950 a bicicleta era amplamente utilizada pelas pessoas em seus deslocamentos, sobretudo, para o trabalho. Este uso foi declinando em virtude do surgimento e popularidade do carro e o ciclismo passou a ser apenas uma opção de lazer.

Nos últimos anos, países europeus, como Holanda, Reino Unido, Alemanha, Dinamarca, vêm fazendo um esforço para reinserir a bicicleta como meio de transporte para ir ao trabalho e percorrer pequenas distâncias. Esta experiência está sendo melhor sucedida na Dinamarca e Holanda do que em outros países, talvez pelo fato de que nestes países o significado da bicicleta como um meio de transporte, principalmente para lazer não ter desaparecido e por sempre ter havido espaço para o uso do ciclismo com este fim (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012).

Vale salientar que na Holanda a bicicleta é amplamente utilizada e tem preferência no tráfego, sendo seguida, pelo pedestre e só depois pelos automóveis. Contudo, o país tem uma infraestrutura projetada para isso, com muitas ciclovias, estacionamentos de bicicletas e uma adesão popular significativa. Mesmo no pós-guerra quando as cidades estavam sendo reconstruídas e havia uma ênfase no carro, a população reagiu e o planejamento de ruas passou a envolver as estruturas para a bicicleta.

Em outras circunstâncias esta tarefa pode se tornar mais difícil. Tomando como exemplo o Brasil, é possível citar a tentativa de inserir o ciclismo como atividade de lazer no Recife. O que tem demandado um esforço para encontrar espaço para as bicicletas em meio aos carros, visto que quase não existem estruturas adequadas ao uso destas e que quando se criam as estruturas, os arranjos nem sempre atendem adequadamente as demandas deste modal.

Contrapondo o caso do ciclismo, pode-se discutir o carro, sob a perspectiva de uso individual. A utilização de carros individuais não só se tornou uma necessidade na sociedade atual, como é muito incentivada por governos que buscam estimular o desenvolvimento econômico. No entanto, a manutenção de um carro por pessoa tem se mostrado insustentável,

tanto sob o aspecto de emissão de gases poluentes quanto pela infraestrutura das cidades que não é capaz de suportar a demanda de espaço, o que gera engarrafamentos.

Martin, Shaheen e Lidicker (2010) realizaram uma pesquisa sobre uso de carros compartilhados com mais de seis mil participantes da América do Norte, na qual evidenciaram que a adesão ao compartilhamento de carros propiciou uma redução de mais de 50% (0,47 para 0,24) no número de carros por residência. Com o compartilhamento de carros, as pessoas possuem acesso a um automóvel privado, sem que precisem possuir um e este fato possibilita a redução de carros, se mostrando como uma alternativa viável.

A caminhada nórdica é um exemplo de uma atividade que emergiu e ganhou adeptos que a transformaram em uma prática social amplamente aceita. A caminhada nórdica surgiu nos países nórdicos da Europa, especialmente na Finlândia, com o intuito de melhorar o desempenho de atletas no verão, especialmente, aqueles que apreciam esqui. A diferença entre a caminhada normal e a caminhada nórdica é que esta utiliza bastões que possibilitam a intensificação do exercício. A caminhada nórdica se popularizou de forma rápida e atualmente possui praticantes dedicados em vários países do mundo. Esta popularidade está associada aos significados que as pessoas atribuíram a este tipo de exercício. Inicialmente a caminhada nórdica foi relacionada com bem-estar e natureza, com o tempo houve uma ressignificação associando-a a saúde, pois, verificou-se uma relação benéfica entre este tipo de caminhada e o tratamento de pacientes com problemas nas articulações. Além disso, na Finlândia a caminhada nórdica foi promovida ao público em geral, por meio da imprensa, em matérias que faziam associação entre ela e ambientes naturais, ressaltando as características dos participantes (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012).

Outro exemplo de ressignificação foi realizado no Japão. Visando à redução na emissão de dióxido de carbono – CO<sup>2</sup>, por meio da diminuição no uso do ar-condicionado, o governo japonês lançou um programa chamado “*Cool Biz*”. A ideia era estabelecer uma regra que não permitia o aquecimento ou resfriamento de prédios do governo fora do intervalo entre 20 e 28° C, levando as pessoas a usarem mais jaquetas e casacos no inverno e menos no verão. Com a finalidade de atingir o objetivo do programa, o governo buscou promover uma modificação nos significados atribuídos ao vestiário e as tecnologias. Para tanto, foram usadas algumas estratégias de marketing, líderes do governo foram mostrados vestindo roupas menos formais, gestores empresariais foram envolvidos e a indústria de vestuário respondeu e promoveu peças concebidas com o nome do programa. O projeto foi bem-sucedido levando a reduções significativas no uso de energia e na emissão de CO<sup>2</sup>. E, assim, o significado das vestimentas pôde ser redefinido, inclusive, fora do âmbito do *Cool Biz* (SHOVE, 2012a).

### 3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

---

Este capítulo é dedicado à apresentação dos aspectos metodológicos envolvidos na investigação do problema analisado no âmbito deste estudo. Ao optar pela etnometodologia foi necessário descrever a teoria de embase para utilização dela enquanto método. A partir do embasamento etnometodológico foi possível traçar os procedimentos metodológicos, os quais evidenciam como a pesquisa foi realizada, como foi desenvolvida a coleta de dados e a análise dos resultados e quais os meios usados para entender o fenômeno. Para tanto, o capítulo foi dividido nas seguintes seções: Etnometodologia; Escolha do “site”; Aproximação do Campo; Venha Viver a Aldeia: Cem Soldos através do Bons Sons; Coleta de Dados e Análise de Dados.

#### 3.1 Etnometodologia

A etnometodologia é um termo criado por Garfinkel a partir da década de 1950, período em que ele estava em processo de doutoramento na universidade de Harvard, que traz uma nova perspectiva para análise da sociedade. A etnometodologia não foge do estudo de temas fundamentais na sociologia, quais sejam, ação social, intersubjetividade e constituição social do conhecimento, mas os coloca sob uma nova ótica de percepção (HERITAGE, 1999). Os estudos tradicionais focavam fatores motivacionais e questões extraordinárias enquanto Garfinkel passa a focar a cognoscibilidade dos atores em seu contexto cotidiano. Neste sentido, os estudos etnometodológicos reconhecem a capacidade reflexiva e interpretativa dos atores sociais, havendo, assim, uma mudança do paradigma normativo para o interpretativo (COULON, 1995). Conforme Coulon (1995, p.13) para os etnometodólogos “[...] a relação entre ator e situação não está baseada em conteúdos culturais nem em regras, mas nasce a partir de processos de interpretação”.

Para Garfinkel (2006) os sociólogos enxergavam o indivíduo como um idiota cultural desprovido da capacidade de fazer julgamentos acerca de situações cotidianas, agindo em conformidade com as opções culturais que lhes são postas, atuando, assim, de modo a manter a estabilidade social. No entanto, ao analisar jurados em um contexto de decisão judicial Garfinkel observou que por mais que os indivíduos se baseassem em uma lógica do senso comum eles buscavam tomar decisões assertivas, juridicamente falando. Tal fato permitiu a inferência de que existe uma lógica nas ações cotidianas, sendo estas pautadas por etnométodos, ou seja, mesmo não tendo bases científicas elas são reflexivas (COULON,

1995).

Neste sentido, o ator social não é um idiota cultural, ele atua construindo conhecimento no dia a dia, portanto existe um conhecimento prático que deve ser levado em consideração (COULON, 1995a). Garfinkel (2006) afirma que os procedimentos utilizados pelos agentes para se chegar ao conhecimento do senso comum no curso da interação não diferem dos procedimentos utilizados pelo pesquisador para se chegar ao conhecimento científico. Para clarificar tal forma de pensar, Garfinkel fez alguns experimentos (para mais informações ver Garfinkel, 2006) demonstrando que os indivíduos agem de modo interpretativo e reflexivo em situações cotidianas. Diante deste cenário, ele precisou criar uma perspectiva que desse conta desta nova forma de enxergar os fenômenos sociais, alçando o termo etnometodologia. Assim, a etnometodologia é “uma prática social reflexiva que procura a explicação dos métodos de todas as práticas sociais, inclusive os seus” (PSATHAS, 1980, p. 3).

A etnometodologia surgiu a partir de investigações empreendidas por estudiosos descontentes com os rumos dos estudos sociológicos, os quais passaram a defender que a ciência da sociologia deveria ter como essência e finalidade a promoção da investigação do cotidiano. Os estudos etnometodológicos “analisam as atividades cotidianas como métodos que seus membros usam para fazer com que estas atividades sejam racionalmente-visíveis-e-reportáveis-para-todos-os-fins-práticos, isto é, 'explicáveis' (*accountable*) [...]” (GARFINKEL, 2006, p. 1). Desse modo, as atividades são desenvolvidas de modo que seja possível relatar aos demais seres humanos, resultando em um processo socialmente construído (BERGER; LUCKMAN, 1967) no tempo e no espaço (GIDDENS, 2009). Não se busca gerar descrições ou prescrições a respeito do processo de construção da realidade, o que se pretende é apenas interpretá-lo.

Os estudos desenvolvidos por Garfinkel se concentraram no caráter contextual dos entendimentos cotidianos, evidenciando a complexa gama de recursos oferecida pelo próprio contexto para sua interpretação (HERITAGE, 1999). Assim, “observamos que as pessoas, na medida em que estão falando uma linguagem natural, de alguma forma estão envolvidas na produção objetiva e exposição objetiva de conhecimento de senso comum de atividades cotidianas como fenômenos observáveis e relatáveis” (GARFINKEL; SACKS, 1986, p. 163). Ao interagirem, os indivíduos buscam se expressarem de modo objetivo, no entanto, esta objetividade se localiza espaço temporalmente, ou seja, a objetividade depende dos entendimentos e significações atribuídos no contexto vivido, o que denota uma intersubjetividade (BERGER; LUCKMANN, 2003).

Conforme Fuentes (1990, p. 1) a proposta etnometodológica de Garfinkel “procura compreender a situação social 'de dentro', tal como aparece aos indivíduos que a vivem; trata de transmitir o sentido que eles têm das coisas”. Pois, sob este prisma os indivíduos tomam por base o senso comum e ao interpretá-lo atuam construindo e reconstruindo a realidade, e, por conseguinte, o mundo social. Neste sentido, “para aproximar-se da realidade [...] a pesquisa em ciências sociais deve atentar para o conhecimento do senso comum e para as razões práticas dos sujeitos no mundo social (OLIVEIRA; MONTENEGRO, 2012, p. 133). Para os etnometodólogos “o saber não se constrói com observações imparciais, fora do contexto do objeto de estudo, mas é na interação com o meio, na busca por compartilhar o sentido, que o significado das práticas para a construção de uma interpretação coletiva da realidade se dá” (BISPO; GODOY, 2012, p. 695).

Ao romper com o paradigma normativo e passar a entender a sociedade por meio da interpretação, os estudos etnometodológicos o fazem adotando conceitos já existentes, mesmo no contexto normativo. A etnometodologia traz muitos conceitos de outras correntes de estudo, mas faz acréscimos, adaptações ou modificações nos mesmos (GUESSER, 2003). Entretanto, “o que mais chama a atenção na etnometodologia é o caráter complementar e solidário de seus conceitos” (COULON, 1995, p.31). Garfinkel deu vida a muitos conceitos em sua obra. Conforme Coulon (1995), os mais importantes e acessíveis aos interessados em se aventurar em fazer investigações pautadas pela etnometodologia são: prática/realizações; indexicalidade; reflexividade; relatabilidade (*accountability*); e noção de membro.

### **Prática/realizações**

Os estudos etnometodológicos se concentram nas realizações práticas dos indivíduos. De acordo com Heritage (1999, p. 331), Garfinkel estabeleceu um novo foco para os estudiosos que almejassem empreender esforços voltados a análise sociológica: “o estudo das propriedades do senso comum nas situações mundanas de ação”. Sendo assim, o fio condutor dos estudos desenvolvidos por ele são “as atividades práticas, em particular as razões práticas, sejam estas profissionais ou profanas” (COULON, 1995, p. 32). As realizações sociais são empreendidas pelos indivíduos que atuam constituindo a sociedade (GARFINKEL; SACKS, 1986), sejam estes cientistas ou não, pois, não importa a base de seus conhecimentos, estes atuam socialmente de modo a adaptarem as regras sociais e constroem interpretativamente a sociedade.

A compreensão das significações e entendimentos construídos pelos atores acerca de suas práticas é muito mais um processo interpretativo do que explicativo. Tomando por base Weber, Geertz (2008) entende que o ser humano é constituído por um emaranhado de

significados que ele mesmo engendrou. Assim, as práticas e suas análises nada mais são do que teias de significados, portanto, a investigação sobre estas é um processo de interpretação. O entendimento da ‘coisa’ em si depende de elementos do contexto de apresentação da mesma, sendo fundamental a compreensão destes para que se atribua um significado para a ‘coisa’. Tal premissa está ancorada no fato de que “a maior parte do que precisamos para compreender um acontecimento particular, um ritual, um costume, uma ideia, ou o que quer que seja está insinuado como informação de fundo antes da coisa em si mesma ser examinada diretamente” (GEERTZ, 2008, p. 7).

Desse modo, a análise etnometodológica se baseia em “escolher entre as estruturas de significação [...] e determinar sua base social e sua importância” (GEERTZ, 2008, p. 7). Os resultados de investigações desta natureza expressam como membros de uma determinada coletividade, em um certo tempo e em um espaço específico, atuam, por meio de um sistema ordenado de atividades, construindo, reconstruindo, modificando, de modo a perpetuar ou extinguir as práticas (BISPO; GODOY, 2014). Neste sentido, estudos desta natureza tem como foco identificar e compreender o fluxo de atividade de uma coletividade a fim de entender como os atores constituem as práticas que ordenam a vida social (BISPO; GODOY, 2014).

### **Indexicalidade**

Os atores sociais estão em constante interpretação da sociedade, utilizando seus entendimentos para modificarem, atualizarem e adaptarem o mundo social, ou seja, construindo espaço temporalmente o mundo em que vivem. Este processo de construção só é possível por meio da linguagem. A linguagem é a forma por meio da qual compartilhamos significados, nos fazemos entender ao utilizar uma língua em comum. Estudiosos da linguagem e da filosofia, como Schutz, Wittgenstein, Peirce e Bar-Hillel, já discutiam as propriedades da linguagem (FIRTH, 2010) sinalizando que esta possui aspectos indexicais. Tomando por base estes estudos Garfinkel e Sacks (1986) advogam que as formas linguísticas são indexicais em sua totalidade e que esta indexicalidade é inerente à língua e, portanto, irreparável.

Ao desenvolver alguns experimentos, Garfinkel (2006) evidencia que aspectos contextuais influenciam na interpretação da fala dos indivíduos. Desse modo, se reproduzirmos um diálogo entre um casal de namorados ou entre um grupo de amigos, ou mesmo de uma reunião de trabalho fora do contexto em que este aconteceu não conseguiremos entender muito do que está sendo dito. Isto ocorre porque a linguagem é indexical, assim, saberemos o significado geral das palavras, mas não teremos dados contextuais que influenciam significativamente no entendimento, visto que as palavras

ganham significações diversas a depender de quem a pronuncie, bem como, do momento e do lugar em que for pronunciada.

Isto acontece porque as expressões linguísticas possuem um significado em geral que é expresso pelos enunciados, entretanto não é possível ter um entendimento absoluto da linguagem apenas pela expressão de uma fala. Para nos aproximarmos do sentido de uma expressão, é necessário termos conhecimentos acerca do contexto de emissão (ARAÚJO, 2012). As palavras “só adquirem sentido completo dentro de seu contexto de produção, apenas se forem ajustadas a uma situação de intercâmbio linguístico” (COULON, 1995, p. 35). Neste sentido, muito do que é trocado socialmente está atrelado diretamente ao contexto de expressão. Portanto, quando pressupostos relacionados ao contexto de expressão são suprimidos, de uma análise interpretativa, a percepção e o relato obtidos podem ser drasticamente comprometidos (HERITAGE, 1999). Assim, a proposta etnometodológica propõe que os estudos sejam desenvolvidos levando em consideração o caráter indexical da linguagem.

### **Reflexividade**

Os sociólogos tradicionais defendiam que os atores agem tomando por base norteadora as normas sociais, sendo estas direcionadoras de comportamento. Os etnometodólogos não negam as normas, mas argumentam que estas são apenas uma das partes constituintes do contexto que serve de base às ações sociais. Conforme expressa Heritage (1999) a contextualidade das ações é fundamental para entendermos as próprias ações. A respeito do caráter problemático de ações práticas “os membros tomam como dado que um membro deve, desde o início, “conhecer” as situações nas quais ele deve operar, caso suas práticas devam servir de medida para transformar as características específicas e localizadas dessas situações em um relato reconhecível” (GARFINKEL, 2006, p. 17). Neste sentido, os atores sociais agem tendo como pressupostos informações contextuais.

Em alguns experimentos (para mais informações ver Garfinkel, 2006) realizados por Garfinkel é possível perceber a atuação da reflexividade nas conversações desenvolvidas pelos atores. Ao estudar uma conversa entre um casal Garfinkel nos mostra que eles interagem tendo por base uma gama de informações contextuais. Este experimento possibilitou a percepção de que a interpretação das expressões emitidas pelo 'outro' ocorre tendo como referencial o lugar que este 'outro' ocupa no contexto de ordem social estabelecida (HERITAGE, 1999). Em outro experimento, estudantes foram levados a descreverem suas famílias, sendo suprimidas as ligações biográficas, ou seja, descrevê-las como se as pessoas não tivessem uma ligação pessoal consigo. O resultado mostrou que conflitos, rixas e outras

características não relacionadas a noção de família estabelecida emergiram. Assim, a supressão de pressupostos contextuais pode alterar drasticamente a percepção e o relato de uma realidade (HERITAGE, 1999).

Neste sentido, entende-se que os atores não agem simplesmente como reprodutores de normas, sendo as ações realizadas de modo reflexivo. Assim, ao agirem, os atores tem por base o contexto e atuam reconstruindo o mesmo contexto, sendo, portanto, constituídos no contexto e constituintes do contexto, ou seja, inteligíveis nele e responsáveis por ele (FIRTH, 2010; COULON, 1995). Assim, os atores são dotados de um repertório de entendimentos que são levados em consideração nas interações sociais.

### **Relatabilidade (*Accountability*)**

Já no prólogo do livro estudos em etnometodologia, Garfinkel (2006) explica que as investigações etnometodológicas analisam o fluxo de atividades cotidianas visando evidenciar os métodos utilizados pelos atores para torná-lo explicável, ou seja, relatável. Os atores agem construindo a realidade social, neste sentido, as ações exprimem o mundo social. A relatabilidade é a “propriedade que permite que os atores tornem o mundo visível a partir de suas ações, tornando as ações compreensíveis e transmissíveis”, pois, “ao passo que são dotadas de significado e sentido através dos processos pelos quais são relatadas, as ações sociais exprimem o mundo social na sua mais pura essência” (GUESSER, 2003, p. 162). É possível inferir que a relatabilidade é o processo que permite o compartilhamento de significados de ações de modo reflexivo e racional.

Quéré (1987) destaca a reflexividade e a racionalidade como características fundamentais da relatabilidade. É reflexiva no sentido de que o relato de uma atividade, bem como, de suas circunstâncias são parte constituinte desta. É racional visto que é “produzida metodicamente nas situações e que as atividades são inteligíveis, podendo ser descritas e avaliadas sob o aspecto de sua racionalidade” (p. 103). Garfinkel realizou alguns experimentos, dentre estes, foi empreendido um em um centro de prevenção ao suicídio. Quéré (1987), ao se apropriar deste estudo, verificou que existem dois níveis de análise: um relacionado à própria organização do objeto estudado, no caso como o centro de prevenção ao suicídio se auto organizava; e outro relacionado ao relato, ou a representação do centro.

De formas infinitamente variáveis, as investigações dos membros são características constituintes das situações que analisam. Da mesma forma, suas investigações

tornam-se reconhecíveis para os membros como adequadas-para-todos-os-fins-práticos. Por exemplo, no Centro de Prevenção ao Suicídio de Los Angeles, são realizações organizacionais práticas que as mortes tornem-se relatáveis-para-todos-os-fins-práticos. Organizacionalmente, os procedimentos do Centro de Prevenção ao Suicídio visam a realizar a relatabilidade racional de mortes por suicídio como características reconhecíveis das situações nas quais a relatabilidade ocorre. Nas ocasiões reais de interação, tal realização é, para os membros, onipresente, não problemática e lugar-comum (GARFINKEL, 2006, p.18).

Sob esta ótica, as atividades diárias possuem uma continuidade e uma repetitividade, portanto, são reconhecidas como sendo rotineiras, comuns e corriqueiras. Assim, os atores estão familiarizados com os ditames organizacionais e os buscam desempenhar, seja informando as famílias da morte de um ente, decidindo se um indivíduo é responsável pelo cometimento de um crime, selecionando um paciente para um estudo clínico ou mesmo decidindo sobre questões banais da vida cotidiana. No entanto, toda vez que um ator relata uma atividade que lhe é familiar é como se fosse uma primeira vez, visto que a representação é fruto de uma reflexividade a fim de torna algo racionalmente exprimível (GARFINKEL, 2006).

Para a equipe do Centro de Prevenção ao Suicídio [...] as propriedades racionais de suas investigações práticas consistem, **de alguma forma**, no trabalho concertado de tornar evidente como uma pessoa morreu na sociedade [...]. O ‘**de alguma forma**’ é o ponto crucial da questão (GARFINKEL, 2006, p. 19, grifo nosso).

Desse modo, os atores buscam entender suas ações práticas e torná-las explicáveis. Um outro experimento empreendido por Garfinkel foi o caso de um transexual que resolveu se submeter a um procedimento cirúrgico para se tornar mulher, entretanto, a cirurgia por si só não o torna mulher, é preciso adquirir tal *status* cultural (GARFINKEL, 2006). Não nascemos mulher ou homem, nos tornamos mulher ou homem a partir da expressão social de nossa feminilidade ou masculinidade (BEAUVOIR, 1970). Por mais que o processo cirúrgico tenha transformado o indivíduo em mulher existe a necessidade de dotar as atividades corriqueiras de feminilidade (COULON, 1995).

Não basta executar atividades, estas precisam ser expostas, visto que é por meio desta construção que o mundo social é constituído. “Fazer visível o mundo é fazer compreensível minha ação ao descrevê-la, porque dou a entender seu sentido ao revelar os procedimentos que emprego para expressá-la” (COULON, 1995, p. 49). A sociedade se constrói a partir do fluxo de ações executadas espaçotemporalmente. A relatabilidade permite que esta construção seja compreendida, por conseguinte, vemos o mundo por meio dos relatos de nossas ações.

### **Noção de Membro**

Os estudos etnometodológicos trazem uma nova concepção para a noção de membro, sendo esta uma questão chave para o entendimento da etnometodologia. Conforme Garfinkel em entrevista concedida a Jules-Rosette (1985): “[...] alguns sociólogos insistem [...] que se deve conceber os membros como se fossem entidades coletivamente organizados. Rejeitamos em absoluto essa alegação. Para nós, as 'pessoas', 'pessoas particulares' e 'indivíduos' são aspectos observáveis de atividades cotidianas”. É possível perceber que, sob esta perspectiva, os indivíduos são parte constituinte das práticas:

Inevitavelmente [...] as práticas consistem em *métodos dos membros* para combinar conjuntos de alternativas, *métodos dos membros* para combinar, testar e verificar o caráter factual da informação, *métodos dos membros* para dar um relato das circunstâncias de escolha e das escolhas, *métodos dos membros* para avaliar, produzir, reconhecer, garantir e obrigar à consistência, coerência, efetividade, eficiência, engenhosidade e outras propriedades racionais de ações individuais e concertadas (GARFINKEL; SACKS, 1986, p. 226-227, grifo dos autores).

Garfinkel e Sacks (1986) trazem a noção de membro como cerne da concepção etnometodológica. Para eles, o termo membro não se refere a uma pessoa, mas ao domínio de uma linguagem comum. As pessoas usam uma linguagem comum a fim de transformar expressões indexicais em expressões objetivas. Ao falarem os indivíduos atuam produzindo e expondo objetivamente o conhecimento do senso comum de atividades cotidianas, tornando-as “fenômenos observáveis e relatáveis” (GARFINKEL; SACKS, 1986, p. 227). O membro é entendido não como uma pessoa que se organiza coletivamente, mas como alguém que se utiliza da linguagem a fim de se fazer compreendido, o que, por conseguinte, resulta na possibilidade de atuação de modo que o conhecimento seja observável e relatável, constituindo, assim, as práticas.

Um outro conceito a ser destacado na proposta etnometodológica de Garfinkel é o **método documentário**. Não está acessível aos sentidos humanos a compreensão total das coisas. É deduzível que qualquer árvore será dotada de folhagem, caule e raízes, contudo, ao observar uma árvore, não é possível ver o interior destas composições, mesmo assim sabe-se que elas estão presentes. Sob outro aspecto, palavras possuem significados diversos a depender do contexto, por exemplo, manga pode significar uma fruta ou parte de uma peça de roupa. Em virtude deste cenário, os seres humanos estão sempre buscando entender a totalidade das coisas e das situações vistas e vivenciadas e o fazem criando padrões interpretativos que servem como guias para ação, devendo estes serem entendidos e reproduzidos pelos demais agentes sociais (ARAÚJO, 2012).

Neste sentido, o método documentário é “o meio pelo qual cada agente interpreta a

situação e exige dos demais reciprocidade no comportamento” (ARAÚJO, 2012, p.23). Este é “utilizado pelo membro para preencher as lacunas decorrentes das propriedades indiciais da conversação (p. 24). Conforme Coulon (1995, p. 62) “buscamos constantemente padrões no curso de nossas conversações cotidianas; caso contrário nossas conversas não teriam sentido”. Deste modo, o método documentário de interpretação “permite ver as ações dos demais como expressão de “padrões”, os quais nos permitem ver o que são as ações” (p.62).

Assim, tal método permite que os indivíduos estabeleçam um guia interpretativo que possibilita a geração de entendimentos nas interações sociais, e por meio deste é possível reinterpretar as situações vivenciadas, recriar situações e mudar de opinião. Além disso, ele permite a compreensão do modo de agir dos atores sociais, ou seja, possibilita a construção da realidade social.

Os procedimentos metodológicos serão norteados por estes pressupostos teóricos, sendo estes conceitos os balizadores de todo o trabalho de campo. Devido à natureza do trabalho, a qual envolve um alto grau de pessoalidade, que permite ao autor por “sentimentos e reações pessoais de sua vivência em campo diretamente no texto” (KOTTAK, 1997, p. 27), a partir daqui o texto será, primordialmente, escrito em primeira pessoa do singular.

### **3.2 Escolha do “site”**

Uma das grandes questões na elaboração deste trabalho foi identificar, usando a linguagem do Shatzki, o “site”, ou seja, o contexto no qual se processaria o estudo. O cenário previsto durante dois anos e meio era o Recife. Contudo, devido à realização de um período de um ano de estágio doutoral na Holanda, precisei repensar meu estudo visto que a coleta de dados se processaria neste período e o Recife não seria mais o cenário. Minha orientadora no exterior é vinculada à Academy for Leisure da *NHTV University of Applied Science Breda* e desenvolve estudos na área de *Events &Placemaking* o que me possibilitou o contato com a temática.

A vivência na Holanda, em dois contextos diferentes, pois residi em duas cidades: Breda, cidade típica holandesa e Rotterdam, como toda sua modernidade estrutural e seus muitos expatriados, me possibilitou ter uma nova visão sobre o uso dos espaços. Primeiro me deparei com a estação de trem em Breda, a qual congrega os modais de transporte terrestre, via trem e ônibus; espaços para compras, tanto mercado do tipo *To Go*, estilo conveniência, como pequenos restaurantes e cafês e até lojas de roupas; e apartamentos residenciais. Em Rotterdam pude perceber mais um exemplo, deste fato, em outro contexto, o *Markthal*,

mercado central de Rotterdam, o qual agrega, em uma arquitetura moderna, várias opções de restaurante, sendo possível, em alguns destes sentar dentro ou fora do mercado, consumir no local ou levar para casa a comida pronta, pré-pronta ou *in natura*; opções de compras, tanto em termos de supermercado como de produtos naturais; e apartamentos residenciais.

A forma como o uso de um mesmo espaço poderia ser compartilhado agregando atividades diversas de forma otimizada me chamou atenção. Passei a prestar atenção neste fenômeno e este modo de compartilhamento se mostrou comum em vários espaços na Holanda, sendo as estações de trem o exemplo mais vívido. Inspirada pela conceituação de bens comuns oferecida pela Ostrom (1990), a qual advoga que bens comuns são aqueles que não pertencem exclusivamente a alguém, mas, são usufruídos por todos que vivem em determinada localidade, comecei a repensar os espaços comuns sob esta perspectiva de compartilhamento.

Conforme Santos Júnior (2014, p. 147), se buscarmos entender espaços comuns sob a ótica do urbanismo estes podem ser conceituados como aqueles espaços que podem ser usados pública e coletivamente. Tais como “[...] espaços para circulação (como uma rua ou uma praça), espaços para lazer e recreação (como um parque urbano ou um jardim), espaços para contemplação (como uma cachoeira) ou espaços designados para preservação ou conservação (como uma reserva ecológica)”. O que determina o uso comum é o direito a movimentação e acesso livre a todos que queriam usufruir daquele espaço.

Alicerçada nesta concepção de espaços comuns e pautada por uma conceituação de sustentabilidade focada em promoção de qualidade de vida e bem-estar de forma equitativa, comecei a pensar qual seria o “site” que me proporcionaria melhor compreensão do fenômeno em estudo. A ideia de estudar festivais emergiu naturalmente, tendo em vista que eu poderia alinhar os interesses de pesquisa iniciados no Brasil com aqueles advindos da experiência na Holanda. Mas, o que tornou o festival bastante atrativo foi o fato de que um caso poderia envolver múltiplas formas de compartilhamento de espaço, tais como: circulação e mobilidade, recreação e lazer, contemplação e até preservação do meio.

Pensando nos festivais que poderiam ser abordados, minha orientadora na Holanda, que tem origem portuguesa, me falou de dois festivais em Rotterdam e de um festival em Portugal. Ao pesquisar sobre eles percebi que o festival Bons Sons se encaixava muito bem aos meus propósitos de estudo. O festival tem como *slogan*: “venha viver a aldeia”, em Portugal aldeia é uma comunidade rural, o que mostra uma dimensão comunitária, além disso, a temática da sustentabilidade é um dos motes trabalhados no Bons Sons. Em reunião com minha orientadora (Brasil) e coorientadora (Holanda) discutimos a ideia de ter o Bons Sons

como espaço empírico e acordamos que este seria um “*site*” rico em informações acerca do fenômeno em estudo.

### 3.3 Aproximação do Campo

Os estudos em etnometodologia possuem como foco de interesse as estruturas formais das atividades cotidianas (GARFINKEL; SACKS, 1986). Conforme Guessser (2003) os etnometodólogos concentram seus esforços investigativos no raciocínio prático do cotidiano, tendo como finalidade construir, a partir deste, explicações para a realidade observada. É válido elucidar que tais explicações não suportam contextos de análise abrangentes, e, por conseguinte, não podem ser extrapoladas para realidades totalizantes. As explicações (re)construídas pelas evidências encontradas no raciocínio prático cotidiano dão conta apenas de “significações interacionais de um determinado grupo, em determinado contexto histórico e cultural” (GUESSER, 2003, p. 163). Neste sentido, as investigações etnometodológicas fornecem explicações para contextos situados, ou seja, cenários socioculturais específicos nos quais se processam interações gerando significados.

Entretanto, apesar de ter um foco ‘estrito’, no sentido de não abarcar, como mote de análise, realidades totalizantes, a etnometodologia proposta por Garfinkel não possui como tema de investigação questões individuais. Em seus estudos Garfinkel evidencia sua crença de que interesses e/ou atitudes individuais não possuem relevância, no que concerne as ordens situadas (RAWLS, 2008). Conforme expresso por Oliveira e Montenegro (2012, p. 139), a preocupação de Garfinkel “é com as maneiras padronizadas nas quais as propriedades de ordem da ação situada tornam-se públicas”. Tal fato se justifica, visto que não são as motivações particulares que dotam os ordenamentos sociais de significado. Na verdade, as ações que constituem as ordens sociais possuem significado independente de questões individuais (RAWLS, 2008) e os estudos etnometodológicos buscam descrever como tais ordens sociais se tornam aparentes espaço temporalmente.

A etnometodologia busca entender como os atores percebem, interpretam e significam o mundo, bem como, como as regras formais atuam governando as interações entre estes. A sociologia tradicional defendia que a interiorização de regras estabelecidas leva a modos de ação automáticos e irrefletidos que seriam reproduzidos socialmente. Os etnometodólogos não acreditam nesta colocação, argumentando que as ações dos indivíduos não são balizadas pela posição social ocupada por eles (COULON, 1995).

A fim de se aproximar da realidade social, buscando entender como as interações

ocorrem de maneira a (re)construir a sociedade, os estudos em etnometodologia trouxeram da fenomenologia o conceito de suspensão. Como afirma Oliveira e Montenegro (2012, p. 133) “a colocação entre parênteses (a suspensão e não a negação) das teorias sobre o mundo social possibilita ao observador-pesquisador aproximar-se daquilo que os próprios membros da vida cotidiana produzem interpretativamente e reconhecem como realidade”. Seguindo o conceito de suspensão as investigações etnometodológicas devem ser pautadas por uma busca pelo entendimento da realidade prática dos atores sem concepções apriorísticas.

O pesquisador deve ir a campo sem questões pré-formuladas, roteiros estruturados ou qualquer outro instrumento que direcione a coleta de dados para fins estabelecidos (RAWLS, 2008). Segundo Bispo e Godoy (2014) a ideia é buscar compreender como os atores estudados tornam algo inteligível, ou seja, quais os métodos que estes utilizam para interpretar e significar as atividades. Assim, os etnometodólogos devem conduzir suas investigações sem preconceções, tendo em vista o alcance do entendimento do cerne das práticas cotidianas, isto é, de como elas realmente são construídas, bem como, de qual significação é atribuída às mesmas. Desse modo, “a principal preocupação do pesquisador ao ir a campo deve ser a do exercício da observação e compreensão de como os membros de um grupo agem a partir do seu ponto de vista, apoiando-se nas referências sociais que possuem” (BISPO; GODOY, 2014, p. 117). Garfinkel chama este processo de indiferença etnometodológica.

Os estudos etnometodológicos de estruturas formais estão voltados para o estudo de tais fenômenos, buscando descrever os relatos dos membros a respeito de estruturas formais onde quer e por quem quer que sejam feitos, ao mesmo tempo em que se abstêm de qualquer julgamento quanto à sua adequação, valor, importância, necessidade, praticidade, sucesso ou consequencialidade. Chamamos a essa política de procedimento de “indiferença etnometodológica” (GARFIKEL; SACKS, 1986, p. 165).

A aproximação da realidade na etnometodologia se dá por meio do entendimento do conhecimento do senso comum e das práticas dos atores sociais. Nos estudos de natureza etnometodológica, os especialistas na temática em investigação são os atores sociais envolvidos no âmbito da pesquisa e não o pesquisador, portanto, este não pode observar o fenômeno sob uma lente dotada de pressupostos preestabelecidos (BISPO; GODOY, 2014). Tendo em vista que “a Etnometodologia tem por finalidade mostrar os meios empregados pelos membros para organizar a vida social comum, a primeira tarefa de uma estratégia de investigação é descobrir o que fazem os membros” (COULON, 1995, p. 93-94). Neste sentido, trata-se os atores participantes do estudo como *experts* porque a etnometodologia enfoca o entendimento da ordem vivida em um agrupamento, sendo este obtido por meio da alteração, criação e recriação das práticas (FRANCIS; HESTER, 2004).

No estudo em pauta posso afirmar que a ida a campo se deu sem preconceitos ou concepções apriorísticas que balizassem minha interpretação, mas não pude, e não acho que seria possível fazê-lo, me despir das minhas concepções de vida e conceituais. Por mais que seja necessário manter um distanciamento da realidade estudada, a interpretação é balizada pela cognoscitividade e pela intersubjetividade. Conforme argumenta Clifford (2002, p. 43), “nem a experiência nem a atividade interpretativa do pesquisador científico podem ser consideradas inocentes”, pois qualquer interpretação envolverá algum nível de subjetividade. Assim, o processo deve ser considerado não como uma “interpretação de uma “outra” realidade circunscrita, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois, e muitas vezes mais, sujeitos conscientes e politicamente significativos”.

Apesar de muitos estudos apresentarem etapas a serem cumpridas quando se propõe a realização de um estudo lançando mão de princípios etnográficos, em geral, não é possível desenvolver a investigação de maneira linear. Muitas vezes o que se almeja encontrar só é percebido quando da finalização do estudo ou não o é encontrado e o foco muda de modo que seja dada a ênfase necessária ao que emergir do campo (SILVA, 2000). Algumas concepções podem surgir antes da imersão e outras só tempos depois da saída de campo. É um jogo constante e aproximação e distanciamento (CLIFFORD, 2002).

Precisei entender qual era a realidade antes da imersão, mas evitei conceber análises de qualquer natureza, o conhecimento obtido a priori foi necessário para a aproximação do campo. Não foram concebidos instrumentos, roteiros ou questões estruturadas que pudessem ditar o caminho, todo o processo de imersão se deu de forma natural e orgânica e foram os atores envolvidos que ditaram o ritmo da investigação. Houve momentos de maior interação e espontaneidade e momentos de estranhamento e um pouco de “desconfiança”, a exemplo de uma conversa descontraída durante um concerto na qual um dos atores investigados falou: “me sinto observado”, ao se referir a minha presença.

Tendo em vista a necessidade de aproximação do campo empírico comecei a refletir sobre a melhor forma de me inserir no Bons Sons. Será que ir apenas como festivaleira me proporcionaria as informações necessárias à compreensão da concepção e organização do evento? Provavelmente não, por isso, fui em busca de mais informações no site e descobri que eu poderia me inscrever para participar de uma seleção dos voluntários que trabalhariam no festival. Me inscrevi e fiz uma entrevista de quase vinte minutos por *Skype* como um dos organizadores do evento. Na ocasião deixei claro que gostaria de participar como voluntária na função que fosse requerida, mas, que tinha como principal interesse o desenvolvimento de um estudo de natureza acadêmica que constituiria minha tese de doutorado.

Este foi o meu primeiro contato com o campo, exceto pelas informações exibidas no site do Bons Sons. O entrevistador me falou sobre a concepção comunitária do evento, explicou que os voluntários eram parte essencial na organização do festival e que a ideia é realmente vivenciar a aldeia. Fui notificada que se selecionada deveria chegar à localidade quatro dias antes do início do festival, que ficaria hospedada nas dependências das escolas existentes na comunidade, o jardim da infância ou a escola primária e que ficaria até um dia após a finalização do festival para termos uma reunião de *feedback*. Fui selecionada e parti para Cem Soldos com a mente aberta, sem roteiros ou guias, mas, pautada por minhas concepções teóricas, portando lápis e papel para anotar tudo que me chamasse atenção, um celular sempre disponível para gravar áudio e/ou vídeo ou para fotografar o que chamasse a atenção e um *notebook* para digitar as notas de campo a cada dia.

### **3.4 Venha Viver a aldeia: Cem Soldos através do Bons Sons**

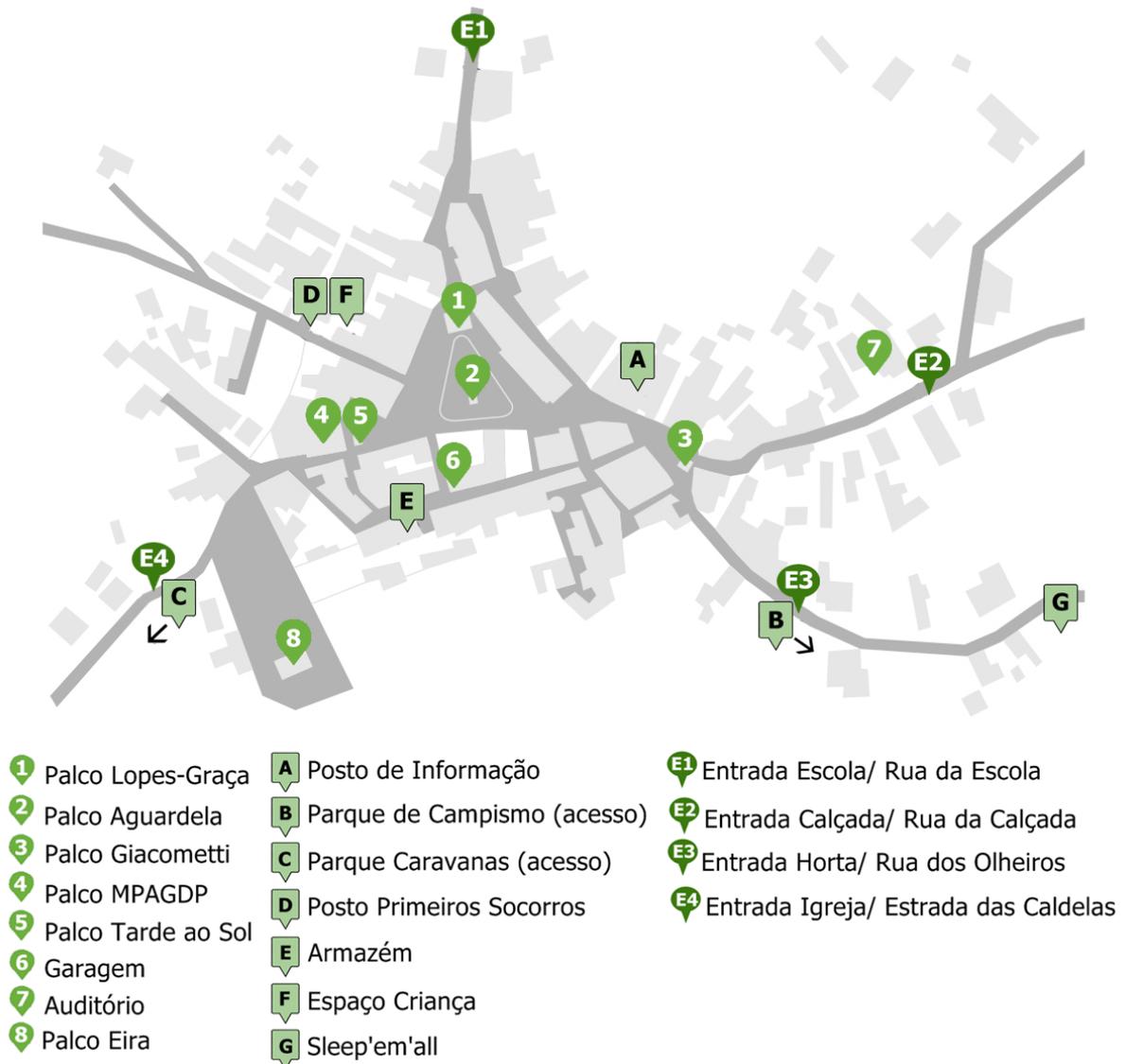
Organizado pela associação Sport Club Operário de Cem Soldos – SCOCS, o Bons Sons surgiu em 2006 com a proposta de ser um festival bienal e tendo como plataforma a música portuguesa, que na época não era divulgada e nem pensada em termos de constituição de festivais. Inicialmente, o festival contava com dois palcos, a comunidade não era fechada e não havia cobrança pela entrada. Com o tempo, o festival foi ganhando corpo e a partir de 2014 passou a ser anual. Atualmente a comunidade é fechada para a realização do festival, que envolve oito palcos e várias atividades paralelas e é amplamente conhecido no âmbito de Portugal e começa a ser reconhecido internacionalmente.

O Bons Sons se define como um festival de música portuguesa que chama o público a viver a aldeia de Cem Soldos. Aldeia em Portugal é um povoado pequeno em uma zona rural e assim o é Cem Soldos. Localizada na parte central de Portugal, Cem Soldos é uma comunidade rural pertencente à cidade de Tomar, na qual residem cerca de 600 habitantes. Durante os quatro dias de festival, a comunidade recebe mais de trinta mil pessoas. No ano de 2017 foram 32500 (trinta e duas mil e quinhentas) pessoas, o que dá uma média de quase 10 mil pessoas por dia, capacidade máxima do local. Assim, o Bons Sons ocupa todos os espaços disponíveis na comunidade, cada casa, cada repartição pública, cada espaço de uso comum, ou seja, espaços privados e públicos se transformam para dar vida ao festival.

Como pode ser visto na figura 3, a aldeia é fechada para realização do festival e todo o recinto passa a ser Bons Sons. É tudo muito orgânico e a transformação acontece do dia para noite. Na noite da quinta-feira acontece a recepção ao campista e na manhã da sexta a aldeia é

tomada por uma multidão ansiosa por vivenciar tudo que aquelas pessoas e aquele espaço podem oferecer. As cinco vias de acesso a Cem Soldos são fechadas e em quatro delas são postos pontos de entrada. A única via que fica fechada e não se constitui como entrada é a rua do pôr do sol, na qual fica o espaço criança e o posto de pronto socorro, não fazendo sentido ter entrada, visto ter crianças e prescindir um ambiente mais tranquilo e por ser preciso estar livre caso aconteça algo mais grave e seja necessário remover as pessoas.

**Figura 3** - Representação do Bons Sons no contexto da Aldeia de Cem Soldos



**Fonte:** Adaptado de Bons Sons (2017).

As outras quatro vias constituem as entradas Escola (E1) que fica próxima a escola primária, Calçada (E2) que fica na rua do posto de saúde, Horta (E3) que fica na via onde são

montados os *campings* e Igreja (E4) que fica em frente ao jardim da infância e dá acesso imediato a igreja e a praça de aldeia. Para ter acesso ao local, as pessoas, inclusive os residentes, precisam ter pulseiras. As pulseiras dos residentes, da organização, dos voluntários e dos festivaleiros com passe de um dia ou geral são distinguidas pela cor, sendo esta uma forma de reconhecer quem é quem naquele espaço que todos parecem ser um só.

O festival, que tem como mote divulgar a música portuguesa, conta com oito palcos nos quais artistas, consagrados ou novatos, advindos de regiões diversas e dos mais variados estilos musicais, fazem suas performances. No Bons Sons, os artistas não concorrem, cada um tem seu tempo e espaço, não ocorrem concertos musicais em paralelo. A ideia é divulgar a música portuguesa, seja esta de artistas novatos, que estejam trabalhando em suas primeiras construções musicais; consagrados, que tenham anos de carreira, mesmo que estejam meio esquecidos pelos festivais; ou daqueles que estão em alta no momento e são os nomes de muitos festivais. O objetivo é que as pessoas conheçam a diversidade, em termos gêneros e estilos, e a qualidade musical de Portugal. As escolhas de estilos, ritmos e horários por palco buscam respeitar os espaços locais.

O palco principal é o Lopes-Graça (1) que toma lugar na praça entre algumas árvores. Mas, engana-se quem pensa que este palco atrai apenas pela música, se à noite a música toma conta de tudo e todos neste espaço, as tardes são tomadas por pessoas que querem descansar e papear na relva sintética, se entreter nos jogos do Hélder ou pulando corda, ou, simplesmente, sentar e vivenciar toda a energia do momento. Em frente ao palco Lopes-Graça fica o palco Aguardela (2) o qual dá vida à madrugada de Cem Soldos durante os Bons Sons. Nele acontecem os concertos eletrônicos, em sua maioria orquestrados por DJs. É um palco que congrega basicamente os jovens que encerram suas noites quase ao amanhecer de um novo dia.

As tardes e inícios de noite são dominados por três palcos. Quase em frente à sede da SCOCS, há um espaço aberto entre duas ruas, é o local perfeito para montar um palco em forma de coreto e ali ganha vida o palco Giacometti (3), o mais entusiástico dos palcos. É um palco lindo, onde projetos mais alternativos e inspiradores tomam conta das tardes ensolaradas. Os inícios de tarde são embalados por músicas mais intimistas dentro da igreja. O altar dá espaço ao palco MPAGDP (4) onde artistas mostram as mais variadas formas de música. Este palco é uma parceria do Bons Sons com o projeto Música Portuguesa A Gosta Dela Própria (MPAGDP) e os artistas são advindos do projeto. A música é mais intimista por ser um ambiente fechado e por ser dentro de uma igreja, espaço sagrado para muitas pessoas. As pessoas assistem ao concerto sentados nos bancos da igreja. No concerto que estive

presente, pude perceber que, além dos jovens, muitas pessoas mais velhas, inclusive muitos moradores, vão a estes concertos e vivenciam a experiência, se empolgam e até cantam junto. Os finais de tarde ficam por conta de projetos experimentais que ganham vida na sacada da igreja, onde fica o palco Tarde de Sol (5). Neste palco a música vem de múltiplos instrumentos, sons diversos, nem sempre tradicionais, muitos experimentais alentam os pores do sol a cada dia de festival

Ainda durante as tardes existem duas alternativas aos concertos. O palco Garagem (6) que fica literalmente em uma garagem onde as pessoas podem se apresentar e mostrar seus talentos musicais; para tanto basta se inscreverem no posto de informações. O ambiente permite que as pessoas que estão dando os primeiros passos na música possam se apresentar. O palco fica em uma área bastante movimentada e muitas pessoas acabam por ver as performances, sendo esta uma oportunidade de expor um trabalho inicial. E o palco auditório (7) que ganha vida no espaço onde funciona o posto de saúde da comunidade. Este palco é destinado a uma programação diferente, contando com um espaço fechado, nele os concertos são mais performáticos e envolvem um palco que se transforma em sala de cinema. Assim, tanto são exibidos curtas metragens como são desenvolvidos espetáculos musicais de vanguarda e experimentais.

Por fim, junta-se aos palcos Lopes-Graça e Aguardela para animar as noites festivas o palco Eira (8). Este é o palco mais rural de todos, nele as pessoas cantam, gritam, dançam e perdem as vozes ao levantar poeira, pois o cenário é montado no chão batido, no barro. Os concertos são mais dançantes ou envolventes de uma maneira agitada, o que é uma escolha inteligente, pois este é o palco mais afastado das casas e que conta com mais espaço, permitindo que as pessoas possam se agitar, pular e dançar mais livremente. Aqui se vê todo tipo de público, inclusive algumas pessoas com mais idade que enfrentam o frio intenso, por ser em uma área aberta, e a nuvem de poeira, por ser uma área na terra, e vão prestigiar os artistas. Na minha opinião, é o palco que congrega os concertos mais vibrantes.

Além dos concertos existem muitas atividades paralelas voltadas para as famílias. Um dos pilares do festival é o envolvimento de todas as pessoas, por isso existem uma programação voltada para as crianças. No Armazém (E), acontecem as atividades do programa músicas para crianças. É um espaço fechado, no qual se monta um cenário voltado às crianças que podem ter de meses até oito anos e existe um professor que coordena a participação. São três sessões a cada manhã e uma delas é voltada às grávidas. A ideia é usar a música para desenvolver capacidades motoras e de comunicação nas crianças desde a barriga da mãe. À tarde neste mesmo espaço acontece as oficinas voltadas às crianças mais velhas e

pré-adolescentes. A oficina Orquestra Tradicional proporciona o contato com instrumentos, estimulando a capacidade de sentir novas dimensões musicais. Esta atividade é realizada em parceria com a Canto Firme de Tomar. A oficina Vem Tocar Bateria é conduzida por Nuno Sarafa, baterista e percussionista e tem por objetivo estimular a criatividade musical e ensinar como construir instrumentos a partir de materiais recicláveis.

Além disso, os pais contam com o espaço criança (F) onde existe o serviço de *babysitting* e uma estrutura adaptada para as crianças. Este espaço normalmente é a sede dos escoteiros e durante o festival se transforma para receber crianças. No espaço criança, os pais podem trocar fraldas e levar as crianças a sanitários adequados, podem ainda colocá-los para dormir um pouco em um lugar mais calma e fresco. As crianças entre 3 (três) e 10 (dez) anos podem ficar no espaço criança por um período de até 4 (quatro) horas, mediante o pagamento de um valor simbólico pelo serviço de *babysitting*. São programadas atividades educativas para envolver as crianças que ficam neste espaço. Este ano muitas das atividades foram voltadas ao meio ambiente, pois estas fizeram parte do plano ecológico do festival, então as crianças aprenderam, por exemplo, a fazer uma sementeira. Ao lado do espaço criança fica o centro de Primeiros Socorros (D).

A interação com os animais, com a leitura e com a própria comunidade são reforçadas por meio de outras atividades voltadas às crianças. Existe uma parceria que a Associação para Estudo e Proteção do Gado Asinino que propicia passeios de burros duas vezes ao dia e uma aula diária sobre este animal. A biblioteca itinerante é outra atração, o burro carregado de livros passeia pelas ruas e um contador de estórias vai fazendo as crianças viajarem por meio da leitura. Existe, ainda, as visitas guiadas na comunidade que são conduzidas por pré-adolescentes da comunidade e permitem a imersão na história de cada canto da aldeia. Outra opção de entretenimento para as crianças maiores são os Jogos do Hélder, jogos de madeira sem interação multimídia, que fazem as pessoas socializarem e se encontram distribuídos pela área central da comunidade.

Para se inscrever em qualquer atividade que requeira inscrição prévia, as pessoas podem ir até o Posto de Informações (A) que fica dentro da sede da SCOCS. Além de realizar inscrição, no posto de informações, é possível obter outras informações sobre o festival, carregar celular ou deixar pertences em um armário de acesso restrito. Na sede a SCOCS existem mesas para quem quer descansar um pouco e tomar um café, um refresco ou uma cerveja, que pode ser adquirido no bar da associação. Também é possível assistir aos jogos que estiverem passando na televisão ou jogar ténis de mesa (*ping pong*).

Além de todas estas atividades, os festivaleiros podem usufruir de uma feira de marroquinarias e de opções diversas de restauração (comida). A feira de marroquinarias funciona ao longo da rua em que está localizado o Armazém e em outra rua entre o Posto de Informações e o palco Lopes-Graça. Muitos artesãos expõem seus trabalhos e vendem seus produtos que vão desde roupas, bolsas e acessórios a livros usados, brinquedos e artigos de decoração. Os espaços de alimentação, em sua maioria são providenciados pela própria aldeia, além dos negócios locais, como as tascas, o café da Tonita e o mercado, que são tomados por uma leva de pessoas, tem o café da associação e são criados dois restaurantes em quintais, um para petiscos e outro em estilo *self service*, ambos mantidos pelas senhoras da aldeia e por voluntários. Em 2017 somaram-se a estes um *trailer* de faturas (churros), um espaço para venda de doces portugueses, como pastel de belém ou de nata, e vários pães com recheios, um quiosque vegetariano e outro de *pizza*.

Como espaços de hospedagem na própria aldeia, tem-se espaços para camping e caravanas. As casas das pessoas da aldeia ficam superlotadas, pois familiares e amigos vem para o festival, além disso, as duas escolas existentes são ocupadas pelos voluntários externos. O festival disponibiliza um espaço amplo e arborizado para o campismo (B), o qual fica fora da entrada (E3) do festival e é gratuito e um espaço pago, o *Sleep 'em 'all* (G), que oferece maior privacidade e comodidade e fica localizado ao lado da entrada (E3), bem mais perto do centro da aldeia. Além disso, existe um espaço para montar acampamento e estacionar *trailer* para aqueles que chegam ao festival em caravanas (C). Os hotéis da região também acabam tendo lotação completa durante o festival, pois algumas pessoas preferem não acampar e ter maior conforto. O importante é viver a aldeia e curtir as muitas formas de vivenciar a música portuguesa.

Apesar de ser denominado um festival de música portuguesa, e o Bons Sons é um festival de música portuguesa, quem vive a experiência entende que ele é muito mais que um festival de música. A música é um aspecto, mas não é nem de longe o principal atrativo do festival. Como salienta Shifter (2017, p. 1) “mais que um festival de verão, o Bons Sons é um convite a viver a aldeia de Cem Soldos”. Ao interagir com as pessoas e vivenciar as atividades que vão se desenrolando, é possível perceber que o que faz com que as pessoas participem do festival é a atmosfera do ambiente. Muitos afirmam não conhecer muitos dos artistas ou não ter interesses em concertos específicos, muitos deixam os concertos para deitar na relva em frente ao palco principal, para jogar tênis de mesa dentro da associação, para pular corda ou mesmo para sentar em algum estabelecimento e jogar conversa fora.

Quando me foi sugerido o Bons Sons eu achei que seria interessante estudar um festival que ocorre em um contexto rural, tem como foco na música local e se enfatiza questões ecológicas. A participação como voluntária me permitiu ter uma vivência muito além do que seria possível como festivaleira ou pesquisadora. À medida em que me envolvia nas atividades de preparação da aldeia e que via um espaço rural comum se transformar em uma “pequena cidade” capaz de receber um festival de tamanha magnitude, fui percebendo que o festival e a comunidade se misturavam. Como um festival de quatro dias realizado uma vez por ano podia ter propiciado a manutenção de uma escola em funcionamento e criado um atelier de costura para as avós (senhoras da aldeia) que funciona o ano todo foram questões que me inquietaram nos primeiros dias. Fui percebendo que a cada conversa emergiam projetos derivados do festival que não faziam sentido se vinculados apenas ao festival e ao questionar isso entendi que o festival, a associação e a comunidade estavam intrinsecamente imbricados.

A imersão em campo foi evidenciando que não era possível separar o festival da aldeia. Como expressou Tiago Pereira do projeto Música Portuguesa A Gosta Dela Própria (MPAGDP), o Bons Sons “não é o festival na aldeia, a aldeia é que é o festival” (RIOS, 2017, p.1), isto é, Cem Soldos se torna o Bons Sons e o Bons Sons é Cem Soldos. O festival colocou a aldeia no mapa, todos conhecem Cem Soldos pela dimensão que o festival tomou, sobretudo, no contexto de Portugal, mas que está tomando uma dimensão internacional. É interessante como todos são inseridos na comunidade como se fossem parte dela, as casas e as pessoas se abrem à multidão que vive o festival. Como expressou Shifter (2017, p. 1) “uma aldeia que dá para viver de tantas formas distintas por tantas pessoas diferentes, só pode ser descrita em conjunto”. Então, falar do Bons Sons é falar de Cem Soldos e vice-versa e a conceituação do festival envolve múltiplas dimensões.

O Bons Sons são as crianças soltas a brincar no meio de todos ou a participar das muitas atividades focadas nelas; são os pais, que tem a possibilidade de vivenciar momentos com seus filhos, desde a barriga até a adolescência, em pleno festival, pois famílias são desejadas naquela vivência e tem espaço em meio a tantas atividade; são as senhoras em suas janelas observando a movimentação, curtindo os concertos ou conversando com as muitas pessoas que naqueles dias são também pertencentes aquela comunidade; são os senhores sentados naquele banco da praça, que parece um local deles, conversando entre si, vivenciando toda aquela multiplicidade de sons e pessoas, e se você parar e for conversar com eles, verá o quão felizes eles estão por fazerem parte daquilo; são os voluntários, externos, em sua maioria jovens, que vão lá e dão sua contribuição ao mesmo tempo em que curtem o

festival ou locais que usam suas férias para trabalhar na montagem do festival e se orgulham por darem vida a tudo aquilo; são os artistas que fazem adaptações e ou criam um concerto diferente para se adequar às especificidades da localidade e que fazem muito bonito e tornam cada concerto algo muito especial; são os profissionais da imprensa que estão presentes tentando captar cada nuance e que tentam, a muito custo, traduzir tanta mágica em palavras, são os festivaleiros que se imbuem de simplicidade e que respeitam a tudo, salientem-se as uvas apetitosas em frente a um dos palcos que, em sua maioria, continuaram lá ao final do festival, e a todos, moradores, animais, crianças; são as aparições surpresas de algum artista em uma das janelas a dar um concerto instantâneo e as bisnagas de água a serem usadas para refrescar a todos nas tardes ensolaradas.

A expressão “o todo é maior que a soma das partes” nunca fez tanto sentido para mim, saliente-se que muito escutei sobre esta expressão ao longo dos anos na graduação em Administração. A envolvimento das pessoas e o sentimento de pertencimento tornam o festival algo mágico. O sentimento que tive foi de que estava vivendo uma utopia, mas uma utopia real.

### **3.5 Coleta de Dados**

Nas pesquisas de cunho quantitativo os pesquisadores precisam estabelecer critérios para selecionar uma amostra da população, os quais se baseiam em estatística e se bem delineados são representativos daquela população (BAUER; AARTS, 2002). Tal técnica é utilizada nas pesquisas sociais, contudo, ao estudar fenômenos sociais, muitas vezes não é viável ou desejável a quantificação. No caso dos estudos qualitativos, não se constitui amostra e sim corpus. O corpus é o conjunto de materiais: textos, imagens ou sons, representativos de determinada realidade, que o pesquisador escolhe para trabalhar (BARTHES, 1964). Tal escolha envolve uma certa arbitrariedade, pois os critérios são determinados por quem faz o estudo, mas deve ser pautada em construtos justificáveis (BAUER; AARTS, 2002).

Ten Have (2004) afirma que uma das formas de estruturar um estudo de natureza etnometodológica é utilizando estratégias de campo a fim de investigar situações naturais, nas quais a significação é compartilhada pelos atores envolvidos. No intento de ter um vislumbre da realidade possibilitando a interpretação das práticas dos agentes sem que este processo seja impregnado por pressupostos apriorísticos, em estudos de natureza etnometodológica, são utilizados múltiplos métodos de coleta de dados.

Os instrumentos de coleta utilizados são os mesmos da etnografia, mas, as nuances objetivadas na coleta divergem em virtude da natureza da investigação. De acordo com Coulon (1995), os instrumentos de coleta utilizados em pesquisas que adotam a etnometodologia são: observação direta, observação participante, conversas informais e diálogos, gravações em vídeo, gravações de material pelos próprios atores, gravações de comentários sobre os fatos observados. São utilizados ainda fotos, documentos, notas de campo e entrevistas (RAWLS, 2008; TEN HAVE, 2004). Vale salientar que apesar de a entrevista ter despontado como sendo de uso natural em pesquisas qualitativas, nos estudos etnometodológicos esta não deve ser a fonte principal de dados devido à necessidade de acessar os sentidos atribuídos na realidade observada (TEN HAVE, 2004).

Neste estudo, os dados foram coletados, principalmente, por meio de observação participante, conversas e diálogos informais, diários de campo, fotos e vídeos e entrevistas abertas, evitou-se entrevistas formalizadas, estas foram realizadas de modo informal e aberto, sem roteiro, no contexto em que as pessoas vivem. Mas, também foram usadas informações de terceiros advindas de materiais divulgados em jornais e revistas, de blogs e páginas pessoais vinculadas em domínio público, de sites e páginas oficiais do evento e de documentos de acesso restrito obtidos por intermédio dos membros de organização do evento. Todo esse processo de coleta de dados envolveu uma pessoalidade inerente aos estudos que lançam mão de técnicas oriundas dos estudos etnográficos.

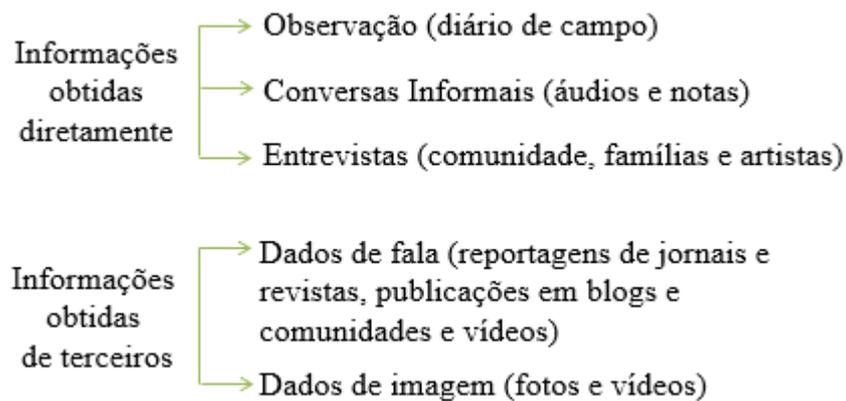
### 3.5.1 Construção do Corpus

Neste estudo a construção do corpus, no que concerne as informações obtidas diretamente, ocorreu entre os dias 07 (sete) e 15 (quinze) de agosto de 2017. O Bons Sons aconteceu entre os dias 11 (onze) e 14 (quatorze), mas os voluntários foram requisitados a partir do dia sete e dia quinze tivemos uma reunião de encerramento para feedback. No que diz respeito as informações obtidas de terceiros, a constituição do corpus ocorreu entre o dia 07 (sete) de agosto e o dia 17 (dezessete) de setembro. Neste período, foram agrupados vídeos, reportagens de jornais e revistas e publicações em *blogs* e comunidades. Na figura 4 é possível ver a composição do *corpus* deste estudo.

Durantes estes 8 dias, vivenciei a aldeia como voluntária, mas fomos acolhidos como se fôssemos Cem Soldenses, tanto pela organização, como pelos membros da comunidade. Foram muitas as vezes que ouvi: já são Cem Soldenses, tanto dos moradores, como do diretor do festival que enfatizou na reunião de recepção que seríamos Cem Soldenses naquela semana e do

coordenador dos voluntários que muitas vezes mencionou que nós seríamos embaixadores do festival. Neste período, eu pude ver e viver a comunidade em sua totalidade; comi e bebi nos estabelecimentos existentes lá; conversei com moradores; fui a missa; fiquei sem internet, só acessava, rapidamente, uma ou duas vezes ao dia o *wifi* de um café, o que foi bom porque não tinha distrações; e não me ausentei da comunidade em momento algum, portanto, foi um processo de imersão total.

**Figura 4 - Composição do Corpus**



**Fonte:** Aatoria (2017).

Tal vivência me permitiu acessar o universo estudado em sua face mais real. A principal base de coleta de dados que compõe um corpus em estudos que se apropriam de instrumentos de coleta etnográficos é a observação participante (JOHNSTONE, 2000). É a partir da imersão no universo pesquisado que é possível identificar quem são atores que devem ser abordados, as temáticas a serem discutidas e os ambientes a serem observados.

Conforme Haguette (1992), a observação participante tem sua origem atribuída aos estudos da Antropologia iniciados com Malinowski e/ou da Escola Sociológica de Chicago. Ambos os campos se utilizaram de técnicas análogas ao abordar o objeto em estudo, sobretudo, “no valor que alocaram à participação do pesquisador no local pesquisado, e à necessidade de ver o mundo através dos olhos dos pesquisados”. O que difere entre as abordagens é o foco de análise; enquanto a antropologia está preocupada em entender os sentidos das sociedades primitivas, a sociologia considera a sociedade em geral como um emaranhado de sentidos atribuídos ao longo das interações (HAGUETTE, 1992, p. 67). Tomando por base a sociologia interacional, entende-se, neste estudo, que as práticas se constituem a partir das interações que ocorrem em *sites*, portanto, a observação participante surgiu como uma fonte substancial de dados.

O processo de observação ocorreu nos 8 (oito) dias de vivência na comunidade e se caracterizou como participante. A observação participante é “um processo no qual a presença do observador numa situação social é mantida para fins de observação científica. O observador está em relação face a face com os observados, e, ao participar da vida deles, coleta dados” (SCHWARTZ; SCHWARTZ, 1955, p.344). Além de viver intensamente as atividades da comunidade, nos preparativos, durante e, rapidamente, pós festival, como observadora/pesquisadora, o fato de ser voluntária me tornava parte de tudo aquilo.

Todos os dias, antes do início do festival, pela manhã e no final da tarde ou início da noite eu caminhava pela comunidade vendo cada canto, cada rua e cada pessoa que trabalhava ou caminhava por lá, falava com uma ou outra pessoa e percebia as mudanças que iam se processando. Durante o festival, busquei participar um pouco em cada espaço, fui a pelo menos uma atividade ou concerto em cada palco, vivenciei todos os horários do festival, estive pelo menos uma vez em cada espaço, desde a primeira atividade da manhã focada nas crianças até o último DJ do dia, passando pelos concertos nos diversos palcos, pelas visitas guiadas, pelos passeios de burros, pelo espaço criança, pelos jogos do Helder, entre outras.

Enquanto observadora/pesquisadora interagi com alguns artistas em entrevistas antes dos concertos; com as famílias e grávidas participantes da atividade denominada música para crianças, tanto durante a realização destas atividades quanto em entrevistas *a posteriori*; e com a comunidade, observando, refletindo, conversando, entrevistando e participando das atividades em geral. A interação com a comunidade aconteceu de forma mais intensa nos dias que precederam o evento, pois quando o festival começou tudo se misturou e se transformou em um uníssono de pessoas com o mesmo interesse: viver a aldeia. Mas, ainda era possível observar os moradores em suas janelas, sobretudo as senhoras, em um dos bancos da praça, em geral os senhores, principalmente entre o meio e final da tarde. Também era possível interagir com o pessoal que trabalhava nos estabelecimentos comerciais existentes na comunidade.

Como observadora/pesquisadora e ao mesmo tempo voluntária, interagi com o pessoal do meu grupo de trabalho, o estudos de públicos, o qual foi responsável por aplicar questionários com o público, a fim de traçar o perfil deste. O grupo foi composto por um Cem Soldense, que era o coordenador, sua namorada, eu, uma mestranda e um outro doutorando, os dois últimos também foram com o objetivo de estudar o festival. As interações ocorreram nas reuniões existentes, tanto antes quanto durante o festival, e nos momentos que nos encontrávamos no café ou na associação. Além disso, este grupo era supervisionado pela coordenadora de *merchandising* e pelo coordenador dos voluntários, os quais participaram da maioria das reuniões e com os quais conversei em muitas ocasiões.

Como voluntária, interagi com os demais voluntários a fim de nos conhecermos, dividirmos espaço e realizarmos os trabalhos de montagem do festival da melhor maneira possível. Estas interações aconteceram de forma mais intensa no pré-evento, pois as atividades eram mais coletivas. Durante o evento cada grupo estava envolvido com uma atividade específica. Como expressou o diretor do festival, na reunião inicial conosco, as atividades feitas por nós na sede da associação, como a confecção de bandeiras para o palco Eira, a finalização dos panfletos e a preparação das canecas que eliminaram os copos descartáveis:

são os novos maneios da agricultura, antigamente as pessoas juntavam-se a volta do milho ou a volta do feijão e conversavam, achamos que estas atividades também são importantes para estarem a volta delas e se conhecerem-se, portanto, aproveitem estes momentos também para se conhecerem [...] porque é muito repetitiva [a atividade] aproveitem para saberem que são, acho que é uma boa forma, esta lógica de cultura agarrada aos processos laborais [...] marcam o ritmo dos meios de convívio, é muito importante [...] (DIREÇÃO BONS SONS).

E assim, aconteciam as tardes e as noites, antes do festival, na comunidade, todos se reuniam e desempenhavam atividades colaborativas o que nos levou a interação e convívio. Em algumas ocasiões, alguns moradores se juntaram a nós para trabalhar e conversar. Na primeira noite, por exemplo, fiquei na mesa dobrando panfletos com um senhor que nos falou bastante sobre a vivência dele ali. A figura 5 traz ilustrações que exemplificam alguns destes momentos.

Ainda, como voluntária, interagi com o público em geral ao aplicar os questionários de estudo de público para a organização, o que aconteceu todos os quatro dias de festival. Apliquei 42 questionários com públicos diversos, entre 16 e 73 anos, homens e mulheres. Durante a aplicação, como o questionário tinha duas páginas e versava sobre muitos tópicos, as pessoas iam conversando e emitindo opiniões e nós interagíamos. O fato de eu ser brasileira, bastava que eu falasse uma palavra para eles perceberem, fazia com que a conversa fluísse, ou por eles quererem saber o que eu fazia ali, ou por me explicarem algo que eu não sabia, tem muitas palavras que são bem diferentes, então, foi um processo bem envolvente. A figura 6 ilustra um dos ambientes em que apliquei questionário. Nela apareço fazendo as perguntas a uma jovem, mas todas que fazem parte do grupo acabam comentando algo. Em quase todas as ocasiões que apliquei questionários o grupo acabou interagindo, em um caso específico acompanhei quatro pessoas até um dos restaurantes.

**Figura 5** - Voluntários externos em atividade na SCOCS



**Fonte:** Fotos da coleta (2017).

**Figura 6** - Um dos ambientes de aplicação dos questionários



**Fonte:** Fotos da coleta, por Paulo Nunes (2017).

Conforme Baztán (1995) em estudos que usam instrumentos de coleta etnográficos a finalidade é fazer uma descrição sobre a comunidade em estudo, sendo o trabalho de campo, em particular, a observação participante, o processo e o relato o produto. Por isso, manter um diário de campo detalhado e com as impressões pessoais é essencial neste tipo de estudo (VÍCTORA; KNAUTH; HASSEN, 2000). Desse modo, tudo que foi observado e conversado gerou o diário de campo, composto por todas as notas tomadas durante estes dias. Como o

ritmo foi muito intenso provavelmente coisas se perderam, mas o que chamava atenção era sempre anotado, o meu caderno e uma caneta estavam sempre a postos. Ao longo do dia, anotações eram feitas em cadernos e à noite estas eram digitadas e ganhavam mais comentários e reflexões. Ao final, estas geraram dezesseis (16) páginas digitadas no editor de texto *Word*, as quais constam no Apêndice A.

Ladeira (2007) argumenta que a associação da observação participante com dados de fala tem sido profícua na geração de estudos mais robustos, pois existe uma complementariedade. A partir da observação do contexto é possível conhecer nuances e detalhes socioculturais da comunidade em estudo, o que permite a identificação dos atores que detêm informações acerca do fenômeno em estudo (CICOUREL, 1992). Neste momento é importante distinguir entre os informantes que emitem o discurso oficial e os que falam mais abertamente (BAZTÁN, 1995). Partindo, destas premissas, utilizou-se como instrumentos de coleta, conversas informais e entrevistas não estruturadas, as quais ocorreram durante os dias de imersão da comunidade, por conseguinte, concomitante com o processo de observação.

Entende-se que conversa “um espaço de formação, de troca de experiências, de confraternização, de desabafo” que “muda caminhos, forja opiniões [...]” (MOURA; LIMA, 2014, p. 99), portanto, não há a formalidade inerente as entrevistas. As pessoas estavam cientes do meu interesse em estudar aquela realidade e se mostraram curiosas, receptivas e até receosas, em alguns momentos. As conversas foram acontecendo de forma envolvente e orgânica, as pessoas queriam falar sobre o Bons Sons. Em alguns momentos não foi fácil porque todos estavam muito ocupados e cheios de atividades, mas todas as conversas ocorreram de forma leve e contributiva.

Algumas interações foram rápidas e geraram notas de campo, mas outras foram mais duradouras e geraram áudios que serviram como suporte à memória. Não são áudios formais, são gravações que foram usadas para que fosse possível lembrar fatos ao redigir as notas de campo. Para não expor os nomes das pessoas foram criados códigos para identificação dos participantes da pesquisa. Na figura 7 é possível observar o código atribuído aos atores que deram origem às conversas informais que geraram áudios.

As primeiras conversas aconteceram com o coordenador dos voluntários, com a coordenadora de *merchandising* e com o coordenador do meu grupo de trabalho. Isso ocorreu porque meu trabalho como voluntária foi coordenado por eles e, assim, eles se tornaram minha ponte de acesso à comunidade. A primeira conversa aconteceu na entrevista de seleção com o coordenador dos voluntários e não foi gravada. A segunda aconteceu no momento que conheci o coordenador do meu grupo de trabalho, o que ocorreu ao final da reunião inicial

com os voluntários. Na ocasião, soubemos quais seriam nossos grupos e fomos direcionados a conversar com nossos coordenadores. Nesta reunião o coordenador dos voluntários me apresentou como doutoranda interessada em pesquisar o festival, portanto, todos os presentes ficaram sabendo que eu iria atuar não só como voluntária, mas como pesquisadora. Ao encontrar com meu coordenador de grupo, ele marcou uma reunião para o dia seguinte e já falou um pouco sobre a dinâmica na comunidade, foi uma surpresa ele começar a falar e não gravei.

**Figura 7** - Identificação dos Atores Participantes de Conversas Informais

Ator	Código	Função Social
01	CV	Coordenação dos Voluntários
02	CEP	Coordenação de Estudos de Públicos
03	CM	Coordenação de Merchandising
04	DBS*	Diretor do Bons Sons
05	CPE**	Coordenação Plano Ecológico
06	VGC***	Visita Guiada pelas Crianças

\*Não foi uma conversa direta, foi uma apresentação do festival na reunião de recepção dos voluntários

\*\* Não foi uma conversa direta, foi uma apresentação das medidas do plano ecológico na reunião de recepção dos voluntários

\*\*\*Foi um momento de apresentação da comunidade em que pude ver os espaços sob a ótica de dois pré-adolescentes

**Fonte:** Aúria (2017).

Na nossa primeira reunião tivemos como tarefa tabular os dados dos questionários aplicados com os voluntários na chegada ao festival. No meio deste trabalho, o coordenador do grupo de trabalho começou a falar sobre o festival e a comunidade e eu comecei a conversar com ele sobre pontos que ele havia mencionado no dia anterior e sobre novas curiosidades e fiz um áudio. A partir destas informações, comecei a esboçar pontos que gostaria de saber mais e solicitei uma conversa com todos os componentes do grupo e o coordenador dos voluntários e a coordenadora de *merchandising* para sabermos quais nossos limites e possibilidades de pesquisa, com quem deveríamos falar sobre cada assunto e se poderíamos fazê-lo. Marcamos um café e nesta conversa, gravada, expus minhas dúvidas e os

pontos que eu queria explorar e eles me indicaram os atores que poderiam melhor informar sobre cada tema.

Além destas ocasiões, foi gravada em áudio a apresentação que o diretor do festival fez para os voluntários. Na ocasião, ele falou um pouco sobre o que é o evento, como surgiu, quais as mudanças e o que se esperava dos voluntários. E a apresentação das medidas do plano ecológico, as quais foram reforçadas este ano, foi realizada na mesma ocasião, pela coordenadora do plano ecológico. Em uma das entrevistas, fiquei sabendo que haveria visitas guiadas pelas crianças durante o festival. Me inscrevi e fui a uma, por meio desta, pude ver os espaços da comunidade sob a ótica de dois pré-adolescentes que não vivem na aldeia, mas foram passar as férias e se envolveram em várias atividades propostas pela associação. O áudio do passeio, das explicações e interações foi gravado.

Outras interações foram desenvolvidas e diálogos interessantes aconteceram. São exemplos as conversas com a coordenação do espaço criança, com a coordenação de música para crianças e com o padre e com a senhora que trabalha na casa dele, ao final da missa e ao final da entrevista com ele. A partir destas conversas, emergiram muitas informações, ora sobre o festival ora sobre a comunidade e tudo foi se misturando. Em algumas ocasiões, as pessoas me procuraram para contar algo, explicar um fato, dizer que eu devia falar com outra pessoa. As informações foram se encontrando e formando a história sobre o festival e a comunidade e para meu registro foram incorporadas as notas de campo.

No que concerne às entrevistas entende-se que “a compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é a condição *sine qua non* da entrevista qualitativa”. As entrevistas qualitativas podem ter “um fim em si mesmo” quando almejam fornecer “uma ‘descrição detalhada’ de um meio social específico” (GASKELL, 2002, p. 63). No estudo em questão esta descrição era o foco devido à necessidade de conhecer o máximo sobre o festival e a interação deste com a comunidade. Por este motivo, optou-se pela entrevista não estruturada, aquela em que o entrevistado tem a prerrogativa de decidir sobre o que falar e como construir suas menções quanto à realidade discutida e em que o entrevistador tem a possibilidade de trazer os assuntos que achar convenientes para aquela interação (LAVILLE; DIONE, 1999). A ideia de não ter um roteiro foi permitir que as pessoas falassem de forma mais livre e escolhessem o que enfatizar ao abordar o festival e a comunidade.

Não se pretendeu com este processo alcançar uma objetividade, as escolhas da temática e dos atores foram imbuídas de subjetividade. Mas, porque dentro daquele universo de pessoas escolher esta e não aquela? O que pautou a minha escolha pelos atores foi o conceito de sustentabilidade adotado no âmbito deste estudo e, claro, as minhas vivências e

conhecimentos anteriores. Nas conversas informais, alguns temas foram me chamando atenção: a inserção dos idosos e das crianças no sentido que criar uma comunidade colaborativa; o reconhecimento das questões ambientais no âmbito do festival e a sustentação econômica independente de patrocínios. Guiada por estas questões, fui direcionada às pessoas que poderiam falar sobre estes aspectos em específico. Na figura 8 é possível visualizar o código atribuído aos atores que foram entrevistados e a duração de cada interação.

Apesar de não lançar mão de um roteiro preestabelecido era necessário ter algo que norteasse a realização da entrevista e eu optei pelos preceitos estabelecidos por Flick (2002, p. 117) ao discorrer sobre entrevista episódica. Desse modo, as pessoas foram convidadas a falar sobre o Bons Sons de forma geral e sobre alguns aspectos ou questões específicas que haviam me chamado a atenção pela observação ou pelas conversas informais. Eu busquei mencionar situações concretas e cotidianas da comunidade em geral e deixar os participantes livres para escolher sua forma de resposta, os exemplos e as vivências que expressariam melhor a relação do Bons Sons com a temática proposta.

**Figura 8** - Identificação dos Atores Participantes Entrevistados e Duração da Interação

Ator	Código	Função Social	Duração
01	CEA	Coordenação Escola Aldeia	60 minutos
02	CGA	Coordenação Grupo das Avós	30 minutos
03	P	Padre	29 minutos
04	CMC	Coordenação Música para Crianças	11 minutos
05	CGE	Coordenação Grupo de Escoteiros	10 minutos
06	CPE*	Coordenação Plano Ecológico	63 minutos

\*Nesta entrevista houve a participação da Coordenação do Espaço Criança – CEC e de uma Colaboradora do Espaço Criança que trabalha no ATL, a qual receberá o código: CA

**Fonte:** Aatoria (2017).

As entrevistas ocorreram em meio à organização ou realização do festival e foram realizadas no ambiente de atuação dos atores. As interações ocorreram na associação com as coordenações escola aldeia e grupo de escoteiros; no espaço criança, que é onde fica a sede do grupo de escoteiros com a coordenação plano ecológico; na tasca com a coordenação música para crianças. Estes eram os ambientes onde os atores estavam desempenhando suas funções

no momento da entrevista. No caso da coordenação grupo das avós e do padre fui recebida em suas casas para realização da entrevista.

Além dos membros da comunidade, foram entrevistadas 11 (onze) famílias enfocando na inclusão de atividades para as crianças no âmbito do festival e 6 (seis) com artistas enfatizando o sentimento deles em serem parte do festival. As entrevistas foram realizadas durante o festival, por isso, não pude estar presente em todas. Em alguns momentos eu precisava estar em outro lugar envolvida com outra entrevista, conversa, observação ou desempenhando alguma atividade relacionada ao festival e não podia participar. As famílias eram o foco da mestrandia e ela realizou as interações, mas estive presente junto com ela em algumas, fazendo alguma intervenção e/ou conversando com as crianças. Os artistas foram uma demanda que surgiu da organização depois que o doutorando teve a ideia de estudar a percepção deles sobre o festival. Desse modo, foi ele que direcionou as entrevistas, mas em algumas ocasiões eu e a mestrandia o acompanhamos e fizemos pequenas inserções na conversa.

As entrevistas com as famílias ocorreram após alguma das sessões de música para crianças e foram conduzidas pela mestrandia. Eu a acompanhei em cinco entrevistas, uma das quais foi bastante interessante por envolver duas famílias cujos os pais eram voluntários na organização do festival e falaram sobre assuntos diversos, além do música para crianças. Não houve um critério determinante para selecionar as famílias, se elas estivessem no música para crianças, ao final da sessão, eram chamadas a participar da pesquisa pela coordenadora do música para crianças, o único critério que se colocou foi haver famílias que estavam indo pela primeira vez e que já haviam participado em edições anteriores das atividades voltadas para crianças. Todas as entrevistas foram gravadas e as principais percepções, bem como, uma transcrição, podem ser observadas no Apêndice B.

As entrevistas com os artistas ocorreram no *backstage* do palco em que eles iriam fazer o concerto, elas foram agendadas pela assessoria de comunicação e foram conduzidas pelo doutorando. Eu e a mestrandia o acompanhamos em três ocasiões, como pode ser observado na figura 9, na qual estamos os três e uma das artistas entrevistadas. Buscou-se acessar um artista de cada palco, assim, os entrevistados atuaram em palcos diferentes. Tal critério visou à diversificação dos participantes, visto que em cada palco predominava um estilo diferente. Todas as entrevistas foram gravadas e as principais percepções podem ser visualizadas no Apêndice C.

**Figura 9** - Ambiente de realização de entrevista com artista.



**Fonte:** Saraiva (2017).

Um fator a ser levado em consideração quando são realizadas entrevistas é a necessidade de transcrição. Em estudos etnometodológicos não se almeja descrever o conteúdo das falas, ou seja, o texto, mas sim a significação e entendimentos dos membros de um grupo. Desse modo, é muito mais interessante ouvir várias vezes o áudio da entrevista de modo a remeter ao contexto fazendo anotações e notas do que analisar pura e simplesmente o conteúdo transcrito (TEN HAVE, 2004). Desse modo, os áudios das entrevistas geraram várias notas decorrentes das repetidas audições realizadas para fins de análise e interpretação de entendimentos.

Além de informações obtidas diretamente, um conjunto de informações obtidas de terceiros foi incorporado para composição do *corpus* deste estudo. Em termos de dados de fala têm-se entrevistas do diretor do festival; reportagens e matérias de jornais e revistas; publicações em *blogs* e comunidades; e vídeos. Em termos de dados de imagem têm-se fotos e vídeos.

Foram acessadas três entrevistas realizadas com o diretor do festival. Uma entrevista foi concedida ao coordenador do grupo estudos de públicos em 2015, a qual encontra-se transcrita em seu trabalho de conclusão de curso (FERREIRA, 2015). Este documento foi acessado por correspondência via *email* no período em estive na comunidade e foi autorizado o seu uso neste trabalho. Outras duas entrevistas foram concedidas a jornais locais, sendo uma realizada antes do festival (FELÍCIO; BAZALOCO, 2017), a qual foi acessada via aquisição do jornal Cidade

de Tomar e outra após seu encerramento (MENESES, 2017), esta pode ser acessada no link que consta nas referências.

Quanto às reportagens em jornais e revistas, foram acessadas 7 (sete) publicações. Foram elas: um suplemento no jornal Cidade de Tomar (2017), uma matéria na revista Visão (2017), uma reportagem com o público (45 festivaleiros) feita pelo jornal Shifter (2017), uma matéria do jornal Observador feita por Horta (2017), duas do jornal Público de autoria de Rios (2017) e Lopes (2017) e duas do jornal Mediatejo.net de autoria de Leitão (2017) e Agência Lusa (2017). Em relação às publicações em *blogs*, foram acessados 5 (cinco) textos: Henriques (2017), Saraiva (2017), Almeida (2016), Almeida (2017), Machado (2017). As principais anotações sobre cada reportagem e publicação podem ser acessadas no Apêndice D.

Também foram acessados 46 (quarenta e seis) vídeos. Dentre estes, 42 (quarenta e dois) são vídeos de apresentação, sendo um do festival e sua programação e os demais dos artistas individualmente. Cada vídeo tem em torno de um minuto. Estes vídeos foram feitos pelos moradores da comunidade e foram acessados no canal do festival no *youtube* (<https://www.youtube.com/user/FestivalBONSSONS/featured>). Um dos vídeos é um documentário com duração de 39 minutos em que os moradores mais idosos contam sobre suas vivências na aldeia de Cem Soldos. Tendo em vista a não exposição destas pessoas o documentário não tem acesso público e foi-me concedida pela organização a senha de acesso. Por este motivo o mesmo não será divulgado no âmbito deste trabalho. Dois vídeos remetem a aldeia de Cem soldos e são publicações da SCOCS no *youtube*, sendo que, um tem duração aproximada de 3 (três) minutos ([https://www.youtube.com/watch?v=OH\\_C3audsGw](https://www.youtube.com/watch?v=OH_C3audsGw)) e o outro de 1 (um) minuto e meio (<https://www.youtube.com/watch?v=rYRKZH1-aTE&t=5s>), aproximadamente. E, por fim, tem um vídeo, disponibilizado pela Angelus TV no *youtube*, que relata uma conversa em forma de entrevista com diversos intervenientes do festival (<https://www.youtube.com/watch?v=h-MMZbcOiRs>). Este tem duração de, aproximadamente, 22 (vinte e dois) minutos. As principais percepções acerca de cada vídeo podem ser visualizadas no Apêndice E.

No que concerne aos dados de imagem, não se teve a intenção de analisá-los em si, mas de utilizá-los como material de apoio às análises provindas dos dados de fala. A ideia de usar de imagem é importante porque “a imagem, com ou sem acompanhamento de som, oferece um registro restrito, mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais” (LOIZOS, 2002, p.137). Sendo assim, imagens dos vídeos analisados e fotos próprias, das reportagens ou da página do festival no *Facebook* (<https://www.facebook.com/bonssons/>)

foram usadas para fornecer uma visualização do que se retratava. Houve o cuidado de se referenciar as fontes, e quando possível, o fotógrafo.

### 3.6 Análise de Dados

Em estudos de natureza qualitativa geralmente surgem muitas informações para interpretação. Tendo em vista que o processo de coleta etnometodológico é aberto, sendo utilizadas múltiplas estratégias e fontes de dados, em geral, o pesquisador se depara com uma infinidade de informações. No meu caso não foi diferente, devido às múltiplas formas de coleta e à extensão do *corpus*, emergiram muitas informações, o que, *a priori*, me deixou “perdida” em um mar de informações desconectadas, que muito explicavam a realidade, mas que não constituíam uma representação organizada desta.

O que o etnometodólogo enfrenta “é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplicitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar” (GEERTZ, 2008, p.7). O pesquisador, ao buscar interpretar como os membros de um grupo atribuem significado às atividades, constituindo, assim, as práticas, vai se deparar com muitas informações, as quais podem estar desordenadas e entrelaçadas. Portanto, se faz necessário buscar entender quais as estruturas conceituais mais adequadas, evidenciar quais os alicerces destas e proceder a análise do modo como estas são estabelecidas pelos atores.

Diante deste cenário é necessário criar meios para proceder análises, categorizações e interpretações. Não existem regras consolidadas quanto à forma de execução deste processo de análise em estudos pautados por etnométodos, sendo válida qualquer forma de apreciação que vise acessar o fenômeno, desde que os pressupostos desta abordagem sejam respeitados (TEN HAVE, 2004). O ponto fundamental é que o pesquisador consiga compartilhar os significados e sentidos atribuídos pelos atores estudados (BISPO; GODOY, 2012). Este será o balizador da análise.

Tendo com finalidade subsidiar a análise e posterior interpretação dos dados, optou-se por usar os principais conceitos da etnometodologia a fim de gerar um protocolo para a análise de dados (figura 10). Para tanto, tomou-se como base um quadro proposto por Bispo e Godoy (2014, p. 129) com a finalidade de explicitar como cada um destes conceitos (práticas/realizações, indexicalidade, reflexividade, relatabilidade e noção de membro) contribui no processo de análise e interpretação dos dados. A concepção do protocolo é uma

adaptação da proposta de Bispo e Godoy (2014) para este estudo, sendo os conceitos gerados a partir da interpretação dos conceitos teóricos trabalhados anteriormente.

**Figura 10** - Protocolo para análise dos dados

Conceito	Descrição teórica do conceito	Perguntas norteadoras da análise
<b>Realizações/ Práticas</b>	As ordens sociais são constituídas pelas realizações práticas de uma coletividade, portanto, para entender uma realidade é necessário fazer parte dela.	As práticas identificadas representam o cotidiano da comunidade* estudada e são reconhecidas pelos seus membros como próprias e características desta?
<b>Indexicalidade</b>	Os entendimentos são influenciados não apenas pelos enunciados, mas também pelo contexto de fala. As palavras podem significar múltiplas coisas, devendo ser entendidas a partir do seu contexto de fala.	O conjunto de práticas identificadas apresentam uma linguagem própria da comunidade investigada? Os sentidos atribuídos expressam os sentidos vivenciados pelos membros dessa comunidade?
<b>Reflexividade</b>	Interpretações contextuais balizam as interações sociais. As ações geram reações e estas são decorrentes dos processos de significação nas interações sociais, que podem gerar novas práticas.	As práticas identificadas criam ao longo do tempo condições de perpetuação, modificação ou geração de novas práticas que passam a ser reconhecidas pelos membros como resultado do seu cotidiano?
<b>Relatabilidade</b>	As realizações práticas devem ser relatadas de modo que as ordens sociais sejam compreendidas. Para interpretar as atividades práticas de uma coletividade é preciso entender como estas são descritas pelos membros do grupo.	Como as práticas são descritas e quais são os sentidos e significados atribuídos pelos membros da comunidade estudada as ações realizadas? O que conduz a realização das atividades de tal forma e não de outra?
<b>Noção de membro</b>	As pessoas compõem as práticas, não por se organizarem coletivamente, mas por usarem uma linguagem comum que permite a compreensão mútua.	O conjunto de práticas mapeadas permitem ao pesquisador identificar claramente quem são os indivíduos que são efetivamente da comunidade e não apenas “estão” nela?

**Fonte:** Adaptado de Bispo e Godoy (2014).

\*O conceito comunidade foi usado, no escopo deste trabalho, como uma representação do “Venha Viver a aldeia: Cem Soldos através do Bons Sons”.

O protocolo permite que as análises sejam pautadas em um roteiro e dão maior confiabilidade a geração das informações, mas todo este processo é marcado pelo método documentário. Tal conceito alçado por Garfinkel exprime que os seres humanos não dão conta de todos os entendimentos e sentidos existentes em suas interações por isso nós lançamos mão de um sistema interpretativo que visa preencher as lacunas oriundas da indexicalidade da linguagem. Assim, a coleta, as análises e interpretações de dados foram

desenvolvidas tendo por base os meus entendimentos acerca das interações vivenciadas. Ten Have (2004) argumenta que as investigações que tem por base a etnometodologia devem ser desenvolvidas em duas etapas. A primeira diz respeito à interpretação dos significados atribuídos pelos atores as práticas e a segunda a análise das estratégias utilizadas pelo pesquisador para realizar tal interpretação.

Conforme Geertz (2008) se o intento é compreender um fenômeno não se deve olhar para teorias ou descobertas sobre o mesmo nem tampouco para o que os especialistas proferem sobre ele. Os esforços devem ser concentrados em entender o que os praticantes do fenômeno fazem. Assim, o foco de análise é o entendimento dos significados atribuídos pelos atores às práticas. No entanto, a forma de interpretação na busca deste entendimento também é parte do estudo, pois o pesquisador é componente do contexto estudado e, portanto, está imbuído de significações que influenciam o processo de compreensão dos sentidos conferidos pelos atores as práticas. Neste contexto, a autorreflexão é uma parte essencial na análise de dados em estudos etnometodológicos.

A base que fundamenta a concepção de autorreflexão é o fato de o pesquisador ao mesmo tempo em que investiga o mundo social é uma parte constituinte e constituída neste, ou seja, ele desenvolve sua pesquisa em um espaço do qual ele é mesmo é um componente (FRANCIS; HESTER, 2004). A autorreflexão “é um processo em que o pesquisador pode “decantar” as informações e experiências obtidas em campo para que seja possível, após algum tempo, uma melhor condição de avaliar e compreender as práticas que são buscadas em campo” (BISPO; GODOY, 2014, p. 126).

Os indivíduos são dotados de conhecimentos e experiências que os permitem analisar as situações vividas, desse modo, a autorreflexão viabiliza a análise dos fenômenos em estudo, tendo como balizador os entendimentos do pesquisador acerca do mundo social investigado. A autorreflexão permite o estabelecimento de um diálogo com as experiências vivenciadas no processo de pesquisa (TEN HAVE, 2004) o que permite a geração de conexões e padrões nos dados coletados. Após a imersão no campo, é necessário manter um distanciamento da realidade estudada (FLORES-PEREIRA; CAVEDON, 2008) a fim de refletir sobre o que foi vivenciado e assim decantar os dados em informações, ou seja, gerar os resultados a partir das análises do *corpus*.

A fim de gerar as práticas e categorizá-las os dados foram analisados de forma exploratória interpretativa. Os áudios foram ouvidos repetitivamente. Na primeira vez não foram geradas notas, na segunda foram gerados relatos e até foram transcritas as partes que mais chamaram atenção. As notas de campo foram lidas e relidas diversas vezes. Além disso,

foram geradas notas com relatos e transcrições de algumas passagens das reportagens e postagens e dos vídeos que compuseram o corpus deste estudo, os quais também foram revisitados muitas vezes. Estas leituras e escutas constituíram a fase exploratória dos dados. Partindo desta base, os áudios foram ouvidos várias outras vezes e as notas relidas buscando embasar as práticas que emergiram a partir de um processo interpretativo.

## 4 APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

---

Como os estudos de natureza etnometodológica visam interpretar o cotidiano, o cerne da análise deve ser o entendimento das minúcias envoltas na forma de atuação dos atores estudados, isto é, o ponto neural é a capacidade de realizar interpretações que expressem os significados compartilhados pelos atores investigados. Coulon (1995, p. 93) afirma que “um traço essencial da prática etnometodológica é que ela requer a descrição”. O fruto de um estudo pautado por esta perspectiva é a exposição dos relatos das práticas estudadas evidenciando como estas foram construídas, apreendidas e compartilhadas, bem como, como elas se transformam ao longo do tempo (BISPO; GODOY, 2012).

Desse modo, no estudo em questão, tomou-se por base o protocolo proposto e gerou-se práticas a partir do modelo (material, competência e significado) proposto por Shove, Pantzar e Watson (2012), as quais foram categorizadas conforme o conceito de sustentabilidade em ambientais, econômicas ou sociais. Quando me refiro a práticas, nesta seção, estou fazendo uma extrapolação para discutir um construto que emergiu a partir do *corpus* e pode estar constituído enquanto uma prática ou não, ou seja, os elementos que compõem cada construto, chamado de prática, podem estar imbricados ou não.

Desse modo, esta seção descreve práticas focadas nos aspectos ambiental, econômico e social, que foram percebidas a partir da análise dos dados relativos a configuração do festival Bons Sons. Estas práticas foram constituídas e serão descritas tendo por base os parâmetros da etnometodologia, expressos no protocolo proposto para analisar os dados; e serão analisadas, em termos de continuidade e descontinuidade, por meio dos componentes material, competência e significado advindos da temática sustentabilidade enquanto prática social.

As práticas focadas no aspecto ambiental são: institucionalização do uso de canecas reutilizáveis; Redução do uso de água; Separação de resíduos sólidos e reciclagem; Reutilização de materiais e conscientização. As práticas focadas no aspecto econômico são: Desvinculação das grandes marcas comerciais; Valorização e difusão do local; Associativismo; Criação da marca e Alternativa a desertificação. As práticas focadas no aspecto social são: Sentido de liberdade; Exploração dos sentidos das crianças; Espírito comunitário; Vivência singular e Envelhecimento ativo. Estas serão descritas a seguir.

#### 4.1 Práticas Sociais focadas no Aspecto Ambiental

O aspecto de sustentabilidade mais visível no festival é o fator ambiental. O Bons Sons nasceu ecológico e as questões ambientais foram sendo enfatizadas ao longo dos anos, afirma a direção do festival e a coordenação do plano ecológico. O festival já ganhou vários prêmios relacionados com a sustentabilidade ambiental por suas ações ecológicas, o que respalda a afirmação da organização. Acredito que este fator sempre foi preponderante para a manutenção da própria aldeia. Se pensarmos em um espaço onde normalmente vivem em torno de 600 pessoas e dobrarmos ou triplicarmos este número por duas ou três semanas já veremos os impactos locais. Agora, imagine se elevarmos este número para dez mil pessoas por dia durante quatro dias, seria inviável manter as condições ambientais da localidade nos mesmos parâmetros do resto do ano. Tal fato foi expresso pelo diretor do festival em entrevista a Ferreira (2015, p. 17).

[...] nós até recebemos o prêmio o ano passado de Festival mais sustentável pelo *Portugal Festival Awards* [...]. No fundo é a ecologia, através da redução dos resíduos, tentar fazer com que o impacto das 40 mil pessoas numa aldeia com esta seja diminuto através do controle da água, do respeito pelo ambiente, através da reutilização de material para criar estruturas, tem tudo a ver com essa vertente mais ecológica da redução, da poupança e da reutilização. Temos depois um plano ecológico, com a Câmara de Tomar e a *Resitejo* para que todo o material que saia daqui seja triado e reciclado.

Um fator que contribui para a promoção de práticas ambientais corretas é o fato de o festival ser realizado, quase em sua totalidade, com recursos próprios. Ao discorrer sobre os recursos envolvidos na promoção do festival o diretor do Bons Sons afirmou “somos ecológicos por obrigação”. Devido ao fato de ser um projeto de risco, visto que é realizado quase em sua totalidade com base em recursos próprios, a redução e a reutilização de materiais, bem como, as parcerias para destinação de resíduos são fundamentais. “Portanto, essa visão ecológica dos Bons Sons é muito importante para nós” (DBS – Recepção dos Voluntários), “todo o festival é pensado nessa perspectiva [ecologia]” (DBS - FELÍCIO; BAZALOCO, 2017) afirmou a direção do festival.

Desde o início o Bons Sons manteve um plano ecológico, o qual foi sendo gradativamente desenvolvido. Um fator que impulsionou e intensificou a ênfase nos aspectos ambientais no ano de 2017 foi a obtenção de um financiamento governamental para implementação de algumas das medidas relacionadas às questões ecológicas. Os recursos advindos de outras fontes, que não geração própria, em sua maioria são relacionados a este financiamento. A criação da imagem de um festival ambientalmente correto deu visibilidade

ao festival e possibilitou o alcance deste apoio financeiro. Este financiamento eleva a resposta ambiental a outro nível, pois, além de visar a diminuição do impacto de tantas pessoas na aldeia, a organização tem a obrigação de prestar contas dos resultados da pegada ecológica do festival.

Os recursos permitiram que o plano ecológico fosse incrementado e este contou com seis medidas expressas formalmente: Torneiras com redutor de caudal; banheiro secos no campismo; Canecas reutilizáveis; Vídeos de sensibilização; Atividades pedagógicas no Espaço criança; e Porta-beatas. Além dessas medidas foram percebidas mais três: a reutilização de materiais na confecção dos cordões das canecas e de adereços vendidos no *merchandising*, a separação de resíduos nos restaurantes e a destinação correta dos resíduos gerados pelo festival. É visível a ênfase dada as questões ambientais, na preparação e durante todo o festival, tanto nas ações quanto nas falas da organização. O engajamento das pessoas para com estas medidas é fundamental, pois, “o plano ecológico só funciona se todos tiverem em mente estas iniciativas [...] montadas” (DBS – Recepção dos Voluntários).

Tendo em vista que para algo se tornar real, em termos de sustentabilidade, é necessário que seja algo habitual, neste caso, se não no cotidiano, nos dias de vivência no festival, foram observadas algumas práticas sociais relacionadas ao aspecto ambiental. São elas: Institucionalização do uso de canecas reutilizáveis; Redução do uso da água; Separação de resíduos e reciclagem; Reutilização de materiais; e Conscientização.

#### 4.1.1 Institucionalização do uso de canecas reutilizáveis

Uma das práticas do plano ecológico que não recebeu financiamento governamental foi a extinção dos copos descartáveis. Na edição de 2017 todos os copos descartáveis foram substituídos por canecas reutilizáveis, de plástico ou de alumínio, conforme figura 11. As canecas de alumínio, em tamanho menor, eram vendidas no *merchandising* e alguns festivaleiros já as possuíam de anos anteriores, pois elas já eram vendidas como *souvenir*. As canecas de plástico eram adquiridas nos locais de vendas de bebida por meio do depósito de um valor simbólico (um euro), o qual seria devolvido caso a caneca fosse retornada após seu uso.

Esta foi uma prática que deu certo, o engajamento foi expressivo e visível a todos, quase a totalidade das pessoas sabiam desta prática e em sua grande maioria apoiavam a causa. Nas conversas com os respondentes dos questionários as canecas foram sempre mencionadas como sendo benéficas para o meio ambiente. Muitos disseram que esta prática possibilitou

uma diminuição significativa do lixo que ficava espalhado pelos cantos. É um festival, alguns dias a temperatura passou dos quarenta graus, as pessoas consomem muita bebida e, por conseguinte, muitos copos são usados. Esta iniciativa se mostrou solidificada e deve ser continuada nos próximos anos, houve um investimento em canecas e estas devem durar alguns anos.

**Figura 11** - Canecas reutilizáveis



**Fonte:** Shifter (2017).

O interessante é que apesar de ser meio que uma imposição, pois, não é possível optar pelo copo descartável, a coerção não é financeira e nem totalizante. Este foi um ponto interessante, as pessoas não foram obrigadas a comprar canecas, estas foram disponibilizadas em sistema de concessão, a pessoa dava um euro e se devolvesse a caneca recebia o valor de volta. Por mais que seja um valor pequeno as pessoas tinham uma responsabilidade por manter a caneca e por reutilizá-la. Contudo, a regra não foi totalizante, pois algumas pessoas mais idosas da comunidade não queriam a caneca e faziam questão de usar os copos como sempre o fazem nos estabelecimentos locais durante o ano, neste caso foi indicado aos estabelecimentos que disponibilizassem o copo descartável. Vale salientar que estes foram

casos escassos e restritos aos estabelecimentos existentes na comunidade durante o ano todo.

Esta questão é interessante pois impor algo como uma regra ou exigir que as pessoas comprem algo poderia gerar rejeições ao invés de engajamento. Como argumentou a coordenação do plano ecológico, no que concerne a questões ambientais “não podes obrigar as pessoas, não pode nunca ser uma regra, uma coisa que as pessoas se sintam obrigadas porque se não vai haver rejeição”. A ideia é a difusão das canecas e este foi o primeiro ano e já houve uma adesão em massa. Não valeria a pena coagir pessoas a mudarem seus hábitos em seu próprio *habitat* é muito mais válido incentivar o uso e com o tempo a adesão poderá ser absoluta.

Algumas pessoas reclamaram que depois de um dia a caneca de plástico começava a ficar amarelada e que devia ser substituída. Contudo, existiam espaços onde era possível lavar as canecas antes de utilizá-las novamente, por exemplo, na praça, em frente ao palco Aguardela havia pia e torneira para este fim. Outros reclamaram que era plástico e que a caneca de alumínio era bem melhor, mas comporta menos volume apesar de manter a bebida fresca por mais tempo. Esta foi uma questão enfatizada, porque manter o plástico em um festival que visa promover as questões ambientais? Alguns festivaleiros questionaram a opção pelo plástico ao invés das canecas de alumínio, esta provavelmente é uma questão financeira, pois, provavelmente canecas de alumínio exigem um investimento maior e não poderiam ser disponibilizadas em tão grande quantidade por um valor simbólico.

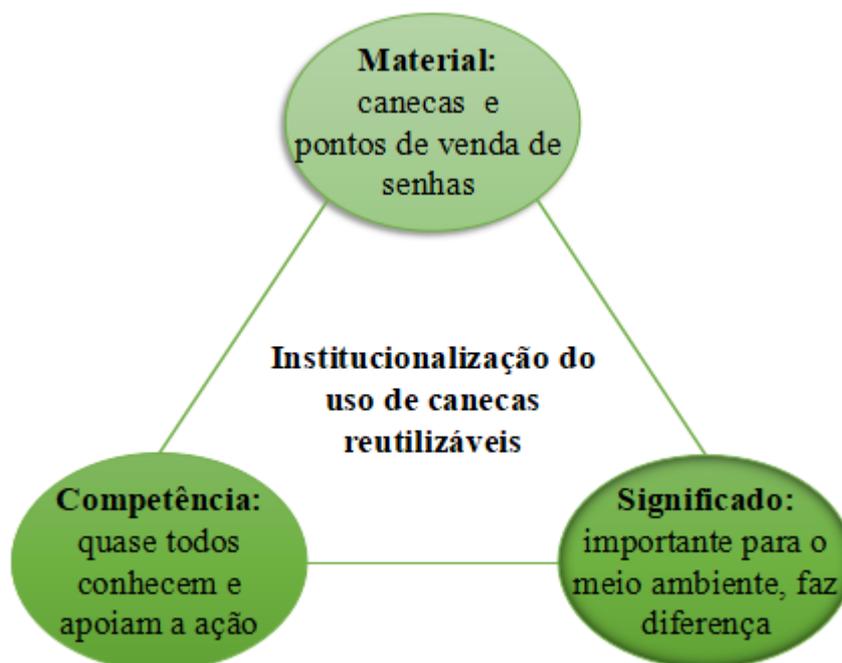
A diminuição ou supressão do uso de plástico deve ser uma questão a ser pensada futuramente. A abolição do plástico foi uma sugestão de um festivaleiro que apontou que “para um festival tão amigo do ambiente é estranho insistir tanto no plástico” (SHIFTER, 2017, p. 12). Esta é uma questão importante porque plástico é um material altamente prejudicial ao meio ambiente devido ao material que o constitui que é derivado de petróleo e o festival utiliza muito plástico. Se pensarmos além das canecas que são reutilizáveis, o que diminui seu impacto, percebemos que todas as pessoas usam pulseiras e estas são plásticas, então, podemos dizer que em torno de dez mil pulseiras são geradas, as quais em sua maioria vão para o lixo após a finalização do festival. Além disso, se utiliza muitos descartáveis nos restaurantes, apesar de haver a necessidade de atender as regras de saúde e segurança alimentar existem outras possibilidades que não a utilização de descartáveis.

Esta prática está em continuidade, a adesão foi massiva já neste primeiro ano. Existem aprimoramentos a serem realizados, mas em termos de sensibilização esta talvez seja a única prática que não exigirá esforços adicionais. As pessoas conhecem a prática e a significam como sendo importante para o meio ambiente e para a manutenção do ambiente do festival limpo e

agradável por isso não é preciso muito para incentivar o uso. O fato de não se cobrar pelas canecas impulsiona o uso, pois, as pessoas entendem que é uma ação benéfica a todos e não algo que objetive a obtenção de benefícios econômicos por parte da organização do festival. Como praticamente todos já usaram as canecas, a adoção destas se tornou algo normal e deve ser naturalizado totalmente nos próximos anos, inclusive alguns festivaleiros já chegaram, neste ano, com suas próprias canecas a tiracolo. Um fator que pode ser visto é o material utilizado, no caso o plástico. Além disso, talvez seja necessário pensar na logística do processo de preparação das canecas, pois foi um trabalho insano e quase interminável a afixação dos adesivos e colocação dos cordões nas canecas.

Na figura 12 encontra-se uma ilustração da prática institucionalização do uso de canecas reutilizáveis. Tal prática está constituída e em continuidade, visto que os elementos: material, competência e significado que a compõem encontram-se em *embeddedness*. O imbricamento dos componentes desta prática é visível e contínuo atualmente. Apesar de ser a primeira vez que ela foi difundida amplamente, seus componentes já existiam de anos anteriores.

**Figura 12** - Representação da prática institucionalização do uso de canecas reutilizáveis



**Fonte:** Dados da pesquisa, ilustração baseada em Shove, Pantzar e Watson (2012).

Os materiais são expressos pelas canecas, as quais já existiam de modo pontual e tomaram o lugar de todos os copos descartáveis, com raras exceções e pelos pontos de venda

das senhas para bebida que também já existiam, o que não exigiu muitas adaptações para colocar as canecas em concessão. A competência se expressa pelo conhecimento da ação e pela vontade de agir. Para obter a maioria das bebidas era necessário adquirir a caneca o que propiciou ampla difusão do uso das canecas e houve ampla adesão ao uso, o fato de não ter que comprar ajudou neste processo. Quanto a significação, as pessoas percebem a importância de usar as canecas ao invés de copos descartáveis, todos comentavam a diferença que faz não ter montes de copos nas lixeiras e acreditam que realmente impacta no meio ambiente.

#### 4.1.2 Redução do uso de água

Um bem necessário na maioria das nossas atividades diárias é a água. Precisamos de água para consumo direto, para produção de alimentos, para lavar coisas, espaços e a nós mesmos, para o descarte de dejetos, enfim, quase tudo que fazemos envolve o uso de água. Qualquer incremento populacional em uma localidade envolve maior demanda por água, no interior é muito comum dizer onde come um come dois basta aumentar a água do feijão. Pensemos quanto de água se demanda para manter um festival ou qualquer pico turístico em uma cidade ou comunidade rural. No caso do Bons Sons onde se vive pouco mais de 600 pessoas, passam a viver quase 10 mil por dia, mesmo que parte destas não durmam e tomem banho na aldeia, elas passam o dia lá. Esta quantidade pessoas requer um aumento exponencial da quantidade de água utilizada.

Desse modo, é fundamental pensar em formas de reduzir a quantidade de água utilizada no período do festival. Duas das medidas que foram inseridas no plano ecológico do ano de 2017 são relacionadas a redução do uso da água, são elas: a disponibilização de torneiras com redutor de caudal nas áreas centrais da aldeia e de banheiros secos no *camping* (figura 13). Apesar de ambas visarem o mesmo fim, reduzir o uso de água, estas são medidas díspares. Enquanto as torneiras são uma medida de longo prazo e ficarão nas áreas de uso comum da comunidade por anos, sendo, inclusive, utilizadas pelos moradores ao longo do ano, os banheiros secos foram uma experimentação, a inserção de oito banheiros que não usam água teve como objetivo principal entender como as pessoas reagiriam, apesar de intencionar expandir a ação nos próximos anos, era necessário entender o que as pessoas acham e qual a melhor forma de o fazer.

Com a extinção do uso dos copos descartáveis houve a necessidade de criar espaços para que as canecas pudessem ser lavadas. Apesar de as pessoas já usarem as torneiras dos espaços comuns para lavar as mãos, o rosto ou algum pertence, este uso foi aumentado pelo

incremento de canecas. Por meio do financiamento governamental foi possível fazer a troca das torneiras normais, disponíveis nos espaços de uso comum, por torneiras com dispositivo que reduz o caudal. Este tipo de torneira também foi inserido de modo temporário em alguns espaços do parque de campismo. Muitas pessoas não perceberam esta ação, afinal nós usamos um volume de água além do necessário para fazer a maioria das coisas e uma redução deste volume acabou por não ser algo significativo. Um local que não é público, mas que se mostrou quase que de uso comum, foi o Café da Tonita, muitos iam lá para usar o sanitário, existia fila em vários momentos, ao longo do dia. Este fato deve acontecer em outros estabelecimentos, mas no café se mostrou de forma mais expressiva porque ele fica na área central quase em frente à sede da associação. Talvez seja interessante investir na redução do uso da água neste estabelecimento.

**Figura 13** - Ilustração de banheiro seco e torneira com redutor de caudal



**Fonte:** WCeco, Aatoria (2017); Torneira, Leitão (2017).

Descargas consomem uma quantidade expressiva de água e gera uma quantidade enorme de dejetos que vão para o sistema de esgoto. Banheiros secos não usam água e sim serragem, portanto, a quantidade de dejetos se reduz significativamente. Os banheiros secos foram inseridos em parceria com uma organização especializada neste tipo de ação. Os

resíduos gerados passam por um processo de compostagem e geram adubo, o qual será utilizado nas hortas e jardins da comunidade. Os banheiros secos dividem opiniões, uns acham ótimo outros não gostam, mas o que mais chamou a atenção foi o desconhecimento do que seria um banheiro seco. Como a ação ficou restrita ao *camping* quando indagados sobre esta medida do plano ecológico quase todos perguntavam do que se tratava e paravam para refletir e apesar de afirmarem ser importante para redução dos danos ao meio ambiente ficavam meio arredios em usar um banheiro nestes moldes.

A figura 14 traz uma representação da prática redução do uso de água, evidenciando que esta está em formação. Os laços entre os componentes desta prática não estão fortificados ainda. Os materiais são expressos nitidamente, mas existe desconhecimento sobre as medidas e pouco engajamento, mas se mostram com potencial de imbricamento num futuro próximo. Contudo será necessário institucionalizar as ações e fazer investimentos materiais.

**Figura 14** - Representação da prática redução do uso de água



**Fonte:** Dados da pesquisa, ilustração baseada em Shove, Pantzar e Watson (2012).

Os componentes materiais são visíveis e facilmente disponíveis, as torneiras já são uma realidade e a expansão dos banheiros pode ser estabelecida via parceria. A adesão ao uso da torneira é simples, mas as pessoas não a significaram como algo naturalizado em seu cotidiano e, portanto, a redução do uso da água não foi transformada em algo habitual. Já no caso dos banheiros a questão é mais complicada, o seu uso é visto como algo estranho e não

cotidiano. Apesar de ser uma maneira muito mais relacionada ao ciclo da natureza, visto que os dejetos reiniciam o sistema ao virarem adubos, fomos socializados durante anos a usar a água e, provavelmente, será necessário um tempo para ressignificação do uso de banheiros secos. Observou-se uma atribuição de importância a redução do uso de água, sem que haja uma associação desta importância as ações propostas para tanto.

Assim, vislumbra-se um potencial de formação desta prática, mas, por enquanto, os componentes estão dispersos. Provavelmente, será necessário incitar a ressignificação do uso da água e incentivar a adesão a arranjos que requeiram um uso menos intensivo dela, o que é expresso pelo banheiro seco. Neste contexto, parece mais importante entender a profundidade do que significa usar água do que dispor de ações voltadas a redução de uso. Contudo, a ressignificação da água no contexto das atividades cotidianas envolve a promoção de arranjos que desmistifiquem o retorno a moldes de vivência passados, não usar água em dejetos é, por exemplo, um retorno ao passado. Essa pode ser uma das questões desafiadoras, pois, fomos, durante muitos anos, incitados pela noção de progresso como um crescente do novo, do urbano, do tecnológico, sendo, o passado taxado de velho, ultrapassado, decadente.

#### 4.1.3 Separação de resíduos e reciclagem

Uma prática que não estava expressa como medida ecológica nos questionários aplicados, mas que foi mencionada por alguns dos respondentes foi a reciclagem. Como os contentores de resíduos estavam posicionados nas proximidades ou dependências dos restaurantes quase todo mundo passou por eles, essa visibilidade fez com que esta fosse uma ação notável. A separação de resíduos foi proposta em todos os restaurantes, em cada um deles existiam três contentores, um para plástico, outro para restos de alimentos e um outro para resíduos indiferenciados. Um outro espaço que gerou resíduos para reciclagem foram os banheiros secos, visto que os dejetos passariam por um processo de compostagem e retornariam como adubo para hortas e jardins na própria comunidade.

Como os voluntários externos chegam a aldeia quatro dias antes do início do festival um restaurante começa a funcionar para atendimento deles. Isso possibilitou uma observação apriorística de como aconteceria a separação dos resíduos nos restaurantes. Foi impressionante ver o que aconteceu já nos primeiros dias, as pessoas não conseguiram separar os materiais resultantes ao fim de suas refeições. No terceiro dia na aldeia almocei depois de todo mundo, por estar em uma reunião e pude observar como estava ocorrendo a separação dos resíduos no restaurante. Fiquei impactada ao ver os contentores, haviam resíduos plásticos

em todos e restos alimentares em dois deles. Aí, percebi que só estava funcionando para os plásticos, este era o único contentor que estava adequado, só haviam plásticos. Mas, no destinado aos resíduos orgânicos tinham muitos plásticos e o designado para resíduos indiferenciados tinha virado uma miscelânea. As pessoas não conseguiam depositar o resto dos alimentos em um contentor e descartar o prato em outro, acabando por misturar compostos orgânicos com inorgânicos, na maioria dos casos, onde depositassem o prato os resíduos alimentares iriam junto.

Comecei a me questionar sobre as bases da separação de resíduos em restaurantes. Acredito que as pessoas não estão habituadas a fazer este tipo de separação e por isso precisam de indicações mais fortes. Um primeiro aspecto a ser notado é que os contentores não eram padronizados e de cores vivas e diferenciadas conforme padronização da coleta seletiva. Como muitas coisas no Bons Sons eles pareciam recipientes plásticos reutilizados, o que, *a priori*, seria desejável, pois, se existe um contentor disponível porque dispender recursos e adquirir outro que demandará o uso de mais recursos naturais. Contudo, aparentemente, as cores e indicações são importantes como guia para as pessoas. Além disso, provavelmente será necessário expressar de forma chamativa que os contentores se destinam a materiais diferenciados. Talvez, seja ainda, necessário, ter um educador, virtual ou presencial para incentivar ou inibir ações.

Esta questão foi mencionada pela coordenação do plano ecológico em sua entrevista. Ela questiona se o que foi visto no festival é um reflexo de um ambiente de lazer ou se a sociedade ainda não está preparada para reciclar. A partir da perspectiva da sustentabilidade enquanto prática social parece não ser o habitual para aquelas pessoas a separação de resíduos alimentares para fins de coleta seletiva, exceto, no caso do plástico, que aparentemente é comum sua distinção para a maioria das pessoas. Conforme a coordenação do plano ecológico “a reciclagem em Portugal começou com plástico, talvez por isso as pessoas já tenham maior entendimento sobre a separação deste material”. Esta fala reforça a necessidade de as pessoas se habituarem com determinados arranjos para a partir disso se engajarem com uma prática.

Um outro aspecto a ser levado em consideração é a dispersão do material, os contentores nem sempre estavam emparelhados, como muita gente ia passando pelos espaços, muitas vezes diminutos, eles acabavam sendo movidos. Este foi um fato mencionado pela família 6: “eu vi um caixote de lixo que era para lixo comum, mas não vi da reciclagem. Eles não estavam uns ao lado dos outros ... Aquelas latas [bebida distribuída], vi que muita gente punha no lixo comum ... como eles estavam dispersos [...] não sei se seria mais fácil por juntos”. Neste sentido, falta uma estruturação do aspecto material, os artefatos precisam

estarem expressos de uma forma mais lógica, claro que tudo se adapta aos espaços da aldeia. Mas, talvez seja necessário haver um espaço central e, sobretudo, nos estabelecimentos comerciais, especialmente na sede da associação, para ter pelo menos dois recipientes, um para recicláveis e outro para não recicláveis, nesta edição havia apenas um recipiente para tudo.

Duas questões postas pela coordenação do plano ecológico ficaram pairando. A primeira, como colocar as pessoas para reciclarem em um festival. Provavelmente a questão não será como colocar as pessoas para reciclarem em um festival e sim como colocar as pessoas para reciclarem. Este processo deve envolver uma ressignificação da noção de lixo e deverá envolver amplas discussões acerca da indústria alimentar. Mas, nos restringindo ao contexto do Bons Sons, o que pode ser feito é dar continuidade a separação dos materiais, otimizar a visibilidade de cada recipiente e comunicar as ações. O que remete a segunda questão, como comunicar a reciclagem em um contexto de lazer sem criar um ambiente de constrangimento.

A mestranda, estava presente na entrevista, sugeriu a postagem de vídeos evidenciando a questão ambiental, contudo estes são vídeos impactantes e estamos falando de um festival. Acredito que a via é usar, como em tudo, a aldeia, a vivência naquele ambiente tão rico e especial e divulgar ao longo do ano como os resíduos alimentares poderiam ser utilizados, se separados corretamente, de forma a contribuir com a manutenção do *status quo* da aldeia. Ao invés de se enfatizar os malefícios ao meio ambiente, focar nas benesses a aldeia, comunicar de forma interativa, em vídeos, que parecem ser um forte do festival, os quais podem ser postados ao longo do ano e durante o festival. Podem também haver jogos que tratem a temática de forma simbólica, a linguagem subliminar parece ser a via mais adequada a comunicação.

Um outro aspecto que ficou muito claro foi que as pessoas não se importam em dispor materiais no chão. As latinhas de uma bebida distribuída gratuitamente como ação promocional de uma marca passaram a ser parte do cenário, gerando montes no chão. O que se inibiu pela exclusão dos copos descartáveis saltou aos olhos com as latinhas. Contudo, o problema foi resolvido, por meio de uma comunicação com as pessoas que estavam a distribuir o produto e eles passaram a se responsabilizar pelas latinhas descartadas. Mais um exemplo deste desalinho na disposição de materiais foram os banheiros secos. A proposta era clara, não usar água e sim serragem para possibilitar a compostagem. Contudo, as pessoas passaram a dispor outros materiais, como papel e plástico, além da serragem.

É importante enfatizar que todos os materiais que precisam passar por processos de

reciclagem são coletados por terceiros, o festival não se envolve nestes processos, mas desenvolve parcerias para este fim. Assim, o envolvimento direto do Bons Sons se restringe a estabelecer parcerias com agentes que possam reciclar os materiais gerados pelo festival e a promover a viabilidade de coleta destes materiais, por conseguinte, viabilizar a separação de materiais conforme suas composições. Como a separação não funcionou da maneira prevista as ações precisaram ser repensadas.

A ideia inicial para disposição dos resíduos alimentares era fazer uma doação para um canil e acabou tendo que ir para uma triagem como vistas a compostagem. Conforme a coordenação do plano ecológico “não foi possível ir para o canil por causa do comportamento, se misturou tudo nos restos de comida, mas o senhor de uma quinta não se importou de fazer, mas ele mesmo que arcou com todo o trabalho [...]”. Como havia o risco de ter todo tipo de material nos restos alimentares havia a possibilidade de dano a saúde dos animais, sobretudo pela ingestão de plástico, isso impossibilitou a doação para o canil. Haver alguém disposto a coletar e fazer a triagem para poder gerar adubo foi um alívio, mas se gerou um trabalho imenso para outrem, o que poderia ser facilmente resolvido pelas nossas ações em relação a disposição dos nossos resíduos.

Esse fato suscitou uma discussão sobre a exteriorização da responsabilização pela separação dos nossos resíduos. É como se não fosse meu papel dar uma destinação adequada ao que consumo, como se outrem fosse responsável por essa etapa, assim como, alguém o é pela produção da maioria dos bens de consumo. A mestrandia afirmou “se coloca o trabalho de separação com algo exterior a nós, faço meu papel e o outro que lide com meu lixo [...]” e a coordenação do plano ecológico continuou “as pessoas não pensam bem em quem está a coletar aquilo”. Apesar de haver uma terceirização da responsabilidade, não queremos pensar em quem está ali, a colocar a mão nos resíduos, a ter que separar o que nós juntamos equivocadamente, é mais fácil não ver estas pessoas.

A coordenação do plano ecológico comenta sobre essa invisibilidade das pessoas envolvidas nos processos de coleta de resíduos. Em geral, só notamos se alguém que coleta o “lixo” está ou não presente, se os materiais passam a se avolumar, eu mesma não vi as pessoas esvaziando os contentores durante o festival. Ela expressou suas impressões sobre as pessoas que fazem a coleta no festival e disse que é um exercício de resistência, elas começam bem e com o passar dos dias “ficam tristes, sentem-se desrespeitadas e totalmente invisíveis”. Se em um festival que tem duração de quatro dias se percebem as mudanças no ânimo das pessoas que coletam os resíduos gerados, imaginemos o que acontece com as pessoas que levam a vida trabalhando com dejetos.

Isso mostra a necessidade de ressignificar o valor social do trabalho de coleta. Normalmente, se reconhece apenas o valor econômico daquele bem pós-consumo e não o trabalho realizado. No entanto as atividades de coleta, separação, reciclagem e descarte adequado, dos resíduos embute em si um valor exponencial, em termos socioambientais. Aquele bem não só vai gerar valor econômico, como agregará valor ambiental, ao não atuar poluindo o meio e gerará valor social, ao contribuir para um bem-estar da sociedade como um todo. Mas, esta invisibilidade dos atores atuantes neste segmento mascara a realidade e induz a uma subvalorização.

A figura 15 traz uma ilustração de como se configura a prática separação de resíduos e reciclagem. É perceptível que a prática está em formação, contudo, este processo parece ser lento, pois, os elementos além de dispersos denotam uma exteriorização da ação. Apesar de o festival ter amadurecido em termos de reciclagem, existem parcerias com muitas pessoas e organizações da região para coleta dos materiais gerados, o processo de separação dos resíduos se mostra como um fator dificultador. Em suma, mesmo havendo aspectos materiais envolvidos neste processo, as pessoas não conseguiram agir de acordo com a correta separação dos resíduos.

**Figura 15** - Representação da prática separação de resíduos e reciclagem



**Fonte:** Dados da pesquisa, ilustração baseada em Shove, Pantzar e Watson (2012).

Os aspectos materiais envolvidos, no contexto do festival, são basicamente os

contentores. É preciso dispor de mais recipientes para separação de resíduos. Nesta edição, o enfoque foram os restaurantes temporários para o festival, isso se justifica porque é lá onde se gera mais resíduos, contudo, a medida precisa ser expandida. Todos os empreendimentos da aldeia deveriam ter dois recipientes, o café da Tonita, as tascas, o mercadinho, os restaurantes e, sobretudo, o café da associação.

Entre a saída da associação e o café da Tonita se viam muitos papéis no chão, colocar um contentor próximo ao caixa eletrônico pode ser uma solução. Além disso, seria importante colocar, em dois ou três pontos da área central da aldeia, conjuntos com dois recipientes, um para resíduos recicláveis e outro para os não recicláveis. Sugiro colocar um em frente ao palco Aguardela, entre o *trailer* de venda de quitutes portugueses e o ponto de venda de senhas para comida e bebida e outros dois dos lados do palco Lopes-Graça, um nas proximidades do mercadinho e outro na saída do restaurante.

Outro aspecto a ser reforçado é padronização dos contentores. Os recipientes devem ser colocados em pares e terem duas cores diferentes, cada uma relacionada a sua função, a qual deve ser escrita neles de forma visível e todos os pares devem ser iguais. Essa padronização facilitará a associação da cor ao tipo de material. No caso dos restaurantes, os contentores devem seguir o mesmo padrão, três cores, descrição no recipiente e estarem emparelhados, além disso, o padrão de cores e descrição, deve ser o mesmo, em todos os três restaurantes.

Quanto a competência as medidas até são conhecidas, mas não se visualiza uma predisposição para a ação, a responsabilidade pelo destino dos resíduos gerados é terceirizada. Com o reforço do aspecto material espera-se que haja maior engajamento, se as pessoas começam a ver as outras usando os contentores elas começam a usar também. Existe um controle social muito forte em volta das nossas ações, agimos de acordo com os grupos nos quais nos envolvemos e o festival une várias pessoas que acabam fazendo parte de um grande grupo.

O significado precisa ser trabalho em várias vertentes, aparentemente, a maioria das pessoas significam a reciclagem como necessária, mas não se veem envolvidos no processo, o responsável passa ser o elo desconhecido. É preciso se discutir o papel de cada um no processo de separação de resíduos e se faz necessário ressignificar o conceito de lixo, talvez este seja o ponto neural. Por anos o que não tinha uso foi considerado lixo e lixo é algo imprestável, indesejável. Mas, o debate atual desmistifica isso ao mostrar que muito do que é considerado lixo tem valor e pode ser reutilizado ou reciclado e ganhar novas funções ou aplicações. A ideia é continuar a discutir e evidenciar como os resíduos podem ser benéficos e

mostrar sua utilidade.

#### 4.1.4 Reutilização de materiais

A primeira vez que percebi a reutilização de materiais no Bons Sons foi quando conversei com a senhora que coordena o grupo das avós, até então não tinha pensado sobre a questão. Na ocasião, estávamos na casa dela e eu queria saber sobre as avós, sobre como a existência deste grupo influenciava na qualidade de vida delas e em como o festival contribuía para a inclusão, questões desta natureza, o interessante é que não discutíamos nada relacionado ao reuso. Como são as senhoras mais idosas que fazem as tixas (lagartixas em tecido com bordados), as quais são o símbolo do festival e são confeccionadas em tecido, ela foi me mostrar o trabalho feito no grupo das avós e mostrou que quando as tixas são cortadas sobram pequeninos pedaços de tecido, de tão pequenos poucas pessoas pensariam em reutilizar aquele tecido, mas ela pensou.

A partir daqueles pedaços de tecido ela criou um novo desenho, são corações (figura 16), que são feitos nos mesmos moldes das tixas (figura 16), a mão, em tecido, com bordados e que dão vida a muitos adereços vendidos no merchandising, tais como: broches para roupa, atacas para cabelo e chaveiros. O que me surpreendeu foi a iniciativa dela em criar um item novo e ressignificar algo que *a priori* pareceria tão mínimo. A partir deste momento passei a enxergar a reutilização no contexto de festival com outros olhos, fiquei mais atenta a tudo que se relacionava ao reuso e comecei a perceber outras faces da reutilização de materiais.

As canecas de plástico tomaram conta do festival por substituir os copos descartáveis, eram milhares de canecas e todas elas tinham um cordão para que as pessoas pudessem pendurá-las no pescoço ou amarram em suas mochilas. Este cordão foi feito a partir de tiras de tecido que não seriam mais utilizadas (figura 16). O trabalho de cortar os cordões e amarrar nas canecas foi realizado pelos voluntários e pela organização. A própria caneca já é uma opção de reutilização substancial, pois uma caneca substitui muitos copos descartáveis, é utilizada várias vezes, e pode ser até usada em outros eventos da comunidade ou em outras edições do festival.

Muitas das estruturas montadas para dar vida ao festival são emprestadas ou concedidas em sistema de parcerias. O diretor do festival explicou “o Bons Sons é um projeto de parcerias, pois contamos sempre com o apoio de várias associações que nos emprestam materiais” (FELÍCIO; BAZALOCO, 2017). O padre ressaltou este aspecto de reutilização no contexto do Bons Sons, ao relatar um “exemplo: tinha um hotel que ia mudar as camas lembrei

logo do Bons Sons [...] contatei o [diretor do festival]”. Ao saber disso houve uma mobilização e foram “buscar camas, colchões ...”. Este aspecto de parcerias, de camaradagem e de trocas está imbuído no modo de realizar o festival e isso promove a reutilização.

**Figura 16** - Ilustração dos corações, das tixas e dos cordões das canecas



**Fonte:** Fotos da pesquisa (2017).

Além da reutilização de materiais sem que haja reprocessamento também são utilizados materiais recicláveis para desenvolver algumas atividades. No espaço criança as atividades educativas propostas para trabalhar as questões ambientais e entreter as crianças são baseadas na utilização de materiais reciclados. O diretor do festival salienta que “o objetivo [das novas ações do festival] é reutilizar mais” (FELÍCIO; BAZALOCO, 2017). O próprio festival surgiu de uma ideia de reutilização das estruturas de outra festa. Ao discorrer sobre o surgimento do festival a direção relatou: “na altura [2006] tínhamos uma desculpa para isso acontecer, que era, já que a festa de Cem Soldos dava tanto trabalho a construir, vamos usar as mesmas infraestruturas, os mesmos palcos, as mesmas barraquinhas, mas uma semana antes fazemos um festival com uma ideia bem diferente”. Portanto, reutilizar está na essência do Bons Sons.

Na figura 17 elucida-se as interações entre os elementos da prática reutilização de materiais de forma ilustrativa. Esta prática está consolidada, os elementos estão solidamente imbricados, existe engajamento desta direção. Os materiais envolvidos são as sobras de tecidos da

confeção das tixas, tecidos sem uso que geram os cordões das canecas, infraestruturas emprestadas ou doadas e materiais reciclados, além das canecas que se mostram como maior exemplo de reutilização. Um fator que diferencia esta prática das outras práticas ambientais é ela não se relaciona diretamente com os festivaleiros, exceto no caso das canecas, que gerou outra prática. É a organização que traz fortemente este aspecto da reutilização e tenta expandir aos festivaleiros por meio das canecas. Talvez por este fato seja ela a prática, em termos ambientais, a mais tempo em continuidade.

**Figura 17** - Representação da prática reutilização de materiais



**Fonte:** Dados da pesquisa, ilustração baseada em Shove, Pantzar e Watson (2012).

No que concerne a competência a reutilização de materiais passa quase despercebida pelos festivaleiros, não é algo aparente, as pessoas não saberiam que os broches com corações são das sobras do tecido das tixas, ou se importariam em ter um cordão de um tecido diferente nas canecas, por exemplo. Mas, a ação de reutilizar é algo arraigado as decisões da organização, é algo intrínseco e que vem sendo intensificado a cada ano. Desse modo, o significado está intrínseco a concepção do festival, que se faz com financiamento próprio, basicamente, e depende muito das parcerias. Portanto, reutilizar é uma das chaves para conseguir transforma a aldeia em uma pequena “cidade” e ofertar estrutura suficiente para receber tantas pessoas durante o festival.

#### 4.1.5 Conscientização

Uma das faces que se busca trabalhar nos Bons Sons é a conscientização das pessoas frente as questões ambientais. Uma das propostas do plano ecológico é a criação de vídeos de sensibilização para o público em geral e de atividades pedagógicas direcionadas as crianças que fiquem no Espaço Criança. O intuito é tornar evidente as questões ambientais e mostrar como as pessoas devem agir de modo a não prejudicar o meio ambiente. Esta prática está em formação e não se mostra contínua, em sua maioria as pessoas não percebem os vídeos ou não entendem a dimensão da mensagem, isso ficou muito evidente.

Foram desenvolvidos seis vídeos, um para cada ação expressa no plano ecológico, exceto sensibilização que é o objeto deles, quais sejam: torneiras com redutor de caudal; banheiro secos no campismo; canecas reutilizáveis; atividades pedagógicas no espaço criança; e porta-beatas e um último sobre a reciclagem. Os vídeos, que não estão disponíveis para acesso público, mas foram disponibilizados para análise, tinham como finalidade informar as pessoas sobre cada ação e, assim, fazer com que as pessoas mudassem suas ações. Contudo, conforme discutido pelos teóricos da temática sustentabilidade enquanto prática social, as pessoas não aderem a uma prática, simplesmente, por ouvir uma mensagem, é preciso que existam materiais adequados, conhecimento e motivação para ação e que esta seja significada como algo importante. O engajamento ocorre quando as ações são simples e cotidianas, no caso, as atividades no contexto do festival precisam ser algo habitual aos participantes.

Estes vídeos foram passados em telões em alguns palcos do festival antes ou após a realização de algum concerto. Acredito que esta forma de disseminação da informação acabou não tendo o alcance almejado. O tempo de mudança entre um concerto e outro era diminuto, neste espaço de tempo as pessoas aproveitavam para se mover de um palco para o outro, comprar bebidas ou comidas e conversar umas com as outras. Na aplicação dos questionários foi recorrente a afirmação de que não sabiam que vídeos eram estes, portanto, a maioria das pessoas não os via, eu mesma, só consegui ver dois deles e estava atenta. Talvez seja mais interessante deixar estes vídeos passando a tarde no telão do palco Lopes-Graça pois as pessoas ficam sentadas ou deitadas na relva sintética e estão livres para vê-los. Além disso, a liberação como material promocional antes do festival, assim como foram divulgados os vídeos de apresentação dos artistas, pode ser mais impactante.

A proposta de realização de atividades pedagógicas era restrita ao espaço crianças e, por conseguinte, as crianças que usassem o serviço de *babysitting*. Quando os pais deixam suas crianças no espaço criança os voluntários que trabalham neste posto criam atividades

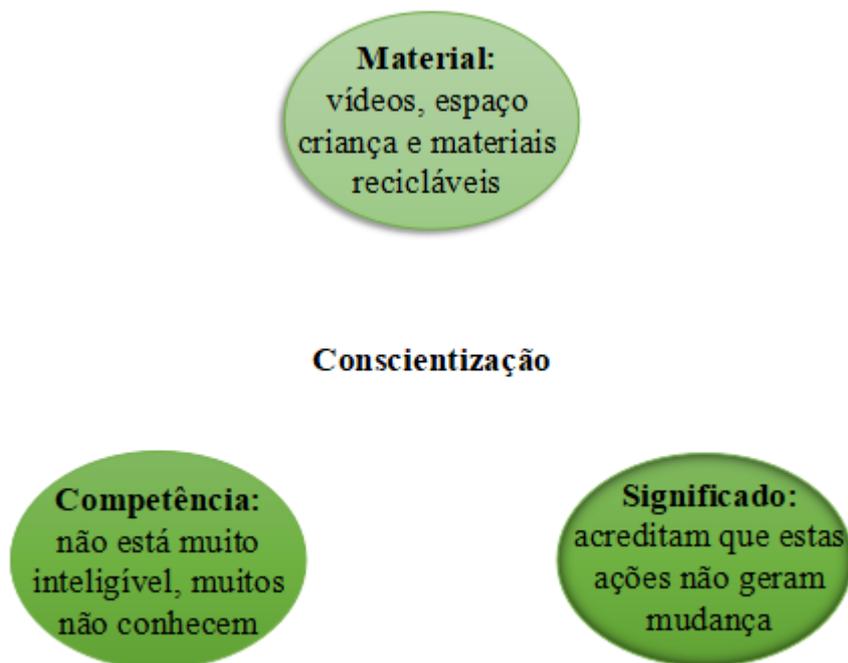
para serem desenvolvidas com elas. No ano de 2017 todas estas atividades eram relacionadas ao meio ambiente. A coordenação do plano ecológico explanou que não foi possível fazer muito, apesar de esta ser uma medida financiada, algumas questões externas levaram a não concretização da proposta a contento. A coordenação do espaço criança explicou que neste ano houve pouca adesão ao serviço de *babysitting* e por ter poucas crianças ficou difícil construir as atividades como havia sido planejado. Apesar disso, foram usados muitos materiais recicláveis na construção de brinquedos e foi explanado sobre incêndios, uma realidade recorrente em Portugal, e sua influência para o meio ambiente e para saúde humana.

Entendo que a inserção das crianças em atividades de educação ambiental é fundamental. Contudo, criar espaços criativos no ambiente da aldeia talvez seja mais efetivo, pois as crianças estão lá e participam ativamente. As atividades para as crianças foram ampliadas nesta edição do festival isso tornou o ambiente mais atrativo e provavelmente os pais não sentiram tanta necessidade de levar as crianças ao espaço criança. Manter um espaço onde as crianças podem usufruir de um ambiente mais confortável para dormirem, usarem sanitários adequadas a sua idade, ficarem a sombra e ainda desenvolver atividades educativas é muito bom, mas ter a possibilidade de viver a aldeia com elas é melhor ainda.

Entende-se que a manutenção destas atividades no espaço criança é imprescindível e que talvez seja interessante criar uma programação para que os pais saibam em que momento haverá as atividades e terem um incentivo maior para levarem os pequenos a conhecerem mais sobre ações ambientais. Além disso, sugere-se que mais atividades sejam colocadas no ambiente da aldeia, distribuídas como os jogos do Hélder. Nas manhãs dos festivais quem domina o espaço são as famílias, se houverem atividades disponíveis elas se envolverão. Criar pequenas atividades relacionadas aos animais, a água, as florestas, as pessoas, ou seja, a vivência em sociedade, pode ser estimulante para as crianças entenderem o funcionamento da sociedade para além de seus mundinhos.

Como expressou a coordenação escola aldeia, as crianças, nos moldes de educação atual, são convidadas a ir à escola, um ambiente fechado e controlado e se prepararem para a vida e quando estão no final da adolescência são convidados a irem ao mundo porque estão prontos. Mas, como perceber as nuances externas se elas não foram vivenciadas? Então, dispor de atividades que vão além das opções oferecidas pelas escolas e pelas cidades, sobretudo, as que sejam interativas, nas quais as próprias crianças construam algo, pode gerar novas percepções. A prática conscientização não está constituída enquanto prática, seus elementos existem, mas não estão intrinsecamente imbricados, conforme visualização na figura 18.

**Figura 18** - Representação da prática conscientização



**Fonte:** Dados da pesquisa, ilustração baseada em Shove, Pantzar e Watson (2012).

Isso acontece porque apesar de esta ser uma medida expressa no plano ecológico e de existirem materiais, falta competência e, sobretudo, significado para promover o engajamento. Os vídeos existem e foram passados algumas vezes, o espaço criança estava preparado para desenvolver as atividades educativas e os materiais recicláveis foram utilizados em algumas atividades com as crianças, portanto, os aspectos materiais foram trabalhados. Contudo, muitas pessoas não sabiam destas atividades e não viram os vídeos, ou, o mais provável, viram, mas não se deram conta de que aquela era uma ação visando minimizar os impactos do festival para o meio ambiente, ou seja, tais ações não alcançaram o objetivo de conscientizar. Por fim, o significado, as pessoas que foram indagadas sobre estas medidas diziam que era importante, mas que não acreditam que realmente impacte nas escolhas das pessoas. O que entendi é que tentar conscientizar por meio da sensibilização gera menos engajamento do que colocar as pessoas em contato com atividades experienciáveis de forma empírica.

#### 4.2 Práticas Sociais focadas no Aspecto Econômico

Quando eu pensava nos aspectos da sustentabilidade no Bons Sons o fator econômico me incomodava um pouco. Por ser um festival focado no social que busca trabalhar

intensamente os aspectos ambientais eu acreditava que não haveriam práticas econômicas a serem descritas e isso me deixava apreensiva. Contudo, a medida que os dados foram sendo analisados foram emergindo falas, observações e descritores que evidenciavam que haviam muitas questões econômicas a serem discutidas. As reflexões foram evidenciando que para manter o Bons Sons como ele é muitas questões econômicas precisaram ser discutidas e decisões financeiras precisaram ser tomadas. Existem alguns aspectos de natureza econômico-financeira que envolvem a tomada de decisão entre benefícios econômicos de curto e longo prazo, entre investimentos externos e controle das decisões, entre negócios locais e grandes marcas.

Em 11 (onze) anos o sucesso abriu portas econômicas, mas para manter o festival na matriz proposta ele precisava ser sustentável economicamente. Se a ideia é manter a aldeia viva é preciso manter o controle sobre as ações propostas e a organização do Bons Sons fez essa opção. O festival pode não gerar um retorno vultuoso, mas ele é sustentável e por meio dele é possível levar adiante muitos projetos relacionados a aldeia. Se o festival não trouxe, ainda, muito dinheiro ele deu maior credibilidade e legitimidade as propostas da SCOCS e deu visibilidade a Cem Soldos.

As práticas sociais relativas ao aspecto econômico que emergiram a partir da análise dos dados foram: Desvinculação das grandes marcas comerciais; Valorização e difusão do local, Associativismo; Criação da marca e Alternativa a desertificação. As quais serão esmiuçadas a seguir.

#### 4.2.1 Desvinculação das grandes marcas comerciais

A organização do festival se preocupa em interferir o menos possível na dinâmica da comunidade, as mudanças estruturais são realizadas na semana do festival. Como afirmou a direção "construir uma cidade dentro da aldeia dá muito mais trabalho" (DBS – Recepção dos Voluntários). É um trabalho grande que exige esforço e participação de todos e que se faz em poucos dias para que as pessoas da comunidade não sejam excluídas de suas vivências normais por muito tempo. Conforme estudo conduzido pela SCOCS noventa e cinco por cento (95%) da população de Cem Soldos é favorável a realização do Bons Sons e quer a sua continuidade (BONS SONS, 2017a). Destes "40 por cento trabalha ativamente neste festival" (FELÍCIO; BAZALOCO, 2017, p.1). Desse modo, o Bons Sons passou a ser parte da vida cotidiana das pessoas que vivem na comunidade.

Ao descrever os sentimentos envolvidos na semana do festival a direção relatou "esta é

uma semana de muita agitação, com a recepção ao campista já na quinta feira e a montagem do festival praticamente toda só no fim da semana de forma a minimizar os constrangimentos a população. Só mesmo no fim é que montamos os palcos e por isso estamos sempre ansiosos" (FELÍCIO; BAZALOCO, 2017, p.1). Existe uma apreensão e um receio associados a montagem do festival, muita coisa é finalizada na manhã do primeiro dia de realização, eu pensava que não aconteceriam concertos naquele dia, mas tudo saiu conforme o planejado. Este processo visa minimizar os impactos a população e permitir que todos vivenciem a aldeia de forma mais genuína, com seus moradores, os negócios locais, as estruturas cotidianas entre as estruturas temporárias.

Este formato é possível por ser criado pela associação que envolve a própria comunidade. A direção do festival deixou claro que "não há uma empresa por detrás do Bons Sons" (HORTA, 2017, p. 2). Caso a organização envolvesse terceiros que não conhecessem a realidade local não seria possível fazê-lo nos moldes propostos. Manter o festival desvinculado das grandes marcas é fundamental para que o objetivo inicial seja mantido, divulgar a música portuguesa através da vivência em uma aldeia. Manter assim é uma escolha que implica em não poder crescer mais, não investir em algumas questões por limites orçamentários, visto que é um projeto de risco, basicamente financiado com recursos próprios, mas permite a manutenção do espírito do festival (DBS - reunião voluntários).

Conforme a DBS existe um limite na quantidade de ingressos vendidos pois "a capacidade máxima são 10 mil pessoas por dia [na aldeia]" (FELÍCIO; BAZALOCO, 2017, p. 1). Este ano foram 32.500 pessoas, ou seja, bem próximo do limite. Contudo, essa não é uma questão a ser discutida pela organização porque o objetivo é crescer em notoriedade e não em tamanho. O diretor do festival explicou que não fazem "questão de as ter todas [10 mil pessoas por dia], porque a partir de determinado número, há um ponto de caramelo que se perde" (LOPES, 2017, p. 1). A DBS prosseguiu com a afirmação: "o que pretendemos é uma vivência boa na aldeia" (FELÍCIO; BAZALOCO, 2017, p. 1), "não nos interessa a escala, mas a qualidade" (LOPES, 2017, p. 1).

O festival é tido como "uma alternativa aos festivais de verão mais comerciais. Especialmente porque se propõe uma vivência real da aldeia, não encenada [...] numa lógica de festa e descoberta que se estende à própria população" (VISÃO, 2017, p. 109). Desse modo, aumentar capacidade significaria perder o sentido do festival e isso não é do interesse de ninguém. O ponto caramelo mencionado é a possibilidade de interagir de verdade com a aldeia. Com a capacidade máxima não seria possível perceber as nuances da comunidade, identificar os moradores, conversar com as pessoas sobre suas histórias. Viraria um festival comum, onde

se vai para ouvir música, interagir no grupo de conhecidos, tomar uns copos (língua portuguesa, para beber) e se divertir sem maiores pretensões. O Bons Sons vai além disso, é mais que um negócio com fins, apenas, econômicos.

[...] tudo será sempre um negócio, e este Bons Sons alguém está a pagar, alguém está indo ganhar, alguém está indo fazer, faz parte de um esforço coletivo também de muita gente, mas para as outras pessoas há uma estrutura muito grande de negócio e aqui ainda parece mais puro, parece que a escolha do local é mais importante do que o sucesso, tem uma orientação completamente diferente do festival que só quer ganhar dinheiro que não tem uma união [...] e este parece um evento que é movido por uma série de coisas (ARTISTA 5).

Apesar de ser criado em formato de negócio o Bons Sons conduz a uma envolvimento social que o coloca em outro patamar. Os próprios artistas reconhecem este fato e mencionam que toda comunidade artística portuguesa tem o desejo de estar no Bons Sons. “O fato de não termos aqui toda aquela parafernália de comercial das grandes marcas e tudo mais [...], [as pessoas] só vem para descobrir as tasquinhas [...] e acho que traz uma dimensão muito humana [...] para além de musical” (ARTISTA 4). Neste sentido, a desvinculação das grandes marcas, de um modelo de negócios mais comercial, permite que as relações sejam aguçadas e desenvolva de maneira mais pessoal e profunda. Por isso, existe um senso de pureza e genuinidade.

As coordenações de voluntários e de estudos de públicos, bem como, outros membros da organização e as pessoas da comunidade e visitantes em muitas ocasiões ressaltam o fato de que é possível fazer de Cem Soldos o Bons Sons por não haver marcas por traz da organização do festival. Se houvessem patrocínios a autonomia da organização e, por conseguinte, da aldeia seria diminuída, pois haveria necessidade de contrapartida ao investimento feito por outrem. Este fato poderia, inclusive, acarretar em danos para a própria comunidade que passaria a ter seu espaço regulado por pessoas externas aquela realidade. Assim, manter o *status quo* se mostra fundamental para manutenção da imagem do festival e para sua continuidade, para tanto, se faz necessário manter este distanciamento das grandes marcas comerciais.

A figura 19 traz uma ilustração gráfica da prática desvinculação das grandes marcas comerciais. Esta se configura como uma prática estabelecida, em onze anos a ideia do festival vem crescendo, ganhando adeptos e se tornando um aspecto diferencial. O Bons Sons é aldeia e assim o é por manter-se sob a direção da aldeia. Esta desvinculação entre o festival e patrocinadores comerciais é algo visível e comentado por todos, desde a organização até os

festivaleiros, passando pelos artistas.

**Figura 19** - Representação da prática desvinculação das grandes marcas comerciais



**Fonte:** Dados da pesquisa, ilustração baseada em Shove, Pantzar e Watson (2012).

Os artefatos materiais que propiciam este distanciamento são as fontes de recursos, ao invés de usarem recursos mercadológicos, como patrocínios o Bons Sons se faz com recursos próprios, governamentais e de parcerias. Para manter este afastamento das grandes marcas e se manter genuíno o festival é financiado quase em sua totalidade por recursos próprios, gerados pela venda de ingressos e de produtos no *merchandising*. Existe uma pequena porcentagem de financiamento governamental, sempre foi apenas um auxílio da prefeitura de Tomar e este ano houve um incremento advindo do fundo ambiental. Estes recursos do fundo ambiental são diretamente relacionados ao plano ecológico, portanto, a parte estrutural do festival fica por conta dele mesmo. Para ser possível construir algo tão grandioso se lança mão das parcerias, com instituições que colaboram das mais diversas maneiras e com as próprias pessoas que se voluntariam para transformar a aldeia em um palco para o festival, sem que haja valor monetário envolvido.

Eu percebo um processo de retroalimentação. O festival surge tendo como base a plataforma comunitária e a comunidade vai aderindo a cada ano por ser algo comunitário. Em termos de competência há uma tendência a participar mais ativamente e o interesse é despertado cada vez mais. Muitos voluntários externos o são a vários anos, um deles comentou que visita a

comunidade ao longo do ano em diferentes épocas. Os artistas portugueses têm orgulho de participar do Bons Sons. As parcerias aumentam a cada ano. Tudo isso pautado na intensificação da vivência na aldeia. O foco não é aumentar os números, em termos de quantidade de festivaleiros, é melhorar a qualidade da vivência.

No que diz respeito ao significado é notório o sentimento de genuinidade e pureza da aldeia. Isso não quer dizer que a aldeia é pura e as outras não o são, quer dizer que se vive uma aldeia e não uma representação encenada. O chamado para viver a aldeia é real, as pessoas vivenciam os espaços que a comunidade tem a oferecer. Existem muitas atividades que não são a aldeia, mas ao mesmo tempo o são, pois estão relacionadas a cultura da região e das pessoas que lá vivem. Por isso, a maioria das pessoas entendem que esta separação entre mundo das marcas e Bons Sons é necessária, bem-vinda e valorizada.

#### 4.2.2 Valorização e difusão do local

O Bons Sons é grandioso em muitos aspectos, sobretudo, para Cem Soldos. *Se a priori* podemos pensar que Cem Soldos é uma daquelas comunidades rurais onde os dias precedem as noites e vice-versa num desenrolar sem fim do mesmo, ao conhecer um pouco da história percebemos que nunca foi assim. Cem Soldos sempre foi movimento, que se mencione as colônias de férias e os intercâmbios propiciados pela associação. Se o Bons Sons surge com esta plataforma nova foi porque aquela geração pode ter contato com o externo e isso foi possibilitado pela comunidade, é o que afirma a direção do festival e a direção do projeto escola aldeia. O que o festival fez foi dar vazão a identidade daquela aldeia e abrir as portas dela para o mundo.

Quando fui a primeira vez ao Bons Sons, no saudoso ano de 2010, não existia nenhuma placa que referisse a aldeia de Cem Soldos e ninguém a quem tenha perguntado sobre onde era o festival tinha conhecimento da existência do mesmo. Agora sim, toda a gente conhece, toda a gente sabe onde é. O **Festival Bons Sons** pôs a **Aldeia de Cem Soldos** no mapa, e, todos os anos, põe cerca de 25 a 35 mil pessoas na aldeia durante quatro dias (HENRIQUES, 2017, p.1).

Uma moradora fez o convite: “as pessoas todas venham cá porque eu quando fui a Coimbra ninguém sabia escrever Cem Soldos e nem sabia onde ficava Cem Soldos quando eu disse que era a terra dos Bons Sons já sabiam” (NOTAS DOS VÍDEOS). Cem Soldos era uma aldeia, como tantas outras, desconhecida da maioria. Com o Bons Sons a aldeia ganhou visibilidade. Em Portugal todos conhecem ou já ouviram falar do festival que começa a ganhar

reconhecimento internacional. Ser reconhecida como a comunidade que faz o Bons Sons gerou um senso de orgulho de ser Cem Soldense. Este senso de pertencimento de algo tão bem visto, como o festival, faz com que as pessoas queiram contribuir como podem, mesmo que seja apenas falando bem dele (DIREÇÃO ALDEIA ESCOLA).

Como afirma Rios (2017, p. 2) “a escala pode ser pequena, se comparada com outros festivais, mas não para Cem Soldos”. A escala em termos de capacidade é pequena quando pensamos em outros festivais de verão, mas o que agrega a região é muito mais de que seria possível com um grande festival em moldes comerciais. A direção do Bons Sons explicou: “não queremos crescer a nível de escala, queremos crescer a nível de discurso, de pertinência, de notoriedade, porque isso é importante para os projetos sociais que o Bons Sons, de alguma forma, sustenta” (RIOS, 2017, p. 2). Os projetos sociais da aldeia são o que há de mais importante e são eles que criam o diferencial que permite o convite a viver a aldeia. Essa valorização da aldeia é fundamental para manutenção do festival.

A opção de não tornar o festival algo atrelado a uma marca comercial se relaciona com a necessidade de valorizar o local. A ideia não criar um grande festival de verão e obter retornos financeiros e sim dar uma identidade a aldeia e ter um festival que agrega de várias formas, inclusive, financeira e socialmente. O festival agrega muito mais ao impulsionar projetos sociais do que como resultante econômica. O Bons Sons é valorização do local, do rural, do regional, do nacional, ele funciona como um difusor cultural. Por meio deste festival se conhece melhor o interior de Portugal, divulga-se a música portuguesa, movimenta-se os negócios da aldeia e da região, coloca-se Cem Soldos no mapa. Como muitos afirmam a aldeia passou a ser conhecida por causa do festival e a associação passou a ter maior legitimidade e voz no cenário nacional.

A família 3 afirmou que o que faz com que eles venham ao festival todos os anos é o fato de ser cultural, sem *fast food*, com música portuguesa. Esta é uma questão interessante, o fato de não haver comida de grandes redes chama a atenção. Em geral festivais optam por comida rápida, os *fast foods* são a opção mais demandada. No Bons Sons a comida é regional, portuguesa e local. Os três principais restaurantes são montados, temporariamente, em estabelecimentos da comunidade, o dos artistas funciona em um espaço fechado que fica ao lado do jardim da infância e os outros dois que são voltados ao público em geral funcionam em quintais de residências. Estes restaurantes servem petiscos e comidas tradicionais ao invés de lanches. As cozinheiras são senhoras da própria aldeia e a comida tem gosto de “comida de avó”. Existem algumas opções menores, em formato de *trailer*, um vegetariano, um de pizza e um com pães e pastéis e outro com churros, mas todos são advindos da região. Há, ainda, dois

*trailers* para aquisição de bebidas, como cerveja e vinho, ambas de marcas portuguesas.

Além de movimentar estes serviços de alimentação que são viabilizados para atender o festival, os estabelecimentos existentes na comunidade ganham um incremento exponencial de clientela. Os cafês da associação e da Tonita, as tascas, os restaurantes e o mercado aproveitam o movimento do festival para faturarem. A dona do café da Tonita ao falar com Rios (2017, p. 2) se mostrou agradecida pelo movimento durante o festival ao explicar: “toda a gente faz negócio, torna-se engraçado, ganham-se amizades, as pessoas [de fora] vêm-nos cumprimentar”. Faz parte da vivência do festival, tomar um refresco na Tonita, uma sangria em uma das tascas, um café na associação ou uma água adquirida no mercado e conversar com as pessoas que lá estão a trabalhar. As pessoas se mostram interessadas umas nas outras de forma mais pura, elas querem saber quais são as histórias, como as pessoas vivem, o que as levam a estarem ali.

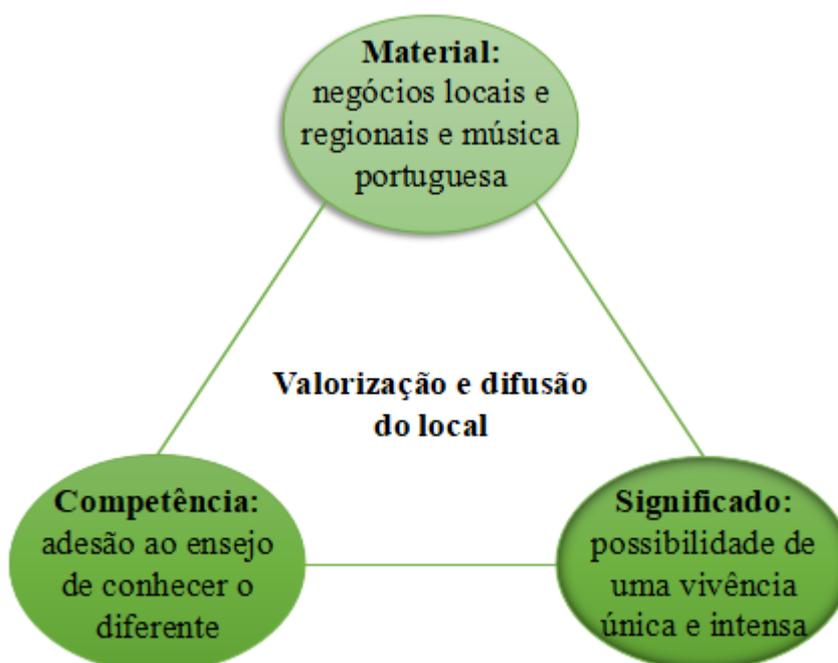
O festival também abre espaço para artesãos que podem expor e vender seus produtos nas ruas de Cem Soldos. Tendo como finalidade dinamizar um processo de economia criativa as barracas ganham espaço em duas ruas da comunidade e passam a ser mais uma possibilidade de entretenimento. Roupas, calçados, bijuterias, bolsas e outros adereços em couro, objetos de decoração e livros são alguns dos produtos que podem ser encontrados a venda. O espaço de *merchandising* do festival também explora a valorização do trabalho artesanal e local. Os objetos mais vendidos são relacionados à mascote do Bons Sons, a tixa (lagartixa), estes são confeccionados pelas avós da aldeia. A própria customização das camisas do festival a cada ano traz novas ilustrações que remetem a aldeia e a região.

Outro aspecto a ser ressaltado é a música. Primeiro, o festival surge como uma plataforma de divulgação da música portuguesa. O artista 4 mencionou: “eu acho que em todos os cartazes dos Bons Sons eu descobri quatro a cinco artistas que não conhecia”. Assim, o festival contribui para a formação musical do país e sua disseminação. A mídia faz uma ampla cobertura e facilita a divulgação dos artistas que participam do festival, sejam eles consagrados ou iniciantes. Segundo, para valorizar os artistas não existem concertos paralelos, eles são subsequentes. Desse modo, os artistas têm a oportunidade de mostrarem seu trabalho a todos, não há uma disputa por público e todos acabam escutando um pouco de tudo. O artista 3 afirmou: “como o público é muito diversificado mostramos nosso trabalho a um público que não é o nosso, um público que não nos iria ver, muita gente não iria nos ver, especificamente, e aqui é uma oportunidade”. Além disso, existe uma variedade de estilos, desde o mais instrumental, passando pelo fado e *rock* até o *dance*, dentre outros.

Além de ser só bandas portuguesas, tem um leque muito variado de artistas e não é muito comum nos festivais que costumam estarem mais focados em determinado gênero e eu acho que aqui consegue haver uma diversidade que procura um pouco perceber o que que é o contemporâneo da música portuguesa, então, faz assim, é um aspecto bastante abrangente do que se passa hoje em dia quando vejo bandas de vários gêneros [nos Bons Sons] (ARTISTA 1).

A direção do festival argumentou: “para viver bem a aldeia e o conceito que queremos apresentar mais do que dez (10) mil pessoas por dia não interessa”. Com o público atual é possível criar esta programação diversificada e manter apenas um concerto, não se demanda por concertos paralelos e por um estilo dominante. Quem vem aos Bons Sons vem visando muitas coisas além da música e está disposto a ser surpreendido por artistas desconhecidos, por ritmos e estilos que não escutam rotineiramente. A direção continuou: “o que queremos é duplicar os motivos para se vir a Cem Soldos durante o ano todo” (RIOS, 2017, p. 2). A ideia é valorizar o local de tal modo que as pessoas queiram voltar lá, mesmo sem festival, é envolver as pessoas com o contexto de modo que elas realmente vivam a aldeia. E o público está aberto a ir além, a se envolver, a descobrir o que a aldeia tem a oferecer, a escutar as histórias dos moradores. A figura 20 traz uma ilustração representativa da prática valorização e difusão do local.

**Figura 20** - Representação da prática valorização e difusão do local



**Fonte:** Dados da pesquisa, ilustração baseada em Shove, Pantzar e Watson (2012).

Esta prática mostra-se consolidada, seus constituintes, material, competência e significado estão em imbricamento. O material é composto pelos negócios locais, incluindo aqueles criados temporariamente para servir ao festival, e regionais, que permitem a comercialização de comidas e bebidas por empreendimentos pequenos da região. Além dos artesãos que trazem seus produtos para expor e vender no festival.

A competência envolve uma adesão ao ensejo de conhecer o diferente. Este diferente não é tão diferente se pensarmos a história da sociedade, mas com o avanço tecnológico, tudo passou a ser difuso e o local é apenas mais uma opção. Vivenciar um festival nestes moldes é diferente no sentido de que se distancia das demais possibilidades. Parece uma junção entre oferta e demanda, a aldeia quer se mostrar em sua essência e os festivaleiros querem viver esta genuinidade. Este *mix* de necessidades que se complementam permite esta valorização do local que acaba sendo difundido e ganhado novos adeptos.

Assim, as pessoas aderem por considerar uma vivência única e intensificada da realidade local. A significação é esta, o Bons Sons permite que todos vivenciem momentos únicos, é uma profusão de coisas a serem vistas e vividas. Tudo é muito intenso e as pessoas se lançam sem receios. Quem vai ao festival vai por isso e sabe que não terá as facilidades modernas, entende que o estacionamento é na terra e pode ficar um pouco distante do centro da aldeia, compreende que se ficar no acampamento terá que andar um pouco até chegar a entrada da comunidade. Por outro lado, os moradores entendem que naqueles dias as suas casas, em sentido estrito e amplo, e a comunidade, não serão suas, serão de muitos desconhecidos que se tornarão conhecidos em poucos minutos, porque nos Bons Sons todos parecem se conhecer.

#### 4.2.3 Associativismo

Antes do festival já havia uma tendência ao associativismo em Cem Soldos. A promoção de atividades que aproximassem as pessoas e a comunidade, sobretudo, as colônias de férias e os eventos culturais, já faziam parte da aldeia antes da concepção do Bons Sons. Conforme Ferreira (2015), a SCOCS surgiu em 1964 tendo por finalidade incentivar atividades esportivas. Mas, foi a segunda geração a encabeçar as atividades da associação, a qual assumiu dez anos após sua fundação, que introduziu as questões culturais como foco de atuação (COSTA, 2012), tal ensejo foi disseminado até os dias atuais.

A SCOCS desenvolve várias atividades ao longo do ano. Todas elas têm como base o projeto Aldeia Cultural, do qual são derivados subprojetos, sendo, atualmente, o Escola aldeia e o Lar aldeia os mais expressivos. E “no meio disto tudo, o Bons Sons é o ‘projeto embaixador’,

que ‘cria brio’, um festival que se quer pequeno porque isso é essencial para ‘atingir os objetivos’”, afirmou a direção do festival (RIOS, 2017, p. 2). As proposições da associação contam com amplo e massivo apoio dos moradores e ex-moradores da aldeia. Muitas pessoas que não residem mais na aldeia voltam para auxiliar na construção do festival, a população da comunidade chega a triplicar nas semanas que antecedem a realização do festival.

Assim, a aldeia se constitui tendo por base a responsabilização de seus membros pela realização de projetos comunitários, sendo a cultura o fato gerador deste processo. A direção do festival afirmou: “somos voluntários, uma equipa comunitária de uma aldeia, estamos num campeonato de Golias, sendo David” (RIOS, 2017, p. 2). Tal alusão remete ao fato de estarmos falando de um festival realizado em uma aldeia por meio de recursos próprios e trabalho voluntário, sem o uso da infraestrutura comercial atrelada ao setor de eventos, que hoje, vem despontando com uma grande estrutura mercadológica por trás. A vivência é muito mais importante que a estrutura do evento e isso torna o Bons Sons diferenciado. Ter por base uma construção coletiva é a identidade de Cem Soldos e, por conseguinte, do Bons Sons.

A associação ao se deparar com algo expõe a comunidade e juntos buscam soluções, também pode acontecer de algum morador detectar algo e levar a todos juntos buscarem alternativas. Um exemplo, mencionado pelas coordenações de estudos de públicos e de *merchandising*, foi a questão da quantidade de crianças existentes na aldeia a uns três anos atrás. O número de crianças em idade escolar iria ficar abaixo do necessário a manutenção de uma escola na aldeia e não ter uma escola seria muito ruim, representaria um corte de vida para a aldeia. Ao se defrontarem com este fato os integrantes da associação, juntamente com os pais dos alunos, os quais não queriam que seus filhos fossem estudar fora da aldeia, se mobilizaram e foram buscar alternativas, o que culminou com o projeto Escola Aldeia.

Ao perceberem que os pais gostariam de manter seus filhos estudando em Cem Soldos os membros da associação se mobilizaram e criaram um grupo para tentar manter uma escola primária pública em funcionamento na aldeia. A primeira ação foi reunir os pais e discutir o que faria sentido para a comunidade. Mas, como eles não detinham tantas informações sobre educação e precisariam construir um projeto inovador contataram especialistas em educação e organizaram um ciclo de palestras com eles. Por meio dos debates realizados com os especialistas muitos pais se engajaram para construir um projeto diferenciador para a escola primária (Coordenação Escola Aldeia).

Assim surgiu o projeto Escola Aldeia que tinha por finalidade construir uma proposta diferente daquelas já existentes, algo que propiciasse um maior aprendizado as crianças, a fim de atrair pais da circunvizinhança. Para tanto, optaram por usar como narrativa a aldeia, ou seja,

aproveitar os recursos existentes na comunidade a fim de que os estudantes tenham uma educação voltada ao entendimento do mundo social e não apenas de números e palavras dentro de uma sala de aula. Com esta proposta de uma educação baseada na construção social da realidade, pais das cidades vizinhas optaram por levar seus filhos para estudarem na aldeia e os órgãos governamentais concordaram em alavancar recursos básicos, como professores qualificados para conduzir esta proposta de ensino, assim, a comunidade conseguiu que a escola fosse mantida em funcionamento. Hoje, tentam conseguir mais recursos para implementar um projeto mais robusto, pois, alguns recursos prometidos não foram realmente implementados, mas, associação e comunidade continuarão a trabalhar por uma educação diferenciadora.

Um outro projeto que está ganhando vida por uma demanda social identificada é o Lar Aldeia. Alguns dos moradores da aldeia são pessoas com mais de sessenta anos, muitos destes viúvos ou viúvas que precisam de certos cuidados médicos, alimentícios, de higiene e seguranças, entre outros. Ao perceber este fato a associação está se mobilizando para ouvir os moradores e entenderem suas demandas. A ideia é, futuramente, fornecer os serviços demandados pelos idosos em suas casas, a fim de que eles possam ter uma vida ativa e com qualidade.

Além disso, muito do que há em Cem Soldos foi construído pelos grupos de trabalho, que nada mais são do que grupos de moradores que se unem para construir algo que se faz necessário ao bem viver na comunidade. Os banheiros que nós voluntários usamos no jardim da infância, parte da reforma da escola primária (Coordenação do Grupo Estudos de Públicos), um pavilhão da associação (Colaboradora do Espaço Criança), foram construídos pelos moradores em colaboração. Além disso, a manutenção das áreas comuns é realizada por grupos de moradores que mantém a aldeia limpa e segura para crianças e idosos.

O Bons Sons é um exemplo de impacto de como os Cem Soldenses podem se unir para desenvolver algo em conjunto. A equipe que organiza o festival conta com 100 (cem) participantes. Além destes, existem em torno de trezentos (300) voluntários da comunidade e de 100 (cem) voluntários externos. Todos trabalham sem compensações financeiras, muitas das atividades são desenvolvidas de forma pós laboral, as pessoas usam seu tempo de descanso para realiza-las voluntariamente. Muitas pessoas tiram férias na época do Bons Sons para poderem ir a Cem Soldos e ajudarem a construir o festival. Quase todas as estruturas que compõem o Bons Sons são desenvolvidas pelos voluntários, poucas são as atividades que demanda a contratação de terceiros. Mesmo aqueles que não se envolvem diretamente, atuam cedendo terrenos, quintais, casas ou até mesmo ao não reclamar do barulho. Estas foram informações fornecidas

por quase todas as pessoas com quem conversei.

Essa tendência ao associativismo foi construída a muito tempo, não é algo que surgiu do nada ou por causa do Bons Sons, mas foi isso que fortaleceu o terreno para que o festival pudesse crescer. Todos na comunidade comentam sobre as colônias de férias, relatam como eram felizes aqueles dias, como todos se relacionavam e interagiam e como isso propiciava uma aproximação entre todos. A coordenação do grupo das avós era a responsável pelas colônias e de férias e relata que usava suas férias para desempenhar este papel. Durante alguns anos a comunidade se juntava no mês de julho e iam para uma praia, onde os mais novos se divertiam sob a supervisão dos mais velhos. A geração que hoje rege as ações da associação menciona que tem uma liberdade maior com as idosas por causa das colônias e a coordenação do grupo das avós relata que aqueles que participaram das colônias tem maior abertura de interação com ela.

Este espírito também é mantido pelo grupo de escoteiros que tem mais de trinta anos e envolve crianças a partir de seis (6) anos em várias atividades. Este grupo conforme informação de sua coordenação mantém uma parceria com a associação para desenvolvimento de atividades que as crianças possam se envolver. Eles se reúnem todos os finais de semana e até realizam atividades fora de Cem Soldos, tais como: acampamentos. Isso é muito importante para envolver as crianças desde cedo com as atividades da comunidade e com a própria associação.

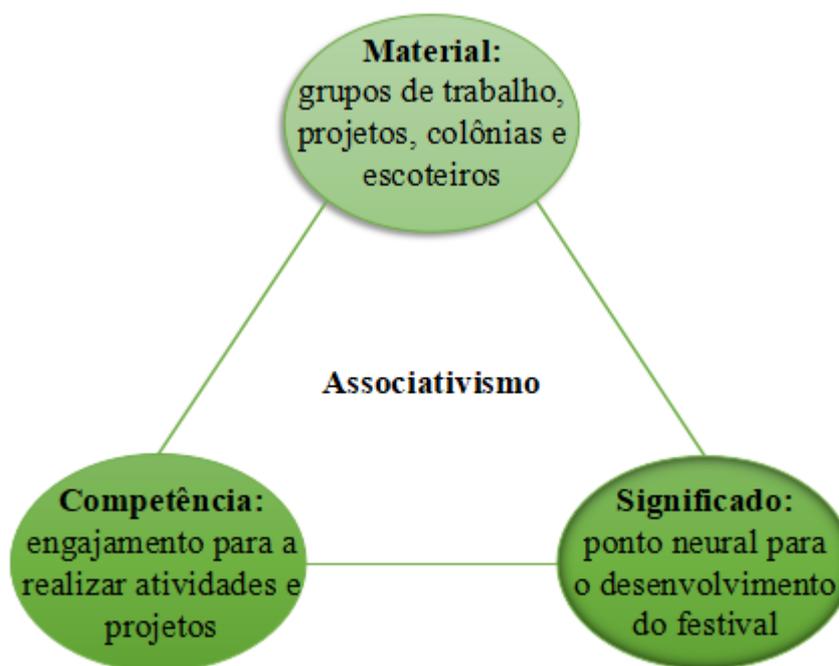
A figura 21 retrata uma ilustração da prática associativismo que se mostra em processo de continuidade. Os elementos, material, competência e significado, que constituem esta prática encontram-se em imbricamento a algum tempo, o qual mostra-se cada vez mais sólido. É válido salientar este imbricamento que compôs a prática associativismo possibilitou a emergência do Bons Sons, permite a manutenção da identidade do festival e poderá alavancar a divulgação dele em âmbito internacional.

Os elementos materiais são basicamente os grupos compostos pela comunidade tendo como interveniente a associação. As colônias de férias ajudaram a criar este espírito de trabalho cooperativo, o grupo de escoteiros auxilia a criar e manter este espírito nas crianças e cria um vínculo entre elas e a comunidade, os grupos de trabalho fazem as pessoas construírem seus espaços de forma conjunta e os projetos desenvolvidos pela associação em conjunto com os moradores fazem com que a pessoas pensem no melhor para a coletividade.

Esta é uma prática muito relacionada com a aldeia, mas que se coaduna ao Bons Sons ao favorecer a construção do ambiente que propiciou a constituição dele. Portanto, no que concerne a competência a discussão se relaciona de forma mais estrita a comunidade e pouco ou quase nada com os festivaleiros. Visualiza-se nas falas e na própria organização do evento

um engajamento expressivo das pessoas da comunidade tanto para a realização de atividades quanto para o desenvolvimento de projetos que se vinculem ao bem-estar da coletividade.

**Figura 21** - Representação da prática associativismo



**Fonte:** Dados da pesquisa, ilustração baseada em Shove, Pantzar e Watson (2012).

Quanto ao significado todos entendem que esta vinculação entre as pessoas favoreceu a criação e a expansão do festival. Ao ouvir como, quanto e o quão bem as pessoas falam sobre se envolverem com a realização do Bons Sons eu percebi como elas se orgulham de ser parte daquilo. As pessoas gostam de trabalhar em prol de um bem maior e não se importam em trabalhar em seus horários de descanso ou em suas férias. Elas sabem que o Bons Sons é fruto deste trabalho conjunto e que a maioria dos festivaleiros vem vivenciar a aldeia por este diferencial. Os artistas demonstram conhecer a importância no associativismo na construção do festival e admiram a capacidade de organização da aldeia. Os festivaleiros não sabem detalhes, mas se mostram conscientes da relevância da comunidade para a realização do Bons Sons.

#### 4.2.4 Criação da marca

O Bons Sons surge a partir de um descontentamento com a forma de conceber a festa que reunia a todos em Cem Soldos. Conforme explicado pelas coordenações de

*Merchandising* e Escola Aldeia e pela direção do festival a geração deles pode ter contato com um mundo de coisas por meio dos intercâmbios e campos de férias que foram viabilizados pela associação. Isso os tornou mais exigentes e em 2006 quando eles começaram a assumir responsabilidades pelas atividades da SCOCS veio à tona uma insatisfação com a Festa do Arraial. Esta foi uma época em que Cem Soldos estava sendo repensada, era um aniversário da associação e todos estavam focados em projetar o futuro. Neste cenário, esta nova geração propôs a utilização da infraestrutura da Festa do Arraial para promover um festival diferente na semana anterior. Assim, surge o Bons Sons que segue a mesma lógica comunitária da Festa do Arraial, mas tem uma matriz diferente que se enquadra mais com pensamento da geração que o constituiu.

Com o tempo o Bons Sons cresceu e tomou uma dimensão muito maior do que todas as outras atividades realizadas em Cem Soldos. Mas, isso não diminui o papel da associação, que é fundamental para realização de um evento desta magnitude e, inclusive, foi determinante para o surgimento dele, ao permitir que os jovens pudessem vivenciar outras experiências fora da aldeia. Assim, conforme a direção do festival “o Bons Sons é mais uma atividade da SCOCS, contudo, é a atividade com mais escala e com mais visibilidade e às vezes é mais forte de imagem e marca do que a associação” (FERREIRA, 2015, p. 16). Isso denota que o Bons Sons acabou elevando os padrões de expectativa em relação a Cem Soldos ao se tornar uma marca que exprime algo tão real, singelo e único. Mas, a questão que surge é, como que uma proposta de uso de uma estrutura existente para outro evento em um contexto rural e interiorano sem uma base econômica robusta por trás se tornou algo tão grande, inclusive como marca.

Os dois principais pilares de construção do Bons Sons foram a música portuguesa e a vivência da aldeia. Aparentemente a música portuguesa não era algo a ser colocado como matriz de um festival. Os organizadores relataram que falar em festival de música portuguesa a onze anos atrás era algo que gerava estranheza e demandava muitas explicações, pois as pessoas não compreendiam. Hoje, com o conhecimento do potencial da música portuguesa outros festivais com esta mesma matriz surgiram, sendo o Bons Sons o maior dentre eles. Por outro lado, ir a espaços rurais para um festival também era/é algo que ia/vai de encontro a lógica estabelecida ao longo dos anos, a qual coloca as áreas urbanas como os centros de entretenimento, turismo e lazer. Atualmente, ter a possibilidade de estar em uma aldeia tão viva como Cem Soldos é um privilégio.

Estes pilares que se constituíam como nichos de mercado e não despertavam interesse hoje se mostram como fortalezas para o estabelecimento da marca Bons Sons. Como

expressou a direção do festival “o que era estranho agora é mais identitário e o que sempre foi assim, é que começa a ser estranho agora, e isso é muito interessante” (FERREIRA, 2015, p. 23). Depois de vivenciar, de conversar com tantas pessoas, de ler e ver vídeos sobre o festival, entendi que não há Bons Sons sem Cem Soldos e música portuguesa. É como se a aldeia e a música fossem o cenário e a face do festival, juntas elas constituem a identidade e geram o valor da marca Bons Sons. O estranho seria mudar essa matriz que faz do festival algo tão único.

Alguns pontos são destaque do Bons Sons, tais como: a criação de ego, a sustentabilidade e a qualidade e diversidade musical. As pessoas sentem-se orgulhosas de serem de Cem Soldos, de terem amigos lá, de serem filhos de Cem Soldenses, de fazerem parte de alguma forma da construção do Bons Sons, isso fica evidente nas falas. Este ego faz com que crianças que não nasceram na comunidade ou pessoas que tem amizades por lá queiram contribuir para o festival e, por conseguinte, para a aldeia. A sustentabilidade vem como uma força da marca, é por ser inclusivo, por manter uma preocupação real com o meio ambiente e por ser praticamente autossustentável que o Bons Sons desenvolve essa faceta. E a música portuguesa, vem com muita qualidade e expressando a diversidade existente, a programação é sempre focada em retratar com a maior representatividade possível o que há no cenário musical português.

A direção do festival entende que “este modelo mais exigente de programação é que é a essência da imagem de marca do Bons Sons” (FERREIRA, 2015, p. 25-26). A organização defende este formato eclético e inclusivo e os artistas se sentem muito envolvidos e orgulhosos de serem parte do festival. O fato de não haver concertos em paralelo e de a programação trazer nomes desconhecidos, emergentes, em alta e consagrados, de diversos gêneros e idades faz com que a diversidade musical seja um ponto alto do festival. Isso remete a envolvimento que o festival cria entre as pessoas em vários níveis, e provavelmente é esta envolvimento que possibilita a divulgação e exaltação da marca Bons Sons.

Se tem algo que o Bons Sons faz é envolver as pessoas que viram embaixadores do festival e impulsionam a marca. Tudo começa pela comunidade que é envolvida diretamente no processo de divulgação do festival. Este ano para apresentar cada artista da programação foram feitos vídeos curtos com o pessoal que mora na comunidade. A filmagem aconteceu no ambiente de vivência de cada um, a maioria as janelas de suas casas e envolveram todas as faixas etárias. Não houve um ensaio prévio e é perceptível o prazer que as pessoas têm em convidar a todos para vivenciar seus espaços durante o festival, muitos convidam os artistas a irem as suas casas. O sentimento que eles passam é expresso por esta fala: “venham ao Bons

Sons vocês vão curtir a onda, vão achar o público fantástico e o ambiente que vocês vão aqui viver não vão viver em mais festival nenhum, portanto, acho que é obrigatório aparecer” (NOTAS DOS VÍDEOS). Como expressou a coordenação Escola Aldeia as senhoras afirmam que o que podem fazer para contribuir é falar bem de tudo aquilo que acontece lá no festival. Mal sabem elas que contribuem muito além disso ao abrirem suas histórias e vivências a todos.

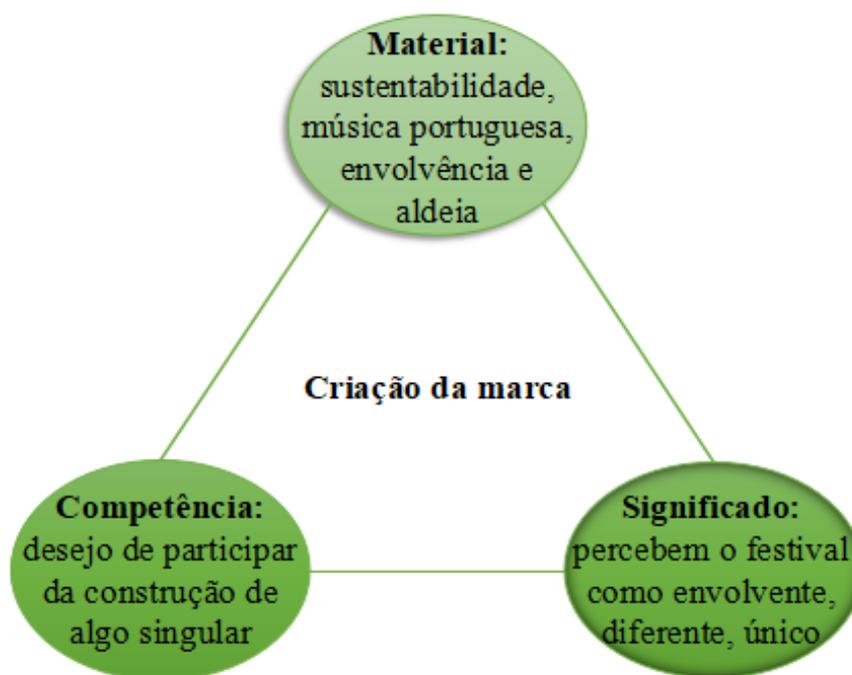
O que falar dos voluntários que estão lá disponíveis a ajudar sempre que necessário. E por mais que existam voluntários externos a grande maioria é vinculada de algum modo a aldeia. Todos estão envolvidos, muitos dos externos já vem ao Bons Sons a muitos anos e junto com os internos fazem com que seja possível acontecer o festival. É uma construção coletiva e este engajamento é algo orgânico e que se transparece na atmosfera que faz com que a maioria dos festivaleiros venham ao festival. Sejam as famílias que podem ir juntas a um festival que envolve a todos, os mais idosos que podem vivenciar espaços interativos e se divertirem ou os jovens que interagem com todos e vão aos concertos que lhes convém.

Os artistas também têm um carinho todo especial pelo festival. Eles são tratados com muita personalidade e devolvem isso, alguns afirmam que ficaram imensamente felizes pelo convite, outros que construíram um concerto especificamente para o festival, alguns ficam no festival mais dias e outros voltam a Cem Soldos ao longo do ano. Independente das diferenças entre eles todos mencionam que é um festival diferenciado e que tem muito carinho por ele. A imprensa tem um papel muito interessante neste processo, pois, jornalistas e blogueiros são convidados a ir à aldeia durante um dia no início do ano e podem conhecer o cenário e a história do festival antes que ele aconteça. A produtora da artista 4 falou sobre isso e afirmou que esta valorização do papel da imprensa e a aproximação gerada faz com que os artistas e o festival tenham uma atenção midiática diferenciada.

Esta envolvimento de tantas vertentes fez o festival se tornar um sucesso em Portugal e alçar seus primeiros passos em direção a internacionalização. A força da marca Bons Sons levou a sua realização anual, um ponto destacado para esta decisão foi a força dos embaixadores da marca. A família 11 declarou que a ativação da marca ano a ano é mais fácil e requer menos investimentos, faz sentido já que são os participantes do festival que fazem a divulgação. Este sucesso, em termos de força e notoriedade, fez com que os órgãos governamentais reconhecessem o festival e dessem todo apoio possível, o que não se traduz em investimentos financeiros, mas em credibilidade e legitimidade. Tudo isso se traduziu em valorização da marca Bons Sons, a qual movimentou uma vultuosa soma de recursos na região envolvida. Em entrevista a Ferreira (2015) a direção do festival afirma que naquele ano a marca Bons Sons estava avaliada em um milhão de euros.

A figura 22 traz uma ilustração gráfica da prática criação da marca que se encontra estabelecida. Os elementos constituintes desta prática encontram-se em imbricamento, a marca foi estabelecida e é reconhecida pelo seu valor. Os elementos materiais são a sustentabilidade expressa em seus três pilares, sendo o ecológico aquele que trouxe prêmios de maior visibilidade ao festival; a música portuguesa que de nicho virou uma força da marca e aproximou a comunidade artística; a envolvência, por ser um festival que a agrega a todos e os envolve em sua concepção e/ou realização; e a aldeia que é o cenário e a principal expressão identitária do Bons Sons.

**Figura 22** - Representação da prática criação da marca



**Fonte:** Dados da pesquisa, ilustração baseada em Shove, Pantzar e Watson (2012).

Todo este envolvimento culmina no desejo de participar da construção de algo tão singular, que se expressa pelo elemento competência. As pessoas têm prazer em exercer suas funções, mesmo que seja um processo trabalhoso o resultado é compensatório e elas acabam levando o nome Bons Sons onde vão e falam de maneira carinhosa, respeitosa, estão sempre a exaltar o festival. Quem não trabalha na organização ou execução de alguma forma fica feliz em participar dos concertos e das atividades ou mesmo em vivenciar aquele lugar mágico, onde todos se cumprimentam e estão sempre disposto a sentar junto para compartilhar algo. Este processo de criação colaborativa faz com que as pessoas sejam embaixadores da marca Bons Sons e impulsiona o aumento de alcance dela.

No que concerne ao significado as pessoas percebem o festival como envolvente, diferente e único. Tudo aquilo que foi proposto e concebido inicialmente parece ter alcançado a visibilidade almejada. As pessoas não vão ao festival apenas pela musicalidade ou junção de amigos para se divertirem, elas querem viver a aldeia, querem os jogos, as performances, as histórias da aldeia, as bebidas e comidas nos estabelecimentos locais, o pula corda, o descanso na relva. O Bons Sons traz toda a peculiaridade de uma comunidade rural interiorana, apesar de durante aqueles dias a vida da aldeia ser intensificada, os arranjos sociotécnicos são os mesmos existentes ao longo do ano. Se palcos e estruturas são montados, eles o são nas áreas comuns da aldeia e as pessoas podem ter uma amostra do que é Cem Soldos. Isso gera o diferencial do festival e, por conseguinte, da marca Bons Sons.

#### 4.2.5 Alternativa a desertificação

Com a intensificação da vida nos grandes centros urbanos houve um esvaziamento das cidades pequenas e, de forma mais intensa, das regiões rurais. Logo nos primeiros anos o festival começou a ganhar destaque e potencial de continuidade. Com o sucesso da proposta houveram sondagens sobre a mudança de localidade, a ideia era levar o Bons Sons para a cidade. Isso provavelmente ocorreu por entender-se que promover um festival na cidade seja mais fácil que em uma zona rural. E realmente o é, contudo, o Bons Sons não é apenas um festival de verão, ele é Cem Soldos. As pessoas vão ao festival por tudo que ele representa e não apenas pelos concertos, assim, não faria sentido levar para a cidade. Sobre esta questão a direção do festival explanou:

[...] isso foi só boato. Nunca houve uma proposta. Havia o interesse e a Câmara dizia isso à boca pequena que se o festival fosse em Tomar... Mas isso era na altura em que as pessoas ainda não tinham sequer percebido o festival. Não tinham percebido que a alma do festival era a aldeia e que se isto fosse para Tomar seria uma festa de uma cidade qualquer [...] (DBS - FERREIRA, 2015, p. 21).

Com o passar dos anos ficou claro que Bons Sons e Cem Soldos são duas partes de uma mesma moeda. Isso é muito importante para evidenciar que espaços rurais e interioranos tem suas vocações e que estas podem ser potencializadas, a vida não acontece apenas em grandes centros urbanos. Como adverte o artista 3 “nós obrigatoriamente vamos ter que repensar a vida em grandes cidades e se calhar o futuro passa por espaços como este [refere-se a Cem Soldos]”. Nesse sentido, o festival acaba tendo o papel de mostrar que existem alternativas à desertificação dos interiores.

“Uma moradora pergunta a outra ‘já tinhas visto a aldeia com tanto movimento? Até

parece Paris!” (RIOS, 2017, p. 2). Este é o sentimento geral, lembro de pensar, já no primeiro dia, como tantas pessoas conseguiam conviver em um espaço tão pequeno de forma tão harmônica. No início da semana com a chegada dos voluntários a aldeia já começa a ganhar outros contornos e durante o festival a atmosfera é outra. A aldeia é “invadida” por pessoas que tem “sede” de vivenciar aquela experiência, seja nas atividades, nos concertos, nos jogos ou em qualquer forma de interação com os moradores ou na vivência de qualquer outro aspecto da aldeia. Não há mais o que questionar, o festival é um sucesso e o é por ser diferente, por ser na aldeia.

A principal plataforma de trabalho da SCOCS é o projeto Aldeia Cultural que tem como finalidade promover o desenvolvimento da aldeia por meio dos pilares educação, turismo, envelhecimento, desporto, urbanismo e cultura (VISITA GUIADA PELAS CRIANÇAS). Como afirmou a Coordenação de Estudos de Públicos eles não “vendem” nada que não tenham, toda a proposta do festival e das demais atividades realizadas ao longo do ano envolvem uma vivência real da aldeia. Por mais que se crie uma estrutura para receber as pessoas, as atividades propostas lançam mão de artefatos locais e regionais e a maioria das coisas são realizadas por membros da comunidade, o que faz com que a identidade local seja a do festival.

Em uma das noites na associação, quando nós voluntários dobrávamos os *folders* com a programação do festival um senhor da aldeia conversava conosco sobre a região. Ele descreveu que em sua juventude as oportunidades de emprego eram fábricas e que há alguns anos elas fecharam e ele juntamente com vários outros trabalhadores ficaram sem emprego, assim como, os jovens da região que passaram a buscar novas oportunidades em outras regiões do país. Muitas pessoas ao falar do festival acabam remetendo a esta questão, parece ser um consenso este processo de esvaziamento das aldeias e a necessidade de criar meios para fixar as pessoas nessas localidades.

No vídeo de apresentação do projeto Aldeia Cultural os moradores afirmam “vamos fazer com que os produtos locais e o nosso saber receber sejam o motor da nossa economia”. E esta é a ideia, movimentar a economia da aldeia ao valorizar os produtos regionais e recepcionando as pessoas nos eventos que são realizados ao longo do ano, dentre os quais o Bons Sons é o maior, em tamanho e expressividade. Nesse sentido, o festival vem como uma alternativa a desertificação ao movimentar a aldeia e as comunidades ao redor por meio do turismo de lazer e hospitalidade. A direção dos Bons Sons afirmou:

Sabemos o valor que temos para a comunidade da aldeia e para a região e a importância cultural para o país. O nosso papel é também o de valorizar o espaço rural, que está abandonado e sobre o qual há grande desconhecimento. Haver uma aldeia com esta autoestima, que acredita no que faz e no que é, é uma mensagem para um país contemporâneo, que consiga fixar as pessoas no interior (HORTA, 2017, p. 4).

É muito interessante perceber a consciência que a organização tem acerca do papel que o festival tem para a aldeia, para as cidades circunvizinhas e para o país. A direção enfatiza esta importância do festival ao explicitar como o Bons Sons se insere no contexto local, regional e nacional. Na reunião dos voluntários a direção enfatizou o festival como uma forma empírica de repensar os espaços rurais a partir das pessoas que o habitam. Tal pensamento foi expresso na fala: “neste momento o país está a ser devastado pelos fogos [incêndios] e pelo abandono do espaço rural e aqui trazemos algum raciocínio, algum pensar e algum exemplo de como se pode habitar as aldeias hoje, como é que as aldeias podem ser contemporâneas” (DBS - reunião voluntários). A mensagem que quer ser passada é que as aldeias não são o passado, que elas, juntamente com as cidades, são contemporâneas e devem ser percebidas como assim.

Conforme o artista 3, “as grandes cidades fazem as pessoas perderem muito tempo e não necessariamente fazem com que as pessoas ganhem mais, portanto, é possível repensar tudo isso”. Esta é uma discussão ampla que vem ganhado espaço nos últimos anos devido a percepção de encurtamento do tempo que as pessoas passaram a ter nos grandes centros. Como o artista 6 argumentou, o avanço do turismo, eu incluiria também a expansão de áreas de comércio, nas regiões centrais das cidades, faz com que estas áreas passem a ser mais caras, o que leva as pessoas a viverem em zonas mais periféricas, aumentando os deslocamentos diários. Este contexto evidencia a necessidade de repensar os espaços e o Bons Sons mostra que é possível dar vida aos interiores e as zonas rurais.

Durante o festival “as pessoas podem trazer uma vivência diferente para a aldeia e também podem ajudar economicamente” (FAMÍLIA 5). As pessoas que vão ao festival movimentam recursos para os negócios da própria aldeia, as tascas, os restaurantes, o mercado e o café; para os empreendimentos que colocam barracas para vender comida ou artesanato; para a associação, via bilheteria, café e restaurantes e *merchandising*; e para os empreendimentos de hospedagem, tanto da cidade de Tomar como em outras cidades circunvizinhas. Além disso, existe movimentações indiretas em supermercados, restaurantes e até no turismo nas cidades vizinhas, algumas pessoas, inclusive, visitam aquela região fora do contexto do festival. Desse modo, o festival tem um impacto substancial para a região. Contudo, para além da questão econômica a organização visa a construção de uma ligação entre as pessoas e a aldeia.

[...] temos que conseguir mudar o ego. As pessoas continuarem a ter orgulho de fazerem parte de Cem Soldos e de quererem se envolver e continuar a envolver. Mesmo que não seja possível hoje viverem aqui porque não conseguem criar os seus postos de trabalho cá, pelo menos vêm todos os fins de semana, todos os meses, vêm às festas, continuam a dizer que são Cem Soldenses. Portanto, há esta ligação que é muito importante para a manutenção desta comunidade [...]. E isso é mais importante do que parece, porque se não trabalharmos isso, a outra parte nunca virá. E depois os filhos dessas pessoas que estão fora, continuam a ser de Cem Soldos, e não é vir à terra do pai e quando a avó morrer já não vêm cá, [a ideia] é continuarem a criarem laços e a virem trabalhar, nem que seja para o festival ou a virem ajudar naquele mês, criam laços e relações com as pessoas que cá estão e continua-se a fazer uma comunidade apesar de ela não viver toda, todos os dias cá em Cem Soldos, isso é para nós muito importante. Isso é o maior impacto. É eu ver sobrinhos meus ou filhos de outras pessoas que apesar de não terem cá nascido, continuam a sentir-se Cem Soldenses (DBS - FERREIRA, 2015, p. 18).

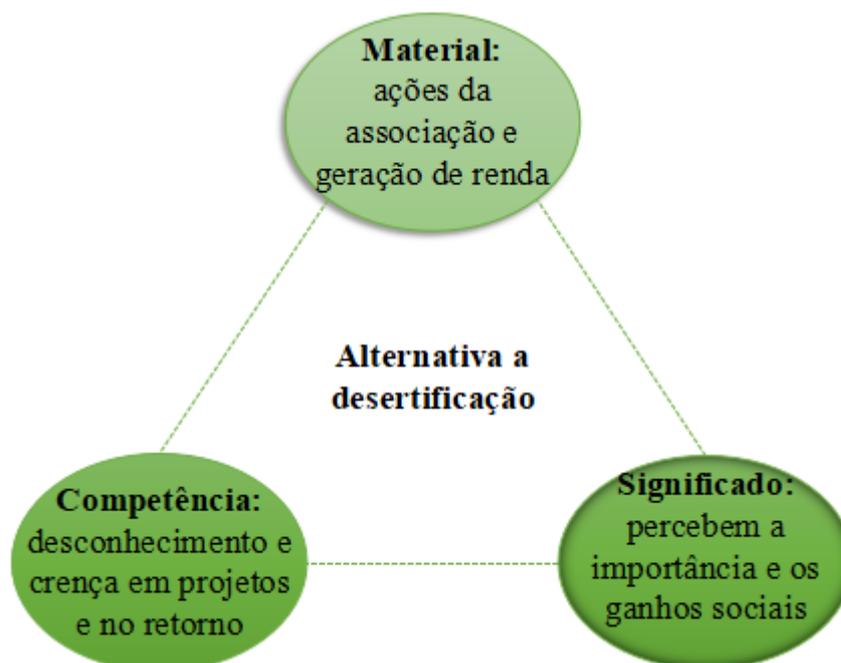
Esta fala da direção do Bons Sons salienta que o foco é que a aldeia continue a ser parte da vida das pessoas, mesmo daquelas que não nasceram e não residem nela. Uma ação muito interessante é ter pré-adolescentes residindo na aldeia durante as férias escolares no mês de julho. Existe uma programação preparatória para o festival que envolve crianças, elas prestam serviços compatíveis com sua idade e conhecem a história e os processos da aldeia. Uma das atividades é a preparação para realização das visitas guiadas a aldeia durante o festival, eu fiz uma visita guiada com duas crianças, uma residente em Tomar e outra residente na Alemanha e eles relataram que passaram o mês de férias em Cem Soldos. Isso faz com que eles se integrem a aldeia.

As crianças das famílias entrevistadas demonstram muita alegria em participar do festival. Já as crianças e adolescentes residentes em Cem Soldos não sabem o que é a aldeia sem o Bom Sons. Muito se fala sobre a orgulho que crianças e os adolescentes tem do Bons Sons e, por conseguinte, de Cem Soldos. Os adultos também vivenciam a aldeia intensamente ao longo do ano, muitos dos organizadores residem e trabalham em outras cidades, mas estão sempre presentes em Cem Soldos, seja nos finais de semana, nas férias ou nos eventos. Na semana do festival as casas ficam lotadas, pois muitos vem para preparar a aldeia para o festival. Ser Cem Soldense é um orgulho! Isso faz com que a aldeia sempre tenha pessoas dispostas a desenvolverem alguma atividade.

A figura 23 traz uma representação ilustrativa da prática alternativa a desertificação. Tal prática está em um processo de solidificação, apesar de seus elementos constituintes não estarem totalmente imbricados, existe potencial para tanto. Os elementos materiais não são tão físicos, são as ações da associação e a geração de renda. O festival possibilitou a legitimidade da associação, a qual passou a desenvolver muitos outros eventos ao longo do ano, todos eles associados ao projeto Aldeia Cultural, que objetiva possibilitar uma qualidade

de vida a todos os envolvidos com a comunidade, principalmente aos moradores. Quanto a geração de renda, o Bons Sons alavanca os negócios da comunidade, gera recursos a associação e movimenta muitos outros empreendimentos das cidades próximas.

**Figura 23** - Representação da prática alternativa a desertificação



**Fonte:** Dados da pesquisa, ilustração baseada em Shove, Pantzar e Watson (2012).

No que diz respeito a competência, apesar de os envolvidos diretamente deterem conhecimento sobre os produtos do festival os festivaleiros acreditam que há benefícios, mas, não tem noção de quais são eles. Praticamente todos os respondentes dos questionários que eu apliquei desconhecem os projetos sociais e os retornos que o festival traz para a comunidade, apesar de creem que há retornos econômicos não tem informações sobre os expoentes sociais. O Bons Sons é um projeto que agrega muito, não apenas em termos financeiros, mas sobretudo em bem-estar social. Apesar de não ser o festival, mas sim, a associação, juntamente com a comunidade, que fazem com que tantos projetos sejam gerados, é o Bons Sons que alavanca e coloca Cem Soldos em destaque. Seria importante comunicar melhor o que o Bons Sons gera para todos, pois a relação aldeia-festival-comunidade é singular e pode servir como um exemplo de como habitar os interiores.

Apesar de não conhecerem os expoentes, as pessoas atribuem importância a existência do festival para a região e vislumbram ganhos para comunidade. É interessante perceber como os festivaleiros significam a contribuição do festival mesmo sem deterem todas as

informações. Já o pessoal envolvido com a organização e a comunidade sabem exatamente o que o Bons Sons representa para a aldeia e para a região. Com um apoio de quase cem por cento dos moradores e com o apoio em massa de pessoas que já não moram em Cem Soldos o Bons Sons é tido como algo a se ter orgulho e a ser mantido. É muito bonito ver o engajamento de todos, onde se precisa de algo sempre aparece alguém para ajudar. As pessoas que tem seus negócios, se dividem entre a prestação de serviços e a colaboração para com as atividades do festival. Os grupos de trabalho apesar de propiciarem uma separação de tarefas, esta não é rígida, quando necessário as pessoas acabam contribuindo com outros grupos de trabalho. Este engajamento é obtido porque as pessoas têm orgulho de fazer parte de algo tão mágico.

#### **4.3 Práticas Sociais focadas no Aspecto Social**

O termo sustentabilidade surge por uma questão social, o crescimento populacional levaria a um momento em que não haveria mais comida suficiente para toda a civilização, partindo desta discussão começaram os debates na área. Ao longo do tempo o aspecto social foi ficando a margem diante da sobreposição do fator ambiental. Os debates passaram a se concentrar em evidenciar como manter o desenvolvimento econômico sem esgotar as fontes de recursos, que são provenientes da natureza, ou seja, como conciliar os aspectos ambientais e econômicos. As temáticas responsabilidade social, gestão ambiental, desenvolvimento sustentável, sustentabilidade, logística reversa, entre outras, passaram a ser amplamente difundidas, em cursos de graduação ou pós-graduação, em congressos e periódicos e até no meio empresarial.

Neste cenário o aspecto social, apesar de estar no centro do debate, ficou sendo um elemento marginal. Contudo, nos últimos anos a questão social está tomando conta do cenário e não porque as pessoas não terão comida caso se mantenham os padrões de desenvolvimento, mas porque o ritmo de vida acarretou vários problemas sociais. A falta de convívio em espaços compartilhados, o uso excessivo das redes sociais, a dependência tecnológica, a falta de tempo para lazer e família e o avanço substancial de doenças como ansiedade e depressão trouxeram à tona a necessidade de repensar a sociedade. Temáticas como direito a cidade, mobilidade e lazer começam a tomar espaço nas discussões sobre sustentabilidade.

No contexto do Bons Sons o aspecto social é o que mais chama a atenção. Apesar de as questões ambientais serem as que estão formalmente difundidas e de as econômicas darem o suporte necessário a manutenção do festival nos moldes propostos são as questões sociais as

mais desenvolvidas. A ideia do festival é viver a aldeia, com as senhoras as janelas, com os senhores a conversarem sobre as estórias vividas, com as crianças a interagirem no meio de todos, com os animais soltos em seus ambientes naturais. Quando eu ouvi que era um festival de verão para todos fiquei a pensar: deve ser mais um *slogan*, não devem conseguir envolver todos em um festival de música, crianças e idosos não devem estar ambientados. Mas, a realidade é que o festival se faz na aldeia do jeito que ela é, claro que existem adaptações para receberem tanta gente, mas a essência é a mesma e existem atividades para todos, inclusive crianças e idosos.

De certa forma todos da comunidade podem se envolver tanto nas atividades de lazer como nos trabalhos. As crianças e pré-adolescentes passam suas férias a trabalharem em atividades condizentes com suas idades sob a supervisão das pessoas da associação e durante o festival tem várias atividades a sua disposição. Os idosos se envolvem durante todo o ano, eles se voluntariam a doar seu tempo nas atividades que tem expertise, seja costurando ou construindo algo ou ensinando um ofício aos demais e nos dias do festival curtem alguns concertos, usufruem das faturas e das prosas que se desenrolam as janelas, nos bancos da praça ou em qualquer outro lugar. Os jovens e adultos em sua maioria estão envolvidos em todas as atividades porque são eles que constroem o festival, cuja base é o trabalho voluntário, mas também podem curtir os concertos e as interações.

Os festivaleiros têm a sua disposição uma aldeia inteira e podem usufruir de muitas atividades, interativas, performáticas e musicais, ao ar livre. Sempre tem algo a ser feito, são muitas as opções para muitos gostos e faixas etárias. O que importa é promover um bem-estar geral para que todos consigam ter uma vivência integrada na aldeia. A música nacional, o cenário real, as pessoas em suas casas e nos espaços comuns, os animais, tudo junto em harmonia, nos mostrando que é possível a conciliação de tantos atores em um espaço de comunhão. A partir da vivência na aldeia foram identificadas as seguintes práticas sociais relacionadas com o aspecto social: Sentido de liberdade; Exploração dos sentidos das crianças; Espírito comunitário; Vivência singular; e Envelhecimento ativo.

#### 4.3.1 Sentido de liberdade

O ambiente do festival cria um espaço onde as pessoas podem viver mais livremente, tanto em termos de ir e vir quanto em relação ao pensamento. Por um lado, crianças e pré-adolescentes podem viver suas descobertas sobre o mundo de forma experiencial sem que os pais estejam o tempo todo a olhar por eles devido aos perigos contemporâneos. Por outro

lado, os moradores que não costumam sair das redondezas da comunidade podem experimentar múltiplas realidades pela interação com pessoas dos mais diversos lugares, com histórias de vida diferentes e vivenciar momentos de imersão em outros espaços por meio da música. Assim, se há uma liberdade física, palpável, que permite as pessoas circularem livremente, há também uma liberdade mental, não palpável, que permite ir além do que está posto no contexto cotidiano e se transportar para outros espaços por meio das interações com a diversidade e com a musicalidade.

O festival ao criar um espaço que envolve as famílias, no qual elas são bem-vindas e incluídas na dinâmica, permite essa vivência social integrada. Pessoas e aldeia se harmonizam de modo que todos são parte daquela comunidade e uns estão sempre a zelar pelo bem-estar dos outros. Os pais podem usufruir de um ambiente onde as crianças tem a liberdade de andarem e brincarem sem a preocupação de que algo as aconteça porque todos estão a olhar por elas. Ao se referir as crianças Henriques (2017, p. 3) afirmou que “é possível deixá-las andar no recinto quase livremente sem que nada de mal lhes aconteça. No Bons Sons estamos habituados a crianças a correr e a brincar por todo o lado, elas nunca atrapalham, são parte do bom ambiente que se vive na aldeia, todos cuidamos delas [...]”. A figura 24 traz uma ilustração do cenário de integração das crianças ao ambiente geral do festival e da aldeia.

**Figura 24** - Ilustração do cenário de integração das crianças ao festival



**Fonte:** Henriques (2017).

Corroborando para estas menções a Família 11 relatou: “toda a gente está atenta e toda a gente vê [...]. Portanto, as pessoas estão à vontade aqui”. As crianças são parte do cenário, não seria possível viver uma aldeia sem crianças e o Bons Sons cria um ambiente em que elas são bem-vindas. Nesse contexto as crianças podem fazer suas próprias descobertas sobre música, instrumentos, animais, aldeias e outros contextos distintos de suas vidas cotidianas e, sobretudo, sobre vivência em sociedade. Além disso, o festival pode despertar para novos saberes e novos artefatos culturais.

Há muitas coisas que ela [refere-se a filha] viu pela primeira vez aqui, acho que isso é importante porque isso cria memórias, [...] acho que o festival pode puxar isso nos mais pequenos, nos festivais normais nós não podemos ir com crianças e aqui permite uma integração das famílias e acho que essa é uma coisa diferente dos Bons Sons desde o início, se passa numa aldeia, as pessoas podem trazer as crianças, se calhar primeiro começou com os habitantes que trazem naturalmente as crianças que moram cá, mas depois as mais de fora podem vir e aproveitar, acho que isso é importante para eles porque cria essa cultura de festival e de música de outra forma não é fácil, não é possível (FAMÍLIA 8).

O fato de a comunidade ser respeitada e inserida no festival iniciou o processo de inclusão das famílias, com o tempo este projeto foi ampliado e atualmente as famílias são uma parte fundamental no Bons Sons e fazem parte da identidade do festival. Este processo de inserção das famílias está sendo difundido. As famílias afirmam que vem aos Bons Sons por ser possível estarem lá com seus filhos. O festival passou a ser conhecido, também, por esta face, as famílias afirmam que tomaram conhecimento do festival por residirem nas redondezas, por indicações de amigos ou pelas informações na internet. Sendo que, aqueles que receberam indicações de amigos buscavam espaços onde houvessem atividades para crianças e aqueles que encontraram o Bons Sons na internet buscavam opções de lazer para toda a família.

O “ambiente mais familiar, um pouco diferente dos outros festivais [...] é diferente, mais calmo, sabes que não vai haver aqui nenhum acidente, é pouco provável que alguém se machuque” (FAMÍLIA 4). Este ambiente diferente e inclusivo faz com que pessoas que tem filhos voltem ao ambiente dos festivais. Ou seja, pais e mães também usufruem de uma liberdade de vivência, ao passo que podem vivenciar um festival sem que, para tanto, tenham que abrir mão de estarem com suas crianças. O contexto da aldeia se desenha de modo a permitir que pais e filhos vivenciem uma oportunidade de interagirem entre si e com outras pessoas, possibilitando a ampliação dos sentidos e significações sociais.

Uma outra vertente de liberdade proporcionada pelo festival é a possibilidade de os moradores vivenciarem outros espaços sem precisarem sair da aldeia. Muitas pessoas que, realmente, moram na comunidade são mais velhas e em muitos casos não saem das redondezas.

O Bons Sons permite que as pessoas da aldeia sejam surpreendidas não apenas pelos estilos musicais, mas por outras atividades que vão além do dia a dia delas. A comunidade não espera pela música portuguesa em si. O que move os moradores são as situações novas que as interações, com tantas pessoas de realidades tão distintas, propiciam e estas envolvem a música. Uma moradora afirmou: “o que eu acho aqui nos Bons Sons uma vantagem é nós termos acesso a este tipo de coisas que normalmente não iríamos ver, mas aqui aprendemos a gostar e aprendemos a apreciar o que é novo” (NOTAS DOS VÍDEOS). A figura 25 mostra duas senhoras a janela curtindo um concerto no palco tardes de sol quando festivaleiras começam a conversar com elas, um dos muitos momentos de interação entre moradores, visitantes e artistas.

**Figura 25** - Senhoras a janela curtindo um concerto e interagindo com visitantes



**Fonte:** Fotos da coleta (2017).

Os vídeos de apresentação dos artistas denotam o orgulho que os moradores têm de fazer parte de tudo que simboliza o festival, o quanto eles se envolvem além da música e o quanto eles valorizam tudo que recebem dos visitantes e tudo que podem agregar aos visitantes, em termos de vivência, de interações, de conhecimentos. Esta vivência extrapola os

festivaleiros e chega aos artistas. Um morador afirmou: “eu gosto de ser surpreendido, ir a descoberta, dispor-me ao desconhecido, [...] pois bem, venham até cá, nós vamos gostar de vos ouvir e [vocês] vão gostar de estar conosco de certeza” (NOTAS VÍDEOS). Do outro lado o artista 5 afirmou: “quando surgiu o convite para tocar nos bons sons a imagem que nós tínhamos do festival era de tal maneira especial que dissemos logo sim e reunimos a banda quase só para estar aqui”. A artista 4 mencionou que ficou muito feliz com o convite o que levou a uma histeria, ela fez a menção a um grito. O artista 2 relatou que adaptou seu concerto para o ambiente dos Bons Sons.

As múltiplas possibilidades musicais e a vontade dos espectadores de consumi-las torna o ambiente favorável a extrapolação dos sentidos. Este cenário gera a possibilidade de “viajar” sem sair do lugar. Conforme Almeida (2016, p. 1) “a palavra que melhor descreve o Bons Sons em Cem Soldos é viajar – sem ser preciso, sequer, abandonar a aldeia por um minuto que seja”. Se por um lado os moradores podem extrapolar os limites da aldeia os festivaleiros podem se imbuir do contexto interiorano, explorar uma vivência em um contexto onde todos estão livres, conviver com pessoas diferentes e com animais, desenvolver atividades e jogos ao ar livre. Essa extrapolação de sentidos que permite essa “viagem” sem sair no lugar, é a mais pura expressão de liberdade. Sobre isso um dos moradores discorreu:

Há pessoas, e eu, onde eu me incluo que tem pouca possibilidade de viajar e entendamos que a viagem, não só a viagem como também o ir contatar com outras realidades faz parte ou deverá fazer parte da evolução do ser humano, da educação, da cultura, aqui temos a sorte de a viagem ser feita por nós e os destinos pelos menos virem cá ter, essas novas realidades ligadas não só com o panorama cultural, mas também com algumas, com a música, com a maneira de estar, com a estética, vem cá ter e, portanto, isso é sempre bom para algo, para um preguiçoso como eu, por exemplo, é sempre bom (NOTAS DOS VÍDEOS).

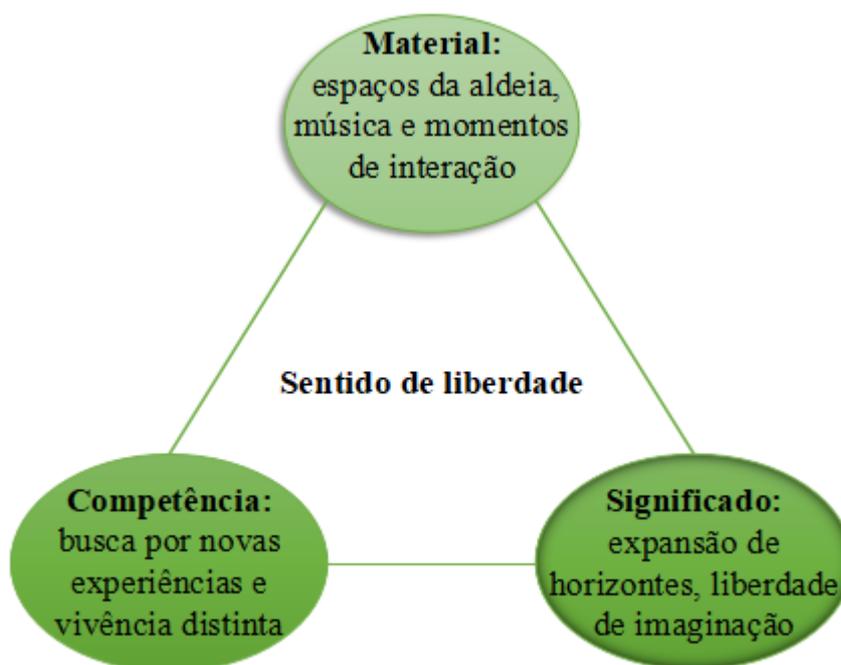
Desse modo, o festival possibilita que os moradores e festivaleiros agucem suas sensibilidades, estes para o mundo interior na aldeia e aqueles para o mundo exterior a aldeia. A música acaba permitindo que outros sentidos sejam trabalhados. As pessoas que ouviram as músicas nos vídeos de apresentação dos artistas expressaram ter sentimentos de nostalgia, romance e acalento; perceber nuances do folclore e de cores; sentirem-se privilegiados por terem acesso aos concertos e até remeterem a estórias, como: “faz mesmo eu me lembrar de um casal que está ali a falar, tomar conta do gado e lá para as tantas eles estavam enamorados e acabaram por deixar passar o tempo e descuidaram-se e o gado toca a sair por campo a fora rrsrs ...”. A música acaba permitindo que as pessoas desenvolvam sua capacidade de imaginar outros cenários, liberta seus pensamentos e os leva para outras realidades.

Os moradores acabam usando as músicas e bandas que vem ao festival para “viajarem”

por outros espaços. Ao ouvir as músicas nos vídeos de apresentação dos artistas uma moradora expressou: “nos remete assim para, parece uma viagem mar a dentro [representou movimentos das ondas com a mão]”. Outra moradora disse: “intenso, mas ao mesmo tempo leve, transporta-te para sítios bonitos, faz nos levar para sítios calmos, embala-nos ... caramba falta-me as palavras [...] é um conjunto de sons que nos faz relaxar, lembrar coisas boas, estar bem, é isso faz nos sentirmos bem”. Uma terceira divagou, se teletransportou para visualizar o concerto ao pôr do sol e falou “é bom que corre uma brisasinha, os passarinhos a cantar [...]”.

A figura 26 apresenta uma representação gráfica da prática sentido de liberdade. Os elementos constituintes da prática estão imbricados, o que possibilita sua solidificação e continuidade. Os materiais são aqueles que permitem as crianças imergirem na aldeia e os moradores emergirem da aldeia. São eles: o espaço criança; o armazém; os jogos do Hélder; e a burroteca, que permitem aos pequeninos usufruírem do festival; as músicas e os espaços de interação, que possibilitam aos moradores saírem dos muros da aldeia, sem efetivamente transporem-nos.

**Figura 26** - Representação da prática sentido de liberdade



**Fonte:** Dados da pesquisa, ilustração baseada em Shove, Pantzar e Watson (2012).

No que concerne a competência, as famílias vêm ao festival por esta possibilidade de lazer com seus filhos, os moradores, em sua maioria agem para que o Bons Sons seja este espaço de liberdade e a organização teve a sensibilidade de os envolver de tal forma que eles

ganhem liberdade de expandir suas vivências. Todos acabam vivendo novas experiências e se tornam parte daquela realidade.

No que diz respeito ao significado há um entendimento de que viver a aldeia é permitir que todos expandam seus horizontes e sua imaginação acerca das experiências vivenciadas. De certa forma estes elementos congruem para uma volta ao passado em que era possível viver em comunidade de modo amplo. Esta realidade permite que as portas estejam sempre abertas, que as pessoas ajam livremente, que os indivíduos mais vulneráveis sejam acompanhados e assistidos por todos. É o voltar ao tempo em que os espaços eram mais compartilhados e em que a vida privada era mais respeitada porque uns se interessavam pelo bem-viver dos outros.

#### 4.3.2 Exploração dos sentidos das crianças

Um dos focos da SCOCS é a educação, existe um projeto em desenvolvimento voltado a uma proposta educativa inovadora, o Escola Aldeia, e isso se transpõem ao festival. A ideia da comunidade é desenvolver os sentidos das crianças e adolescentes a respeito da vivência em sociedade e da responsabilidade de cada um pelo contexto em que vive. O Bons Sons traz à baila esta formação comunitária ao evidenciar que parte das atividades de sua concepção é desenvolvida por crianças. Além disso, o festival lança mão deste cenário favorável e extrapola esta vivência as crianças que visitam a aldeia. Cultura, musicalidade, espaços rurais, animais, sustentabilidade, multiplicidade de estilos e gerações são temas com os quais as crianças e adolescentes podem se defrontar durante a estadia no Bons Sons.

Um dos espaços destinados ao festival, o armazém, é direcionado, exclusivamente, para atividades voltadas às crianças. Pela manhã acontecem sessões do projeto música para crianças e pela tarde oficinas de instrumentos. O projeto de música para crianças é orientado para as crianças menores, de até seis anos, mas eu notei a presença de bebês e crianças com até nove anos nas entrevistas com as famílias, as quais podem estar acompanhadas dos seus pais. São três sessões por dia, exceto em um dos dias que tem sua última sessão voltada às grávidas. As vagas para cada sessão são limitadas, por isso devem ser realizadas inscrições no posto de informações no dia anterior.

A ideia deste projeto surge a partir da direção do festival e de uma moradora da comunidade que possui formação na área de aprendizagem infantil com música. Atualmente, as sessões possuem temáticas diferentes, uma sobre a música tradicional portuguesa, outra sobre músicas do mar e uma outra sobre músicas do mundo. A parte musical conta com o auxílio de jovens e adultos que tocam instrumentos. Quem conduz as sessões nos últimos três anos é um

professor que trabalha com as crianças ao longo do ano em Cem Soldos desenvolvendo uma orquestra familiar. Inclusive existe a ideia de realizar uma vez a cada mês sessões de música com as crianças e com as grávidas na comunidade. Todo o processo é desenvolvido com base em estudos e metodologias da área de aprendizagem infantil (Coordenação Música para Crianças).

É muito interessante como a música pode ser usada para estimular a coordenação motora das crianças, movimentos de esquerda e direita, velocidade e ritmo são trabalhados sem que os pequeninos percebam. O professor conseguia interagir com as diversas crianças, é interessante ver os tímidos, os envolvidos, os participativos e ele buscando trabalhar com todos eles. Uma das meninas dançava avidamente, mas não cantava junto e parava se o professor se aproximasse, um dos meninos aproveitou um momento de distração e pegou um instrumento e começou a “tocar”, os bebês iam interagindo junto com os pais. A figura 27 ilustra momentos de sessões do projeto música para crianças.

**Figura 27** - Sessões do Música para crianças



**Fonte:** Fotos da coleta (2017).

Um fato que me chamou a atenção foi a participação dos pais, inclusive, em algumas sessões sem as mães. É importante esta participação dos pais na formação de seus filhos.

Outro aspecto interessante é a relação entre mães e filhos ainda na barriga. Na sessão das grávidas foi notório que as mães conseguem criar vários sons, elas se mostram tímidas, mas aos poucos vão usando os instrumentos e criando os sons que podem. Elas relataram que os bebês foram ficando mais calmos em suas barrigas quando foi acontecendo a expressão de sonoridades a partir dos movimentos delas com os instrumentos. E, até houve demanda por mais sessões.

As tardes no armazém acontecem as oficinas de instrumentos. No início da tarde ocorre a oficina orquestra tradicional, na qual as crianças podem experimentar instrumentos, sentir suas dimensões e sons. Logo após, é realizada a oficina vem tocar baterias, que tem como foco desenvolver a criatividade musical, nestas sessões os participantes são estimulados a construir instrumentos de percussão usando materiais recicláveis. Estas oficinas são direcionadas a crianças a partir dos seis anos e também requerem inscrição prévia. Os condutores destas atividades são músicos que mantém parceria com o Bons Sons por meio da SCOCS.

Existem outras atividades espalhadas no ambiente geral da aldeia que são direcionadas para as crianças. Os burros são uma atração à parte. Em parceria com o festival, a Associação para Estudo e Proteção do Gado Asinino, promove passeios de burros duas vezes ao dia, os quais propiciam a descoberta da natureza da região e uma aula sobre a história desses animais e da região de onde eles provêm, o Planalto Mirandês, uma vez ao dia. Existe, ainda, a burroteca, uma biblioteca itinerante conduzida por um burro e um contador de histórias, este desperta o imaginário e aquele carrega os livros. Tudo isso faz com que as crianças tenham acesso a informações sobre a natureza, os animais, diversidade, leitura e muito mais.

Junte-se a estas atividades os jogos do Hélder e o espaço criança. Os Jogos Hélder são construções baseadas apenas em madeira e corda e que demandam apenas a força humana. Estes jogos foram distribuídos pela região central da aldeia e divertiram todas as idades, eles foram um sucesso. Este tipo de entretenimento é uma alternativa ao universo digital e favorece a interação entre desconhecidos e entre gerações diferentes. A figura 28 mostra alguns dos jogos do Hélder que foram disponibilizados no festival. O espaço criança funciona como espaço de apoio aos pais, lá é possível alugar protetores auriculares, usar trocadores de fraldas e sanitários infantis e adquirir o serviço de *babysitting*. As crianças que ficam neste espaço podem interagir entre si e usufruir de brincadeiras relacionadas a sustentabilidade.

As famílias percebem o quanto o festival evoluiu em termos de possibilidades para as crianças e como a participação nele pode aguçar as sensibilidades musicais e culturais dos pequenos. A família 7 afirmou: o contexto “mudou bastante [...] já dá para aproveitar estas atividades com ele [filho] [...] é importante [...] para eles serem introduzidos a diferentes sons,

terem uma perspectiva diferente”. Ao descreverem as motivações de irem ao festival com crianças as famílias são unânimes em mencionar a experimentação e o convívio com o novo. A família 3 argumentou que o festival: “é uma boa maneira de elas [crianças] vivenciarem/experienciarem a música de outras maneiras, elas têm que ter contato com as coisas para melhor escolherem o que querem, quanto mais coisas melhor”.

**Figura 28** - Jogos do Hélder



**Fonte:** Leitão (2017).

Corroborando para esta afirmação a família 2 classificou o festival como uma “oportunidade para as crianças, desde pequenas, serem estimuladas e para imbuir [nelas] o espírito musical”. Já a família 8 diz orgulhosamente que a filha ouviu fado ao vivo no Bons Sons e a família 5 foca no despertar das crianças para este tipo de ambiente e de iniciativas. Resumindo os motivos, a família 4 afirma que a vivência das crianças em um cenário como o Bons Sons é importante para elas poderem “experienciar a música, o próprio ambiente, a envolvimento e interagir com mais crianças”. Isso denota o quão envolvente é o festival para as famílias, as quais encontram nele, não só uma possibilidade de lazer em família, mas uma escola para seus filhos, os quais podem se imbuir de muitos conhecimentos ao mesmo tempo em que se divertem.

Neste sentido o festival ganha muito do cotidiano de Cem Soldos, pois a finalidade do projeto Escola Aldeia é transformar a aldeia em uma grande escola e o Bons Sons parece ter incorporado este espírito. Como afirma a coordenação do Escola Aldeia o aprendizado sobre a sociedade e a preparação para a vida adulta não podem ser obtidos em uma sala de aula fechada ao ambiente externo. A ideia é criar uma escola que envolva os ambientes da aldeia, a fim de que os alunos tenham uma noção mais real da sociedade e das possibilidades da vida adulta.

Para tanto, são criadas atividades para envolver os estudantes para além das leituras e aplicação de fórmulas matemáticas.

A Colaboradora do Espaço Criança relatou que no jardim da infância existe uma gaiola onde são colocados alguns animais temporariamente durante as aulas para os pequeninos terem contato com eles e que a comunidade tem uma horta mantida pelos alunos da escola primária. Nesta horta são cultivadas algumas verduras e leguminosas, as quais são utilizadas na preparação das refeições do ATL, que funciona como um espaço de apoio as famílias da comunidade, lá as crianças podem ficar parte do dia, quando não estão na escola e seus pais ainda estão no trabalho. As crianças são responsáveis não apenas pela manutenção da horta, mas, também, pelo transporte dos legumes e verduras para o ATL e dos resíduos gerados no restaurante do ATL até a horta para compostagem e fertilização do solo.

Estas atividades fazem as crianças terem um senso de responsabilidade para com a comunidade e o Bons Sons endossa ao trazê-las para sua preparação e realização. No mês das férias, julho, a aldeia funciona como um campo de férias. Crianças mais velhas e pré-adolescentes, mesmo aqueles que não residem em Cem Soldos, passam a viver lá e desempenham atividades relacionadas ao festival. Uma destas ações é a preparação para realização de visitas guiadas a aldeia. Por meio desta preparação as crianças conhecem melhor a aldeia, seu ambiente e sua história e repassam àqueles que fazem as visitas. A figura 29 traz a ilustração do último ensaio para guiar as visitas durante o festival.

**Figura 29** - Ensaio para realização de visitas guiadas

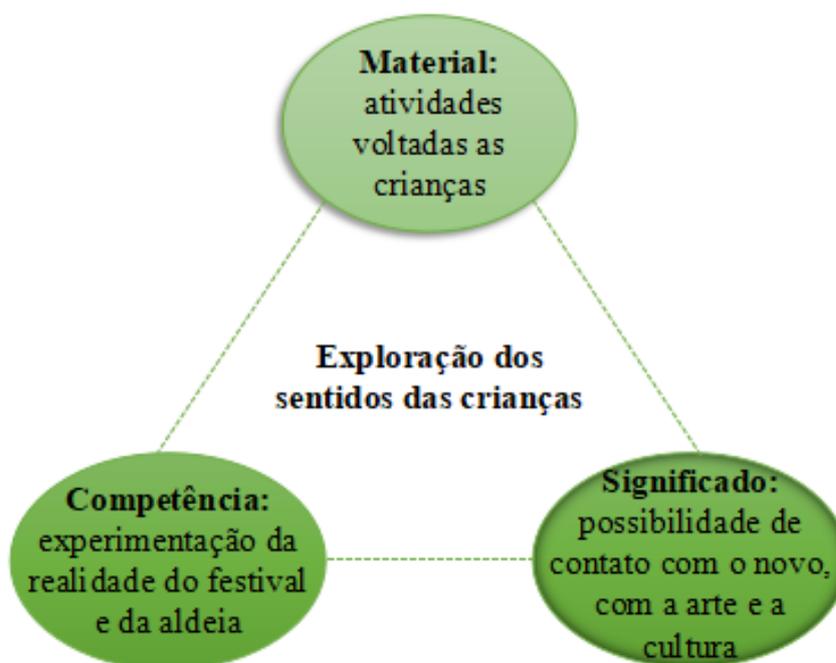


**Fonte:** Fotos da coleta (2017).

Além destas estrapolações da matriz curricular existem muitas proposições da associação ao longo do ano, em termos de esporte, cultura e arte. São exibidos filmes, peças de teatro, evento musicais, dentre outros, na sede da SCOCS. Também existem aulas de esportes para compor parte da carga horária escolar. Tudo isso faz com que as crianças tenham contato com esportes e arte. Além disso, o envolvimento com o festival está além das formalidades, pois muitos pequenos, conforme observação e relato do padre, se juntam aos pais e/ou avós e ajudam na construção do festival. Este cenário faz com que haja uma substancial diminuição do uso de tecnologia por parte dos jovens, conforme ressalta a Coordenação de Estudos de Públicos e permite uma volta ao tempo passado onde as crianças brincavam livremente pelas aldeias, como destacou a família 11.

Este cenário propicia um ambiente rico em experiências e conhecimentos acerca da sociedade e permite que os jovens agucem seus sentidos a respeito no mundo que os circunscreve. A figura 30 ilustra graficamente a prática exploração dos sentidos das crianças. Prática, esta, em constituição, pois o imbricamento de seus elementos está em processo de formação.

**Figura 30** - Representação da prática exploração dos sentidos das crianças



**Fonte:** Dados da pesquisa, ilustração baseada em Shove, Pantzar e Watson (2012).

Como elemento material tem-se as atividades voltadas as crianças, quais sejam: músicas

para crianças, oficinas de instrumentos, jogos do Hélder, interação com animais e com o ambiente da aldeia, atividades relacionadas com a escola que vão além da sala de aula e atividades de esporte, cultura e arte no contexto do festival e fora dele.

No que concerne a competência há um conhecimento acerca das ofertas do festival para as famílias e uma demanda pela experimentação destas e dos ambientes da aldeia. Contudo, apesar de conhecerem as atividades, ainda existem algumas dificuldades em encontrar informações, não sobre o que está ofertado, mas sobre as inscrições e sobre o que será exibido em cada sessão do música para crianças. As inscrições são realizadas no posto de informações, o qual abre as dez, mas a primeira sessão começa as dez e isso pode gerar alguns desencontros porque as famílias chegam cedo e poderiam fazer sua inscrição pela manhã. Mas, o que mais foi pedido foi que se colocasse o nome das sessões de cada horário, pois como elas variam e não seguem uma ordem lógica as crianças deixaram de estar em um cenário novo ou veem um mesmo cenário mais de uma vez. Além disso, as informações para as famílias novatas são mais difíceis de serem encontradas. Talvez seja possível criar uma programação das atividades para criança de forma detalhada, pois as pessoas buscam esta vertente do festival.

Os pais veem nestas atividades e no cenário da aldeia a possibilidade de inserir seus filhos no universo da arte e da cultura, da vivência comunitária e dos espaços rurais, dos animais e a sustentabilidade. Além de ser uma opção para se vivenciar um festival em família é um ambiente cheio de estímulos a aprendizagem e a interação com a diversidade. É animador ver as crianças entusiasmadas em participar de atividades sem intermédio de tecnologias e/ou orgulhosas por construírem um festival comunitário. Tendo a oportunidade de participarem dos Bons Sons e de vivenciarem Cem Soldos de algum modo os pequeninos podem interagir com mundos sociais diversos, e assim, criar novas memórias, aguçar sentidos e explorar saberes. E, assim, seus pais significam esta dimensão do festival.

#### 4.3.3 Espírito comunitário

São muitas pessoas nas casas da aldeia, nos dois parques de campismo, no parque de caravanas, nas escolas (voluntários externos) e advindas a cada dia de localidades próximas. Existe transporte a baixo custo entre Tomar e Cem Soldos e algumas áreas para estacionamento para quem opta por vir de carro, contudo, a maioria fica um pouco afastada por se localizar fora da área fechada na aldeia. Este é o espírito do Bons Sons, são muitas pessoas a partilhar um espaço diminuto se comparado aos grandes festivais urbanos e neste contexto tem-se como

mote a manutenção das boas condições de funcionamento da aldeia. A ideia é que se viva a aldeia em sua plenitude e sem que se destrua o ambiente dela.

Uma senhora de Cem Soldos se surpreende ao ver mais pessoas chegando com suas malas a aldeia: ‘mais gente? Ah, não é para a minha [casa] na minha já não cabe mais ninguém’. A cada ano ela cede sua casa e seu quintal para o Bons Sons, é lá, neste quintal que funciona um dos restaurantes. Sobre isso ela comenta ‘aquilo já não é meu, dizem eles. Desde que não me estraguem as flores (risos)’ (RIOS, 2017). Este é o cenário encontrado na maioria dos espaços da aldeia. Em geral, as pessoas estão felizes em ceder algo desde que se mantenha as boas condições do local e os poucos que não estão contentes se resguardam o direito de saírem da aldeia ou compartilharem apenas durante o evento. O que impera é o respeito as pessoas e suas necessidades. É possível se imbuir de tudo que Cem Soldos tem a oferecer desde que se respeite os espaços e a todos que os compartilham.

O vídeo que mostra a programação e faz a chamada do festival, por meio do convite: vem viver a aldeia, mostra um pouco da entrega dos Cem Soldenses ao Bons Sons. Este vídeo se ambienta nas áreas da aldeia sendo possível ver as ruas, as casas e pessoas que lá vivem. É muito interessante ver aquelas pessoas e aquelas casa e pensar eu vivi isso, eu conheço estas pessoas, é uma sensação muito satisfatória, aquelas pessoas abriram sua comunidade ao mundo. Assim como, nos vídeos de apresentação dos artistas que as pessoas abrem suas janelas e falam um pouco a todos, o que resulta em convites calorosos para ir ao festival, a aldeia e até, em alguns casos, as suas próprias casas.

É um nível de entrega muito grande, as pessoas abrem mão de suas intimidades, de suas imagens e de seus espaços, em prol de receptividade a todos. Este fato fica mais evidente no documentário realizado com os moradores mais idosos da comunidade, o qual foi filmado dentro das casas deles e no qual eles dão detalhes íntimos de suas vidas, desde a juventude até a viuvez. Este é jeito Bons Sons de ser, cada um doa algo de si, seja força de trabalho, espaço, compreensão ou mesmo um pouco de história de vida, e tudo isso junto constroem uma vivência integrada e envolvente.

Existe, neste sentido, uma sensibilidade de envolvimento em múltiplos níveis. Os vídeos de apresentação dos artistas envolvem várias faixas etárias tentando mostra a totalidade diversa de moradores da aldeia. O vídeo de chamada do festival recria a montagem do Bons Sons. No cenário pessoas da comunidade, reconheci muitos deles, fazem a montagem das estruturas e uma criança corre na aldeia para buscar uma chave e quem a entrega é uma senhora muito citada como sendo âncora para nas atividades da comunidade. Ela coordenava as colônias de férias e hoje coordena o grupo das avós, o que denota o quanto ela foi/é um elemento chave

deste processo e que as pessoas reconhecem este fato. Ao pegar a chave a menina corre de volta e a entrega as pessoas que estão trabalhando na montagem e o processo continua.

É interessante como em um vídeo curto se mostra como o festival é feito em cooperação envolvendo de crianças a pessoas mais idosas. E o festival é isso mesmo, quase tudo é feito por as pessoas dali mesmo e por alguns voluntários externos, pouca coisa é terceirizada. Sempre que se demanda por algo sempre surge alguém para ajudar a realizar e tudo vai sendo construído pouco a pouco. A figura 31 mostra um pouco do processo de montagem do festival pelos voluntários internos e externos. No dia da recepção ao campista, véspera da abertura do festival eu estava apreensiva, havia muito o que ser montado, mas é impressionante como tudo acaba ficando pronto na hora certa. No dia da abertura ainda haviam estruturas sendo montadas, mas a tarde tudo estava em pleno funcionamento e as atividades da manhã foram conduzidas sem nenhum problema.

**Figura 31** - Montagem do festival pelos voluntários



**Fonte:** Fotos da coleta (2017).

Só é possível conceber algo tão grande em tão pouco tempo porque, como relatou a família 11, há pessoas que conhecem toda a concepção e sabem o que tem que ser feito e há pessoas que fazem muitas coisas e não se percebe, tudo fica muito diluído e disperso. Além disso, a equipe de voluntários da comunidade é multidisciplinar, o que possibilita a gestão de

múltiplas especialidades. Muitos dos que hoje estão a trabalhar na realização do Bons Sons o fazem desde a primeira edição, muitos outros se juntaram a tarefa e tudo vai se construindo, semelhante a trabalho de formigas, onde cada um faz um pouco a cada dia e no fim algo grandioso está formado. Muitas coisas acontecem da noite para o dia, a cada manhã eu me impressionava com o quanto havia sido feito no dia anterior, inclusive na madrugada.

Uma questão a ser entendida é o porquê de as pessoas se envolverem a ponto de doarem seu tempo de lazer, descanso e convivência com amigos e familiares para conceberem o festival. E o que fica claro é que todos que o fazem se identificam de forma muito íntima com o projeto de comunidade proposto. Como expressou a família 11 todo o processo é desgastante e exige muito da família, mas o projeto vale o esforço, principalmente, pelo orgulho que suas filhas demonstram ao falar que eles fazem parte do Bons Sons. A comunidade consegue se unir de tal forma que o engajamento passa a ser uma das maiores expressões do festival.

Apesar de haver uma mudança na dinâmica e na vida das pessoas que precisam de uma pulseira para entrar na aldeia, que não conseguem chegar com seus carros até suas casas, entre outras questões, elas percebem o quanto o festival dá vida a comunidade e a projeta para o mundo e acabam se envolvendo com a causa. O fato de os próprios moradores usarem as pulseiras acaba criando uma intimidade ainda maior com o público, que, como notou a artista 4, se vê em pé de igualdade em vivência da aldeia. Realmente não há distinção, em termos de entrada a aldeia, todos tem a pulseira e se não prestares atenção as cores não saberás distinguir entre moradores, organização, voluntários externos ou imprensa. Todos acabam ficando muito iguais, inclusive os voluntários entre si, pois, como ressaltou o artista 6, todas as funções são fundamentais, assim, a hierarquia deixa de fazer sentido e os egos são diluídos.

Isso remete a outra questão, as pessoas desde pequenas começam a se envolver com as atividades relativas ao festival e a comunidade e isso vai desenvolvendo o espírito comunitário. As crianças são envolvidas desde pequenas, muitas trabalham junto com os pais ou avós, ou sob tutela da associação, até que em algum momento tomam as rédeas da situação e, na maioria dos casos, passam a se responsabilizar pela comunidade. O padre e a família 11 comentaram sobre a responsabilização atribuída aqueles que fazem 18 anos na aldeia. Existe uma tradição de longa data de que este grupo de jovens sejam os responsáveis por várias atividades durante aquele ano na aldeia, tais como: carregar a lenha e fazer a fogueira de Natal, além de servir as pessoas que se reunirem para esta celebração; organizar e realizar a passagem do cântico de aleluia na páscoa, dentre outras. Isso faz com que estes grupos criem vínculos a cada ano e esta tradição vai passando de geração a geração. É um rito de passagem a vida adulta, que traz consigo a responsabilidade por manter este espírito comunitário vivo.

Este espírito de compartilhamento e parcerias foi fortalecido pelo Bons Sons. Sobre isso a direção da associação e do festival afirmou que ele “reforçou os laços da comunidade, criou discurso e método, aumentou o ego e sentimento de pertença” (HORTA, 2017, p. 4). Quando se é parte de algo reconhecidamente inovador e que agrega a comunidade, em termos de legitimidade e prospecção de um futuro, aumenta-se o orgulho e a vontade de manter esta realidade. Isso resulta em um processo de auto divulgação do festival e da comunidade, pois as pessoas passam a serem embaixadores do festival, que se mantém, em grande medida, desta publicidade.

O festival também intensificou as trocas no contexto na comunidade, pois muitas das atividades são desenvolvidas por meio delas. As pessoas cedem terrenos, para o campismo, por exemplo, cedem as casas, o restaurante dos artistas, os camarins, os quintais onde funcionam os restaurantes, até a igreja cede o altar para virar palco. Tudo que envolve a realização do Bons Sons fica nas dependências da comunidade e é obtido por meio de parcerias e concessões que envolvem trocas de serviços, sem compensações financeiras (COORDENAÇÃO DE ESTUDOS DE PÚBLICOS). Este sistema faz com que as pessoas se aproximem mais umas das outras, com que elas sejam mais solidárias em doar algo quando puderem e humildes o suficiente para solicitarem algo quando necessitarem.

A ideia é que a trocas sejam intensificadas na comunidade. Conforme informações da Colaboradora do Espaço Criança um senhor, por exemplo, doou parte de seu tempo e expertise para construir um carrinho que auxilia as crianças a transportarem os alimentos da horta até o ATL e o resíduos do ATL até a horta. A coordenação do Escola Aldeia argumentou que as pessoas têm muito contribuir para a manutenção da comunidade e que a associação quer reforçar estes laços e tornar as trocas de serviços algo comum no cotidiano da aldeia.

Tudo isso acaba se transpondo da comunidade aos artistas e festivaleiros. Em alguns casos as pessoas acabam se envolvendo de tal forma com o festival que se tornam parceiros. Muitos artistas se voluntariam, seja nas performances, nas oficinas ou em outros projetos. Alguns festivaleiros acabam virando voluntários e muitos voluntários se mantêm assim por muitos anos. Muitos dos meus colegas de voluntariado o fazem a alguns anos e os artistas demonstram um carinho pelo festival e em muitos casos há relatos de que eles buscam lançar novos projetos em Cem Soldos. O Bons Sons acaba chamando as pessoas a partilharem, como a questão comunitária é algo intrínseco ao festival, as pessoas acabam despertando para isso e se envolvendo em parcerias locais.

Mas, o mais interessante é que o Bons Sons cria uma necessidade de voltar a ser parte daquilo. Há uma capacidade de criar um vínculo com os participantes que não acontece

normalmente nos festivais. Isso porque o festival é a aldeia, as pessoas se envolvem com o contexto e acabam trocando muitas gentilezas e afeto. Seja deitados na relva a papear, nas brincadeiras e jogos, pulando corda ou com os borrifadores de água, todos acabam partilhando entre si e com a aldeia. Até os borrifadores fazem as pessoas interagirem, é muito calor e todos querem se refrescar, aqueles que andam com eles, sobretudo, as crianças, estão sempre a borrifar gotas de água nos demais, o que leva a sorrisos cúmplices e agradecimentos sinceros. A figura 32 ilustra alguns destes momentos de contemplação do festival que vão muito além da música.

**Figura 32** - Momentos de contemplação do festival



**Fonte:** Primeira imagem à esquerda (pula corda), Lopes (2017); Demais imagens, Shifter (2017).

No último dia a nostalgia e sensação de querer voltar são os sentimentos que imperam. Como muitos falam se vive uma partida cheia de saudades, muitos amigos foram feitos, muitos risos compartilhados, muitas brincadeiras e momentos de descontração vividos. Contudo, o esgotamento da comunidade já é visível, todos trabalharam duas ou três vezes mais que o normal, não houve muito espaço para descanso, mas eles estão felizes e orgulhosos de terem construído uma vivência tão intensa na aldeia. Seus rostos cansados mostram o esforço e seus risos mostram a satisfação do dever cumprido. Eles dão o melhor de

si e por isso queremos voltar a vivenciar aquela atmosfera de compartilhamento e humildade.

A figura 33 retrata de forma ilustrativa a prática espírito comunitário que se mostra sólida por meio do imbricamento de seus elementos. Os elementos constituintes desta prática são muito palpáveis, inclusive os materiais que são incorpóreos, expressos, sobretudo, pela participação nas atividades. O que permite que as pessoas se envolvam e desenvolvam o espírito é a possibilidade de participar da construção do festival. Seja na montagem das estruturas, no processo de tomada de decisões e/ou nos projetos relacionados ao festival e a comunidade. Além disso, a participação das pessoas que vão ao Bons Sons não se restringe a ir aos concertos, elas interagem e vivenciam de forma mais íntima com a aldeia.

**Figura 33** - Representação da prática espírito comunitário



**Fonte:** Dados da pesquisa, ilustração baseada em Shove, Pantzar e Watson (2012).

No concernente a competência toda a atmosfera de envolvimento criada pela comunidade leva as pessoas a quererem compartilhar uns com os outros. É tudo muito fluido, a maioria das pessoas querem conversar e não apenas sobre elas, mas sobre o outro e principalmente sobre a aldeia e o festival. As pessoas criam laços entre si e com a comunidade, fazem amizades que se fortalecem ao longo dos anos e até encontram seus companheiros de vida. Ouvi muitos relatos sobre como o festival uniu e estreitou os laços entre os moradores e possibilitou o início de novas relações que frutificaram e continuam a aproximar as pessoas de dentro e fora da aldeia da comunidade.

Todo o contexto do festival leva ao entendimento de que a comunidade é maior do que cada pessoa individualmente enquanto significado. Muitos se questionam como que eles conseguem fechar a aldeia e fazer um festival tão inclusivo e a maioria acaba respondendo que eles o fazem por serem unidos. Não é que não haja diferenças é que a maioria das pessoas entenderam que o bem-estar geral da comunidade está acima de pequenas questões e que o festival contribui para a geral deste bem-estar. É interessante que os festivaleiros acabam se imbuindo desta significância e passam a se questionar sobre seus próprios espaços cotidianos.

#### 4.3.4 Vivência singular

A proposta do festival já induz você a crê que existe uma ressignificação local e que muito que é feito naqueles dias é fruto que ações conjuntas, de processos colaborativos. Mais que uma ressignificação, há uma extrapolação dos valores que a comunidade desenvolveu por anos. A comunidade sempre buscou unir a pessoas, as colônias de férias fizeram com que jovens e adultos convivessem mais e houvesse mais respeito entre as gerações. Aparentemente, Cem Soldos busca ser um espaço inclusivo e isso fica muito claro no Bons Sons que é tido com um festival intergeracional, que congrega não só os jovens, mas as famílias com crianças pequenas e os idosos. A proposta do Bons Sons remete a algo diferente dos demais festivais de verão e esta singularidade é reconhecida, ressaltada e valorizada.

Toda a programação em pensada pelos palcos em que cada artista vai dar ser show. Por exemplo, os concertos mais agitados, que fazem a pessoas dançarem e pularem, acontecem a noite no palco Eira, que fica mais afastado das casas, já os concertos mais instrumentais acontecem no palco tardes de sol e as pessoas curtem sentadas na relva da praça. E, assim, vai se desenhando o festival, alinhando os anseios dos festivaleiros, dos artistas e dos moradores, de modo a registrar o cenário da música portuguesa.

Os artistas mencionam esta singularidade. O artista 4 declarou: “adoro como eles criaram todo o conceito de festival, é engraçado os moradores terem a pulseira do festival para entrarem nas casas [...] e acho que cria uma relação muito boa com o pessoal que vem de fora, acho que se sente mesmo a viver e é incrível, eu adoro isso tudo”. Já o artista 2 mencionou: “é um prazer estar aqui, fiquei impressionado com o conceito, é mais puro, mais inocente, mais intuitivo, mais natural. Até a própria viagem para chegar até aqui, essa paisagem é fantástica, senti um a sintonia [refere-se ao pessoal da aldeia]”.

Quando discutíamos a possibilidade de entrevistar os artistas ficou claro que muitos deles acabam desenvolvendo uma relação muito próxima com a comunidade. Os contatos

foram viabilizados e os organizadores mencionaram que deveria haver empecilhos e que em outras edições alguns artistas acabaram ficando mais no festival. Tudo é muito próximo, os camarins são instalados em casas na aldeia, a passagem de som é feita nos palcos com todas as pessoas ali a andarem e verem, tudo vai acontecendo. Mas, cada artista tem seu espaço, não há concertos em paralelo, iniciantes e consagrados tem o mesmo espaço para mostrarem um pouco da música portuguesa.

Como expressou Visão (2017) a programação do Bons Sons vem como uma fotografia de família que a cada ano retrata a música portuguesa naquele espaço temporal ao trazer os mais diversos espectros sonoros, emergentes e consagrados. É muito interessante essa metáfora, pois vivenciando os concertos e conversando com as pessoas você vai percebendo que, a cada ano, o festival vem como um novo retrato da diversidade musical portuguesa. A cada edição se busca trazer uma programação diversa em termos de ritmo, estilo e região, sempre visando trazer nomes desconhecidos e que estão em alta.

A própria comunidade entende este conceito diferenciado que permite a emergência de novos nomes. Um morador argumentou que em sua percepção o mais interessante do festival “é de fato trazer pessoas que venham ouvir uma determinada banda e dá-lhes outras coisas que eles não estão habituados a ouvir, no fundo isso é a coisa mais importante, de fato eles não sabiam que gostavam daquilo e passaram a gostar, passaram a ouvir” (NOTAS VÍDEOS). Esta abertura de espaço para nomes desconhecidos tem sua expressão máxima, no palco garagem, o qual permite a qualquer pessoa se apresente a quem estiver por ali a passar. Nesta garagem as pessoas podem expressar suas performances musicais e há quem tenha passado por lá e hoje seja parte da programação do festival. A figura 34 ilustra o ambiente do palco garagem.

Um outro morador ressaltou que o festival é “para toda a gente, é intergeracional, em que pode vir o avô, o filho, o neto, pode vir toda a gente” porque “tem espaço pra toda a gente” e é possível ter “uma vivência fora do comum [...] porque é mesmo dentro da aldeia”. um outro chama a atenção para o fato de que se consegue realmente vivenciar a aldeia porque as pessoas estão lá e não tem como se criar grupos diversos é tudo muito junto e misturado. Ele acaba ressaltando que “os jovens vêm [...] juntam-se, não tem [outra] hipótese, tem que se encontrar, a aldeia é a aldeia, e as pessoas vão lá pra se encontrar e é uma sensação boa que as pessoas também gostam disso e talvez não sabiam que gostavam” (NOTAS VÍDEOS).

Esta interação multi nível é ressaltada por muitos. O padre ressaltou a importância a participação das famílias na construção do festival, pois, filhos seguem pais e avôs. As famílias também percebem a diversidade. A família 4 disse “há muito mais crianças, há mais animais a circular, há pessoas de mais idade, todo tipo de pessoas, é um ambiente mais heterogêneo”. Já a

família 6 relatou “o festival é bom não só para os jovens, mas também para a família, eu vi aí um monte de gente com crianças a noite e tudo”, esta dimensão é ressaltada por Henriques (2017) ao afirmar que as crianças “nunca atrapalham, são parte do bom ambiente que se vive na aldeia”.

**Figura 34** – Desconhecidos mostrando sua musicalidade no palco garagem



**Fonte:** Shifter (2017).

As pessoas com mais idade são parte deste contexto, elas estão lá, sobretudo, nos finais de tarde, com seus familiares ou amigos. Em geral os mais idosos afirmam que vão por ser um ambiente diferente que permite que eles saiam da monotonia e ressaltam a atmosfera da aldeia. Além disso, uma questão que me chamou muita atenção, em termos de inclusão, foi a adaptabilidade do ambiente para atender, minimamente, pessoas portadoras de deficiência física. No palco principal foi colocado um suporte para que um possível cadeirante pudesse ter acesso ao concerto na mesma altura que a maioria das pessoas. Foi muito bom ver a animação de uma mulher ao assistir a um concerto usando este suporte.

Neste contexto uma questão que chama a atenção é como o Bons Sons se tornou algo tão sublime. Como que aquela comunidade conseguiu se unir para fazer o festival e como o festival se relaciona com a própria aldeia são perguntas nos vêm à mente. Quando se pensa em Cem Soldos é impossível não pensar no Bons Sons, mas esta aldeia é muito mais que ele. Na verdade,

só foi possível ao festival tomar esta dimensão porque a comunidade lhe deu estofos. Festival e comunidade se confundem, nas entrevistas as pessoas começavam a falar dos Bons Sons e entravam em outras ações propostas pela associação para a comunidade, acabando por expor esta relação de co-criação.

O festival é produto de uma relação de co-criação entre cultura, aldeia e comunidade. Não é possível dizer que é apenas um festival de música porque ele muito além dos concertos, ele é a vivência da aldeia, o que envolve moradores e visitantes, concertos e performances, oficinas para crianças e jogos intergeracionais. Como sintetizou Saraiva (2017, p. 2) “o Bons Sons é uma verdadeira surpresa que une a beleza da paisagem natural de uma aldeia com a riqueza cultural de uma comunidade viva e jamais esquecida”. E a partir desta relação entre aldeia e comunidade que se cria este cenário diferenciado que busca envolver e incluir todos. Em uma conversa com Almeida (2017, p. 3) um morador relatou: “Já ouvi dizer inúmeras vezes que estamos noutra época temporal e concordo a 100% com isso. Há programação para os miúdos [...] ao mesmo tempo que há concertos. Este é um fator de diferenciação. Não pensamos o festival para um público. Pensamo-lo para toda a gente”.

Naqueles dias que se faz o Bons Sons cabe um mundo inteiro em Cem Soldos. A atmosfera é de camaradagem, sem estereótipos ou julgamentos, todos são envolvidos por este espírito. Inclusive os artistas, o que se expressa na pergunta “Importam-se que eu tenha 58 anos?” feita por um mulher que deu um concerto no palco principal. E a resposta em forma de aclamação popular, muitas palmas e empolgação, que perdurou todo o show e ela emocionada pediu que fosse transmitida aos outros festivais que a ignoram. Para concluir este momento a artista disse “Esta noite é para nunca mais esquecer na minha vida. Fogo, não tenho palavras!” (RIOS, 2017, p. 3). É incrível como todos sem envolvidos e sentem incluídos, somos realmente, Cem Soldenses durante aqueles dias.

Há um que de magia que não se consegue explicar. Saraiva (2017, p. 1-2) afirmou: “há qualquer coisa de indescritível no preciso momento em que se chega à aldeia de Cem Soldos. Um frenesim que se instala no estômago e nos deixa ansiosos. Uma magia que paira no ar e nos deixa nervosos”. E, assim, aquele espaço de torna maior que ele próprio e “cem soldenses e visitantes são conterrâneos em convívio e partilha de espaço” (LOPES, 2017, p. 1). Não há como não falar do envolvimento das pessoas, sobretudo, os moradores, na concepção e realizado do festival. Sobre isso a direção do festival enfatizou “nós não envolvemos as pessoas, as pessoas são o festival” (LOPES, 2017, p. 2).

O engajamento acontece como algo orgânico, esta participação das pessoas na construção do festival é negociada. A cada ano elas participam das decisões relativas a

concepção e realização do festival, bem como, dos projetos relacionados a aldeia. Como afirmou a direção do Bons Sons em entrevista concedida a Horta (2017, p. 4) “há sempre esta negociação com as pessoas, o que é muito estimulante e necessária, pelo impacto que o festival tem na aldeia. A cultura viva é uma construção permanente, se cristalizássemos não estaríamos vivos”. Isso tudo está além do Bons Sons, pois ele é um espectro do que é a aldeia de Cem Soldos.

esta aldeia não é só os Bons Sons, não é só esses quatro, é um ritmo constante que faz com que coisas existam na comunidade e é essa comunidade que faz os Bons Sons e os Bons Sons cria e que dá ego a essa comunidade que se liga cada vez mais a aldeia e de repente surgem mais atividades [...] desta troca de egos [...] (DIREÇÃO DO BONSSONS - NOTAS DOS VÍDEOS).

É este ritmo constante que dá força para que Cem Soldos seja o palco perfeito para o Bons Sons, ao mesmo tempo em que o Bons Sons legitima e dá ego a Cem Soldos. Esta dualidade entre festival e aldeia possibilita que a exploração de uma vocação da aldeia gere o festival e este permite que a aldeia se mantenha viva. E é isto que faz com que as pessoas se envolvam, o cenário é tão real e envolvente que chega a ser utópico, daí a singularidade. A figura 35 traz uma ilustração da prática vivência singular. Tal prática encontra-se em continuidade, uma vez que seus elementos constituintes estão imbricados.

**Figura 35** - Representação da prática vivência singular



**Fonte:** Dados da pesquisa, ilustração baseada em Shove, Pantzar e Watson (2012).

O elemento material agrega aspectos relacionados a concepção do festival. A ideia de ter como cenário a aldeia e o próprio cenário trazem muito em termos de singularidade. A vivência é real porque o festival se confunde com a vida na aldeia, mesmo que seja em uma dimensão diferente o que se vive nos dias do Bons Sons é a aldeia. Junte-se a isso a diversidade musical e de atividades que lança novas possibilidades, diminui preconceitos, fortalece egos e favorece a interação entre diferentes públicos. Estes elementos fazem com que o festival abra espaço a todos que queiram vivê-lo.

A atmosfera criada pelas pessoas que participam do Bons Sons tende a ser de tal forma envolvente que outras pessoas querem conhecer aquela realidade e se engajarem de modo a solidificá-la. O elemento competência se alicerça no diferencial do festival. Diferencial este expresso pela capacidade de conversão da vocação da aldeia em algo multiplicador dela. Cem Soldos já detinha toda uma sensibilidade em receber e compartilhar e o festival permite que esta sensibilidade seja multiplicada e exposta para o mundo e isso acaba por alimentar a comunidade que se percebe valorizada. E é justamente esta retroalimentação entre aldeia e festival que atrai as pessoas.

Em termos de significado, as pessoas percebem o Bons Sons como algo além de festival de verão, por ser intergeracional, envolvente e inclusivo. O que o torna especial, em comparação aos demais festivais, é o sentimento de pertença que as pessoas desenvolvem. Nos dias do festival se vive a aldeia verdadeiramente, os espaços de diversão, entretenimento, alimentação e higiene são os espaços da aldeia com algumas extrapolações. E o fato de que todos podem participar cria um vínculo maior, as pessoas podem ir em família e todos os membros terão espaço e poderão vivenciar atividades que correspondam aos seus gostos.

#### 4.3.5 Envelhecimento ativo

Um dos pilares do Aldeia Cultural, projeto que se almeja para Cem Soldos, é o envelhecimento ativo. Este tópico é muito importante em virtude do aumento da expectativa de vida e toma uma dimensão maior quando a população envelhecida reside em um lugar que está em processo de esvaziamento. Cem Soldos é um ambiente onde muitas pessoas estão lá, a manter a comunidade, a fazer o Bons Sons e muitos outros eventos, a zelar pela qualidade de vida da população, mas no qual poucas pessoas efetivamente residem. O fato de ser uma região onde não existe muitos postos de trabalho faz com que muitas pessoas emigrem.

Por outro lado, sobretudo após o Bons Sons, houve uma valorização maior no ego da comunidade Cem Soldense, o que permitiu um fortalecimento nas relações entre aqueles que

são da aldeia, mas que já não moram mais lá. Este processo possibilitou uma dinamização maior na vida da aldeia e alavancou a participação em projetos que buscam melhorar a qualidade de vida nela. Neste contexto faz todo sentido discutir envelhecimento e porque não um envelhecimento ativo, com qualidade de vida e o máximo de autonomia possível?

As pessoas com mais idade demandam por suporte em muitas esferas de suas vidas, ao mesmo tempo em que não querem abrir mão de seus espaços e suas autonomias. Partindo da percepção de que os tempos mudaram entende-se que neste novo cenário as pessoas com mais idade têm muito a oferecer e merecem ter a opção de ficarem em suas casas e serem assistidas para tanto. Transformar Cem Soldos em um espaço de vivência que permita as pessoas viverem em suas casas até o fim de seus dias, possibilitando que elas gozem do máximo possível de independência e que recebam todo apoio necessário ao seu bem-estar, é a proposta do Lar Aldeia.

Ora, estamos falando de um espaço que mantém altos níveis de segurança e que possui uma população envelhecida, porque não tornar este lugar em um lar para esta população? É este um dos projetos que começa a ser engendrado pela comunidade sob tutela da associação. O Lar Aldeia é um projeto em gestação que tem como finalidade fornecer serviços à população envelhecida de Cem Soldos e emerge como uma crítica aos lares tradicionais para idosos. Conforme a coordenação do Escola Aldeia o Lar tradicional é um lugar onde as pessoas vão para esperar a morte, a referência de lar são os nossos asilos. Mas, com uma aldeia tão fraterna e segura, não faz o menor sentido tirar suas pessoas de seu ambiente e colocá-las em um espaço que lhes tirar a autonomia e as coloca em espera pelo fim de seus dias. Assim, o Lar Aldeia tem como objetivo criar estruturas necessárias para que as pessoas possam viver em suas casas até que não exista mais esta possibilidade. Estas estruturas envolvem infraestrutura, prestação de serviços e interação social.

Em termos de infraestrutura a ideia é pensar os espaços da aldeia incluindo as pessoas com mais idade. O que se almeja é que se leve em consideração a segurança e a mobilidade de todas as pessoas, não apenas para os eventos, sobretudo, na época do Bons Sons quando a intromissão é maior, mas ao longo do ano. Contudo, esta questão se torna mais evidente no Bons Sons, pois se faz necessário pensar os palcos, equipamentos e acessórios de acordo com as pessoas que residem nas proximidades. As próprias pessoas da comunidade e a organização percebem esta necessidade e buscam desenhar o festival minimizando as interferências ao ambiente da aldeia. É importante pensar sobre estas questões, pois este é um ponto de insatisfação das pessoas com mais idade que acabam tropeçando em fios ou estruturas. Estas infraestruturas também envolvem o dia a dia e deve ser um dos pontos a serem pensados nos

próximos anos.

A questão dos serviços é a menos desenvolvida e que envolverá mais recursos. Para que pessoas mais velhas vivam em suas casas, muitas vezes sozinhas, é necessário que exista uma rede de apoio em termos de serviços básicos. O que se pretende com o projeto é criar em Cem Soldos uma estrutura de apoio em termos de assistência, a qual envolverá oferta de médicos, enfermeiras, comida, limpeza, entre outros serviços. Esta parte ainda é apenas uma ideia inicial que deverá ser desenvolvida, para tanto a associação está ouvindo as pessoas, a fim de conhecer suas demandas e identificar suas necessidades. Quando da criação desta rede de apoio as pessoas poderão receber o que necessitam ao seu bem-estar em casa e só precisaram sair se houver algum problema grave. É como se fosse uma continuidade do ATL que funciona como apoio para as famílias ao receber as crianças nos momentos em que não há atividade escolar.

No que concerne a interação social há um incentivo a participação das pessoas com mais idade nos eventos promovidos na aldeia. A inserção deste público nas atividades é fundamental para a promoção da qualidade de vida e bem-estar social. Como relatado no documentário feito com os mais idosos da aldeia, maioria destes são senhoras e quase todas elas são viúvas e demonstram o sentimento de solidão vivenciado após a morte de seus companheiros de vida. Fazer com que este grupo de pessoas tenham opções de interação é muito importante para que elas deem sentido à vida. Há uma envolvimento dos idosos nas atividades da comunidade e tem-se a intenção de intensificar isto.

Esta temática de envolvimento dos idosos me saltou aos olhos já no primeiro dia. A coordenação de estudos de públicos mencionou que existem muitas senhoras viúvas em Cem Soldos e que elas passaram a buscar refúgio da solidão na igreja. A partir daí foi me relatado que foi criado por meio do Bons Sons com mediação da associação um grupo de avós e netos. Tal grupo visava a promoção de vivência entre dois grupos geracionais opostos tendo como finalidade gerar interações benéficas a todos. Os netos acabaram não vingando no grupo, apesar de que os participantes do grupo de escoteiros, em algumas ocasiões, vão lá conversar com as senhoras, mas, as avós criaram um grupo forte e contínuo.

Inicialmente elas se reuniam na igreja, mas a associação ao perceber que o grupo era ativo e benéfico a comunidade e ao Bons Sons alugou uma casa e, hoje, elas têm um espaço próprio. Estas senhoras, todas acima dos sessenta (60) anos se reúnem nas tardes de segunda a quinta todas as semanas, exceto no mês de realização do festival porque a aldeia fica toda voltada para ele. Juntas, elas têm um atelier que se encarrega de fazer as lagartixas que dão origem aos broxes, presilhas e chaveiros que são comercializados no *merchandising*. A coordenação do grupo das avós fica a cargo de uma senhora que é apontada como sendo um

pilar na formação desta estrutura inclusiva na aldeia. E foram as senhoras que demandaram por ela como coordenadora, porque quando haviam jovens na coordenação as coisas não fluíam tanto. Elas gostam de realizar este trabalho porque se reúnem, conversam, contam suas histórias e, assim, mantem-se ativas, ao mesmo tempo em que contribuem para a comunidade.

Conforme relatado pela coordenação do grupo no começo as senhoras tinham mais mobilidade e conseguiam fazer o trabalho sozinhas, mas algumas já vieram a óbito e muitas das que compõem o grupo atualmente já não tem mais tanta mobilidade ou visão e ela acaba tendo que auxiliar em tudo, desde colocar linha na agulha até encher o interior das lagartixas. Mesmo que hoje muitas tenham mais de 80 anos elas adoram este grupo porque além de produzirem algo para comunidade elas convivem umas com as outras. Além disso, a coordenadora desenvolveu um plano de ginástica para elas, assim, após as duas horas de trabalho e conversa, elas saem para se exercitar e caminhar e reclamam quando não é possível haver as reuniões devido a organização do festival.

A associação e o Bons Sons impulsionaram este grupo que com o tempo tomou dinâmica própria. Deve começar a haver uma transição com a entrada de novas senhoras ao grupo das avós e espera-se que aconteça de modo que o grupo seja fortalecido. Neste último ano houve uma tentativa frustrada de inserir senhoras mais jovens, visto que o resultado não foi o esperado. Contudo, a inserção de um novo grupo exigirá a criação de laços que formaram uma nova dinâmica. Assim, as tardes das senhoras em Cem Soldos são movimentadas, elas possuem uma rotina, primeiro grupo das avós, seguido da ginástica e ainda existe o grupo de orações dentro da igreja no final da tarde. Nem todas participam de tudo, mas as possibilidades estão abertas.

Contudo, a ideia do Lar Aldeia em relação a participação nas atividades da aldeia não para nestes grupos de senhoras. Quer se promover um sistema de trocas, também, com os idosos, sobretudo, com os senhores. Como mencionado pela coordenação do Escola Aldeia as pessoas passaram a vida em algum ofício e tem muito conhecimento e habilidade que podem ser usadas em pequenas coisas para a própria aldeia. O que se quer é construir um sistema por meio do qual as pessoas possam demandar e oferecer serviços e, assim, atender as necessidades de todos via permuta, sem contrapartida financeira.

Um outro foco de interação são os eventos, principalmente, o Bons Sons que envolve a todos na aldeia. As pessoas com mais idade participam, não apenas da construção do festival, mas também, das atividades que ele oferece. Elas estão muito presentes nos concertos no palco que fica dentro da igreja, mas também se aventuram nos outros palcos, são ávidas consumidoras das faturas (doces portugueses, como churros) e curtem os finais de tarde entre si e com os

demais, sendo a praça e as janelas os seus espaços preferidos. Pessoas com mais idade de fora da aldeia também são parte do público do Bons Sons. O festival abre espaço para este público e ele adere, principalmente, nos finais de tarde e inícios de noite do sábado e do domingo.

Neste sentido existe uma sensibilidade de todos em relação a isso, os festivaleiros buscam ouvir as histórias e os artistas que tendem a envolver este público nos concertos. A meu ver os concertos as janelas são um lembrete das senhoras, pois, muitas delas curtem o festival a partir de suas janelas e até as cedem para que artista façam um pequeno show surpresa para quem tiver por ali passando. O público vai no embalo destes concertos e todos queriam ter uma janela daquelas para curtir o festival. A figura 36 ilustra os concertos instantâneos nas janelas de Cem Soldos

**Figura 36** – Concertos nas janelas



**Fonte:** A cima, fotos da coleta (2017); A baixo, Shifter (2017).

Um dos pontos altos do Bons Sons foi uma senhora da aldeia que fez a apresentação de

um dos artistas (nos vídeos) e disse que iria ao concerto e que dançaria e o artista a convidou para subir ao palco. Passava da meia noite, era o concerto de encerramento do festival, quando a senhora subiu ao palco Eira, cantou e dançou, ela ainda voltou para a última música. O público cantou e dançou junto, foi uma experiência extasiante, todos no mesmo ritmo, um uníssono de vozes que davam adeus a algo mágico. O encerramento não poderia ter sido mais envolvente e expressivo do que é o festival. A figura 37 ilustra o encerramento do festival na última edição no momento em que a senhora está no palco dançando com o artista.

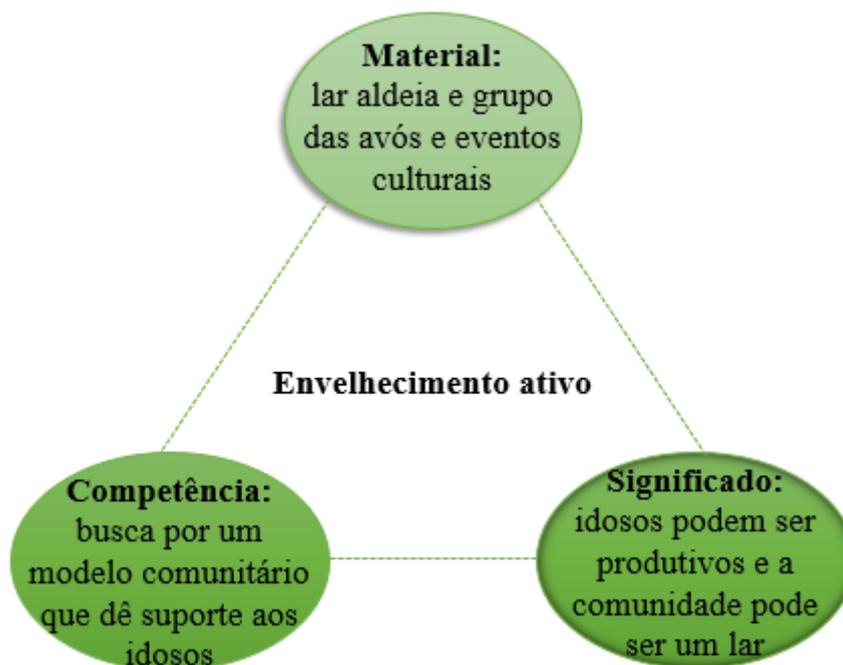
**Figura 37** – Encerramento do Bons Sons 2017



**Fonte:** Shifter (2017).

A prática envelhecimento ativo está em processo de constituição. Seus elementos não estão imbricados, mas estão em processo de imbricamento. A figura 38 traz uma representação gráfica da desta prática. Enquanto elementos materiais tem-se o lar aldeia, projeto que quando em execução propiciará uma melhoria na qualidade de vida dos idosos da aldeia; o grupo das avós que permite as senhoras terem uma rotina de atividades; e os eventos culturais que dinamizam a comunidade e proporcionam muitas oportunidades de interação social. A tendência é que haja uma intensificação destes elementos nos próximos anos, caso o projeto lar aldeia seja executado em sua totalidade.

**Figura 38** – Representação da prática envelhecimento ativo



**Fonte:** Dados da pesquisa, ilustração baseada em Shove, Pantzar e Watson (2012).

No que diz respeito a competência há uma busca por um modelo comunitário que dê suporte aos idosos. As pessoas estão interessadas em contribuir para a criação de um lar na aldeia, este processo ainda está em discussão. Nos últimos anos as conversas com as pessoas da comunidade começaram a ser desenvolvidas a fim de entender as necessidades que devem alicerçar o projeto. Em relação ao significado busca-se uma ressignificação do papel dos idosos, evidenciando que eles podem ser produtivos e ativos e que o melhor lugar para viverem são suas residências.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Em termos teóricos este estudo corrobora para a proposição de Shove, Pantzar e Watson (2012) de que é necessário que os elementos, material, competência e significado, estejam imbricados para que haja uma formação prática em continuidade. É esta continuidade que permite o engajamento e a promulgação de hábitos cotidianos. No caso do Bons Sons ficou expresso que aquelas formações que não são significadas ou conhecidas mesmo que haja materialidade não haverá adesão. Nestes casos o dispêndio de recursos não leva aos fins visados. O que define um maior nível de sustentabilidade é a existência de uma proporção significativa de práticas em continuidade que sejam voltadas a sustentabilidade.

O cenário de formações práticas no Bons Sons e em Cem Soldos, entendendo que festival e aldeia são intrinsecamente relacionados, evidencia muitas práticas continuadas, algumas em formação e uma em descontinuidade. A figura 39 ilustra o contexto destas formações, o qual foi obtido por meio da análise interpretativa dos dados em investigação neste estudo. Por meio dela é possível visualizar as formações que são realmente práticas pois estão em continuação, portanto, os elementos que constituem cada uma delas estão em imbricamento; as formações de práticas que estão se constituindo, ainda, podendo se transformar em práticas ou não, a depender de seus arranjos futuros; e uma formação prática em descontinuidade, mas como esta é uma das propostas da organização se faz necessário rediscutir a injeção de recursos nela.

As práticas, formações continuadas, são: institucionalização do uso de canecas reutilizáveis e reutilização de materiais, relativas ao aspecto ambiental; desvinculação das grandes marcas comerciais, valorização e difusão do local, associativismo e criação da marca, relacionadas ao aspecto econômico; e sentido de liberdade, espírito comunitário e vivência singular, relativas ao aspecto social. As formações que ainda estão em processo de formação são: redução do uso da água e separação de resíduos e reciclagem, na vertente ambiental; alternativa a desertificação, na esfera econômica; e exploração dos sentidos das crianças e Envelhecimento ativo, no âmbito social. Quanto a formações em descontinuidade tem-se apenas conscientização relacionada ao aspecto ambiental.

Este cenário nos mostra que o festival tem uma base sólida em termos de práticas voltadas a sustentabilidade, sobretudo em relação as questões econômicas e sociais. Exceto por uma formação prática que não está continuada as demais formações econômicas evidenciam que as bases são sólidas e intimamente relacionadas a manutenção da identidade

do festival e da aldeia. As questões sociais estão em desenvolvimento e tem muito potencial para se estruturarem e serem a maior força em direção a sustentabilidade. As duas formações que ainda não se tornaram práticas estão relacionadas as crianças e aos idosos e estes públicos são o foco dos dois projetos que estão sendo discutidos atualmente, o Escola Aldeia e o Lar Aldeia. Desse modo, espera-se que estas formações sejam consolidadas nos próximos anos.

**Figura 39** - Cenário de formações de práticas: Bons Sons/Cem Soldos



**Fonte:** Aatoria (2018).

Se pensarmos na concepção do festival e em como os objetivos dele se coadunam com a manutenção de uma aldeia viva e pulsante percebemos que a questão social é o cerne do Bons Sons. No fundo o que importa para quem faz o festival é melhorar a qualidade de vida e o bem-estar em Cem Soldos. O que fundamenta o Bons Sons é a vivência da aldeia de forma cultural, sem maquiagem, mostrando os rostos que fazem aquela comunidade. Mas, tudo isso, exige recursos e por meio do Bons Sons Cem Soldos se legitima cada vez mais como uma comunidade na qual o bem coletivo é mais importante que a individualidade. As decisões econômicas possibilitam que as questões sociais sejam o foco e não a geração de recursos

financeiros, pura e simplesmente. Não é que não se almeje obter retornos financeiros, é que estes devem vir de modo que seja possível manter a identidade do festival e, por conseguinte, a boa vivência da aldeia.

Assim, as questões ambientais vêm de forma marginal ao mesmo tempo em que são amplamente enfatizadas como sendo necessárias a diminuição do impacto do festival aos espaços da aldeia. Digo que elas são marginais porque se comparadas aos avanços econômicos e sociais elas precisam de muito desenvolvimento ainda. Isso se justifica porque as formações econômicas e sociais estão muito relacionadas ao cotidiano da aldeia. Elas vêm se solidificando a partir de realizações que não acontecem apenas durante o festival, são fruto de um trabalho realizado ao longo do ano. Já as formações ambientais se tornam mais enfáticas durante o festival, excetuando-se a reutilização de materiais as demais são todas relacionadas a diminuição da geração de danos ao ambiente durante o festival. Contudo, ao mesmo tempo que elas não estão no dia a dia da comunidade elas passam a ser as mais enfatizadas durante o festival pelo impacto que podem ter a aldeia. Assim, se pensarmos em formalização e visibilidade, as questões ambientais são as mais expressivas, mas se formos ao âmago da questão elas são as menos desenvolvidas.

No geral o cenário Bons Sons/Cem Soldos traz uma ideia de como buscar a sustentabilidade. Ao resgatar a questão: se são as práticas que conduzem a sustentabilidade, como estas se estabelecem, são continuadas e conquistam adeptos que as promulgam? percebe-se que a construção do festival privilegia o estabelecimento de práticas que visem a manutenção do *status quo* da aldeia. A promulgação do festival poderia ser realizada por meio de promoções de marketing de marcas comerciais, contudo, opta-se por fazer algo mais cru, produzido por moradores e organização com o suporte de uma equipe técnica. Não se quer com isso advogar que a publicidade de grandes marcas é ruim ou boa, o que se busca evidenciar é que se o objetivo é “vender” a aldeia tudo tem que ser construído por e na aldeia. Esse processo mostra que o cerne de ideia como estas é a exploração da identidade local.

Um pensamento que vem a muitos, inclusive eu o tive, é porque não fazemos por outras localidades o que o Bons Sons faz para Cem Soldos. A artista 4 fez uma reflexão neste sentido: “[...] eu penso: será que dá para fazer na minha aldeia? E não dá, por isso que eu acho isso incrível [...] adoro como eles criaram todo o conceito de festival [...]”. Não é possível o fazer em outros espaços naqueles moldes, pois o festival foi se constituindo a partir da aldeia, em uma relação de troca e construção mútua, para fazer algo em outro local é necessário haver este tempo de criação de identidade. É essa forma que privilegia os saberes locais e a construção cooperativa que permite a continuidade de festival. As pessoas estão dispostas a voltarem a

Cem Soldos todos os anos, a trabalharem em seus momentos de lazer porque elas são parte daquilo e se veem nos resultados. Assim, as pessoas se engajam por perceberem o festival e a comunidade com algo benéfico a todos.

Desse modo, muito se discute sobre o enquadramento do Bons Sons como um modelo. E o Bons Sons é um modelo em um certo sentido ao mesmo tempo que não o é em outro. Explicando, não é possível pegar o conceito e o modo de fazer do festival e replicá-lo em outras localidades esperando os mesmos resultados. Como enfatizou o artista 6 “tenta-se reproduzir os bons sons e não consegues porque não tem a mesma dinâmica, aqui as pessoas querem, não é imposto [...]”. Mas, por que lá tem a dinâmica e em outros espaços não? Porque o festival não veio como uma proposta de cima para baixo, ele foi se construindo a partir do local, a identidade é a aldeia. Criar este elo entre as pessoas e um espaço não é algo trivial e, portanto, reproduzir o que o Bons Sons representa para Cem Soldos em outras localidades não é algo simples. Contudo, haver uma comunidade que consegue criar algo como o Bons Sons é fundamental para que as pessoas tenham novas perspectivas.

Neste sentido, o festival serve como modelo ao evidenciar que é possível dá vida a uma localidade a partir do que ela tem de melhor. Assim, a ideia não é criar outros festivais similares e, assim, buscar transformar espaços, mas sim, apreender com o Bons Sons e com Cem Soldos sobre como despertar as pessoas para o desenvolvimento colaborativo da identidade de suas comunidades. As vocações de cada local são diversas, desse modo, cada aldeia possui sua identidade e é esta que deve ser desenvolvida de forma conjunta. A ideia é fazer as pessoas olharem para dentro de seus espaços e perceberem como estes podem ser transformados em zonas de bem-estar. Para tanto, reforça-se a necessidade de focar em práticas e não em sensibilização. O estudo evidenciou que o contexto de formação Bons Sons/Cem Soldos é que propicia o engajamento, as pessoas estão sempre voltando a Cem Soldos no Bons Sons, ou fora dele, para viver a aldeia e por causa de algum conceito sensibilizador.

A partir da vivência e desenvolvimento deste estudo acredito que a maior contribuição do Bons Sons é mostrar que um cenário pautado em sustentabilidade não é uma utopia. Lembro que no último dia, a noite, quando a equipe de estudos de públicos se reuniu para fazer um fechamento do que havia sido vivenciado, eu só pude expressar que no meu imaginário tudo aquilo era uma utopia, eu não imaginava que existisse. Aparentemente, este não era um sentimento só meu, as pessoas concordam que aquela comunidade parece não existir. Este fato fica mais enfático quando você adentra aos meandros das formações práticas que constituem a aldeia e o festival. Parece um modelo ideal, claro que existem muitas questões a serem

desenvolvidas, mas a concepção é muito utópica se pensarmos no cenário mundial.

Isso mostra que a busca por uma sociedade sustentável passa por pequenas comunidades. Estes espaços locais têm muito potencial de construção colaborativa e co-criação. Assim, o que se pode concluir é que a discussão a respeito de uma sociedade sustentável envolve o debate sobre identidades locais e cotidiano. Neste contexto, Cem Soldos e Bons Sons surgem como ilustração de que muito pode ser feito em espaços de interação e vivência e que a vontade de realizar pode gerar bons frutos. Mas, muito ainda há o que ser estudado tanto acerca da temática em geral quanto em relação ao campo empírico, por isso a próxima seção traz algumas sugestões para o empreendimento de estudos futuros.

## 5.2 Sugestões para Estudos Futuros

Quando empreendemos uma investigação sobre alguma temática tendemos a tentar esgotar as possibilidades de percepções a respeito dela, sobretudo em um estudo resultante de um processo de doutoramento que envolve um longo tempo de envolvimento. Contudo, é inviável, em qualquer estudo, conseguir abarcar todas as possibilidades e ângulos de observação, é preciso fazer escolhas e ao fazer algumas dimensões ficam a margem. Esta é a dinâmica e a natureza dos estudos acadêmicos, cada investigação traz algo à tona e possibilita a emergência de novas faces do objeto. A partir deste estudo percebe-se alguns ângulos de observação a serem desenvolvidos, algumas faces do fenômeno a serem exploradas e alguns aspectos a serem aprofundados. Assim, recomendam-se alguns tópicos para estudos futuros.

### **Associativismo, trabalho voluntário e manutenção das comunidades interioranas.**

Um fator que chama a atenção é o envolvimento voluntário de grande parte da comunidade. A maioria do trabalho de montagem do festival é feito por Cem Soldenses e amigos, as pessoas tiram férias e voltam a aldeia para trabalhar ou o fazem após seu trabalho diário e não recebem nenhuma compensação financeira para tanto. Seria interessante aprofundar o entendimento sobre como acontece este engajamento porque são os eventos ao longo do ano, sendo o Bons Sons o de maior expressividade, que mantém a comunidade viva e ativa.

**Hábitos em contextos diversos.** Em várias situações eu escutei que o que acontece em Cem Soldos não aconteceria em comunidade, as pessoas sempre falavam ‘não consigo ver isso na minha aldeia’. Isso expressa que os hábitos são diferentes nos múltiplos contextos de vivência. Isso me fez refletir sobre como as pessoas se moldam ao contexto de práticas em que estão envolvidas. Acredito ser indicado a realização de estudos que evidenciem como as pessoas agem em contextos diversos, salientando as nuances que levam as pessoas a aderirem

a determinadas práticas quando inseridas em contexto situados e não em seus contextos cotidianos.

**Inserção das crianças nas atividades do festival.** Festivais, em geral, não costumam ser um ambiente para crianças, são espaços barulhentos, muitas vezes noturnos e que envolvem mais os jovens. No Bons Sons existem muitas atividades para crianças desde a barriga da mãe até os adolescentes. Esta envolvência com música, instrumentos, jogos e animais, associada a vivência em uma comunidade rural com pessoas de todas as idades deve influenciar na formação destas crianças. Sugere-se a realização de estudos que visem entender como as percepções das crianças sobre a sociedade em geral são influenciadas pela participação em festivais desta natureza, ou no próprio Bons Sons.

**Qualidade de vida e longevidade das pessoas idosas em Cem Soldos.** É impressionante o envolvimento das pessoas com mais idade no festival, elas estão na maioria dos vídeos, são elas que confeccionam a maioria dos brindes que são vendidos no merchandising, elas participam do festival. O envolvimento destas pessoas e a proposta de envelhecimento ativo são aspectos que chamam a atenção, em vez de dizer que os idosos não são mais capazes se chama eles a participarem de atividades condizentes com suas expertises. Recomenda-se a realização de estudos que buscam compreender como esta inserção influi na qualidade de vida e longevidade destas pessoas.

**Evolução das práticas ambientais no Bons Sons.** O plano ecológico é uma realidade no Bons Sons e vem sendo incrementado a cada ano. Contudo, muitas práticas ainda estão em processo de formação ou não estão sendo continuadas. Seria interessante empreender um estudo longitudinal acerca da evolução do plano ecológico no Bons Sons. Por meio de um estudo desta natureza talvez seja possível tornar inteligível como as pessoas se engajam em práticas ambientais corretas.

**Revalorização de espaços rurais.** Uma das contribuições do Bons Sons é começar a formar as bases de atribuição de valor aos espaços rurais. Assim, evidenciar estes espaços de forma inspiradora se coaduna com a necessidade de repensar a vida nos grandes centros urbanos. Nesse sentido, parece ser importante conduzir estudos que tenham como foco trazer a tona as potencialidades dos ambientes rurais para a formação de uma sociedade pautada e bem-estar e qualidade de vida.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA LUSA. **Festival Bons Sons atraiu 32.500 visitantes na edição mais ecológica de sempre.** Mediatejo.net. 18 de Agosto de 2017. Disponível em: <<http://www.mediatejo.net/tomar-festival-bons-sons-atraiu-32-500-visitantes-na-edicao-mais-ecologica-de-sempre/>> Acesso em: 20 de agosto de 2017.

ÅHMAN, H. Social sustainability – Society at the intersection of development and maintenance. **Local Environment: The International Journal of Justice and Sustainability**, 2013, 18, 1153–1166.

ALMEIDA, G. Bons Sons – o resto é só terra e céu. **Espalha Factos**, 17 de Agosto de 2016. Disponível em: <<https://espalhafactos.com/2016/08/17/bons-sons-o-resto-e-so-terra-e-ceu/>> Acesso em: 18 de Agosto de 2017.

ALMEIDA, G. Sami, queres ouvir uma história “tristi”? **Espalha Factos**, 17 de Agosto de 2017. Disponível em: <<https://espalhafactos.com/2017/08/17/sami-queres-ouvir-historia-tristi/>> Acesso em: 18 de Agosto de 2017.

ARAÚJO, P. M. Etnometodologia: Consciência, Linguagem e o Fenômeno da Vida Cotidiana. **SINAIS - Revista Eletrônica. Ciências Sociais**. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.11, v.1, Junho. 2012.

ASSADOURIAN, E. Reconstruindo Culturas para Criar uma Civilização Sustentável. In: ASSADOURIAN, E; PRUGH, T. **Estado do mundo 2013: A Sustentabilidade Ainda é Possível?** Salvador: Worldwatch Institute, 2013.

BARNES, B. **Practice as collective action.** In: SCHATZKI, T. R.; CETINA, K. K.; SAVIGNY, E. V. *The Practice Turn in Contemporary Theory.* London and New York: Routledge, 2001.

BARTHES, R. **Éléments de Sémiologie.** In: *Communications*, 4, 1964. *Recherches sémiologiques.* pp. 91-135. Disponível em: <[http://www.persee.fr/doc/comm\\_0588-8018\\_1964\\_num\\_4\\_1\\_1029](http://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1964_num_4_1_1029)> Acesso em: 22 de Maio de 2017.

BAZTÁN, A. A. **Etnografía: metodología cualitativa en la investigación sociocultural.** Barcelona: Marcombo, 1995.

BAUER, M. W.; AARTS, B. A Construção do Corpus: Um Princípio para a Coleta de Dados Qualitativos. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: urn manual prático.** Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: a experiência vivida.** 2ª Edição. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **The social construction of reality.** New York: Doubleday, 1967.

BISPO, M. de S.; GODOY, A. S. A Etnometodologia enquanto Caminho Teórico-metodológico para a investigação da Aprendizagem nas Organizações. **Revista de Administração Contemporânea**, v.16, n.5, p. 684-704, 2012.

BISPO, M. de S.; GODOY, A. S. Etnometodologia: uma proposta para pesquisa em estudos organizacionais. **Revista de Administração da UNIMEP**. 2014, v. 12, n. 2, maio/ago.

BONS SONS. **Recinto**. 2017. Disponível em: <<http://www.bonssons.com/recinto/>>. Acesso em: 26 de Outubro de 2017.

BONS SONS. **Estudo mostra porque é que Cem Soldos faz o Bons Sons. 2017a**. Disponível em: <<http://www.bonssons.com/i/2017/PR-BS-20170606.html>>. Acesso em: 26 de Novembro de 2017.

BRITO, M. P. de; TERZIEVA, L. Key elements for designing a strategy to generate social and environmental value: A comparative study of festivals. **Research in Hospitality Management**, 2016, 6:1, 51-59.

BRYNER, G.C. **Gaia's Wager: Environmental Movements and the Challenge of Sustainability**. Rowman & Littlefield, New York, 2000.

CARVALHO, I. C. de M. Qual Educação Ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental popular e extensão rural. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.2, n.2, abr/jun, 2001.

CARVALHO, I. C. de M. Educação para sociedades sustentáveis e ambientalmente justas. Texto elaborado para subsidiar participação na mesa redonda do **III Colóquio Sul Brasileiro de Educação Ambiental** em 05/11/2007. Disponível em: <[http://www.isabelcarvalho.blog.br/pub/artigos/ea\\_sociedades\\_justas.pdf](http://www.isabelcarvalho.blog.br/pub/artigos/ea_sociedades_justas.pdf)>. Acesso em: 20 de Outubro de 2014.

CHAPPELLS, H.; MEDD, W.; SHOVE, E. Disruption and change: drought and the inconspicuous dynamics of garden lives. **Social & Cultural Geography**, 2013, 12:7, 701-715.

CICOUREL, A. The interpenetration of communicative contexts: example from medical encounters. In: GOODWIN, C.; DURANTI, A. **Rethinking context**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

COLEMAN, J.S. Social capital in the creation of human capital. **The American Journal of Sociology**, Vol. 94, Supplement: Organizations and Institutions: Sociological and Economic Approaches to the Analysis of Social Structure (1988), pp. 95-120.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. (1988). Disponível em: <<http://www.un-documents.net/wced-ocf.htm>> Acesso em: 20 de Outubro de 2014.

COULON, A. **Etnometodologia**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1995.

COULON, A. **Etnometodologia e Educação**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, Vozes, 1995a.

DALY, E. D.; COBB JÚNIOR, J. B. **For the Common Good: Redirecting the Economy Toward Community, the Environment, and a Sustainable Future**. Beacon Press, Boston (1994).

DEMPSEY, N.; BROWN, C.; BRAMLEY, G. The Key to Sustainable Urban Development in UK Cities? The Influence of Density on Social Sustainability. **Progress in Planning**. 2012, 77, 89–141.

EIZENBERG, E.; JABAREEN, Y. Social Sustainability: A New Conceptual Framework. **Sustainability**, 2017, 9, 68.

ELKINGTON, J. Towards the sustainable corporation: win-win-win business strategies for sustainable development. **California Management Review**, 1994, 36(2), 90-100.

ELKINGTON, J. **Cannibals with Forks: the triple bottom line of 21st century business**. Oxford: Capstone, 1997.

ELKINGTON, J. Enter the triple bottom line. In: HENRIQUES, A.; RICHARDSON, J. (Eds.). **The triple bottom line, does it all add up?** London: Earthscan, 2004.

ENGELMAN, R. Além do Blablablá da Sustentabilidade. In: ASSADOURIAN, E; PRUGH, T. **Estado do mundo 2013: A Sustentabilidade Ainda é Possível?** Salvador: Worldwatch Institute, 2013.

FELÍCIO, A.; BAZALOCO, P. “Gostava que o concelho visse o Festival Bons Sons como um evento seu”. **Cidade de Tomar**. Tomar/Portugal. Entrevista 5. 11 de Agosto de 2017.

FERREIRA, F. O. **Uma aldeia chamada Bons Sons – um bom exemplo de políticas culturais**. Sociologia da Cultura. Licenciatura em Sociologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015.

FIRTH, A. Etnometodología. **Revista Discurso y Sociedad**. 2010, Vol. 4. ISSN 1887- 4606, p. 597-614.

FLICK, U. Entrevista episódica. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

FLORES-PEREIRA, M. T.; CAVEDON, N. R. Os bastidores de um estudo etnográfico: trilhando os caminhos teórico-empíricos para desvendar as culturas organizacionais de uma livraria de shopping center. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 7, nº 1, artigo 10, Rio de Janeiro, Mar. 2009.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. IX-XXII.

FUENTES, G. A. Harold Garfinkel: la etnometodología. **Revista de Sociología**, [S.l.], n. 5, ene. 1990. Disponível em: <<http://www.revistadesociologia.uchile.cl/index.php/RDS/article/view/27606/29273>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2016.

GARFINKEL, H. **Estudios en Etnometodología**. Traducción de Hugo Antonio Pérez Hernáiz. Barcelona: Anthropos, 2006.

GARFINKEL, H.; SACKS, H. On formal structures of practical actions. In: GARFINKEL, H. (Org.). **Ethnomethodological Studies of Work**. London: Routledge & Kegan Paul, 1986. p. 160-193.

GASKELL, G. Entrevistas Individuais e Grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. 1ª ed. 13ª reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GERLACH, A. **Sustainability entrepreneurship in the context of emissions trading**. In: ANTES, R., HANSJÜRGENS, B.; LETMATHE, P. Emissions Trading and Business. Heidelberg: Physica-Verlag, 2006. p. 73-91.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GLADWIN, T. N.; KENNELLY, J. J.; KRAUSE, T. S. Shifting paradigms for sustainable development: implications for management theory and research. **Academy of Management Review**, New York, v. 20, n. 4, p. 874-907, Oct. 1995.

GUESSER, A. H. A etnometodologia e a análise da conversação e da fala. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**; Vol. 1 nº 1 (1), agosto-dezembro/2003, p. 149-168.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

HENRIQUES, S. Festival Bons Sons: um lugar so Sol ba aldeia de Cem Soldos. **Comunidade Cultura e Arte**, 17 de Agosto de 2017. Disponível em: <<http://www.comunidadeculturaearte.com/bons-sons-um-lugar-ao-sol/>> Acesso em: 18 de Agosto de 2017.

HERITAGE, J. Etnometodologia. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Editora UNESP, p. 321-392, 1999.

HORTA, B. Bons Sons: o que há de novo e o que nunca vai mudar em Cem Soldos. **Observador**, 10 de Agosto de 2017. Disponível em: <<http://observador.pt/2017/08/10/bons-sons-o-que-ha-de-novo-e-o-que-nunca-vai-mudar-em->

cem-soldos/> Acesso em: 18 de Agosto de 2017.

FRANCIS, D.; HESTER, S. **An Invitation to Ethnomethodology: language, society and interaction**. London: Sage, 2004.

JOHNSTONE, B. **Qualitative methods in sociolinguistics**. New York: Oxford University Press, 2000.

JULES-ROSETTE, B. Harold Garfinkel: la contribution de l'ethnomethodologie à la recherche sociologique. **Sociétés: Revue des sciences humaines et sociales**, 1985, vol. 5, p. 35-38.

LADEIRA, W. T. Teoria e Métodos de Pesquisa Qualitativa em Sociolinguística Interacional. **Revista de Ciências Humanas**, Vol. 7, Nº 1, p. 43-56, Jan./Jun. 2007.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEITÃO, S. “Até para o ano” Bons Sons. **Mediatejo.net**. 15 de Agosto de 2017. Disponível em: <<http://www.mediatejo.net/tomar-ate-para-o-ano-bons-sons/>> Acesso em: 20 de agosto de 2017.

LITTIG, B.; GRIEBLER, E. Social sustainability: A catchword between political pragmatism and social theory. **Int. J. Sustainable Development**, 2005, vol. 8, 65–79.

LOIZOS, P. Vídeo, Filme e Fotografias como Documentos de Pesquisa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

LOPES, M. “No Bons Sons, nós não envolvemos as pessoas, as pessoas são o festival”. **Público**, 10 de Agosto de 2017. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2017/08/10/culturaipsilon/noticia/no-bons-sons-nos-nao-envolvemos-as-pessoas-as-pessoas-sao-o-festival-1781867>> Acesso em: 20 de agosto de 2017.

MACHADO, M. F. **São dias bonitos, aqueles que se vivem em Cem Soldos, entre 11 e 14 de agosto**. 19 de Agosto de 2017. Disponível em: <<http://umbigomagazine.com/pt/blog/2017/08/19/bons-sons-2017/>> Acesso em: 23 de Agosto de 2017.

MATTOS, P. L. C. L. de. A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. **Revista de Administração Pública – RAP**, Rio de Janeiro 39(4), p. 823-847, Jul./Ago. 2005.

MENESES, I. “Temos uma sociedade adulta infantil”. **Expresso**, Portugal, 20 de Agosto de 2017. Disponível em: <<http://expresso.sapo.pt/10-perguntas-a.-por-ines-meneses/2017-08-20-Luis-Ferreira-Temos-uma-sociedade-adulta-infantil>> Acesso em: 23 de Agosto de 2017.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa: Um Instrumento Metodológico Possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan.-jun. 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras Incompletas**. Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. São Paulo: Nova Cultura, 2000. (coleção os pensadores).

OLIVEIRA, S. A. de, MONTENEGRO, L. M. Etnometodologia: Desvelando a Alquimia da Vivência Cotidiana. **Cadernos EBAPE**, v. 10, n. 1, p.129-145, 2012.

OSTROM, E. **Governing the Commons: The Evolution of Institutions for Collective Action**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

PSATHAS, G. Approaches to the study of the world of everyday life. **Human Studies**, 1980, 3, p. 3-17.

QUÉRÉ, L. L'argument sociologique. **Réseaux**, volume 5, n°27, 1987. Questions de méthode. 1987, p. 97-136.

RAWLS, A. W. Harold Garfinkel, Ethnomethodology and Workplace Studies. **Organization Studies**, v. 29, n. 05, p.701-732, 2008.

RECKWITZ, A. Toward a theory of social practices: a development in culturalist theorizing. **European Journal of Social Theory**, v. 5, n. 2, p. 243-263, 2002.

RIOS, P. O Bons Sons “não é o festival na aldeia, a aldeia é que é o festival”. **Público**, 13 de Agosto de 2017. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2017/08/13/culturaipsilon/noticia/o-bons-sons-nao-e-o-festival-na-aldeia-a-aldeia-e-que-e-o-festival-1782235>> Acesso em: 20 de agosto de 2017.

SANDBERG, J; ALVESSON, M. Ways of constructing research questions: gap-spotting or problematization? *Organization*, vol. 18, n. 1, 23-44, 2011.

SARAIVA, M. O Bons Sons é uma aldeia, a aldeia é um mundo. **La Bohemie**, 27 de Agosto de 2017. Disponível em: <<http://labohemie.pt/o-bons-sons-e-uma-aldeia-a-aldeia-e-um-mundo/>> Acesso em: 30 de Agosto de 2017.

SCHATZKI, T. R. **Social practices: A Wittgensteinian approach to human activity and the social**. New York: Cambridge University Press, 1996.

SCHATZKI, T. R. Practices and actions: A Wittgensteinian critique of Bourdieu and Giddens. **Philosophy of the Social Sciences**, 1997, 27: 283-308.

SCHATZKI, T. R. **Practice mind-ed orders**. In: SCHATZKI, T. R.; CETINA, K. K.; SAVIGNY, E. V. *The Practice Turn in Contemporary Theory*. London and New York: Routledge, 2001a.

SCHATZKI, T. R. **Introduction: practice theory**. In: SCHATZKI, T. R.; CETINA, K. K.; SAVIGNY, E. V. *The Practice Turn in Contemporary Theory*. London and New York: Routledge, 2001b.

SCHATZKI, T. R. **The site of the social: A philosophical exploration of the constitution of social life and change**. University Park, PA: The Pennsylvania State University Press, 2002.

SCHATZKI, T. R. A new societist social ontology. **Philosophy of the Social Sciences**, 33/2: 174–202, 2003.

SCHATZKI, T. R. The sites of organizations. **Organization Studies**, v. 26, n. 3, p. 465-84, 2005.

SCHATZKI, T. R.; CETINA, K. K; SAVIGNY, E. V. **The practice turn in contemporary theory**. London: Routledge, 2001.

SHIFTER. **Mais que um festival de verão, o Bons Sons é um convite a viver a aldeia de Cem Soldos**. 30 de Agosto de 2017. Disponível em: <<https://shifter.pt/2017/08/bons-sons-2017/>> Acesso em: 30 de Agosto de 2017.

SHOVE, E. Beyond the ABC: climate change policy and theories of social change. **Environment and Planning A**, 42, nº 6, 2010.

SHOVE, E. The shadowy side of innovation: unmaking and sustainability. **Technology Analysis & Strategic Management**, 2012, 24:4, 363-375.

SHOVE, E. Putting practice into policy: reconfiguring questions of consumption and climate change. **Journal of the Academy of Social Sciences**, 2012a.

SHOVE, E. Habits and Their Creatures. In: WARDE, A.; SOUTHERTON, D. **The habits of consumption**. Helsinki: Collegium, 2012b, Vol. 12, p. 100-113.

SHOVE, E.; PANTZAR, M.; WATSON, M. **The Dynamics of Social Practice: Everyday life and how it changes**. London: Sage, 2012.

SILVA, V. G. D. **O antropólogo e sua magia**. São Paulo: Edusp, 2000.

TEN HAVE, P. **Understanding Qualitative Research and Ethnomethodology**. London: Sage, 2004.

UZZELL, D. Challenging Assumptions in the Psychology of Climate Change. 2008. Disponível em <[https://www.psychology.org.au/inpsych/challenging\\_assumptions/](https://www.psychology.org.au/inpsych/challenging_assumptions/)>. Acesso em: 11 de janeiro de 2016.

VÍCTORA, C.; KNAUTH, D.; HASSEN, M. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo, 2000.

VISÃO. Bons Sons Tomar - Uma aldeia sempre me festa. Revista edição Agosto de 2017. Disponível em: <<http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/ver/2017-08-11-Voltou-o-Bons-Sons-a-aldeia-sem-pre-em-festa>>. Acesso em: 27 de Novembro de 2017.

VOS, R. O. Perspective Defining Sustainability: a conceptual orientation. **Journal of Chemical Technology and Biotechnology**. 2007, 82:334–339.

## APÊNDICE A – Notas de Campo

**07/08**

Chegar a Tomar foi fácil porque eu já sabia como ir, pois, conheci a cidade em março na primeira vez que fui a Portugal. Estive em Tomar durante quatro dias e pude ver como era a cidade já que estava acompanhando os alunos da minha orientadora em viagem de estudos. Na ocasião andamos pela cidade com ela que é natural de Tomar, fizemos um tour de tuk tuk conhecendo a história da cidade, a exemplo, a sinagoga, a igreja e estória de santa iria, e os dutos antigos. Fizemos uma visita guiada ao convento de cristo e fomos para uma apresentação do politécnico, que é tipo um Instituto Federal.

Desta vez cheguei a estação e de lá não sai, Tomar não era meu destino, Cem Soldos o era. Cheguei em tempo de ir no primeiro *transfer* entre cidade e aldeia, como éramos muitos, alguns tiveram que ficar e o critério foi estar indo pela primeira vez, fomos interagindo e nos conhecendo um pouco, mas o trajeto era bem rápido entre 10 e 15 minutos, inclusive eu me surpreendi com a proximidade da cidade. O *transfer* foi realizado pelo coordenador dos voluntários, o mesmo que fez as entrevistas de seleção e eu me surpreendi porque ele lembrava dos nomes de todos nós.

Tudo era novidade, a comunidade possui quatro entradas, chegamos pela do jardim da infância e lá descemos, até então não havia visto nada da comunidade, conheci o espaço onde dormiria os próximos oito dias e me assustei um pouco, os colchões eram realmente colados, escolhi um espaço junto a parede para ter um pouquinho mais de tranquilidade. Começamos a arrumar as coisas, tirar vários materiais do banheiro para liberar a entrada, colocamos a geladeira para funcionar, eu queria varrer o espaço mas não achei uma vassoura, nos foi entregue as chaves dos balneários onde tomaríamos banho, sendo um para as mulheres e outro para os homens, cada um com dois chuveiros, a chave deveria ser devolvida à mesa e quando estivesse alguém lá abriria a porta, o banho era conjunto, o que para mim não foi um problema, apesar de ser mais velha não tenho certos pudores e vergonha. Tínhamos também um balneário com apenas um chuveiro que poderia ser usado por homem ou mulher em caso de necessidade, quando o festival começou ele passou a ser de uso das caravanas. As chaves sempre sumiam, o que gerava problemas, além disso foi ficando tudo muito sujo afinal eram quase cem pessoas usando já que o pessoal da escola primária também tomava banho lá.

Finalizadas as arrumações iniciais e fomos até a sede da associação onde alguns voluntários locais já trabalhavam. O coordenador de estudos públicos nos passou um questionário que visava traçar o público de voluntários, respondi e fui ver o que estava acontecendo, os voluntários começavam a trabalhar, uns limpando as canecas de alumínio e outros colando bandeiras em varais, fui para as bandeiras, foram chegando cada vez mais pessoas, o trabalho na associação acaba por ir envolvendo as pessoas. Após um tempo o coordenador de estudos públicos nos entregou um formulário para fins de seguro e como eu não estava com o passaporte fui até o jardim da infância buscar. Se no caminho da vinda eu tinha visto poucas pessoas, agora já se via bastante gente montando estruturas, sobretudo elétrica, as luzes começavam a serem colocadas nas ruas da comunidade, na frente da igreja e na praça central estruturas de madeira e metálicas se avolumavam. Mas nada aparentava que ali seria um palco para um evento tão grande, o coordenador dos voluntários dizia agora parece que não tem nada mas vocês vão ver como tudo se transforma. O clima na comunidade já parecia muito acolhedor.

Voltando encontrei uma das coordenadoras, depois descobri que era do *merchandising*, e fomos direcionados a carregar umas caixas de alimentos até um quintal, no qual nós comeríamos. Já passavam das seis e meia e nada da reunião, neste momento fomos informados que devíamos descer até um espaço para a reunião inicial. Fui até lá e descobri que era o posto de saúde, soube também que lá funcionaria um dos palcos, o auditório. A reunião foi uma explanação do Luiz, diretor do festival e presidente da associação, na qual ele falou um pouco sobre o festival e enfatizou a importância dos voluntários. A coordenadora do plano ecológico falou um pouco sobre as novas medidas e foi aí que percebi, preciso falar com ela. Por fim, o coordenador dos voluntários nos apresentou os coordenadores e nos disse em que grupo cada um havia ficado, estava torcendo para ficar no ecológico, mas aí soube que ficaria no grupo estudos de públicos e pensei o que será isso. Aí ele me apresentou como doutoranda, falei brevemente a todos, e ele disse que eu ficaria junto com uma mestranda e um outro doutorando. Encerrada a conversa todos se dirigiram aos seus coordenadores, fui conversar com o meu coordenador, fui apresentada a namorada dele que fecharia o grupo, o doutorando ainda não havia chegado, conheci a mestranda, nos falamos rapidamente, combinamos uma reunião com todos no outro dia as dez. Descobri que a coordenadora do *merchandising* e o dos voluntários se juntariam a nós para uma outra reunião na quarta as 11:30 para falarmos sobre o instrumento que usaríamos como questionário para coletar as informações sobre o público. A mestranda foi embora correndo por causa do frio e eu fui tentar falar com o coordenador dos voluntários.

Notas reunião (tenho o áudio gravado)

Vocês vão ser Cem Soldenses esta semana

Pensar Cem Soldos e o que queríamos

25 anos da comunidade

Fazer uma coisa diferente

Usar a aldeia como cenário

Trabalhar com as pessoas

Programação e discurso mais próximo do que eles queriam

Matriz de descoberta de novas músicas

Rede de parcerias

Pensar sobre como habitar as aldeias

Transformar a aldeia em contemporânea

Trabalho voluntário (férias) associação sem fins lucrativos

Vai parecer caótico, vai parecer que nada vai acontecer, mas acontece

São os novos maneios de conversar, de conhecerem-se (processos laborais)

Não há espaço algum mais em Cem Soldos

Público e privado se misturam – magia do festival

Mais de 300 pessoas trabalham, outras cedem terrenos, casa e outras não reclamam do barulho

Essa multidão que invade

Respeito pela aldeia

Público disponível a ver novos concertos

Visto de Cem Soldenses – gostaria que se sentissem assim e que representassem

Qualquer pessoa faz tudo desde que esteja disponível

20% financiamento público/privado e 80% receitas próprias (coordenador dos voluntários fala de manter a autonomia)

Somos ecológicos por obrigação

Descartável por questões de segurança

Equipa: cerca de 100 pessoas

Mais 300 da aldeia

Mais voluntários externos

Linha de financiamento do fundo ambiental

Jogos do Helder

Jogos para a família

Após a reunião fiquei acompanhando o coordenador dos voluntários, ele não saía do telefone, eram muitas demandas e todos queriam que algo fosse resolvido. Passamos na praça e alguns voluntários requisitaram algumas informações, chegando até a abusar da acolhida, de lá fomos até o quintal onde funcionaria o restaurante que nós comeríamos durante os dias que antecederiam a realização do festival, tínhamos direito a duas refeições completas, uma as 13 horas e outra as 20 horas. A partir do início do festival recebemos quatro senhas para os quatro dias, ou seja, tínhamos direito a uma refeição por dia neste restaurante, que passou a funcionar para o público, ou em outro quintal que funcionava em estilo de petiscos. No restaurante ele conversou com a senhora responsável pela cozinha e com os voluntários que ali trabalhariam, os quais, em sua maioria, já estavam lá. No caminho teve uma pequena discussão com um voluntário da comunidade que foi designado para uma função e já tinha escolhido por conta própria trabalhar no restaurante, inclusive ele já estava lá. O coordenador tentou reencaixar ele, mas ele se recusou e o pessoal do outro setor disse que se ele não queria estar lá eles também não o queriam, fui vendo o quanto era difícil alocar todas aquelas pessoas, afinal são muitas mentes pensantes. Resolvido isso fomos a Tomar buscar uma voluntária que não conseguiu chegar para os *transfers* e estava a esperar a um tempo, passamos rapidamente na escola primária, tudo estava a correr nos conformes, peguei minha jaqueta e partimos para Tomar conversando sobre amenidades.

Quando voltamos já estava a acontecer o jantar, fui e encontrei com dois voluntários com os quais já havia interagido antes na cooperativa e no *transfer*, dali fomos informados que deveríamos ir para sede da associação que haveria trabalho. Fui lá e vi que era para dobrar os panfletos, sentei numa mesa em que tinha um senhor da comunidade e ficamos dobrando e conversando, pouco tempo depois o coordenador dos voluntários chegou para me apresentar o outro doutorando que acabava de chegar, para minha surpresa ele é brasileiro, professor universitário e faz doutorado pleno em Coimbra, o Bons Sons não é seu foco de tese, mas como ele estuda um festival brasileiro, a virada cultural e um festival que acontece em Lisboa, está aproveitando para rodar pelos festivais em Portugal. Tarde da noite paramos e eu ainda conversei um pouco com um voluntário e com seu Zé sobre a comunidade e o festival, ele me falou do problema da falta da água em Portugal, dos incêndios que para minha surpresa são bem comuns no verão, inclusive começou a acontecer um neste dia bem perto e nós víamos a fumaça e até sentíamos o cheiro, que ficou bem forte em um dos dias. Ele me fala também sobre a questão do desemprego na região, que trabalhou em Tomar em uma indústria a vida

toda, mas que ela fechou e ele ficou desemprego. Argumenta que as próximas gerações terão problemas e explica que é por isso que as comunidades estão se esvaziando. Morrendo de frio e cansaço, sem acesso à internet ou qualquer comunicação, porque meus celulares não pegavam, encontro com o coordenador que me empresta um saco cama e me direciono ao jardim da infância. Encaro meu primeiro banho gelado porque não vou dormir sem um banho e vou tentar dormir com as luzes ligadas, o barulho constante e o cheiro que incomoda minha alergia, mas estou tão cansada que não tenho problemas em dormir.

## **08/08**

Depois de algumas horas de sono acordei, tomei um banho e me pus a postos, queria fazer um reconhecimento da comunidade, peguei o celular, lápis e papel e sai. Resolvi fazer um vídeo mostrando como estava a aldeia para fins de ativar milhas memórias no futuro e fui falando sobre onde passava e o que era cada espaço. Sai da entrada do jardim da infância, passei pelos espaços de destinação de resíduos da cidade de Tomar que ficam espalhados pela aldeia. Tem repositórios na entrada do jardim da infância, o que denota a preocupação com separação de resíduos ao longo do ano. Passei pelas primeiras casas, as pessoas não invadem os espaços que não são convidadas, vários pés de frutas cheios de frutas e ninguém pega, as luzes já tinham tomado conta da comunidade. Eu vi a instalação no dia anterior e percebi que as pessoas trabalham até tarde, neste horário da manhã as pessoas ainda estavam começando a fazer as coisas, os espaços estavam meios vazios, muita gente envolvida, a maioria nem é percebida, é muito bastidor, as coisas acontecem do dia para a noite, perto da igreja tem um repositório para roupas usadas. Tudo já estava tomado por estruturas metálicas e pallets. Lembro que o padre apoia o festival, conforme o coordenador dos estudos de públicos a comunidade tem muitas senhoras viúvas que se refugiam na igreja e o apoio do padre leva ao envolvimento delas, sendo muito bom para elas este envolvimento, o festival tem essa pegada de envolver os idosos (Foi quando percebi que precisava falar com as pessoas envolvidas com esta questão dos idosos). Vejo os orelhões e as mesas com os bancos de madeira reciclada que são integrados, muito legal ter estas estruturas embaixo das árvores, passo pelas pessoas e sempre há o cumprimento com bom dia, hoje encontrei um senhor. Passei pelo quintal onde comemos, que fica bem perto de outra entrada, ainda estou tentando achar onde tomar café e falo com um dos voluntários que está em busca de uma padaria, estamos todos (os novatos) descobrindo a aldeia, um senhor informa a ele onde ele onde fica um mercado onde ele pode comer, tudo está em processo, mas nada indica que vai haver um festival de tamanha magnitude em menos de três dias. Passo pela SCOCS, no auditório acontece muitos dos processos em que os voluntários se envolvem, canecas, bandeira, panfletos... Do lado tem um espaço que funciona como secretaria do evento e fica fechado por ser a parte financeira, achei um jornal da cidade que fala sobre o evento e peguei para ler. Dentro do auditório tem um café/bar, tem um outro espaço aberto em que ficam muitas estruturas e onde há muita movimentação, as canecas de alumínio estavam aí, algumas geladeiras, materiais diversos... Caminhei até as duas outras entradas, uma que é onde fica o auditório, que fica no centro de saúde onde houve a reunião ontem e a outra onde ficará o parque de campismo.

Voltando ao centro estava com fome e ainda não tinha tido contato com o mundo exterior, encontro o doutorando e ele diz “vamos tomar café antes da reunião”, eu super concordo e vemos o Café da Tonita, que fica praticamente em frente a associação. Entramos e pedimos

nossos cafés, é quando eu vejo wi-fi, conecto super feliz e vou dar notícia as pessoas, minhas orientadoras estão loucas atrás de mim, respondo e informo que ficarei sem net, só irei ao café uma ou duas vezes ao dia para atualizações, mas ficarei totalmente imersa na comunidade e meus chips não pegarão para ligações, informo meu irmão para ele informar minha mãe e respondo apenas o mais urgente. Este foi um fato legal, fiquei praticamente incomunicável, o que não me dispersava da vivência e era tudo tão intenso que não senti falta. Este café virou nosso ponto de encontro, nosso espaço de trabalho. Em seguida fomos a associação para a primeira reunião do grupo.

O coordenador do grupo e uma participante que é sua namorada, descobri depois, já estavam lá sentados em uma mesa, nos aproximamos. A mestranda chega, mais a coordenadora do *merchandising* e o coordenador dos voluntários (depois descubro que eles são um casal e que trabalham com esta parte de estudos em institutos de pesquisa em Lisboa, por isso nos entendem tão bem, a mulher é de Cem Soldos e por isso não faz tantos estudos por ser tão envolvida. Eles estão juntos a mais de dez anos e ele é super envolvido com a comunidade também, apesar de dizerem que ele já é daqui, ele afirma: não é assim, não é tão fácil ser daqui, mas se sentir daqui o é. Viriam rapidamente, esperamos e eles chegam e nos perguntam se está tudo certo, confirmamos a reunião do outro dia e ela nos diz que podemos trabalhar em um outro espaço que não tem barulho, eles partem as suas atividades e o coordenador do grupo diz que devemos tabular os dados dos questionários que os voluntários responderam no dia anterior, eu e o doutorando fazemos as contagens e conferimos se está tudo ok e quem ainda falta preencher, a mestranda sai em busca que pessoas que faltam preencher e nós quatro nos dividimos para tabular. Vamos até a prefeitura da aldeia que fica do lado da igreja e lá podemos tabular os dados sem interferências, no meio do trabalho o coordenador começa a falar sobre a aldeia e eu gravo um áudio para me lembrar depois, mas daí emerge várias ideias sobretudo acerca dos idosos e começo a ver que tenho que falar com a senhora que coordena o grupo das avós, também vem as questões da escola que ia fechar, também sei da existência de um documentário (Percebo que preciso falar com alguém sobre a escola e as crianças e que preciso acessar o documentário). Retiramos os nosso questionários, doutorandos e mestranda, para não enviesar os resultados. Terminamos quase duas da tarde e seguimos para o almoço, encontramos a coordenadora do *merchandising* que pergunta se não almoçamos, dizemos que estamos indo e ela vai junto, o coordenador do grupo e sua namorada vão para casa dos pais dele, nós vamos ao quintal e chegamos com o almoço praticamente encerrado, descubro que a cozinheira é a mãe da coordenadora do *merchandising*. Comemos conversando sobre a aldeia e ela fala que não pode fazer estudos porque é muito envolvida e que achou ótimo nós estarmos envolvidos, ela é muito atenciosa com todos e dá uma atenção a mais a mestranda, percebo que ela é tratada por todos, inclusive por mim, com mais flexibilidade, mas cedo ela tinha trabalhado sobre o instrumento de coleta da mestranda, a ajudando como se fosse uma orientadora, achei maravilhoso este desprendimento, elas fecharam um roteiro de entrevistas para ser trabalhado com as famílias que vem ao festival, já que este seria o foco da dissertação (descubro que o festival tem famílias como foco, o que é mais um diferencial, visto que festivais em geral envolvem jovens e não tem espaço para crianças).

Hoje presto mais atenção a separação de resíduos no restaurante dos voluntários, tem espaço para resto de alimentos, plástico e indiferenciado Como comi após todos vejo que nem todo

mundo está fazendo corretamente, o do plástico funciona, só tem plásticos lá, mas o orgânico tem plástico e o indiferenciado virou uma panaceia, as pessoas não conseguem tirar o resto de alimento e jogar o prato no indiferenciado, metem com prato e tudo, complexa esta separação, as indicações nos recipientes também não estão tão claras.

Notas conversa com o coordenador do grupo estudos de públicos:

Sentimento de comunidade

Crianças envolvidas na comunidade, férias com vivência na aldeia e não apenas internet, os miúdos vem e passam o mês de julho envolvidos com as atividades da comunidade e ganham uma semana na praia paga pela associação

Lar aldeia – proposta de ver as necessidades das pessoas, assistência mais personalizada, inclusive em casa para os mais idosos

Voluntariado para organização do festival, as pessoas tiram suas férias e vão a Cem Soldos, a organização não ganha para isso, só se paga aos terceirizados contratados para montar estruturas específicas, mas grande parte do trabalho é feito pelas pessoas da comunidade, muitas nem moram mais lá, mas tiram suas férias ou o fazem após seu trabalho habitual

Divulgação é boca a boca e sobretudo via redes sociais, as pessoas se envolvem e divulgam, não é comercial, pois se vende a aldeia e nada além do que eles possuem, lembro que na entrevista o coordenador dos voluntários disse “os voluntários serão embaixadores do festival” e ouvi isso outras vezes

Trocas, tudo é muito feito por meio das trocas, as pessoas cedem terrenos, para o campismo por exemplo, cedem as casas, o restaurante dos artistas, os camarins, tudo fica na comunidade, os quintais onde funcionam os restaurantes e outras não reclamam do barulho, o que já é contributivo.

Seguindo o dia, passamos na associação, trabalho um pouco nas bandeiras, estou com a cabeça muito cheia, as ideias fervilhando e preciso me munir do que falarei na reunião do dia seguinte, onde perguntarei quais os meus limites, com quem poderei falar... Passo no café da Tonita, tomo uma água das pedras, está muito quente e desço até o jardim da infância olhando os espaços. Fico lá lendo os capítulos dos dois livros que o coordenador do nosso grupo trouxe, um é um estudo de públicos do ano de 2010 que foi feito pelos coordenadores de voluntários e merchandising, o outro é mais antropológico e é fruto de uma dissertação de mestrado feita também no Bons Sons 2010. É hora do jantar, como sozinha com meus pensamentos, quando já terminei chega o doutorando, fico com ele, trabalho um pouquinho, mas estou muito cansada, desço para dormir. Fico lendo e colocando as ideias do que vou falar na reunião em um roteiro mais palpável, dou uma olhada também no jornal da cidade de tomar, vejo a parte do Bons Sons, tenho dificuldades em dormir, luz, barulho, cheiro, fico ouvindo a rádio local, durmo algumas horas.

**09/08**

Acordo cedo, tomo meu banho e sigo pela comunidade no meu ritual de reconhecimento, buscando perceber o que mudou. Aparentemente não temos muito além do dia anterior porque está tudo em estruturas e nada montado, mas muita gente trabalhou até tarde no dia anterior e acredito que amanhã já teremos muito montado. O coreto palco que fica entre duas ruas quase

à frente da associação já está bem bonito, quase todo em forma, fico encantada com ele. Vou ao café da Tonita para meu café da manhã e para acessar internet por alguns minutos, a reunião que seria pela manhã é adiada para depois do almoço porque o coordenador dos voluntários tem demandas naquele momento. Faço alguns trabalhos manuais na associação, interajo um pouco com outros voluntários, penso sobre o que quero conversar durante a tarde e vou almoçar, almoço com a mestranda e o doutorando. Em seguida vamos a associação e encontramos os demais, exceto o coordenador dos voluntários, mas partimos para a Tonita para conversarmos. Eu gravo um áudio.

Notas conversa:

Spin-off Bons Sons Escola aldeia e Lar aldeia, vejo que devo conversar com os coordenadores, percebo que os Bons Sons geram atividades que tomam conta da comunidade ao longo do ano e que são mediadas pela associação, os Bons Sons meio que legitimam os membros da comunidade a buscarem novas formas de atuação e melhorias para a aldeia

Também fico sabendo da importância do grupo das avós e dos escoteiros e vejo que posso falar com os líderes destas ações

Fala-se sobre a percepção dos públicos e dos artistas...

Nós ficamos de esboçar roteiros e enviar para os coordenadores e eles ficam à disposição para fazer os contatos e intermediar este processo

Volto à associação e estou lá pensando sobre tantas coisas a serem feitas, começo a esboçar com quem quero falar e anotar o assunto que quero discutir já que não terei roteiro estruturado. Um tempo depois o doutorando aparece e fala que temos que dividir as coisas por serem muitos focos, eu falo que posso gerenciar as conversas com os membros da comunidade já que sei com quem quero falar e tenho foco nisso, a mestranda ficará com as famílias e me disponho a acompanhar e auxiliar no processo e ele que falou acerca dos artistas pode focar nisso e sempre que pudermos o acompanharemos, assim segmentamos. A coordenadora me chama e fala que o coordenador do escola aldeia está presente e que poderei falar com ele neste momento, vamos todos para a conversa mas eu que norteio o caminho e faço a maioria das perguntas, é uma conversa aberta de uma hora em que ele explana muitas questões interessantes e me esclarece muitos pontos, sobretudo em relação a escola, a coordenadora do grupo das avós é mais uma vez citada, assim como as colônias de férias, fico impressionada com as percepções dele acerca de educação.

Preciso colocar as ideias no lugar, vou andar pelo outro lado da aldeia, passo pelas casas, entro em uma rua que é uma das entradas e desço até a via que dá acesso a tomar, vejo o pôr do sol, vejo pés de frutas, passo na frente do espaço criança e dou boa tarde a uma senhora que me pergunta: é daqui, não sei se a conheço? Eu esclareço que não sou, sou voluntária e estou vendo mais os espaços, ela me cumprimenta e diz que o bom dia, boa tarde, está se perdendo que é muito bom nós estarmos nos falando me deseja uma boa estadia, agradeço e cada uma de nós seguimos as nossas direções. Vou para o outro lado, vejo casinhas abandonadas e também casas novas, reflito um pouco e volto à associação, a mestranda me chama para jantar, seguimos, lá recebemos as canecas plásticas que devem ser devolvidas ao final do festival e somos informados que haverá reunião as dez e meia, converso um pouco e depois vamos andar um pouco pela comunidade com um casal de amigos voluntários que conheci no primeiro dia, tiramos fotos e vamos até onde será a entrada do campismo.

Voltamos para associação para esperara a reunião, as pessoas estão trabalhando nas canecas ajudado e as onze o coordenador dos voluntários cria grupos de trabalhos, alguns vão limpar coisas e a maioria, inclusive eu, vamos carregar materiais, guarda sol, mesa, cadeiras... de um depósito e começar a montar os espaços, ficamos nisso até as duas da manhã, ai vamos a tasca onde o coordenador pagou um copo de sangria para cada, fico na mesa com o doutorando e um casal de amigos voluntários que conheci no primeiro dia, bebo dois ou três copos e conversamos amenidades. A tasca fecha, puxo o povo e vou para o jardim da infância, muitos deles vão à escola primária, tomo banho e durmo algumas horas pois temos reunião às 11:30.

### **10/08**

Início minha manhã como de costume, na aldeia tem mais gente trabalhando, hoje encurtei meu passeio matinal e sigo para o café da Tonita a fim de finalizar os esboços do que gostaria de conversar e com quem gostaria de conversar. Encaminho por e-mail às coordenações de merchandising e dos voluntários, que são também aqueles que cuidam do estudo de públicos. Recebi por e-mail um documentário sobre os moradores mais idosos da comunidade, este tem acesso restrito para não expor as pessoas e recebemos o link e a senha, assisto e fico mais encantada.

#### Roteiros de Entrevistas Abertas Bons Sons

##### Pré-festival

Ator: Coordenador Escola Aldeia

Assunto: Relação cooperativa/festival focando em produtos derivados do Bons Sons que são continuados ao longo do ano na comunidade

Tópico: Escola primária Comentários: no início senti um pouco de apreensão sobre do que se tratava, mas em seguida foi muito tranquilo, ele falou sobre muitas coisas e esclareceu muito sobre os projetos existentes, apesar de termos tido algumas interrupções de pessoas passando e sobretudo do vento, foi uma interação muito proficua. Ele mencionou a senhora que coordena o grupo das avós como uma força na comunidade antes mesmo dos Bons Sons.

Ator: Coordenação Grupo das Avós

Assunto: percepção dos idosos quanto ao evento focando em promoção da inclusão pautada em bem-estar e qualidade de vida

Questões que me inquietavam: o festival mudou algo na vida das avós? Como elas se sentem fazendo parte dele? Como foi que se continuou ao longo do ano o atelier de costura? Como é essa “invasão” das pessoas na comunidade paras as idosas?

Tópico: Grupo das avós

Comentários: Ela nos recebeu em sua casa, ela expressou que poderia não ser a pessoa certa para falar, mas mostrou que era, falou sobre a comunidade e não apenas sobre as avós. Mostrou o trabalho de costura feito e foi muito receptiva, depois a encontrei a andar na aldeia com sua mãe, que já é bastante idosa e também a encontrei na missa ocasiões, em que ela fez questão de falar comigo.

Ator: Padre

Assunto incentivo da participação da comunidade no projeto “venha viver a aldeia” focando

na participação da igreja neste processo

Tópico: Influência da igreja

Comentários: o padre não queria muito falar conosco dizendo que não era bom nestas coisas, mas falamos que seria informal e ele nos recebeu em sua casa. Falou sobre o envolvimento familiar na organização do festival, mencionou que em nenhum outro lugar vê algo assim e que fala nas missas sobre a importância de participar. Ao final da missa ele já pronto para ir a outra comunidade celebrar a próxima missa parou para falar comigo que tinha esquecido de mencionar na entrevista que falava nos sermões sobre a participação nas atividades da aldeia relativas ao festival.

Durante o festival

Ator: Coordenador do Grupo de Escoteiros

Assunto: Grupo de escoteiros

Tópico: Como as pessoas são envolvidas desde crianças com as ações na comunidade, questão ecológica dentro do grupo de escoteiros

Comentários: Foi a coordenadora do merchandising que me falou que ele é um ator envolvido e que tem papel de destaque nas ações da comunidade, assim como a coordenadora do grupo das avós ele se envolve a muito tempo e com crianças. No nosso primeiro contato ele disse que poderia falar comigo durante o festival, mas que eu devia ligar para ver quando ele podia vir porque ele estaria na logística de abastecimento dos estabelecimentos comerciais, assim, o fiz. No segundo dia de festival falei com ele a noite na associação, foi breve, mas esclarecedora a nossa conversa, ele me falou que o espaço criança é onde funciona o grupo de escoteiros.

Ator: Coordenadora Plano Ecológico

Assunto: ações ecológicas, práticas sustentáveis continuadas e descontinuadas, recursos e grupos envolvidos

Questões que ditavam a minha curiosidade: como foi o financiamento obtido, quais as contrapartidas, quais as ações, qual o envolvimento das crianças e o porquê? Além das canecas, como são tratados os descartáveis, existem outras medidas? Quais práticas que se consolidaram e são continuadas na aldeia?

Tópico: ecologia

Comentários: A entrevista com ela foi a primeira a ser solicitada e a última a ser realizada no âmbito da aldeia, só conseguimos conversar no último dia do festival devido as muitas atividades em que ela estava envolvida, tal como as canecas que ocuparam as pessoas até o último dia do festival, toda vez que nos encontrávamos ela dizia não estou esquecida e no último dia a tarde sentamos para conversar no espaço criança. Ela convidou a responsável pelo espaço criança para se juntar a nós já que algumas atividades ecológicas estavam centradas no espaço criança, a conversa foi se desenrolando, trocamos experiências, a responsável pelo espaço criança precisou sair mas continuamos até que surgiram alguns assuntos mais centrados na comunidade que foi sugerido que uma colaboradora do ATL, que se encontrava no local, podia falar melhor. Ela acabou se juntando a nós, mesmo estando cuidando de três crianças, a coordenadora do plano ecológico foi embora e continuamos a conversar com ela, que é moradora da aldeia e pode nos contar histórias do passado e presente,

ela mencionou a coordenadora do grupo das avós e o coordenador do grupo de escoteiros como pessoas muito importantes no desenvolvimento da comunidade.

Ator: Coordenadora do Música para as Crianças

Assunto: atividades para criança de cunho educativo e a envolvimento de crianças no âmbito do festival

Tópico: Músicas para criança

Comentários: depois de termos algumas conversas no espaço onde ocorrem as músicas para criança, pedimos para conversa com ela e só conseguimos no último de a noite na tasca onde ela atendia os fregueses que compravam cerveja. Ela é voluntária no festival, mas juntamente com o esposo são donos da Tasca e ela precisa trabalhar lá após as atividades com as crianças, como ela mesmo disse, aquilo lá é meu. Foi uma conversa breve e produtiva onde ela nos esclareceu alguns detalhes da proposta de inserir o músicas para criança no festival e falou dos estudos e metodologias usadas.

Ator: Direção do festival

Assunto: panorama geral sobre o evento, focando na sustentabilidade do mesmo e nos derivativos para comunidade

Tópico: Sustentabilidade do evento e seus impactos

Ator: Coordenação dos artistas

Assunto: Inclusão de públicos diversos, vulnerabilidade, redescoberta do local, percepções sobre demandas dos idosos.

Tópico: Inclusão dos idosos

Às 11:30 tivemos a reunião para discutir o instrumento que aplicaríamos junto ao público, este era um questionário bastante extenso, duas páginas. Discutimos questão por questão, tiramos dúvidas, compartilhamos o que achávamos que podia melhorar, propomos os últimos ajustes. Foi interessante ver que tanto a coordenadora de merchandising quanto o coordenador de voluntários realmente se envolvem na elaboração do instrumento que segue por base estudos consolidados e foi nos evidenciado como deveríamos aplicar e nos sugerido que fizéssemos com algumas pessoas só para teste antes do início do festival. Também discutimos a necessidade de diversificar a amostra e o parâmetros que deveríamos seguir, quantidade de homens/mulheres, jovens, adultos e seniores e regional/nacional, o regional eram só aqueles que viviam no conselho e existia estas cidades em um guião o que facilitou minha vida. Soube também que a mestrandia não aplicaria questionários, seríamos, quatro, eu, o doutorando, o coordenador do grupo e sua namorada, para conseguirmos a quantidade de questionários teríamos que fazer 12 por dia, a aplicação deveria ser entre as 16h e 20h e as 20:30 deveríamos nos encontrar com a coordenadora do merchandising para fazer o balanço. A reunião aconteceu em um quintal embaixo de uma árvore e soube que ali seria o segundo restaurante, o dos petiscos, ficamos até quase duas horas e corremos para almoçar, o almoço já estava praticamente encerrado, eu estava tão cheia de coisas na cabeça que não conseguia mais ouvir as pessoas. Após o almoço sentamos embaixo de uma árvore em umas mesas que tem banco acoplado e que ficam entre a praça e a igreja e eu deitei um pouco e parei para tentar voltar ao normal, resolvi descer e descansar um pouco.

Neste meio tempo o coordenador dos estudos de públicos me procurou e não encontrou e a

mestranda foi atrás de mim. Ela para que eu fosse ver uma visita guiada com as crianças, acabei perdendo, mas como era ensaio, resolvi que faria no festival e ele queria me levar para fazer a entrevista com a senhora que coordena o grupo das avós. Acho ótimo e partimos para a casa dela, chamo a mestranda e o doutorando, aquela me acompanha, este diz que não poderá. Somos recebidos na casa dela que inicialmente se diz não ter certeza do que pode falar e nos pede para nos apresentarmos, o fazemos, e ela discorre sobre tudo que me chama atenção e que pauto e vai além, chega nas colônias de férias, pois ela era a cozinheira destas e acompanhava os miúdos. Ela me mostra as coisas que as avós fazem, as tixas, os corações que são feitos com as sobras do corte das tixas e que viram broches, é perceptível seu orgulho em trabalhar com a comunidade. Saímos de lá e o coordenador do estudos de públicos liga para um amigo e pede para ela nos acompanhar até a casa do padre, ninguém até então sabia o nome do padre, a mestranda se vai para o espaço criança e o doutorando se junta a mim. Vamos até a casa do padre que a princípio se mostra arredo, mas nos recebe no mesmo momento, ficamos só eu e o doutorando, conversamos no gabinete do padre que após uma conversa tranquila, nos chama até a cozinha para tomar uma água de pedras. Lá está a senhora que limpa, lava e passa para ele, a mãe do amigo do coordenador que nos acompanhou até lá, começamos a conversar sobre a aldeia, as histórias passadas, ela conta das lendas, ela nos traz uvas e assim, encerramos nossa passagem pela casa do padre, que por sinal está lotada por pessoas que vieram ao festival. Neste momento confirmo que a missa será às oito e meia no domingo, a aldeia não para, se adapta, a missa que seria às dez passa a ser mais cedo para dar tempo a remontagem do palco para receber os concertos que acontecem no início da tarde dentro da igreja.

Saio e vou ver o que está acontecendo, recebo por e-mail o estudo de graduação do coordenador dos estudos públicos que foi feito sobre o Bons Sons, no qual consta uma entrevista transcrita feita com o diretor do festival em 2015, desço para o jardim da infância e vou ler. Na hora do jantar subo e aí muita coisa já está montada, mas os palcos não estão prontos, fico ansiosa para ver se no outro dia tudo estará finalizado. Depois do jantar vou até a associação e trabalho nas canecas que não acabam nunca, fico colocando os cordões até meia noite e pouco, já são poucos os voluntários trabalhando, a recepção ao campista está começando e tem uma Dj que estará tocando no camping. Este horário recebo a minha pulseira de voluntária, amanhã a aldeia estará fechada, recebo também as senhas das refeições, são quatro. Neste horário dispersamos, quase todos vão a recepção do campista, muitos me chamam, mas não aguento mais, estou cansada e no dia seguinte vou logo cedo ver a atividade em paralelo: músicas para crianças, me recolho, vou até o jardim da infância e aproveito que está vazio para dormir.

## **11/08**

Mais um dia em Cem Soldos, é o primeiro dia de festival, muitas coisas ainda estão sendo montadas, saio cedo e vejo muita gente trabalhando. Encontro uma senhora caminhando, a cumprimento e conversamos brevemente, ela diz que está aproveitando para caminhar enquanto ainda é possível. Já na praça encontro a senhora Carolina e sua mãe dando uma volta, nos falamos rapidamente. Vou ao café da Tonita e tomo meu desjejum, acesso meu e-mail e me preparo rapidamente para um longo dia. Saio em direção ao armazém para pegar a primeira apresentação da música para crianças, às dez da manhã, e já tem pais com seus

filhos a espera, sou convidada a entrar para assistir à apresentação no espaço restrito. Fiquei impressionada como o professor envolve cada criança e cada pai, eles são convidados a sentar com suas crianças em almofadas postas no chão, só entram as crianças, os pais, o professor e a organizadora e nós (eu e a mestrand) podemos assistir também. Como são crianças com perfis diferentes e idades variadas, desde bebês até 8 anos, o professor vai usando instrumentos, músicas, cores e ilustrações para envolver cada um. É interessante como ele pega cada perfil e trabalha de uma maneira diferente, as crianças são incentivadas não apenas a ouvir as músicas, mas a desenvolverem seus movimentos e sua coordenação motora. Além disso, o cenário envolve animais e o mar. Os pais acabam por participar, sobretudo se as crianças são muito pequenas. Neste dia assisti duas seções e conversei com a organizadora sobre como tudo é pensado e as metodologias usadas. Após a última seção ando pelo local, já está quase tudo montado, se veem muitas pessoas, os jogos do Helder estão a pleno vapor. Almoço e continuo imergindo naquela atmosfera nova, Cem Soldos deixou de ser uma aldeia do interior e se transformou em uma mini cidade, os locais começam a ficar lotados. No meio da tarde encontro minha co-orientadora, conversamos sobre a pesquisa e eu conto o máximo que consigo sobre tudo que estou fazendo, tomamos um café e deixo ela porque preciso começar os questionários. Às quatro horas pego o primeiro pacote de questionários e começa meu pesadelo, as pessoas estão chegando e ainda não tem muitas informações, por isso não querem responder a um questionário. Recebo alguns não, inclusive um bem indelicado que me faz questionar tudo, fico pensando porque me submeti a isso, precisava conseguir 12 questionários no oitavo tive a negativa ríspida que me bloqueou. Na fila do restaurante para o jantar, ela estava imensa, encontro um grupo e me esforço, supero o medo e pergunto se alguém pode responder enquanto estamos na fila, descubro que eles querem ir a outro restaurante e não acharam o caminho, digo que posso levar eles até lá e eles saem conversando animadamente. Faça um questionário e eles querem saber porque eu brasileira estou ali, são super atenciosos e me desejam muita sorte. Volto para tentar jantar, como e me dirijo a associação onde juntamos os questionários. Estou tão abalada emocionalmente que dou voltas pelo local e sigo para o jardim da infância, é dia do Capitão Fausto dar seu concerto, todos os voluntários estão em polvorosa. Tomo meu banho e já é quase meia noite quando deito para fazer anotações, todos que passam me chamam para o concerto e enfatizam que não posso perder, meu colega me faz prometer que vou, digo a todos que irei quando estiver começando, afinal é no palco eira que fica do lado do nosso alojamento, não vou, não tenho forças. Faço minhas anotações, reflito e escuto o concerto até dormir. Neste dia a tarde fizemos entrevista com a Surma e a noite com *Thunder & Co*, os áudios estão à disposição, me chamou atenção duas coisas, a Surma ficou imensamente feliz com o convite e o *Thunder & Co* montou um show especificamente para o festival, pois eles não estão mais dando concertos.

## 12/08

Acordei no mesmo horário de sempre, fiz eu ritual matutino, hoje não tinha fila para o banho, a maioria do pessoal estava dormindo. Saio olhando as diferenças na comunidade, já não se entra sem a pulseira, carros não tem acesso mais, toda hora do dia existe movimento, inclusive agora cedo. Passo no café, que já não é mais aquela paz, agora tem disputa por mesa, tomo meu café, dou uma volta e sigo para o música para crianças, assisto duas sessões e

participo de algumas entrevistas com as famílias. É interessante ver que as manhãs são dominadas pelas famílias, enquanto os jovens se recuperam das madrugadas, as crianças brincam, passeiam de burro, participam das oficinas e saem à solta pela aldeia, nos jogos do Hélder ou no armazém, elas estão por lá. Resolvo ir conhecer o parque de campismo, a mestrando e o doutorando me acompanham, passamos pelo camping pago, saímos da área fechada e vamos caminhando. O campismo fica um pouco afastado e está muito quente, descemos uma ladeira e chegamos, é um espaço amplo, com muitas árvores, não é plano, mas muita gente conseguiu armar as tendas na sombra, infelizmente não deu para todos, tem tomadas, mas houveram muitas reclamações de que eram insuficientes, tem extintor de incêndio visível e sinalizado, tem uma área para cozinhar e comer e tem os banheiros, inclusive os secos com as informações sobre o funcionamento. Andamos por lá e depois subimos, meu condicionamento físico não ajuda, sentamos um pouco no topo da ladeira e depois caminhamos de volta até o interior da aldeia, passamos por uma rua com algumas casas aparentemente novas, chama a atenção as pessoas estarem construindo na aldeia. Depois de recuperada do passeio ao campismo, almoço conversando com o pessoal, batemos papo sobre o festival, sobre como as coisas acabaram se transformando, os vínculos entre os voluntários não são mais os mesmos, não nos encontramos todos na mesma hora para as refeições, as pessoas trabalham em horários diferentes e acabam por se aproximarem mais dos outros membros de seus grupos de trabalho. Depois de andar mais um pouco a observar o movimento sigo para associação, lá as pessoas tomam café, jogam pingue-pongue, assistem jogos na televisão. Pego os meus questionários e sigo para mais uma coleta, hoje tudo acontece mais tranquilamente, fui tratada muito bem, as pessoas querem saber porque eu, brasileira, estou no festival aplicando questionários, estou tensa, mas tudo acontece tranquilamente e cumpro a meta em termos de quantidade de questionários. Após a conferência dos questionários, sai rapidamente para comer, logo depois encontro minha co-orientadora que veio ver o concerto de “mão morta” É o primeiro concerto que assisto em sua totalidade e concentrada nele, acontece no palco eira, é uma banda com anos de estrada, o concerto é pesado, as imagens mais ainda, mas tem muita gente totalmente envolvida, é bonito ver as pessoas imbuídas naquela efusão de sons, as pessoas vão ao som daquela voz grossa e rouca, que mais declama o que canta. Vemos ainda o concerto de Né ladeiras, é outro show maravilhoso, ela já é uma senhora, o estilo é totalmente diferente. Saímos de um rock para uma música mais tradicional em Portugal, ela fala do preconceito com sua idade e agradece aquele público que não se importa com sua idade ou com qualquer outra coisa que não a musicalidade. Minha co-orientadora se despede e sigo para a eira com a mestranda e o doutorando, já estou sem forças, mas ganho ânimo com *Thoes + The Shine*, eles trazem uma pegada mais dançante, todos pulam levantado a poeira da eira, não tem como não pular junto, fico até o final e saí sem voz, sigo para o jardim da infância pois já são quase duas da manhã e amanhã será um novo e longo dia e começará logo cedo com a missa.

### 13/08

Acordei com despertador, é o primeiro dia que levanto com algum custo, mas rapidamente me organizo e saí às pressas para a missa que já está começando, chego a tempo para o início da missa, sou cumprimentada pela senhora que trabalha no grupo das avós, pela senhora que trabalha na casa paroquial, pelo padre e por alguns outros senhores e senhoras que já me

viram pela comunidade. Ao final da celebração o padre me chama para conversar (rapidamente porque tem outra missa em outra comunidade) sobre algo que lembrou após a nossa conversa do dia anterior, ele me relatou que nas missas ao final dos sermões conversava com a comunidade sobre o impacto do festival para a aldeia e como é importante apoiar as atividades. A senhora que trabalha na casa paroquial me apresenta a igreja e conta estórias sobre a região, todos são muito atenciosos. Eu acho incrível como as coisas se encaixam, o altar que ontem à tarde era palco hoje voltou a ser altar para a missa e daqui a pouco sairá de cena e virará palco novamente. Saio da igreja após um tempo, passo no café e depois sigo para o armazém para ver as apresentações do “música para crianças” e fazer entrevistas com as famílias. Após a finalização do “música para crianças”, desço até o jardim da infância para colocar um sapato mais confortável. Volto passo no armazém para ver o projeto das baterias com as crianças, dou uma volta na aldeia, entro na igreja para ver um concerto, noto que muitas pessoas da aldeia estão lá, talvez por ser na igreja, ser mais intimista e ter banco para sentar. Em seguida vou para a aplicação dos questionários, hoje é um dia bem tranquilo, as pessoas estão dispostas a falar sobre o festival, todos são solícitos, estamos precisando de pessoas idosas e eu consigo aplicar com três, encerro meus questionários cedo e sigo para associação. Eu e a mestrandia ficamos vendo um concerto, pouco depois das seis a coordenação dos voluntários nos encontra e ao descobrir que estamos sem questionários e que tem idosos no recinto busca mais questionários e nós voltamos a coleta, em poucos minutos faço três, encontro um senhor logo na saída da associação e outros dois na praça, eles são bem-humorados e brincam muito, e ela um. Exaustas comemos rapidamente, seguimos para a associação para fazermos o balanço do perfil dos questionários e vemos quais os grupos que não foram atendidos para nos voltarmos a eles no último dia. Encerramos o dia vendo um concerto no palco principal e um fato me chama a atenção, tem um suporte para cadeira de rodas que permite a uma cadeirante ver o palco na altura dos demais, a acessibilidade, mesmo em uma área de terra, parece ser um dos pontos trabalhados no festival. Sem forças sigo para o meu colchão, demoro a dormir refletindo sobre tantas coisas vivenciadas, mas acabo pegando no sono afinal, amanhã será um novo e intenso dia.

#### **14/08**

O dia começa cedo como todos os outros, estou muito cansada, mas já começo a sentir a nostalgia do fim chegando. Começo o aproveitando a manhã para fazer uma visita guiada a comunidade com crianças, passo pelo café e chego a associação pouco antes das dez. Encontro as crianças, uma menina de Tomar e um menino que vive na Alemanha, mas tem pais de Cem Soldos, e o doutorando e partimos para o trajeto da visita. Iniciamos pela associação, eles nos contam a história, falam dos projetos da associação para a aldeia e depois saímos para caminhar pelos principais pontos históricos, eles mostram a casa das avós, a igreja, contam a estória do nome Cem Soldos. Passamos pelo palco e voltamos ao centro e descemos pela rua de trás da praça, vemos o armazém, a tasca, o coreto que serve de palco. Encerramos um passeio que nos traz muito da aldeia, passamos pelos principais pontos e entendemos melhor aquelas crianças, eles contam que passaram as férias em Cem Soldos, que se envolveram em muitas atividades, dentre elas, a preparação para as visitas guiadas e se mostram entusiastas de ficarem na comunidade durante estes dias. Já é quase meio dia quando nos despedimos. Já está sendo encerrada a última apresentação do “música para crianças”.

Chego por lá e ajudo a finalizar as entrevistas, faço uma com uma família de fora e sigo para participar com a mestrandia em uma outra com duas famílias cujo os pais trabalham na organização do festival. Foi uma entrevista de mais de trinta minutos que nos esclarece muitas coisas, foi muito interessante ter falado com estas famílias, foi mais uma visão sobre o Bons Sons. Fica agendada a entrevista com a coordenação do “música para as crianças” para as três horas, como já são quase uma da tarde saímos para almoçar. Comemos e voltamos ao armazém, lá ainda está acontecendo o projeto das baterias, quando acaba as pessoas começam a reorganizar o espaço, como tenho uma entrevista com a coordenação do plano ecológico às quatro e aplicação de questionários no mesmo horário resolvo pegar os questionários uma hora mais cedo e começar. Entro no café para tomar uma água de pedras porque está fazendo mais de quarenta graus, vejo um pessoal sentado descansando e começo por ali a aplicação de questionários. Aviso a mestrandia para me chamar caso a coordenação do “música para crianças” fique disponível, depois de um tempo ela se junta a mim, pois a entrevista foi posta para ser realizada na tasca. Pouco antes das quatro vou lá e a coordenação não se encontra, deixamos número de telefone e seguimos para o espaço criança, enquanto aguardo a realização da entrevista aplico mais questionários, está sendo um dia muito corrido. Paramos quando a coordenação do plano ecológico chega para a entrevista, junto com ela está a coordenação do espaço criança, conversamos durante quase uma hora, inclusive uma das pessoas que estava como voluntária no espaço criança acaba participando e dando muitas informações interessantes, pois ela trabalha no ATL. Saímos de lá e vamos até a associação onde todos estão reunidos, fazemos o balanço, ainda aplico um questionário lá, conversamos sobre o balanço dos inqueritos e a coordenação de estudos de públicos resolve encerrar com os que temos, são aproximadamente duzentos questionários, combinamos de nos encontrar na tasca as dez para fazermos o fechamento do grupo de trabalho. Como eu não tinha assistido a nenhuma das performances do auditório, sigo para ver um curta, assisto a apresentação dos cantadores do Alentejo e em seguida desço rapidamente para tomar um banho e me trocar porque estou muito agoniada com a correria e o calor do dia. Em seguida volto ao palco principal da aldeia onde devo encontrar minha co-orientadora. Encontro a mestrandia, estamos famintas, falo com minha orientadora que vamos comer como a fila está grande ela volta para o concerto, nós comemos, eu passo pela minha orientadora, mas tenho que ir até a tasca para a entrevista. Conversamos com a coordenação do “música para as crianças” do lado de fora onde ela serve cerveja é uma entrevista rápida e valiosa, ela já está muito cansada, todos que trabalharam na aldeia mostram sinais de exaustão. Já nos chamam lá dentro onde estão reunidos, vamos rapidamente para lá, somos as últimas a chegar, a conversa foi maravilhosa todos falaram sobre sua experiência e é muito rico, a vivência no grupo de trabalho foi muito construtiva, saímos juntos para ver o final do último concerto no palco principal. Não consigo encontrar minha co-orientadora que já foi embora, eu, a mestrandia e o doutorando vamos ao palco eira para o último concerto do festival, lá encontramos outros voluntários e vivemos intensamente o começo do fim, o sentimento é de muita alegria com nostalgia. Como não tinha ficado na madrugada resolvo ficar, encontramos coordenações, conversamos e acabo indo com alguns voluntários para o palco Aguardela onde um DJ está tocando, ainda resisto uns minutos pela força de vontade de estar em todas as atividades oferecidas pelo festival, mas já são quase quatro da manhã e eu não tenho mais condições de ficar em pé. Me dirijo ao jardim da infância, tem algumas pessoas bebendo e conversando, na verdade tudo já me

incomoda, não quero mais dormir naquele colchão, são muitas pessoas e já está tudo muito sujo, mas eu faria tudo de novo porque foi uma experiência de muito aprendizado, deito para dormir algumas horas.

### **15/08**

Despedida, a saudade já é imensa, mas a vontade de chegar em minha casa temporária é enorme, preciso digerir tudo que vi e vivi. Tomo meu último banho naquele banheiro compartilhado, pego minhas coisas e sigo para o café, onde tomo meu último café da manhã na Tonita, como sentirei saudades deste local e das pessoas daqui. De lá sigo para o coreto onde acontecerá a reunião de encerramento com os voluntários externos e a coordenação dos voluntários e a direção do Bons Sons. Somos convidados a falar sobre a nossa experiência no festival e a direção fala um pouco sobre o que o voluntariado significa ao festival. Encerrada a reunião preciso seguir rapidamente para a Tomar porque tenho que chegar em Lisboa a tempo de pegar meu voo para Holanda, a coordenação de estudos de públicos me dá uma carona até Tomar. O sentimento é de dever cumprido, de que existem muitas coisas a serem feitas, muitas informações a serem entendidas e de uma saudade imensa de tudo aquilo, porque como disse nas reuniões de encerramento eu vivi uma utopia. Agora é me distanciar para ressignificar tudo aquilo que foi vivido.

## APÊNDICE B – Notas das Entrevistas com as Famílias

### Notas:

Me chamou muita atenção o fato de terem pais sozinhos com os filhos.

É muito interessante como a música pode ser usada para estimular a coordenação motora das crianças.

O professor conseguia interagir com as diversas crianças, é interessante ver os tímidos, os envolvidos...

Na sessão com as grávidas foi bem notório que as mães conseguem criar sons e como elas relatam, os bebês ficam calmos na barriga com a sonoridade.

Em geral eles vêm só a este festival com crianças e não tem reclamações sobre o festival

A maioria das famílias tem familiares nas redondezas ou chegaram ao festival via indicação de amigos.

O festival é conhecido por ser um ambiente indicado para famílias, as pessoas o indicam, as informações na internet levam a ele.

Muitos pais, depois que tiveram filhos, pararam de ir a festivais e dizem que vem ao Bons Sons porque é possível ir com crianças.

### Família 1

Festival indicado para crianças – mais familiar (uma amiga indicou o festival quando os pais procuravam opção para levar as filhas)

Dificuldade do campismo para famílias

### Família 2

Oportunidade para as crianças desde pequenas serem estimuladas e de imbuir nas crianças o espírito musical

Apostar ainda mais na vertente educativa

### Família 3

Fãs do festival, sente-se em casa, gosto destas atividades é uma forma de elas (crianças) serem incluídas, é uma boa maneira de elas vivenciarem/experienciarem a música de outras maneiras. Elas têm que ter contato com as coisas para melhor escolherem o que querem, quanto mais coisas, melhor (é uma forma de elas terem contato com a arte). Aproveitamos ao máximo tudo que está disponível aí (atividades da tarde)

Por ser local (sem *fast-food*, com música portuguesa) este festival me ganhou, por isso estou aqui todos os anos

### Família 4

Ambiente mais familiar, um pouco diferente dos outros festivais, há muito mais crianças, há mais animais a circular, há pessoas de mais idade, todo tipo de pessoas, é um ambiente mais heterogêneo, é diferente, mais calma, sabes que não vai haver aqui nenhum acidente, é pouco provável que alguém se machuque.

O menino vem desde a barriga da mãe. É o único festival que vai com a criança. Porque trazer a criança? “para poder experienciar a música, o próprio ambiente, a envolvência, interagir com mais crianças”

### Família 5

Motivo para ir ao festival: Pela experiência de conhecer e porque o (filho) gosta muito de música também e queremos que ele comece também a entrar nesse ambiente e despertar um bocadinho para estas iniciativas e basicamente foi viver um dia com música e em família.

Vimos basicamente por ser um festival que se pode viver em família. As pessoas podem trazer uma vivência diferente para a aldeia e também podem ajudar economicamente.

#### **Família 6**

O festival é bom não só para os jovens, mas também para a família, eu vi aí um monte de gente com crianças (bebê, nove meses) a noite e tudo. É uma questão de experiência (fala de a bebê estar mais em casa e não ter contato com outras crianças e com a música) ... decidimos vir cá para ela conviver com coleguinhas e talvez aprender alguma música.

Eu vi um caixete do lixo que era para lixo comum, mas não vi da reciclagem. Eles não estavam uns ao lado dos outros ... Aquelas latas (as bebidas que foram dadas em latinhas), vi que muita gente punha no lixo comum ... como eles estavam dispersos, (um estava aqui atrás) não sei se seria mais fácil por juntos, porque a pessoa procura um lixo...

#### **Família 7**

O espaço é muito bem aproveitado e toda a gente vive o ambiente que acho que é o mais engraçado.

Mudou bastante ... já dá para aproveitar estas atividades com elas ... é importante ... é para eles serem introduzidos a diferentes sons, terem uma perspectiva diferente.

O estacionamento é um bucadinho mais chato, mas tem melhorado ao longo dos anos ... e também muito mais do que isso perde a sua essência, acho que assim rústico ...

#### **Família 8**

Conseguimos vivenciar o festival em todas as suas vertentes (participamos com criança de algumas atividades e sem elas de outras).

A muitas coisas que ela viu pela primeira vez aqui, acho que isso é importante porque isso cria memórias, a primeira vez que ela viu fado ao vivo foi aqui ano passado ... acho que o festival pode puxar isso nos mais pequenos, nos festivais normais nós não podemos ir com crianças e aqui permite uma integração das famílias e acho que essa é uma coisa diferentes dos Bons Sons desde o início. Se passa numa aldeia, as pessoas podem trazer as crianças, se calhar primeiro começou com os habitantes que trazem naturalmente as crianças que moram cá mas depois as mais de fora podem vir e aproveitar, acho que isso é importante para eles porque cria essa cultura de festival e de música, de outra forma não é fácil, não é possível.

#### **Família 9**

O motivo foi estarmos num sítio agradável, tranquilo, durante alguns dias, que desse para nós, que desse também para o miúdo e foi isso, foi experimentar um bocadinho este ambiente do festival.

Esclarecer os nomes das sessões das 10 e das 11 porque tem umas repetidas.

#### **Família 10**

Mais valia para nós enquanto família – como criança é a primeira vez que vimos porque dá para ter a nossa parte e a parte dela também, pesquisamos opções de férias e achamos o festival como uma opção interessante por ter várias opções para crianças.

As informações não são tão fáceis, mas se andar e pergunta encontrará.

Um camping diferenciado para famílias, espaço que dê para guardar comida das crianças, frigoríficos...

#### **Família 11**

**Transcrição:**

Residentes que são da equipa. Um é de Cem Soldos outro é de Tomar.

Cor do texto preta e roxa para distinguir os entrevistados. **Negrito** são as perguntas do entrevistador. Amarelo é para sinalizar as intervenções das duas esposas e cinzento ou ... (três pontos) para indicar a falta ou incompreensão de fala.

**- Falou-se um pouco de resistência que houve nas pessoas de aldeia nos primeiros anos. O que têm a dizer sobre isso? As primeiras duas/ três edições, como foi aqui o Bons Sons?**

Houve muito pouca resistência, muito pouca. Houve pouca, alguma. Há moradores que não gostam (Sim), mas o (...) da população gosta e se não fossem eles não participa ... Se não fosse isto não havia voluntariado. Nós temos voluntários, no nosso caso na área de informática, somos nós que fazemos o voluntario. A parte de estruturas, financeira ... não há profissionais (voluntário, residentes) residentes e não residentes.

Houve, e ainda hoje há, resistência. Há pessoas que não gostam do festival, há pessoas que vão se embora nos dias de festival, que não querem estar aqui, mas as coisas vão se fazendo e enquanto houver a maioria a gostar é uma aldeia que consegue fazer com que as pessoas se unem bastante e aqueles que não gostam, mas aqueles que fazem, há uns que ficam mesmo aborrecidos...

Mas o nosso background sempre foi muita atividade, muita comunidade. Eu quando tinha doze anos, nós tínhamos uma coisa formal aqui na aldeia que era Colonia de Férias. Nós íamos de autocarro para São Martim do Porto, o meu monitor tinha 16 anos, eu tinha doze, a gente divertia-se aos montes, tínhamos lá três adultos a tomar conta de nós todos e a gente íamos para a praia sozinhos, agora era impensável fazer isso. Eu estive muito anos na colonia, depois fui monitor, a partir dos quinze anos fui monitor, entretanto a Colonia acabou ... por problemas gerais. Começamos por ter que cumprir, e bem, as regras dos requisitos e não foi possível. Nós gastamos muito dinheiro, nós somos uma aldeia cujos lucros servem para a comunidade.

Há relativamente pouca resistência. Eu não sou daqui, mas os Bons Sons, o angulo da questão dos Bons Sons é para comunidade, é para ter um ATL para crianças a tempo inteiro, para ter uma escola de crianças a tempo inteiro, (..) a aldeia de Cem Soldos é uma aldeia com duas turmas.... É preciso qualquer coisa a associação promove, faz. Tem amostras de teatro, ajuda aos artistas. Nós temos artistas que querem vir cá lançar os primeiros álbuns, artistas que querem vir lançar livros aqui. Há muito movimento e as pessoas conhecem isso e a própria população é que ganha com isto. Os Bons Sons é o exemplo disso, está a servir ou vai servir para tentar criar aqui mais qualquer coisa para comunidade, fala-se em algumas coisas e está-se a fazer. E as pessoas compreendem isso, algumas infelizmente... não compreendem, não gostam. Mas também não são assim tantas, (nem intervém) nem criam tanto mal que não se faça. Mas é claro, veja bem, estamos aqui os moradores, com o carro que não pode entrar, tem que ser lá fora a não sei quantos metros. Ainda ontem vinha a reclamar e com uma certa razão. Ele vem com uma carrada de coisas, vinha de férias, e o carro teve que ficar à porta. Ele podia ir à porta, deixar as coisinhas dele como todos nós fazemos no dia-a-doa. Isso são questões, mas pronto, isso passa-lhe e ele amanhã está satisfeito. Ele vem aqui, entra aqui, vai na festa ... E depois vê, não, isto tem razão de existir.

E o orgulho das pessoas que são aqui de Cem Soldos que participam no festival. Nós temos dar pano trazer amigos e colegas para cá para trabalhar connosco, seja a servir cerveja seja no posto de informação, seja o que for. De todo este orgulho o mais engraçado é quem vem uma vez dificilmente não vem mais. Mesmo artistas, há artistas que participam e depois gostam tanto disto que compram o bilhete e ficam cá nos dias do festival. Outros artistas, que eu vi ontem a passar, o Noiserv. O Noiserv é voluntário aqui na Oficina dos Tambores, a ideia é cada um construir a sua bateria, as crianças. É muito giro. Alias, a aldeia com 500 habitantes no ano ... nesta altura passamos para quase mil!

Você que anda aqui para o ano vai ver! Para o ano vai querer vir, certeza! E depois é assim, os voluntários, ah temos que trabalhar e tal, mas depende das equipas. Atenção, há equipas que são extremamente exigentes, os voluntários destas equipas, os desgraçados, trabalham até cair para o lado. Mas voluntários... eles querem vir, porque isto é uma alegria. Eles vão ali, dormem ali, comem todos juntos .... É uma coisa muita engraçada. Só precisam de trabalhar quatro horas, que

é o que está estipulado, e, no entanto, muitos eles estão com ... para trabalhar. A gente de Cem Soldos está aqui... quando é preciso disto “Oh, faz aí, arranja-me isto” e lá vem ele todo contente... “epá, estava a dormir”, “Bruno, estavas a dormir... bora!”. E é assim que as coisas funcionam.

**- Eu estive também a falar com o Miguel, ele falou-me... (da comunicação) porque ele é, eu não percebi bem o que ele faz porque ele está em tudo, ele sabia de tudo...**

Muitas pessoas fazem muitas coisas. É como lhe digo, nós somos da informática, precisamos de uma pessoa de uma caixa, temos que telefonar alguém. Olha, não há mais ninguém ... vem tu, somos voluntários. Estamos lá a ajudar, estamos lá a três ou quatro horas se for preciso. E depois é assim, a organização disto não é uma coisa simples. Não é uma coisa que se chega aqui, montam-se os postes e está feito, não é uma festa de aldeia. Existe uma equipa que sabe o que é preciso fazer e podes há pessoas que sabem várias disciplinas. Por exemplo, o diretor artístico já foi diretor artístico ... o tipo de palcos, o tipo de estruturas. Já andou a montar tudo ao mesmo tempo e conhece isto desde a origem e qualquer problema pode ir resolver. A gente telefona, olha, está aqui a situação assim e assim. O Bruno Cartaxo igual, é das estruturas, eletricidades, informática, se for preciso dá uns toques, tudo, tudo. Porque ele conhece, sabe onde estão as coisas. Sabe o que tem de fazer porque isto já é, ele está desde o principio. E há pessoas como Miguel, como exemplo, é uma destas pessoas que faz muitas coisas e não se percebe bem o que eles fazem, fazem tudo e mais alguma coisa. (Exatamente). Aliás, se disser ó Miguel, queres ir para bilheteira, ele: “Isso é que não!”

**- Voltando ao Miguel, porque ele falou de uma questão muito interessante que é: será que a comunidade é que nasceu primeiro e depois o Bons Sons ou Bons Sons e depois a comunidade?**

A comunidade, há muitos, muitos anos. A comunidade cresceu, lá está.. Cem Soldos sempre foi conhecida por comunidade. Desde pequeno que eu tive esta noção. Já no tempo de 25 de abril, havia aqui uma comunidade. Havia aqui um grupo de pessoas que se unia, que faziam e que aconteciam. E já haviam Cem Soldos, ... havia aqui uma festa, o Arraial de Cem Soldos é fenomenal, é uma das melhores de região. Já havia amostra de teatro, já havia as colonias de férias (as oficinas dos avós). O Cem Soldos não nasceu com os Bons Sons, já existia. O Bons Sons projetou o Cem Soldos para exterior, tal como amostra de teatro. Por exemplo, falo disto porque uma aldeia destas ... O pessoal da Irlanda trouxe cá grupos de teatro ... consagrados.

Vêm aqui à amostra de teatro, não se paga nada e têm o mês inteiro durante o ano, têm todas as semanas dois ou três espetáculos de teatro. São companhias umas iniciais ... não há caches, isto é uma aldeia, não se pode gastar o dinheiro das coisas ... Mas tenta-se fazer ... Nós conseguimos compor. Ele (o segundo falante) é da aldeia, ele é dessa parte. Bons Sons não é aldeia, aldeia é Bons Sons.

Alias, eu acho que o Bons Sons sempre esteve um bocadinho dentro de nós. Sempre houve... O Bons Sons não é a música. Bons Sons é também a música. É a comunidade. E a abertura do Bons Sons para o exterior é ... estamos a mostrar a toda a gente que é o nosso dia-a-dia de comunidade. As pessoas não acreditam e ficam surpreendidos connosco. Abrimos a nossa porta de casa... as seguranças estão lá a dizer: “Olha, uma aguinha, sente-se aí um bocadinho”. A pessoa passa, sente-se aí.

Estes malucos trabalham alguns dias antes do festival e trabalham noite e dia e estamos cá. O ano passado fiquei cá três dias seguidos: não sai daqui, não tenho cá casa, fui tomar banho a casa dele, a casa do outro. E estávamos às quatro da manhã a montar as coisas para ali. Está tudo fechado às quatro da manhã, não há ninguém na rua. E estavam aí ingleses e irlandeses, e eles vêm. Onde é que se pode comer aqui? E estavam aí a falar muito tempo, estava a falar com eles e gente lá com as antenas e com as coisas. Ele chegou ao pé de mim: “Onde é que será alguma coisa aberta?” E eu, “À esta hora, qualquer coisa aberta? Só se for ...” Ah e tal, só queria beber um chá. E ele diz, “Ah, mas então, eu sei um sítio onde tem chá”. E o senhor, “Ah, mas então é aonde?” O senhor, “Eu vou mostrar” e abriu a porta, entramos para o quintal dele e ele foi buscar uns chouriços, foi

buscar umas entremeadas, umas minis e um chá. Ele estava a dizer, isto não existe em lado nenhum. Isto é o Bons Sons ...

Eles dizem, ah, vem viver aldeia é um chavão. Por um lado, é, é um chavão, ah, isto é uma frase... Não é um chavão, é uma aldeia. Veio aqui a dias, veio com uns colegas, com umas pessoas atrás, e vêm a dizer, esta é uma aldeia, isto é um festival onde se vê ... nunca vi tanto num festival desse tipo, nunca vi tantas crianças. E é verdade, é um festival onde as crianças têm isto, têm atividades, porque a aldeia está viva. As crianças da aldeia estão por aí, as pessoas estão por aí, não estão aí num sítio fechadas. Não, as pessoas estão por aí. E é uma coisa que é diferente, uma coisa que é genuína. Só que os Bons Sons aproveitaram isto, não foi isto que o Bons Sons aproveitou. Isto não derivou dos Bons Sons, os Bons Sons aproveitaram isto.

E a essência dos Bons Sons são um conjunto de pessoas que pensaram que nós temos aqui uma coisa tão fixe, vamos mostrar ao mundo isto. E é por isso ... eu sou de fora, eu não tenho mora cá (ainda), eu tenho aqui muitos amigos. Ainda. Ainda, a minha mulher não me deixa, diz que deixa de me ver. Mas eu sou ... eu sinto-me da aldeia, eu identifico-me com isto. Eu acho que isto é uma coisa que quem vem visitar o Bons Sons percebe, é uma coisa que passa. As pessoas dizem, como é que eles fazem isto? Eles fazem isto porque gostam. Não são obrigados. Não é porque vão trazer muito dinheiro, não é, mas fazem. Eu sou de fora e vejo, eles fazem isto porque gostam.

No final dos Bons Sons o nosso presidente faz sempre o balanço, diz a aldeia quem quiser aparece lá e faz o balanço dos valores, quantas pessoas estiveram, o que correu bem, o que correu menos bem, o que vamos melhorar no próximo. Opiniões, etc. Está a espera das nossas opiniões, o que pode ser melhorado. Os nossos, voluntários, não é para toda a gente da aldeia. O pessoal da aldeia são quase todos os voluntários. Sim (...) E é interessante ver o dever cumprido. Nós enchemos de orgulho, ficamos de peito feito. Isto correu bem este ano, espetáculo! Eu estava a dizer, a gente da informática, devíamos fazer um vídeo que é assim, primeiro dia a gente a ligar as luzes e no último dia a gente desligar as máquinas. Dever cumprido. A gente chega ali, eu praí às 4 da manhã, ou amanhã de manhã, chego alí e vou ...

O festival não começou na sexta feira nem vai acabar hoje. O nosso festival começou a uma semana e meia ou mais, aliás já começou a quase dois meses. Bem, eu fui a bastante tempo. Sim, mas tu nunca paraste. E vai acabar só ao final desta semana, vai acabar quando a gente fecha este ano e vamos começar a preparar o próximo. Espero eu, porque daqui a um mês ainda vamos andar a arrumar tudo, ainda há muita coisa na rua. Ainda estou de férias, ainda vou lá dar uma perninha. E é isto, o festival é isto... A gente chateia-se, nós chateamo-nos muito.

E é claro, a gente também pode dizer, é uma opinião suspeita, porque estes indivíduos são da equipa. Não, mas eu sou de fora. Eu vim cá, cai aqui de paraquedas, porque comecei ah, vai lá ver, eles precisam de uma coisas tuas e na boa fé nunca pensei que fosse uma coisa assim que eles precisassem, porque exige mesmo muito, exige muito tempo da família. Exige muito tempo da família. É assim, há equipas que ..., depende das zonas. Há zonas em que você tire ali, por exemplo, voluntários que estão aí quatro horinhas, a gente consegue ainda fazer a nossa vida. Mas a gente não consegue e se calhar nunca vamos conseguir (...). Exige muito de nós e existem departamentos que são muito exigentes (é como nosso). Existem departamentos que são iguais, marketing é igual, direção, comunicação. Exige muita família e se não for também o apoio da nossa família, o apoio da minha mulher...

E você diz-me assim, então porquê faz isso? Porque é que faz esse sacrifício e porque obriga(s)? Porque isto é aldeia e isto, eu identifico-me com o projeto, identifico-me com esta coisa, não é Bons Sons nasceu primeiro ou aldeia. Isto é aldeia. Já havia aldeia antes do Bons Sons, O Bons Sons só agarrou nisto e projetou para o mundo. Para ser visível para as pessoas que estão em Lisboa ou Algarve, ou no estrangeiro e em todo o lado. É diferente, é uma coisa engraçada.

Mas também tem coisas más, muitas coisas más. Nós chateamo-nos uns com os outros, falamos mal uns dos outros na altura, mas depois vamos ao balcão, bebemos um imperial e fica tudo bem, vamos trabalhar. A gente chateia-se, mas o trabalho faz-se. Se não fosse uma equipa tão boa... Há sempre chatices, há sempre chatices de serviço. Nós chegamos a estar 30 horas juntos sem dormir, a comer uma sandes e beber um imperialzinho, ou mais. (...). Mas depois a gente sai um

bocadinho, desanuvia, ah vou ali, vai desanuviar e depois volta; isto aqui é para a aldeia. A gente é exigente, mesmo para a aldeia e para os moradores isto é mesmo exigente. Corre o risco de esgotar também. Houve esse receio quando o festival passou de bienal para anual, houve aí um pouco de receio... Mas existe aqui um núcleo ..., uma vontade em Cem Soldos de fazer melhor. Quando a gente mete na cabeça uma coisa...

**- Quem é que teve a ideia de passar o festival para o anual?**

A ideia parte da equipa de comunicação e patrocínios, e direção.... Existe aqui uma ideia porquê? Dois em dois anos você vem aqui, gostou disto. Para o ano vai ao Sol de Caparica, adorou aquilo e é de Lisboa. Aquilo é muito bom, nunca fui porque estou sempre aqui e calha sempre neste fim de semana. Mas aquilo é fantástico, é espetacular. São conceitos diferentes, mas você vem aqui e adorou, vai ao Sol da Caparica e adorou. No segundo ano, você é de Lisboa a pensar, ah, ainda é um bocado longe e tal, não vou, porque já esqueceu um bocadinho. E depois você é também aquela questão do patrocinador, perde-se um bocado a comunicação, os patrocínios ... perde-se um bocado o valor da marca. Adormece a marca muito e depois reativar a marca é muito custoso. É preciso gastar mais, é preciso fazer mais e assim não, assim anual perde-se pouco. Perde-se um bocado a genuidade ... é como lhe digo, é um trabalho enorme para algumas pessoas. **Acabam sempre por tirar férias.** É um núcleo duro de pessoas desde os artísticos às montagens, é um trabalho enorme e a gente vê que ... a gente tem que tirar férias para estar aqui. Se estou aqui ... a minha equipa tirou pelo menos três ou quatro dias de férias. Mas é tal coisa, se tirar três ou quatro dias de férias vou tira-las as outras pessoas que podia ir para praia. E isto aqui todos os anos tem vantagens e desvantagens. Até agora considerou-se que as vantagens são maiores que as desvantagens, mas não é impossível que de hoje para amanhã se diga, olha, passa a fazer-se bienal. A festa dos tabuleiros é de quatro em quatro anos e a ativação da marca não é assim nada ... Mas também estamos a comparar coisas, claro são muito distintos.

**- Era interessante a vossa visão, até porque nós falamos com a senhora Carolina e quando se fala de colonia de férias...**

A dona Carolina foi a pessoa com quem a gente ... era a avó de todos e continua a ser. Ela era um dos adultos que impulsionou e houve essencialmente três pessoas mais idosas que realmente agarraram e “obrigaram” os jovens a entrar no associativismo ou na comunidade e a partir daí nunca mais se perdeu, mesmo nas novas gerações. Estão a agarrar, se calhar não com tanto íman, mas continuam a agarrar. Isso começou já há muitos anos atrás. Eu venho aqui e vejo laços muitos fortes nesta zona, mas aqui vê-se muitos jovens que participam. Há muitos jovens que querem participar, os miúdos pequenitos estão ali a beira dos computadores, eu chego ali e é para arranjar/trazer algo e eles ficam logo com muita alegria.

Nós temos uma tradição que já tem vários séculos que é no ano de entrada para a tropa, ou seja, no ano em que alguém faz 18 anos, (agora já não é obrigatória a tropa, mas era assim que a gente definia) esse grupo é responsável de várias atividades aqui na aldeia. Nomeadamente, começa com a fogueira do Natal e esse grupo tem que carregar a lenha, tem que por umas bebidas lá para o pessoal estar lá à lareira no dia do Natal, a lareira comunitária. Na altura da Páscoa, da Aleluia, é esse grupo que vai fazer a passagem por toda a aldeia com cântico religioso da Aleluia e esse grupo tem mais quatro ou cinco responsabilidades durante o ano todo e isso não se perde. Simplesmente não se perde.

A dinâmica nos miúdos, eles trabalham em conjunto para organizar as coisas e depois, não todos, mas alguns deles mantêm isso, não todos. O nosso grupo, o grupo que nasceu em 81, é raro o nosso grupo não se juntar duas ou três vezes por ano para fazermos jantar, continuamos unidos. Os meus padrinhos de casamento foram os cinco rapazes do meu ano. E depois quando dizem, vamos trabalhar, precisamos de voluntários ... são sempre os mesmos. A gente telefona, vamos lá. (...) Agora exige muitos de alguns... Só para ver, por exemplo, a minha filha tem três anos e ela adora a festa. Vamos para a música? Bora, vamos para a música. As crianças gostam de barulho, festa, confusão. “Hoje vai para a avó. O quê? Vais para o Bons Sons!” “Eu quero ir para a festa!” E a minha filha já começa a ter aquele orgulho de contar no infantário a dizer “Eu sou de Cem

Soldos.” Embora ela não saiba bem o que é isso ainda. E a minha, “Ah, o meu pai trabalho nos Cem Soldos.”

A gente, felizmente, temos a facilidade em ter uma equipa multidisciplinar. Nem todos os ramos, informática, etc., conseguimos complementar. Há festivais que para ter o nível de “profissionalismo” que nós temos têm que gastar muito dinheiro. É uma coisa que se vê: aqui existe uma concentração de valores que nos permitem, por exemplo, ter o diretor artístico que é da área, percebe da área, é o trabalho dele. O pessoal de marketing é da área, de recursos humanos. Temos pessoal de educação, informática, temos estrangeiros, mas são de cá: um está casado com uma de cá, outro é de cá. Eu não sou de cá, mas cai de paraquedas e já era de cá quase. Tu já és de cá. Já tinha muitos amigos cá, já vivi aldeia. E temos aqui uma condição, que se calhar na maior parte das aldeias não temos: existem especialistas e bons em muitas coisas que são essenciais para isto.

**- O que a gente notou é que a qualidade dos vídeos de divulgação é muito boa. Então a gente quer saber se é daqui.**

É, a grande maioria. Temos uma equipa de comunicação, que tal como informática, nós não fazemos tudo, temos uma empresa que nos presta apoio em alguns pontos. Temos POC que é uma coisa, problemas de faturação, que é uma coisa que existe. Não temos que ser nós feitos a malucos, a fazer isso. Existem regras, existem certificações a fazer e a gente não faz estas certificações ainda. Mas de comunicação também há isso, há uma equipa externa. Mas é uma equipa externa que é de cá, está cá sempre.

(...) é giro ver um espetáculo, com música assim mais alternativa, e temos as velhotas à janela. Passa uma pessoa com criança e ela: “Ah, não tem água?”. E a velhota vai buscar uma água fresquinha. São estas pequenas coisas que tornam este festival de um nível diferente.

**- E se calhar é um pouco disso que querem passar para os seus filhos. A ideia não é “explorar” os filhos. A ideia é criar aquele bichinho deles de**

Sim, sim, comunidade. Eu aqui... Eu não sou de cá. Eu gostava de comprar cá uma casa precisamente por isso. Você vem cá qualquer altura do ano, em dezembro, janeiro ou fevereiro. Tomar, por exemplo, é já aqui ao lado e é onde morro que os miúdos estão num campo de futebol. Você vem aqui a aldeia e vê os miúdos de 10 anos. Eles andam por aí uns com os outros e não há stress porque toda a gente conhece toda a gente e quando aparece um estranho aí ... É uma aldeia, é comunidade. Antes da época dos telemóveis, a nossa infância foi nesta altura, eu saía de casa às 8 da manhã de bicicleta, ia a casa almoçar, a minha mãe sabia que ao meio dia/ uma hora eu devia estar lá mais ou menos, eramos todos, íamos todos almoçar juntos, ia lá comer qualquer coisa rápida, ia outra vez embora e chegava às 8 da noite. E isto ainda se passa. Ainda se passa aqui na aldeia. Porque é uma comunidade. Mas, realmente o pessoal da aldeia está atento a tudo. Quando nós .. Somos uma aldeia aberta, mas de condomínio fechado. Porque todos nós nos conhecemos. Eu morei uns anos em Lisboa, eu vinha passar as férias aqui. Nós aqui conhecemos toda a gente, dizemos bom dia e eu senti a dificuldade porque quando chegava a Lisboa eu ia de autocarro ou ao pé para escola e dizia bom dia a toda a gente e o pessoal olha para mim “este gajo deve ser maluco.” Havia pessoal que respondia e que não respondia. Mas aqui habituamo-nos. É uma coisa engraçada. E a qualidade de vida não tem nada a ver. Eu não sou daqui, agora já conheço maior parte das pessoas, mas não conhecia ninguém e andava aqui, mas toda a gente me conhecia. Toda a gente está atenta e toda a gente vê: “olha, aquele é estrangeiro.” Aquele não é de cá, mas é de cá. Portanto as pessoas estão à vontade aqui. Começou por ser o da informática, agora já Gui. É isso, Bons Sons é aldeia. É os dois, é uma mistura. Um é imagem do outro.

## APÊNDICE C – Notas das Entrevistas com os Artistas

O Bons Sons é uma referência para os artistas portugueses, é uma plataforma de divulgação da música portuguesa e tem importância para os artistas

É interessante ver a dinâmica de envolvimento de artista consagrados, em alta no momento e os que estão começando

### Artista 1

Os dois artistas que compõe a banda:

É um festival que queríamos vir, tem muita identidade, não existe outro igual no mundo, ele não destaca figuras mais (ele quer dizer as que tiveram muito sucesso no passado e são muito consolidadas) e buscar dar mais destaque a esses novos ...

Não são as pessoas que vem aos palcos, são os próprios palcos que entram dentro da própria aldeia...

A convidada da banda:

Além de ser só bandas portuguesas, tem um leque muito variado de artistas e não é muito comum nos festivais que costumam está mais focado em determinado gênero e eu acho que aqui consegue haver uma diversidade que procura um pouco perceber o que que é o contemporâneo da música portuguesa. Então faz assim é um aspecto bastante abrangente do que se passa hoje em dia quando vejo bandas de vários gêneros.

Nós demos o último concerto no Bons Sons, íamos acabar a banda e escolhemos o Bons Sons.

### Artista 2

É um artista consagrado e adaptou o concerto, que em geral é mais para ambientes fechados, para o Bons Sons.

É um prazer estar aqui, fiquei impressionado com o conceito... é mais puro, mais inocente, mais, mais natural... até a própria viagem para chegar até aqui, essa paisagem é fantástica ... senti um a sintonia (com o pessoal da aldeia).

### Artista 3

Parcerias

A própria vida da aldeia se confunde com o festival (proposta muito interessante).

Sentimento de pertença ao local torna o festival especial, vai muito além da música...

Como o público é muito diversificado, mostramos nosso trabalho a um público que não é o nosso, um público que não nos iria ver, muita gente não iria nos ver especificamente e aqui é uma oportunidade...

Nós obrigatoriamente vamos ter que repensar a vida em grandes cidades e se calhar o futuro passa por espaços como este – qualidade de vida, a tecnologia tornou os lugares pequenos mais interessantes e as grandes cidades fazem as pessoas perderem muito tempo e não fazem com que as pessoas ganhem mais, portanto é possível repensar tudo isso – a possibilidade de conhecer o mundo permitiu perceber as grandes potencialidades que as aldeias, as vilas e as cidades mais pequenas tem a oferecer ... profissões ... cada vez faz menos

sentido estar nos grandes centros.

#### **Artista 4**

Conhece o festival desde o início veio a maioria dos anos como festivaleira.

Fez o primeiro concerto com seu nome (marca atual) em Cem Soldos fora do contexto do Bons Sons. Nervosa e ansiosa para este concerto.

E eu penso será que dá pra fazer na minha aldeia? E não dá, por isso que eu acho isso incrível de eles agarrarem uma aldeia assim ... adoro como eles criaram todo o conceito de festival, é engraçado os moradores terem a pulseira do festival para entrarem nas casas ... e acho que cria uma relação muito boa com o pessoal que vem de fora, acho que se sente mesmo a viver ... e é incrível eu adoro isso tudo.

Não dá para fazer nas outras e aqui dá porque eu acho que o povo aqui é muito unido e eles querem mesmo fazer isso. Estas estruturas e tudo não é nada barato, acho que nos outros lugares falta um pouco dessa união, eles querem dar tudo aos artistas, tratam a todos muito bem...

Os outros festivais são mais industriais ... não te sentes tão em família como nos Bons Sons ... sinto-me em casa aqui.

Integração dos artistas ao público – é tudo muito próximo (eu).

Perguntei se ela achava que o festival contribui para que artistas não tão conhecidos fossem lançados ao público e ele responde: Muito, muito, eu acho que em todos os cartazes dos Bons Sons eu descobri quatro a cinco artistas que não conheciam e punham os artistas (ela fala que eles são promovidos na região, em reportagens, notícias).

A assessoria da artista fala que o Bons Sons traz a imprensa (inclusive blogs, ela tem um blog) a comunidade por um dia, no qual tudo é apresentado em detalhes “eles tem o cuidado de nos trazer ... há todo esse envolvimento que também faz a comunicação social sentir-se muito querida não é. Como eles tem essa preocupação de trazer bandas que se calhar não são tão conhecidas ou que ainda estão a dá os primeiros passos, por todo esse tratamento a imprensa acabar por dar por dar uma atenção a estas bandas, porque será que eles estão a vir aqui, quem é que são, quem é que não são.

Acho que o Bons Sons acaba por trazer outras visões e outra consciência não só para música ... (não há concertos em paralelo nem a parafernália de comerciais ...) mas uma dimensão muito humana. Ela também fala das questões ecológicas que servem de exemplo.

Componente humano, nicho, espírito diferente, sem grandes marcas...

Comentário: a aproximação com a imprensa e o tratamento diferenciado onde a aldeia é apresentada e eles entendem o conceito, fora do âmbito do festival faz com que a valorização da imprensa leve esta a valorizar e dar uma atenção diferenciada ao festival e por conseguinte aos artistas.

Ficou mega feliz com o convite, ficou histérica (faz som do grito)

#### **Artista 5**

Quando surgiu o convite para tocar nos Bons Sons a imagem que nós tínhamos do festival era de tal maneira especial que dissemos logo sim e reunimos a banda quase só para estar aqui. nós só vamos fazer dois concertos este ano e um é este e outro surge como consequência deste, porque já que ensaiamos para este acabamos por aceitar mais uma data... Portanto nós

estávamos parados este ano e só decidimos voltar por causa deste festival que tínhamos a certeza que é o que é, é incrível e todos os nossos amigos músicos (querem vir tocar).

Tudo será sempre um negócio ... mas para as outras pessoas há uma estrutura muito grande de negócio e aqui ainda parece mais puro, parece que a escolha do local é mais importante do que o sucesso... tem uma orientação completamente diferente... as pessoas, a envolvência. Pensamento: se as aldeias fossem sempre assim, se houvessem sempre um atributo para as aldeias terem gente, seria giro...

Talvez seja mais importante para nós pessoalmente do que profissionalmente... não estamos em turnê... ninguém nos conhece...

As coisas acontecem naturalmente, não há estresse, não tem não pode passar aqui, tem que tocar tal horas...

### **Artista 6**

Turismo: os centros das cidades ficam vazias e as pessoas vão morar nas periferias.

Bons Sons é uma espécie de oásis e a música portuguesa a gostar dela própria é similar.

As pessoas não veem para ver a aldeia (turismo normal) elas têm que viver a aldeia ...

Isso faz com que tenha uma espécie de comunhão que já não existe mais...

Representamos um nicho.

Todas as pessoas são iguais, são especiais, não há hierarquia...

Visibilidade que os Bons Sons dá aos artistas e projetos...

A competição entre as pessoas, as hierarquias diluem-se todos tem importância, desde a pessoa que serve a água até os artistas, se um não faz não funciona...

Tenta-se reproduzir os Bons Sons e não consegues porque não tem a mesma dinâmica, aqui as pessoas querem, não é imposto...

## APÊNDICE D – Notas das Reportagens e Postagens

### 1 Felício e Bazaloco

#### SOCIAL

Bem-estar

Montagem das estruturas em uma semana para minimizar os constrangimentos a população.

Sentimento de comunidade.

As pessoas querem o festival (94% de aceitação): pessoas – aldeia – festival. A maioria das coisas é feita por pessoas da terra, tudo faz sentido ali e para ali.

Qualidade de vida.

Aldeia cultural: aumentar a qualidade de vida e o espírito comunitário e atrair mais pessoas.

Ditado.

Respeito a música e a aldeia.

Diversidade musical faz as pessoas conhecerem estilos diferentes e aproxima as gerações.

#### AMBIENTAL

Ecologia.

O festival sempre foi pensado para ser ecológico (medidas): reutilizar mais.

#### ECONOMICO

Limitação de ingressos.

O que pretendemos é uma vivência boa da aldeia e não o aumento em tamanho, há um limite de pessoas (ingresso).

Apoio local/projeto de parceria.

Recurso importante para o desenvolvimento local, movimentação financeira da região (hospedagem e alimentação).

### 2 Meneses

Cem Soldos como modelo

A ausência de referências nunca ajuda e Cem Soldos quer criá-las para o resto do país.

Podemos ajudar nisso.

#### ECONOMICO

Valorização do local, diversidade geográfica e musical do país (innovar com as potencialidades locais, não copiar tendências internacionais).

#### SOCIAL

Modelo Comunitário torna o festival orgânico.

Atividades para família.

### 3 Cidade de Tomar

#### AMBIENTAL

Plano ecológico – financiamento Sê-lo Verde (medidas financiadas e não financiadas) envolvimento de todos.

## SOCIAL

Cultura para toda a família.

**4 Visão**

## ECONÔMICO

Alternativa aos festivais comerciais:

“especialmente porque propõe uma vivência real da aldeia, não encenada, através da música que é tocada nos mais variados espaços da localidade, numa lógica de festa e descoberta que se estende à própria população”.

## SOCIAL

Vivência real da aldeia (alternativa).

Mix de nomes emergentes e consagrados (fotografia de família).

**5 Shifter**

Reflexão: O todo é bem maior que a soma das partes nunca fez tanto sentido para mim e olhe que muito escutei sobre isso na graduação em administração...

Histórico do festival.

Falas dos festivaleiros e fotos, muitos comentários interessantes para ilustrar as práticas.

\*abolir plástico

**6 Horta**

## SOCIAL

Modelo orgânico / comunitário – voluntariado.

Famílias, performances.

Processo cultural, laços, valorização do local:

“reforçou os laços da comunidade, criou discurso e método, aumentou o ego e sentimento de pertença”.

“Há sempre esta negociação com as pessoas, o que é muito estimulante e necessário, pelo impacto que o festival tem na aldeia. A cultura viva é uma construção permanente, se cristalizássemos não estaríamos vivos”.

## AMBIENTAL

Ecologia:

“Fizemos um maior investimento na área na ecologia, que sempre foi nossa matriz, para um festival com menor pegada ecológica”.

## ECONÔMICO

Orçamento e financiamento.

Internacionalização:

“Sabemos o valor que temos para a comunidade da aldeia e para a região e a importância cultural para o país. O nosso papel é também o de valorizar o espaço rural, que está abandonado e sobre o qual há grande desconhecimento. Haver uma aldeia com esta autoestima, que acredita no que faz e no que é, é uma mensagem para um país contemporâneo,

que consiga fixar as pessoas no interior”.

## **7 Rios**

### SOCIAL

Compartilhamento.

A aldeia a serviço do festival – cedem as casas:

“Aquilo já não é meu, dizem eles. Desde que não me estraguem as flores...” Ana Maria falando da casa e quintal cedido.

Respeito a comunidade.

A vida na comunidade continua: desmonta-se o palco para a missa de domingo.

Aldeia cultural projeto maior Bons Sons projeto embaixador

Espírito de pertencimento.

Diversidade musical:

“Importam-se que eu tenha 58 anos?”, perguntou. Claro que não: houve palmas, muitas, e até *crowd surfing*, aclamação popular de velhos e novos que Né Ladeiras pediu que fosse reencaminhada aos organizadores de festivais que a ignoram. “Esta noite é para nunca mais esquecer na minha vida. Fogo, não tenho palavras!”.

### ECONÔMICO

Crescer em notoriedade não em tamanho.

No meio disto tudo, o Bons Sons é o “projecto embaixador”, que “cria brio”, um festival que se quer pequeno porque isso é essencial para “atingir os objectivos”. “Somos voluntários, uma equipa comunitária de uma aldeia, estamos num campeonato de Golias, sendo David”, diz Luís Ferreira. “Não queremos crescer a nível de escala, queremos crescer a nível de discurso, de pertinência, de notoriedade, porque isso é importante para os projectos sociais que o Bons Sons, de alguma forma, sustenta.” E conclui: “Para viver bem a aldeia e o conceito que queremos apresentar, mais do que 10 mil pessoas por dia não interessa. O que queremos é duplicar os motivos para se vir a Cem Soldos durante o ano todo.”

Negócios da aldeia.

A escala pode ser pequena, se comparada com outros festivais, mas não para Cem Soldos. “Já tinhas visto a aldeia com tanto movimento? Até parece Paris!”, ouvimos junto a uma banca de bebidas. Antónia Cartaxo, 56 anos, dona do Café da Tonita, onde se vende o refrescante e 100% tomarense “Mouchão”, agradece o movimento: “Toda a gente faz negócio, torna-se engraçado, ganham-se amizades, as pessoas [de fora] vêm-nos cumprimentar”.

## **8 Lopes**

### SOCIAL

Obra comunitária – Vivência integrada: música e aldeia (Luís).

Um espaço que se torno maior que ele próprio – cem soldenses e visitantes são conterrâneos em convívio e partilha de espaço.

O festival é maior que a aldeia.

Diversidade criativa; hospitalidade; pertencimento.

Parcerias (espaço rural).

**ECONOMICO**

Se passar de uma certa quantidade se perde em vivência, por isso não se interessa em ir até a capacidade máxima (Luís – ponto caramelo).

Reflexão: seria uma contramão, já que se pensarmos em termos mercadológico o que importaria seria usar toda a capacidade?

Criação de uma cidade dentro da aldeia – desafio de a cada ano recriar para parecer o mesmo.

Lembrar: valor da marca na entrevista do Luís para o Francisco.

**9 Leitão****ECONOMICO**

Criação de uma “necessidade” de voltar de ser parte daquilo, capacidade de criar um vínculo com os participantes – “até para o ano”: a nostalgia e sensação de querer voltar, uma partida cheia de saudades.

**SOCIAL**

Sonoridades distintas e programa paralelo (familiar).

**AMBIENTAL**

Canecas, cinzeiros (medidas do plano).

**10 Agência Lusa****ECOLOGICO**

Medidas do plano.

Reaproveitamento de materiais.

**SOCIAL**

Atividades paralelas (famílias).

**11 Henriques**

O festival é eco e a aldeia é um espaço comum e precioso a todos.

O tempo toda a aldeia se mantém boa para todos.

**SOCIAL**

Sem sobreposição de artistas.

Espírito de respeito e segurança.

Artistas vivenciam o ambiente.

O público adere – casa que é nossa.

Os moradores aderem aos concertos, mesmo aqueles para “jovens” trazem os idosos.

É um festival para todos os gostos.

Crianças soltas (foto e fala sobre a menina) a correr são parte assim como os idosos (banco do domingo).

**ECONOMICO**

Negócios locais.

Ser mais como o mesmo espírito (aumento do público).

## **12 Saraiva**

Descrição poética do que é o festival.

Todas as pessoas - Camaradagem sem estereótipos ou julgamentos.

Lugar maior que ele mesmo:

A magia inexplicável do lugar

Surpresa que une a beleza da aldeia e a riqueza da comunidade (aldeia e festival um só corpo)

Dentro daquela aldeia cabe um mundo inteiro

## **13 Almeida**

### **SOCIAL**

Humildade, colaboração de todos, intergeracional, projeto comunitário, foco nas pessoas, bem comum, cultura, colaboração local e externa.

Aldeia é maior que os artistas, “feito por quem lá vive e por quem o visita. Sim, é isso. O festival é a aldeia que o faz”.

*“Já ouvi dizer inúmeras vezes que estamos noutra espaço temporal e concordo a 100% com isso. Há programação para os miúdos ficarem entretidos ao mesmo tempo que há concertos. Este é um factor de diferenciação. Não pensamos o festival para um público. Pensamo-lo para toda a gente”.*

### **ECONÔMICO**

Abre portas a projetos.

Turismo.

Supremacia da aldeia (sem empresa por trás).

Alternativa a desertificação.

Negócios locais.

## **14 Almeida**

### **SOCIAL**

Viajar sem sair do lugar.

Espaço maior que ele mesmo.

Infidelidade a um estilo – atraí públicos tão diversos.

Entrega total de todos ao festival.

### **ECONÔMICO**

Parcerias.

## **15 Machado**

Todas as idades.

Envolvimento das pessoas e artistas (Dona Maria José).

Interação de verdade, sem tecnologia (jogos do Hélder).

## APÊNDICE E – Notas dos Vídeos

### BONS SONS'17

#### Vídeos de Apresentação dos Artistas

Foram feitos vídeos, pelos organizadores, com o pessoal que mora na comunidade, envolvendo diversas idades, apresentando os artistas que comporiam o festival. A cada pessoa se pedia que ela ouvisse a música de um artista na janela de sua casa e comentasse sobre o que achava/sentia e assim foram apresentados os artistas. Os vídeos têm em média um minuto. São 42 vídeos, sendo um de apresentação do festival e sua programação e os demais de apresentação dos artistas individualmente.

É muito interessante a escolhas das janelas, pois elas são um ponto alto do festival, muita gente queria ter uma janela para curtir os concertos e os moradores realmente se utilizam delas para curtir o festival.

É bom ver que foram as janelas das pessoas mesmo, o cenário muda em cada vídeo...

Os vídeos são espontâneos percebe-se que não há um ensaio prévio.

Os vídeos podem ser vistos no canal do Bons Sons no *youtube* - <https://www.youtube.com/user/FestivalBONSSONS>

#### Spot BONS SONS'17

É um vídeo de 1 minuto que mostra a programação do festival, este se ambienta na aldeia e passa as ruas e pessoas que lá vivem, é muito interessante ver aquelas pessoas e aquelas casas e pensar: eu vivi isso, eu conheço estas pessoas. No cenário tem pessoas fazendo as montagens de estruturas e uma criança corre na aldeia para buscar uma chave e quem entrega esta chave é a dona Carolina, personagem muito citado como sendo âncora para nas atividades da comunidade: Colônias de férias e grupo da avós, a menina corre novamente e entrega a chave as pessoas que estão trabalhando na montagem. Achei que a chave também pode ser uma alusão a abertura da aldeia.

#### Apresentação Sonoscopia

Interpretação:

Tenho sido surpreendido não apenas pela qualidade de algumas bandas mas por outras atividades que saem fora da caixa.

Enquanto morador espera não pela música portuguesa em si mas pelas situações novas que as muitas pessoas no festival trazem.

Literal:

Há pessoas, e eu, onde eu me incluo que tem pouca possibilidade de viajar e entendamos que a viagem, não só a viagem como também o ir contactar com outras realidades faz parte ou deverá fazer parte da evolução do ser humano, da educação da cultura, aqui temos a sorte de a viagem ser feita por nós e os destinos pelo menos virem cá ter, essas novas realidade ligadas não só com o panorama cultural, mas também com algumas, com a música, com a maneira de estar, com a estética, vem cá ter e portanto isso é sempre bom para algo, para um preguiçoso como eu, por exemplo, é sempre bom.

#### Apresentação Singularlugar

Interpretação:

Faz um convite a banda a ir atuar no lugar dela, que seria a aldeia mais bonita do país e eles ao atuarem nesta aldeia seriam a banda mais feliz.

**Apresentação Señoritas**

Interpretação:

Acredita que os espetáculos mais intimistas devem acontecer sempre na igreja.

Pode acampar, dormir em Tomar se tiver um pouco mais de dinheiro e quiser mais conforto, pode dormir em casa dos amigos feito cá em Cem Soldos ao longo dos anos de realização do evento, não precisa de chapéu de sol porque será ofertado pelo festival.

O que ela quer dizer é que o que importa é vir viver a aldeia...

Literal:

Amigos, inimigos, venham cá não preciso dizer mais nada, boa comida [...] não há piscina, mas vai haver borrifadores não é? Humrum. [...] e ninguém vai ter muito calor, os chapéus de sol também dá muito bem, ou então os chapéus de praia todo mundo vai ter direito a um.

**Apresentação 10 000 Anos Depois Entre Vénus e Marte - José Cid**

Literal:

Era capaz de ir lá abanar o caneco se tivesse aí ... (gosta da música, acha diferente do que o cantor geralmente faz)

Oh zé aparece aí, vem cá beber um copo com a malta pá, chegas cá vês isto e és gas pra cá voltar todos os anos avistes.

**Apresentação Band'olim**

Interpretação:

Sons mais fechados, medievais, ela gosta muito.

Literal:

É um festival pra toda a gente, é intergeracional, em que pode vir o avó, o filho, o neto, pode vir toda a gente, é tem espaço pra toda a gente, é tem uma vivência fora do comum nos festivais porque é mesmo dentro da aldeia, ain a capacidade de todo este povo consegue fazer e abrir as portas pra receber éé na sua maioria voluntariamente éé, portanto é de fato o melhor festival.

**Apresentação Marco Luz**

Interpretação:

As crianças e adolescentes não sabem como seria a aldeia sem o festival, já faz parte da identidade deles e eles gostam de trabalhar para construir todo o festival, se sentem envolvidos...

Literal:

Lembras como era Cem Soldos antes dos Bons Sons?

Não tava a vir mas meu pai e a minha mãe já me contaram algumas coisas...

O que que eles contaram?

Ééé não havia, havia alguma diversão mas não tanta como agora e as aldeias, e esta aldeia não era tão moderna como é agora ...

Tais viciado nos Bons Sons?

Sim

Tais?

Nos Bons Sons, tô

O que que tu costumava fazer lá nos Bons Sons?

Trabalhar e ouvir as músicas

**Apresentação Filipe Sambado**

Interpretação:

Sambado – samba, ligou logo ao Brasil. Então bora lá pro Brasil, gosto do carnaval do Brasil. Mais calmo e tranquilo que estava a pensar, parece uma música de domingo à tarde. Percebe que não é samba.

Literal:

Filipe Sambado [...] convidou-te a vir aos Bons Sons e a vir beber um copo [...]

### **Apresentação Mão Morta - 25 anos de Mutantes S.21**

Interpretação:

Mão Morta – banda com muitos anos de estrada, atraiu bastante público, eu estive no concerto e foi muito envolvente, apesar de pesado, você percebia o envolvimento das pessoas, muito fãs estavam presentes, o público foi mais adulto. Ficou muito feliz com esta banda por achar que ela mexe com as pessoas e gosta muito da voz do Adolfo, a voz do Adolfo é muito singular, bem rouca e ele canta quase com se estivesse declamando, então tem um público realmente específico.

Literal:

O que que tu achas que mudou commm, ao surgir o Bons Sons?

O que mudou foi ooo privilégio de nós termos cá bandas em Cem Soldos, vamos ter Mão Morta

[...] é grande o momento, eu sei que vou ficar muito contente deles vir a Cem Soldos, acho que vai ser tão real ...

### **Apresentação MEDEIROS/LUCAS**

Literal:

O interessante pra mim ééé é de fato trazer pessoas que venham ouvir uma determinada banda e da-lhes outras coisas que eles não estão habituados a ouvir, éé, no fundo isso é a coisa mais importante, de fato eles não sabiam que gostavam daquilo e passaram a gostar, passaram a ouvir... e consegues depois também aquela realidade de fato de viver a aldeia que tem essa diferença, que as pessoas tão cá, portanto não se pode mandar embora e os jovens vem e tu, e eles juntam-se não tem hipótese, tem que se encontrar, a aldeia é a aldeia, e as pessoas tão lá pra se encontrar e é uma sensação boa que as pessoas também gostam disso e não sabiam que gostavam, e portanto venham viver a aldeia...

Interpretação:

A música é intensa, se for a noite terá muita gente e ele acredita que ao ver o concerto no meio de muita gente tornará a experiência mais intensa.

Ele chama atenção para disseminação dos artistas e estilos de música, pois as pessoas têm contato com novos artistas e para a vivência na aldeia que permite que jovens percebam que gostam do convívio com diversas idades.

### **Apresentação Lúcia Vives e João Raposo**

Literal:

Eu gosto de ser surpreendido, ir a descoberta, dispor-me ao desconhecido, foi tão agradável que passou depressa, Lúcia Vives e João Raposo, pois bem, venham até cá, nós vamos gostar de vos ouvir e eles vão gostar de estar conosco de certeza.

Interpretação:

Música muito tranquila ... sem muita pretensão não querem fazer nada de mais que não seja aquele ambiente tranquilo ... foi um concerto na igreja, eu assisti, o que me fez perceber que as pessoas com mais idade vão mais aos concertos da igreja, talvez por ter onde sentar, ser na sombra e as músicas serem mais instrumentais ou até pela influência da igreja, isso não quer dizer que os jovens não vão, a Lúcia vives, por exemplo, empolgou o público e tinham jovens na plateia, assim como o Mão Morta levou muita gente de mais idade a enfrentar a poeira e

frio do palco eira.

### **Apresentação Filipe Valentim**

Literal:

Queres ser tu fazer isso? Não fazes tu [...] Mas eu sou muito filha dela. Não interessa, ninguém sabe...

Nos remete assim para, parece uma viagem mar a dentro .... (sinal com a mão)

Interpretação:

Isso denota como tudo é feito em família ...

Como os moradores acabam usando as músicas e bandas que vem ao festival para “viajarem”.

### **Apresentação Throes + The Shine**

Crianças do jardim da infância

Elas falam que já foram aos Bons Sons, das tixas e camisetas ...

### **Apresentação LST - Lisboa String Trio**

Literal:

O festival é camaradagem, tudo correu bem sempre ... o pessoal vem para aqui, já vi dormir aqui embaixo das árvores, umas poucas vezes e vi um conjunto de raparigas que trabalhavam [...] num hospital em Lisboa e uma punham os braços no ar e “eii caramba aqui é que é ar livre [...] aqui é que é ar puro” Vir a cá todos os Bons Sons que é dos bocados melhor da vida que estão a passar ...

### **Apresentação Rodrigo Leão**

Literal:

Intenso mas ao mesmo tempo leve, transporta-te para sítios bonitos éé .. faz nos levar para sítios calmos, embala-nos .... caramba falta-me as palavras [...] é um conjunto de sons que nos faz relaxar, lembrar coisas boas, estar bem, é isso faz nos sentir bem

Interpretação:

Mas uma vez a viagem pela música.

### **Apresentação Lander & Jonas**

Literal:

O que eu acho aqui nos Bons Sons uma vantagem é nós termos acesso a este tipo de (não entendo) que normalmente não iríamos ver mas aqui aprendemos a gostar e aprender a apreciar o que é novo que mesmo assim eu acho que é engraçado.

Interpretação:

Ela percebe que tem que ser o auditório, interpretação do silêncio ... o silêncio é único.

Vivencia o externo ali, o novo mais uma vez aparece

### **Apresentação Thunder & Co**

Literal:

Convido a vir até os Bons Sons a ouvir Thunder & Co entre muitas outras coisas que o ritmo vai ser garantido.

Interpretação:

Acredita ser um concerto para pôr do sol, início da noite, focado mais na malta jovem, mas a malta de meia idade deve gostar pois não é um eletrónico bum bum bum, tem ritmo, tem tudo para eles darem um bom espetáculo

### **Apresentação Groove Salvation**

Literal:

Música para o fim da noite [...] é uma boa música para acabar o dia ...

### **Apresentação Manuel Fúria e os Náufragos**

Literal:

É o típico rock português...

Eu gostava que eles viessem cá e que dessem um grande show como muitas das bandas portuguesas costumam fazer.

Venham aos Bons Sons e venham viver a aldeia!

Interpretação:

Fala um pouco da construção do cenário, ou seja, preparação da aldeia para receber o festival.

### **Apresentação Zé Nuno, Sam U, Beatdizorder**

Literal:

Olá Zé meu nome é Rúben e gostava imenso de te ver tocar no Bons Sons este ano. Venham todos ver o Zé vai ser incrível.

### **Apresentação Sampladélicos**

Eu vou ver. [...] Convidar? Mas eles num já confirmaram...

### **Apresentação Whales**

Literal:

Abanem a cabeça como eu também [...] é experimental num é? Aquele, parece que estamos numa atmosfera galáctica, a viajar, num é (balança os braços como se estivesse no espaço) [...] vou abanar o capacete (balança a cabeça), vai ser fixe, [...] caso não vão a atuar na eira podem atuar aqui no backarvore da minha casa ... é engraçado isso fazer tudo parte ...

Interpretação: viagem através da música e agora é um jovem falando.

### **Apresentação Puto Anderson, Dj Ninoo e K30**

Literal:

Acho importante transmite a cultura urbana [...] as pessoas sentem-se mais humanas, mais criativas, mais, libertam-se os egos

### **Apresentação Paulo Bragança**

Literal:

Tô pra ver o que vai sair disso.

É livre ... É espontâneo

### **Apresentação Glockenwise**

Literal:

Início da noite ... vem a arrebrantar com isso, a malta vai (faz dança).

Venham ao Bons Sons, vocês vão curtir a onda, vão achar o público fantástico e o ambiente que vocês vão aqui viver não vão viver em mais festival nenhum, portanto, acho que é obrigatório aparecer.... vão comer bem, beber bem... curtir a malta.

### **Apresentação Surma**

Interpretação:

Ela se envolve com a música, viaja, se teletransporta e visualiza o concerto ao pôr do sol, ficou emocionada (fala: é bom que corre uma brisasinha, os passarinhos a cantar como se ... faz lembrar a música ... vou ver, vou ver...)

**Apresentação Frankie Chavez**

Literal:

Quero que eles venham cá éé metam essa gente toda a saltar enquanto estiverem a tocar e a gente depois paga uma cervejinha, se eles vierem aqui em casa depois podem vir comer qualquer coisa.

Interpretação:

A receptividade interiorana

**Apresentação Captain Boy**

Literal:

Pra mim como vive ali (remete ao palco Giacometti) a dona Rosa, não ponham bandas muito pu pu (faz gesto) no palco eira a partir das dez horas já podem fazer barulhoo... Venham todos aos Bons Sons. Ah já posso ir fazer o jantar tá, como é que é ...

Interpretação:

Ver também as necessidades da comunidade

**Apresentação VIRGEM SUTA**

Interpretação:

Vivencia a música e diz que vai ouvir o concerto.

Ele esteve junto conosco a dobrar os panfletos, se envolve total com os voluntários, ajuda e acha que o festival contribui para a comunidade, também falou do esvaziamento dos postos de trabalho na região e do problema da seca que tem propiciado um cenário favorável aos incêndios e que futuramente vai faltar água em todo lugar em Portugal.

**Apresentação Moços da Vila**

Literal:

É uma música que transparece o que é a cultura portuguesa.

Convido toda a gente a vir ver os moços da vila na nossa aldeia.

**Apresentação ORELHA NEGRA**

Literal:

Galo cantou.

Transmite saudade, nostalgia.

**Apresentação Les Saint Armand**

É uma música de namoro, de conversa, de... uma canção de embalar, uma música muito agradável de ouvir.

Convido todas as pessoas que tiverem pra ver esta banda.

**Apresentação The Poppers**

Literal:

Convido toda a gente porque esta banda é espetacular ... não se vão embora antes do dia acabar.

**Apresentação Holy Nothing**

Literal:

Tem cores, tem muito movimento, tem alegria e tem um certo estágio meditativo (ela dança).

Esperamos por eles cá nos Bons Sons.

Interpretação:

Ela curte bastante e diz que ficou fã.

### **Apresentação Valter Lobo**

Interpretação:

Ele quer mais músicas do Valter Lobo (fala: quantas houver, eu papo elas todas ... eu papo músicas todas).

### **Apresentação Né Ladeiras**

Literal:

Tem algo afro, tem algo índio, bonita... muy buena... esperamos por ti aqui na aldeia... aí que vergonha rsrs.

### **Apresentação Sanct'Irene Ensemble**

Interpretação do literal:

Ela viaja com a música: Faz mesmo eu me lembrar de um casal que está ali a falar, tomar conta do gado e lá para as tantas eles estavam enamorados e acabaram por deixar passar o tempo e descuidaram-se e o gado toca a sair por campo a fora rsrsrs. Tá muito giro. Convido toda a gente aos Bons Sons 2017 em Cem Soldos que é minha aldeia.

### **Apresentação Octa Push**

To a ouvir uma musicasinha boa pra juventude, pra os velhos não é bom, mas eu gosto de tudo, eu gosto de música boa (faz sinal de positivo com a mão e dança bastante).

Vou ver e vou dançar rarai (ênfase) isso que é bom.

Intepretação:

Ela realmente curtiu, dançou o tempo de música, saliento a sensibilidade da banda em chamar ela ao palco para dançar, foi um dos pontos altos do festival, ela subiu ao palco dançou e depois voltou para o encerramento do concerto que foi na noite de encerramento.

### **Apresentação Joana Barra Vaz**

Literal:

Daqui faço um convite para ela vir aos Bons Sons Cem Soldos.

E as pessoas todas venham cá porque eu quando fui a Coimbra ninguém sabia escrever Cem Soldos e nem sabia onde ficava Cem Soldos quando eu disse que era a terra dos Bons Sons já sabiam...

Interpretação:

A aldeia ganhou o país através do festival

### **Apresentação Samuel Úria**

Literal:

Estás convidado para vir aos Bons Sons, sou uma fã, e gostava imenso que viestes cá [...] vem viver a aldeia.

### **Apresentação Moçoilas**

Ofélia (está na janela, mas tem outras três senhoras que participam).

Elas gostam deste estilo folclórico.

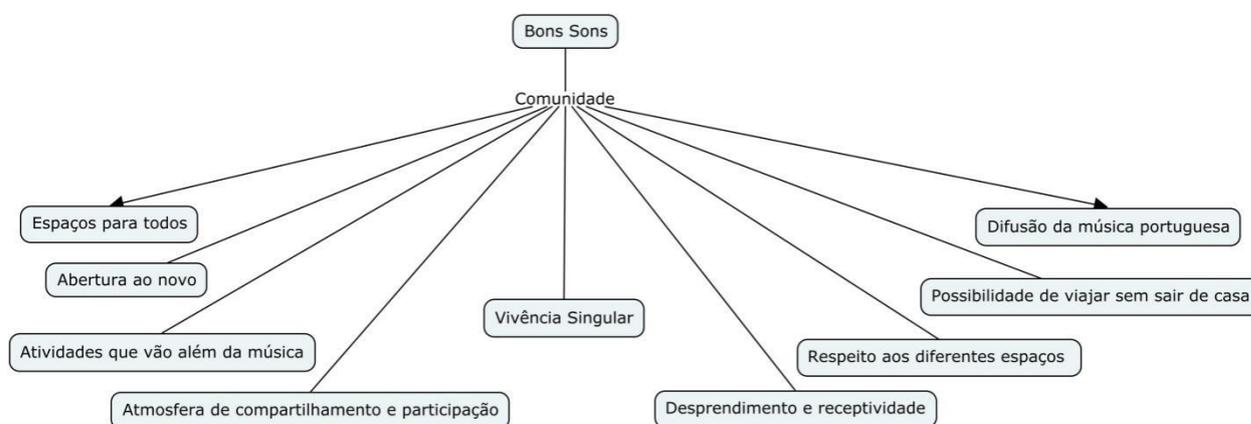
### **Apresentação Capitão Fausto**

Palco eira, alteração de programação.

Capitão fausto é um grupo de jovens, os voluntários ficaram em polvorosa no dia, queriam que eu fosse a todo custo, mas só ouvi da escola porque era no palco eira e vi que toda a gente

foi ao concerto.

### Representação dos principais conceitos a partir dos vídeos de apresentação dos artistas



### Vídeo Cem Soldos ALDEIA CULTURA

O vídeo apresenta o projeto aldeia cultura e seus pilares.

Literal:

Descobrimos o novo ouro, vamos vender o produto mais precioso do mundo porque temos uma aldeia que é uma imensa sala de aula (EDUCAÇÃO), porque vamos fazer com que os produtos locais e o nosso saber receber sejam o motor da nossa economia (TURISMO), porque queremos envelhecer de uma forma ativa (ENVELHECIMENTO), porque o desporto e a natureza tem que andar de braços dados (DESPORTO), porque necessitamos de uma aldeia inclusiva e acessível a todos (URBANISMO), porque acreditamos que cultura é a base de tudo (CULTURA). Aqui vamos vender esperança porque Cem Soldos é uma aldeia que acredita, e por acreditar, faz. Vem viver a aldeia.

### Vídeo 5º Dia Aberto SCOCS - vídeo de abertura

O vídeo mostra um pouco da comunidade em geral.

Literal:

Esta aldeia não é só os Bons Sons, não é só esses quatro, é um ritmo constante que faz com que coisas existam na comunidade e que essa comunidade que faz os Bons Sons e os Bons Sons cria e que dá ego a essa comunidade que se liga cada vez mais a aldeia e de repente surgem mais atividades, portanto, é desta troca de egos ...

### Vídeo Angelus Tv

É uma reportagem com diversos atores da organização, voluntários locais e externos, moradores e parceiros, faz um apanhado geral do que compõe o festival.

Aldeia fechada para o festival.

Intergerações.

Descrição dos palcos.

MPAGDP.

Texas.

Plano ecológico (3Rs) – aldeia mais ecológica.

Escola aldeia – relação com a comunidade acima de tudo.